

Da mesma autora de Cadete de Aço

Strani AMORE

$$\frac{a+b}{a} = \frac{a}{b} = \phi = 1.61803$$

EVELLYN MILLER



PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Strani AMORE

EVELLYN MILLER

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Copyright © 2019 Evelyn Miller

Todos os direitos são reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes, sem autorização por escrito da autora. A violação de direitos autorais é crime previsto na lei n.º 9.610/98 e punido pelo art. 184 do Código Penal Brasileiro.

Edição Digital | Criado no Brasil.

Capa: Ellen Scofield

Diagramação Digital: April Kroes

Revisão: Michelle Noronha

Esta é uma obra de ficção. Qualquer semelhança com nomes, pessoas, fatos ou situações da vida real dentro do presente enredo, terá sido mera coincidência.

Sumário

[Prefácio](#)

[Nota da Autora](#)

[Prólogo](#)

[PARTE 1](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[PARTE 2](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[PARTE 3](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[PARTE 4](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

PARTE 5

Capítulo 26

Capítulo 27

Capítulo 28

Capítulo 29

Capítulo 30

Capítulo 31

PARTE 6

Capítulo 32

Capítulo 33

Capítulo 34

Capítulo 35

Capítulo 36

Capítulo 37

Bônus

Epílogo

Por que eu escrevo?

Agradecimentos

Sinopse

Briseida nasceu para ter um destino extraordinário. Pelo menos, foi o que ela ouviu ao longo da vida. Só esqueceram de contar esse detalhe para o tal destino. Esse vilão que insiste em puxar seu tapete, cada vez que está prestes a encontrar a felicidade. Aos vinte e dois anos de idade, e formada em Relações Internacionais, a moça cujo sonho de vida é ser diplomata, se vê obrigada a trabalhar como faxineira diarista na casa de um excêntrico morador.

Aquiles é um talentoso arquiteto de trinta e poucos anos, que se esconde do mundo no qual ninguém o compreende. Diagnosticado com Síndrome de Asperger, ele cansou de ser tachado

PERIGOSAS NACIONAIS

de "estranho" e prefere a solidão e o anonimato, morando sozinho e trabalhando à sombra do seu sócio na Factral, famosa empresa de Arquitetura em Goiânia.

Duas pessoas completamente distintas e que, estranhamente, tem seus destinos entrelaçados pela coincidência – ou não – dos nomes idênticos aos dos personagens da famosa obra "Ilíada" de Homero, escrita há milhares de anos. Eles protagonizam um romance improvável, intenso e divertido, que nos mostra o quanto o amor é capaz de transcender nossa limitada compreensão.

[Clique Aqui](#) para acessar a *playlist* no
Spotify

PERIGOSAS ACHERON

Prefácio

A Ilíada é um poema épico da Grécia Antiga, cuja autoria é atribuída ao poeta Homero, que o teria escrito, provavelmente, no século VIII A.C. É considerada por alguns historiadores, como a obra fundadora da literatura ocidental, e uma das mais importantes da literatura mundial.

O poema de Homero narra os acontecimentos durante o último ano da Guerra de Tróia, que teve como pivô o rapto de Helena, rainha de Esparta, por Páris, um dos príncipes de Tróia.

Após esse ato, Agamêmnon, cunhado de Helena, decide atacar a cidade juntamente com os aqueus, para vingar a desonra de Menelau, seu

irmão traído. Para tanto, ele conta com o apoio do invencível guerreiro Aquiles, líder dos mirmidões.

A Ilíada inicia-se com a narrativa da disputa entre Aquiles e Agamênon por causa da troiana Briseida, viúva do rei Mines. Depois de ter seu marido e irmãos mortos por Aquiles, ela é tomada por ele como cativa.

Quando Agamênon toma Briseida de Aquiles, este decide abandonar a guerra de Tróia, retirando suas forças do acampamento.

Segundo a Mitologia Grega, Aquiles era um semideus, filho de Tétis, a deusa do mar, com o mortal Peleu, rei dos mirmidões. A mãe de Aquiles era desejada por Zeus e Poseidon, que a queriam como esposa. Ao ouvirem a profecia de que o filho de Tétis seria maior que seu pai, os deuses a deram como esposa a um homem idoso, para que o filho deles fosse apenas um mortal.

Na tentativa de fortalecer a natureza mortal de Aquiles, sua mãe o mergulhou ainda recém-nascido no rio Estige, segurando-o pelo calcanhar, para que o rio o tornasse invulnerável. Porém, o lugar em que ela o segurou não foi mergulhado. A expressão “calcanhar de Aquiles” para se referir a algo

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

vulnerável, tem origem nesse mito.

Ao ter Briseida arrebatada por Agamênon, Aquiles chora e clama para que sua mãe interceda por ele junto a Zeus, para que vingue a ofensa sofrida. O deus dos deuses concede vitória às armas troianas, para desespero de Agamênon, que é levado a devolver Briseida a Aquiles, com a garantia de que ela não foi por ele tocada.

Após se reconciliar com Agamênon e também movido pelo ódio que sente por Heitor, assassino de seu amigo Pátroclo, Aquiles decide lutar ferozmente contra os troianos.

A batalha termina com o épico duelo entre Aquiles e o bravo guerreiro Heitor, que é ferido mortalmente na garganta. Depois de morto, Heitor tem seu corpo arrastado por Aquiles em uma biga, impedindo que sua família faça o funeral.

Durante a noite, o rei Príamo, auxiliado pelos deuses, vai escondido ao acampamento grego e pede o corpo do filho a Aquiles, que se comove e promete doze dias de trégua para que sejam dadas as honras fúnebres ao príncipe Heitor, maior herói de Tróia.

PERIGOSAS ACHERON

Alguns estudiosos da Ilíada acreditam que Briseida foi para Aquiles muito mais que um despojo de guerra ou um objeto sexual. Compartilho dessa opinião. Sempre acreditei que o valente guerreiro a amou, com todas as forças de sua alma. Talvez essa ideia seja fruto de minha natureza romântica incurável.

O mito de Aquiles é o que mais me encanta na Mitologia Grega, desde a minha adolescência, razão pela qual faço uma homenagem à obra com os dois personagens que agora apresento: Aquiles e Briseida.

Nota da Autora

Em que pese ser uma obra de ficção e sem cunho didático, este romance é fruto de um intenso trabalho de pesquisa sobre Síndrome de Asperger. Devo ressaltar, que foi utilizada a licença literária para caracterizar o personagem.

É provável que Aquiles seja diferente da maioria dos autistas que você conhece. “*Se você conhece alguém que é autista, você conheceu um autista*”. Essa foi uma máxima que aprendi durante as pesquisas.

Minha intenção ao escrever um romance com um protagonista que sente e percebe o mundo de maneira diferente, é chamar a atenção do leitor para a complexidade desse sentimento que é o amor. Em minha opinião, o amor é tão grandioso que extrapola nossa limitada compreensão. Existem diferentes formas de amar e todas igualmente lindas.

Strani Amore é também uma homenagem à canção italiana composta por Angelo Valsiglio, Roberto Buti, e que foi gravada por Renato Russo. Há algum tempo tenho escrito vários contos inspirados nas músicas da Banda Legião Urbana. Ainda existem muitas histórias para serem contadas. Espero poder dividi-las com vocês.

Devo alertar que nessa história você encontrará personagens cheios de defeitos, contraditórios e em alguns momentos, politicamente incorretos, exatamente como são os

PERIGOSAS NACIONAIS

seres humanos. Posso afirmar que aprendi muito com esses “meus filhos”. Aprendi a julgar menos e amar mais. Por isso, convido você a iniciar essa leitura de coração aberto. Permita-se.

PERIGOSAS ACHERON

Prólogo

Briseida

Goiânia-GO, Fevereiro de 2018.

— Então... você é a diarista que rouba livros?!

A voz grave e inflexível me faz sobressaltar, antes que eu consiga colocar o livro de volta na

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

prateleira. Por um instante, fecho os olhos e penso em alguma desculpa razoável que justifique a minha presença na biblioteca, mas não há. Primeiro: eu não deveria estar aqui. Segundo: eu não deveria roubar. Por mais que um livro possa ser considerado uma bagatela para alguns, eu me sinto extremamente constrangida por ter sido descoberta.

É certo que, assim que me virar para contemplar o dono dessa voz que me dirige palavras em tom acusatório, serei escorraçada desta casa. Cada vez que fracasso em uma tentativa de fazer algo na vida, lembro-me da minha mãe dizendo: “*Briseida, você ainda vai ter um destino extraordinário!*”

No meu pensamento essa frase sai com um tom de deboche e uma voz falseada, porque, definitivamente, não consigo acreditar que ainda vou superar essa má fase, dos últimos vinte e dois anos da minha existência.

Não tive muita sorte na vida. A começar pelo nome horroroso que mamãe me “presenteou”, graças a uma paixão doentia que ela tinha por um livro antigo, a *Ilíada*, de Homero. De certa forma, foi ele que selou o destino dela e do meu pai.

PERIGOSAS ACHERON

Talvez, fosse o universo conspirando para que eu viesse a este plano. Só não entendo a razão. Não sinto que eu faça a diferença no mundo.

Coincidência ou não, a Ilíada é justamente o livro que tenho agora em minhas mãos. Há poucos instantes eu tentava devolvê-lo à estante, de forma sorrateira, acreditando que o proprietário dessa monumental biblioteca nunca fosse perceber a ausência dele por uma semana. Existem outros títulos incontáveis aqui, e é bem provável que o velho dono deste paraíso, nunca consiga ler todos eles, ainda que viva por cem anos.

Devo ter sido descoberta por alguma câmera escondida no ambiente. Só não dá para acreditar que o proprietário da casa armou um flagrante para mim. Eu me viro na direção de onde acredito que ele esteja. Estou de olhos fechados, cabeça baixa e segurando o livro sobre o meu peito.

— Me desculpa, senhor! E-eu... eu... não roubei, fo-foi... apenas um empréstimo... um empréstimo não autorizado, é claro!

— Qual o seu nome, moça?

— Briseida. — Puxo o ar com toda força para

dentro dos pulmões e abro os olhos para encarar meu acusador. “Ah, meu DEUS!” O livro escapa das minhas mãos e eu fico apavorada diante da figura em pé atrás da porta. É um homem jovem, de trinta e poucos anos, e não um velho rabugento, como imaginei.

Meu interlocutor é alto e de compleição física forte. Tem postura imponente, não só pelo tamanho, mas também pela expressão séria de seu rosto. Só para registrar, um dos mais belos rostos que já contemplei. Seus cabelos são castanhos bem claros, no mesmo tom da barba e estão desgrenhados e mal cortados. Se não fosse isso, poderia ser confundido com um ator de cinema.

Pena que seja tão sisudo e esnobe. Embora ele tenha dirigido a palavra a mim, mantém o olhar perdido no nada, como se eu não fosse digna de sua atenção.

— Merda! — abaixo-me rapidamente para pegar o livro, toda desajeitada. Faço uma inspeção rápida para ver se não estragou. Graças a Deus ele está intacto, mas se esse homem aqui à minha frente for o dono dele, certamente esse meu ato desastrado tenha lhe causado uma pontada no

coração. Sei que para algumas pessoas, é como se os livros fossem a extensão do próprio corpo.

— Me desculpa mais uma vez... senhor... é... —
“caramba, eu não tenho a menor ideia de quem seja esse homem”.

Na agência de empregos, disseram que a casa era de um homem que morava sozinho, e pela lista enorme de recomendações que ele deixou, suspeitei que fosse um velho viúvo, ranzinza e portador de algum transtorno obsessivo compulsivo. Não esperava bater de frente com a versão brasileira do Bradley Cooper.

— Aquiles... meu nome é Aquiles.

— Ah tá... vai me zoar agora por causa do nome?! — arqueio as sobrancelhas e reviro os olhos ao mesmo tempo. Já fizeram todos os tipos de piadas com esse meu nome ridículo, mas esta é a primeira vez que algum engraçadinho se apresenta como Aquiles.

— Em algum momento, eu dei a entender que estou brincando com você?! — o tom que ele usa é sempre inflexível, pedante, não combina com seu lindo rosto. Como se não bastasse tanta beleza, o

PERIGOSAS NACIONAIS

cidadão ainda é dono dos olhos mais azuis que já vi. Uma lástima que ele não se digne a olhar para mim. A indiferença com a qual me trata, como se eu fosse insignificante, me dá a certeza de que estou encrocada... muito encrocada!

Quando eu entrei para a faculdade, gostava de brincar com as minhas amigas de república, com a famosa frase: “*Eu podia estar matando, roubando ou me prostituindo, mas eu só estou aqui te pedindo um livro emprestado!*” Mal sabia eu, naquela época, que ainda iria me prostituir e roubar. Para completar essa tríade pecaminosa, seria muito oportuno que eu matasse esse homem agora. Mas como posso matar uma coisa linda dessas?

“*Oh, My God!*”

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Parte
um

PERIGOSAS NACIONAIS

Uma semana antes...

PERIGOSAS ACHERON



Briseida

Não tenho medo de trabalho.

Nunca tive.

A vida já foi dura demais comigo, para eu me dar ao luxo de ser uma garota fresca. Preciso colocar comida dentro de casa, e se para isso eu tiver que lavar o banheiro alheio, eu o farei.

Não é vergonha nenhuma ser faxineira diarista.

Vergonha é fingir ser quem não é.

Hoje pela manhã, logo que acordei, olhei meu celular para ver se havia alguma notificação do aplicativo de trabalho intermitente. Como não havia nada, resolvi ligar para a dona da agência de empregos, para qual tenho trabalhado nos últimos dois meses, desde que me mudei para Goiânia.

A Lara é uma moça pouco mais velha que eu, que acabou de ser formar na faculdade. Em vez de procurar um emprego tradicional, ela decidiu empreender, montando seu próprio negócio. Ela criou uma agência de empregos virtual, que funciona através de um aplicativo chamado “*TemdeTudo*”.

Cadastrei meu currículo para concorrer às vagas de intérprete, tradutora, e recepcionista de

PERIGOSAS NACIONAIS

eventos. Pelo menos três vezes por semana, sou acionada para algum tipo de trabalho. Embora a remuneração não seja grande coisa, tenho conseguido sobreviver.

Eu poderia trabalhar de forma regular, mas não quero comprometer todo meu tempo, porque preciso acompanhar minha mãe no tratamento do câncer de mama. Depois de algum tempo que ela recebeu o diagnóstico, decidi trazê-la aqui para a capital, onde há mais recursos para o tratamento.

Dona Heneida e eu estamos dividindo um apartamento minúsculo em um condomínio popular na periferia da cidade.

A notícia do câncer veio sobre mim como uma bomba atômica, três meses antes da minha formatura. Fiquei devastada. Neste mundo, ela é tudo que eu tenho e vice-versa. Não consigo pensar minha vida sem mamãe por perto.

Quando você pensa ter chegado ao fundo do poço, a vida te mostra que *“nada é tão ruim que não possa piorar”*. Eu já estava enfrentando a maior barra, presa a um relacionamento doentio, quando recebi essa péssima notícia.

PERIGOSAS ACHERON

Minha vida não está fácil, mas como fácil, ela nunca foi mesmo, não há nenhuma novidade nisso. Meu dia mal começou e já recebi notícias ruins. A Lara me disse que não tinha nenhum trabalho para mim. Fiquei bastante decepcionada.

Olha, só! Eu sinto muito, mas por conta da proximidade do feriado prolongado, quase não temos eventos de negócios na cidade esta semana. Não surgiu nenhuma vaga de intérprete ou recepcionista para você.

Não tem mais nenhum outro tipo de trabalho disponível aí? – perguntei desanimada.

Para você não, querida. Agora só há vagas que exigem menos qualificação, trabalhos domésticos em geral, serviços de jardinagem, limpeza de piscinas, lavadeiras, passadeiras e faxineiras diaristas.

Ok! – respirei de forma profunda antes de continuar. — Me encaixa em uma dessas vagas de faxineira aí!

Faxineira?! – ela pareceu se assustar. — Imagina, garota! Uma pessoa com um currículo invejável como o seu, não precisa trabalhar como

faxineira.

Veja bem, Lara... currículo invejável não enche barriga. Preciso de grana urgente para comprar comida e pagar a conta de luz. Se tiver que fazer faxina para isso, eu faço! Sou boa com trabalhos domésticos, pode acreditar. Fiz isso em casa a minha vida toda.

Imagina nascer dona de uma beleza incomum e uma inteligência privilegiada? Eram os ingredientes certos para o sucesso. Para mim, a receita não funcionou. A beleza foi minha ruína, e a inteligência não foi capaz de me livrar das ciladas que o destino armou.

“Ah! se eu pudesse voltar no tempo”. Não há um único dia da minha vida, que eu não repita esse lamento, pelo menos, trinta e cinco vezes. O problema, é que eu aprendi desde cedo, que o tempo não é algo que se possa voltar. Essa é a maior frustração da minha vida. Certamente, eu faria muitas escolhas diferentes.

Primeira aluna da turma de Relações Internacionais de 2017, fluente em quatro idiomas e agora, andando de lotação, em direção a um bairro de luxo, onde vou limpar a privada de algum

PERIGOSAS ACHERON

figurão da cidade.

Logo eu, que sempre sonhei em ser alguém importante. Queria ser tratada com respeito e reverência. “Sim senhora, Dra. Briseida!”.

— Chega *pra* frente que tem mais gente *pra* entrar! – a cobradora do ônibus grita comigo. “Quanta reverência!” – penso. O pior é que ainda tenho que tomar mais outro ônibus até chegar ao meu destino.



Depois que o ônibus para no ponto final, ando mais uns cinco quarteirões, até avistar o condomínio fechado que foi dado como referência. As instruções do endereço informam que a casa fica atrás deste condomínio, próxima de uma área de preservação permanente.

Suspiro com raiva, arrependida de ter sido voluntária para o trabalho. Sinto-me fora de forma, cansada e suada, mesmo antes de começar o serviço pesado. Finalmente, estou em frente ao número dez do endereço.

PERIGOSAS NACIONAIS

É uma propriedade fechada por cerca viva e tem um portão de grade aberto, que me permite ver a casa. Existe um recuo de quase cem metros entre o portão e a residência. Esse espaço é recoberto por uma grama verdinha e bonita. Nela só há dois trilhos formados por pedras brancas, por onde devem passar os carros, em direção à garagem, que fica na lateral do imóvel.

A casa é uma construção de dois andares, cinza claro. Tem um formato que eu chamaria de exótico, embora seja linda. Ao lado da caixa de correio, noto que há um interfone. Aciono o botão, e aguardo ser atendida.

Nada.

Subo a mão para acionar o botão novamente, quando vejo um homem de chapéu de palha vindo da garagem e caminhando na direção do portão. Ele parece não ter um pinga de pressa e caminha por um dos trilhos brancos, para não pisar a grama.

— Bom dia, moça! — é um senhor da terceira idade, usando calça jeans e camisa vermelha suja e rasgada, que me dirige o cumprimento. Ele tem um sorriso largo no rosto e percebo que sua pele já está bem castigada pelo sol.

PERIGOSAS ACHERON

Deve ser o jardineiro, porque tem uma tesoura enorme das mãos. “Deus queira que seja apenas o jardineiro, e não um sádico psicopata que vai me estripar com uma tesoura de jardim.” O fato da casa não ter vizinhos já é preocupante, porque se eu precisar pedir socorro, ninguém me ouvirá.

— Bom dia, senhor! Meu nome é Briseida, eu fui indicada pelo aplicativo de serviços *TemdeTudo*, para fazer a faxina nessa casa hoje.

— Faxina?! *Ocê*?! – ele tem uma expressão incrédula no rosto.

— Sim, algum problema? O senhor não solicitou os serviços de uma faxineira?

— Eu não. Foi o patrão. – O homem coça o queixo com o polegar e o indicador. Parece pensativo. — Ele *inté* me avisou que a pessoa vinha. Eu só *num* tava *esperano* uma dona tão *bunita* feito a *sinhora*. Parece *inté* atriz de novela. *Vixi* Maria! – ele solta uma gargalhada.

— Obrigada! – eu também dou uma risada. Mais por achar graça da risada dele, do que pelo elogio. Esse homem faz com que eu me lembre do meu avô, pela sua simplicidade.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Entra, moça! — ele tira do bolso um controle remoto e abre o portão eletrônico. — Quem *fais* a limpeza da casa do patrão é minha *muié*, *mais* ela *precisô* *viajá* *pro* *interiô* *pra* *cuidá* da mãe doente, e o patrão *liberô* ela. Já *fais* mais de *mêis* que ela *tá* *pra* lá e o patrão continua pagando o salário dela *dereitinho*. Daí ele pediu no celular *pra* mandar uma *faxinêra* aqui uma *vez* na semana. A *sinhora* é a mais *bunita* que já apareceu. Chape! *Num* dá nem *pra* *acreditá* que é *faxinêra*!

— Obrigada, de novo! — eu sorrio, dessa vez, um pouco constrangida. — Qual é o nome do senhor?

— Meu nome é Joaquim, mas pode me chamar de Quinzinho. Sou o caseiro, moro ali naquele barraco ali, ó! — ele aponta para uma residência localizada na lateral da propriedade. É pequena, se comparada à casa principal, mas também é muito bonita. — Quando toca o *intrefone* lá do portão, chama é lá em casa, porque o patrão *num* gosta do barulho do *intrefone*. Na *verdadi*, o patrão *num* gosta é de barulho *ninhum*. Eu só ligo o *cortadô* de grama, quando ele *num* tá em casa. E minha dona também só limpa a casa dele, quando

PERIGOSAS ACHERON

ele vai *pru serviçu*.

— E seu patrão está em casa agora? — pergunto apreensiva, porque vejo um carro estacionado na garagem.

— Não, *num* tá. Ele chega bem mais tarde.

— Ah, que ótimo! Porque já são quase onze horas. — Olho para o relógio, preocupada. — Tomara que dê tempo de limpar tudo antes do seu patrão chegar.

— *Si* preocupa não, dona. O *serviçu* aí é pouca coisa. O patrão mora *sozim*, e ele *num* faz sujeira *ninhuma*. Minha dona diz que dá até gosto de limpar o banheiro dele, porque ele *num mija* fora da latrina igual eu.

— É mesmo? — caio na risada. — Que sorte a minha, então.

— Eu só vou lá abrir a casa e *deixá* a *sinhora* à vontade, tá *bão*? *Quarquê* coisa é só *mi chamá* que *tô* ali no jardim, cuidando das *pranta*.

— Ah sim, Obrigada! Só mais uma pergunta... esse carro aí na garagem não é do seu patrão? — aponto para o modelo sedan de luxo, de cor preta, que não vê uma mangueira de água há tempos. —

Porque o senhor me disse que ele não está em casa...

— E *num tá mesmu*. O patrão não sai *pra trabaiá* de carro, ele gosta de *andá* é de *bicicreta*.

“Que desperdício!” Eu jamais deixaria um carrão feito esse, parado na garagem, para ir trabalhar de bicicleta. É cada coisa que vejo nesse mundo, que não tem explicação. Se o dono fosse pobre como eu, provavelmente, não teria um gosto tão excêntrico de ir para o trabalho de bicicleta e ficar todo suado. *Aff!*

Uma coisa eu tenho que admitir: o patrão do Sr. Quinzinho é um homem de bom gosto. A casa em que ele mora é um espetáculo. Não é uma mansão, como eu já vi em Brasília. Ela não é muito grande e não tem muito rebuscamento, mas foi projetada em um formato curioso, cheio de ângulos. É como se a estrutura da casa seguisse um movimento espiral, criando um ambiente fluido.

O mais interessante, é que o imóvel parece se adequar perfeitamente à vegetação que o circunda. Os cômodos têm paredes de vidro, que estão parcialmente cobertas por persianas. A vista daqui é privilegiada. Vejo ao longe o belíssimo jardim,

PERIGOSAS ACHERON

onde o caseiro trabalha agora.

Entro primeiro na sala de estar, onde há um grande sofá de cor branca. A decoração é complementada por algumas poltronas coloridas, posicionadas sobre um tapete bege felpudo. Está tudo tão bem organizado, que não vejo razão para que o morador tenha contratado os serviços de uma faxineira.

O próximo cômodo, que deveria ser uma sala de jantar, na verdade, se assemelha à uma galeria de artes. No centro dele há um lindíssimo piano de cauda preto, laqueado. Ele parece me chamar para si.

Dou uma olhada para os lados, para me certificar de que o caseiro não está me observando. Então levanto a tampa, e deslizo os dedos suavemente por sobre as teclas, tocando algumas escalas.

— É lindo, mas precisa de afinação – digo em voz alta.

A parede de vidro externa ostenta alguns quadros com imagens abstratas, em diferentes tons de azul brilhante. São lindas, mas eu nem consigo

identificar o que essas figuras espiraladas significam.

Não há separação entre um ambiente e outro. Eles se comunicam sem paredes. O que existe é apenas uma mudança de ângulo. Penso em quão brilhante é a mente do arquiteto que projetou este lugar.

Sinto uma pontinha de inveja.

Queria ser boa em alguma coisa.

Por hora, sou só uma desempregada e fracassada, apesar de todos os meus esforços em vencer na vida.

Logo depois, em outro ângulo, está a cozinha. Ela se parece com aquelas de programas de culinária da TV. Todos os armários são em tom cinza e preto laqueado e os eletrodomésticos são na cor *evox*.

Entendo bem de cozinhas, porque mamãe é apaixonada por todos os programas de culinária da TV. Ela sonha em ter uma cozinha exatamente como esta, e uma geladeira enorme como a que vejo aqui.

Subo a escada em formato de espiral, que faz
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

duas voltas até chegar ao segundo piso. Nesse primeiro vão há uma academia particular, com vários aparelhos e apetrechos de malhação. Pelo visto, o único lugar que parece ter sido utilizado nesta manhã, porque ainda sinto o cheiro de suor masculino no ambiente.

O cômodo a seguir está separado por uma parede. Eu imagino que deve ser um quarto ou o escritório. Na lista de recomendações que recebi pelo celular, estava expresso que eu não deveria limpar o escritório, mas, não estava expresso que eu não poderia conhecê-lo.

Minha curiosidade fala mais alto.

Quando giro a maçaneta de forma suave, ainda imagino que a porta possa estar trancada, mas não está. Empurro a grande porta de madeira, bem devagar, e dou uma espiada.

Este lugar é a exata definição do paraíso.

Uma biblioteca gigantesca, cujas prateleiras na cor cinza vão até o teto e estão abarrotadas de livros, de diferentes gêneros. Aqui tem desde os mais antigos clássicos, como Dante Alighieri, William Shakespeare e Camões, até títulos de

PERIGOSAS ACHERON

autores contemporâneos, como Dan Brown, J.K. Rowling e George R.R. Martin.

No centro da biblioteca há uma grande mesa de trabalho. É estreita, mas deve ter mais de dois metros de comprimento. Há três luminárias de pendentes sobre ela, que enfeitam o ambiente, além de aumentar a iluminação.

Talvez o morador seja um escritor famoso e eu nem saiba, já que a Lara não me informou o nome dele, e o Sr. Quinzinho só o chama de “patrão”.

As paredes em vidro dão uma visão linda da mata lá fora. Eu suspiro e penso como seria maravilhoso morar aqui. Imagina poder me sentar em uma poltrona para ler um bocado dessas preciosidades, ou ainda, me sentar junto à esta mesa e escrever minhas histórias.

— Acorda, Briseida! Você é pobre! — belisco meu próprio braço.

O último cômodo, que também é fechado por paredes, é a suíte principal, quer dizer, a única. Percorro o segundo andar novamente e confirmo que só existe este único quarto na casa.

Bem estranho.

Será que ele nunca recebe visitas?

O quarto não é muito grande, e só possui uma cama *king size* no centro, posicionada sobre um tapete felpudo semelhante ao da sala.

Uma das portas existentes no dormitório dá acesso ao banheiro. Ele é muito maior que o meu apartamento e ainda possui uma banheira de hidromassagem bastante convidativa.

O morador também deixou seus sinais por aqui: um cheiro morno e gostoso, que irradia no ar.

O caseiro tem razão, o “patrão” não urina fora do vaso. Que maravilha!

Existe outra porta de madeira no quarto, grande e bonita, que desliza por um trilho e dá acesso a dois ambientes diferentes.

Do lado esquerdo é um *closet*. Está organizado de forma perfeita, com várias camisetas de algodão sem gola, penduradas em uma ordem de cores, da mais clara para a mais escura. As calças estão da mesma maneira.

Percebo que o morador tem um estoque fantástico de moletons e *Crocs* ¹de cores escuras,

pelo menos, dez pares.

As gavetas de meias e cuecas nem parecem que foram mexidas. Fico na dúvida, se estou diante de uma prateleira de loja do shopping, ou se estou mesmo diante do armário de um homem.

O cômodo do lado é bem escuro. Deslizo a mão pela parede, à procura do interruptor. Minha respiração até fica presa, porque tenho medo de encontrar algo como o quarto vermelho do Christian Grey.

Graças a Deus, não é!

É uma espécie de cinema particular com isolamento acústico, por conta dos tapetes nas paredes, no chão e no teto. Na parede principal há uma TV de tela gigantesca e de frente a ela, duas poltronas de couro ecológico reclináveis e super confortáveis, que eu faço questão de conferir, sentando-me em uma delas.

Feito o reconhecimento do ambiente, é hora de arregañar as mangas e começar a limpeza. Fico tranquila porque sei que vai ser rápida. Não há nada desorganizado ou fora do lugar. Sujeira é uma coisa que nem passa perto desta casa. Pelo menos nisso,

Deus foi bom comigo.

Mal começo a limpar a cozinha e o caseiro aparece, dando-me um susto. Ele tem uma embalagem de papelão nas mãos, que cheira maravilhosamente bem.

— Vim *trazê* seu *armoço*, dona!

— Almoço?! Nossa, eu mal cheguei e já tem almoço? Que horas são?

— *Meidia*. É que o patrão manda *entregá* a comida aqui todo dia esse horário. *Desdi qui* a minha dona *viajô*, o povo do *restoranti* que ele *comi* entrega aqui *tamém*. O patrão só *comi* a *cumida dessi restoranti*. — Ele levanta a embalagem para que eu veja o nome. *Nonna Mia*. É um restaurante italiano, eu suponho. — Eu *num* gosto muito, *mais* eu como, que é *pra mode num fazê disfeita*. *Mais* eu *prefiru* o frango caipira *cum* quiabo e *angú* de *mílhu* que a minha dona *faiz*.

— Nossa! Eu adoro frango caipira com quiabo e angu de milho. É meu prato preferido, sabia?

— É *mesmu*?! — ele me olha desconfiado. — *Ocê* é uma dona tão fina, fala *bunitu*. *Num* parece que gosta de *cumida* caipira.

PERIGOSAS NACIONAIS

— *Ocê tá enganadu, homi!* – brinco com ele, fazendo o sotaque goiano do interior. — Eu fui criada, praticamente na roça, comendo frango caipira todo domingo.

— *Ocê é das minha, então! Mais dexeuí, que vô armoçá tamém.* Bom *apititi procê*, dona!

— Bom *apipiti procê tamém, homi!* – brinco com Quinzinho, não por gozação, mas porque desenvolvi um carinho especial por essa figura.

Ele deixa a embalagem em cima da mesa de pedra da cozinha e sai pela porta dos fundos. Eu prefiro não comer agora e volto a limpar os eletrodomésticos, cuidando para ler a lista de instruções no celular.

Para cada item da casa existe um produto de limpeza específico a ser utilizado. Todos eles são neutros e sem cheiro algum. Esse “patrão” pode até ser gente boa, enviando almoço de restaurante caro, mas é muito chato e detalhista.



Por volta das cinco da tarde, consigo terminar

PERIGOSAS ACHERON

todo trabalho. Realmente não foi nada muito difícil. Antes de ir, resolvo subir pela escada de espiral mais uma vez, para dar uma última olhada naquele paraíso de livros do segundo andar. Assim que entro no escritório, sinto um frio na barriga, porque sei que estou fazendo algo que não deveria fazer.

Começo a percorrer as prateleiras passando a mão pelas lombadas dos livros, com verdadeira adoração. Sou apaixonada por eles desde muito cedo, antes de aprender a ler.

Na seção dos clássicos, passo por uma obra que, pela manhã, chamou minha atenção de imediato. Utilizo o indicador para tirá-la da estante. É uma linda edição de capa dura, estampada com uma das cenas da guerra de Tróia.

Este foi meu livro de cabeceira durante alguns anos. Até que um dia, em um acesso de fúria, eu o joguei em uma fogueira que fiz no quintal. Nunca me perdoei por esse ato.

Abraço o livro de forma calorosa, como se de alguma forma, ele pudesse trazer de volta um pedaço da minha vida, que eu mesma sei, que jamais retornará. Não penso duas vezes antes de colocá-lo na bolsa que trago pendurada no ombro.

“Você roubou, Briseida!”

“Não foi um roubo, foi só um empréstimo!”

“E se você não voltar mais na casa para devolver? É claro que foi um roubo!”

“O dono não vai dar falta, ele tem milhares de livros, ele tem dinheiro!”

“Não interessa o dono, o livro não é seu! Você roubou!”

No longo caminho de volta para casa, tento lidar com a minha crise de consciência. Quero muito ler o livro dentro do ônibus, mas tenho medo de que alguém olhe para mim e me acuse de tê-lo roubado.

Deve estar estampado na minha cara que sou uma ladra. “A diarista que rouba livros”. Parece até nome de romance. Um romance sobre a minha vida, certamente, seria cheio de dramas, daquele tipo que faz o leitor entrar em depressão e ficar de ressaca literária.

Como diz minha mãe: cruz credo!

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON



Heneida

Parece não haver um único dia bom quando se tem câncer. Mesmo naqueles dias em que não tenho quimioterapia, sinto-me imprestável, enjoada e cansada.

Cansada da vida.

Na maior parte do tempo, tento fingir que estou bem e cheia de fé em Deus, de que vou me curar logo. Faço isso apenas pela minha filha.

Li esses dias em algum lugar que: *“os filhos são âncoras que mantêm as mães agarradas à vida”*. Essa frase nunca fez tanto sentido para mim, como agora. Se não fosse Briseida, eu preferiria partir desse mundo, o mais rápido possível.

Penso que sou um fracasso como pessoa, mas quando contemplo minha filha, tenho certeza de que, pelo menos uma coisa boa, eu fiz nessa minha existência medíocre.

Sempre acreditei que minha menina, ao contrário de mim, teria um destino extraordinário. É uma lástima que, logo agora, que ela estava prestes a alcançar seus objetivos, apareceu essa doença idiota para atrapalhar.

Tentei esconder o diagnóstico de Briseida,

mas meus irmãos não permitiram. Em pouco tempo minha filha abandonou a vida em Brasília e se mudou comigo para Goiânia.

Desde pequena ela sempre foi dona de uma inteligência superior à de todas as pessoas que conheço. Saiu parecida ao pai em quase tudo, menos no caráter, graças a Deus! Porque Stefano não valia nada, embora eu nunca tenha dito isso à filha dele. Sempre fiz questão de ressaltar que ele a amava muito. Talvez esse tenha sido o meu grande erro. Briseida sofre demais pela falta do pai.

Conheci Stefano quando estava com dezoito anos e cursava o último ano do Magistério, no Colégio Nossa Senhora da Ressurreição em Anápolis. Ele era de Goiânia e foi contratado como professor substituto de História.

Bastou colocar os olhos naquele homem para eu desgraçar meu destino.

Na época, ele tinha pouco mais de trinta anos de idade. Era alto, tinha compleição física forte, cabelos castanhos bem claros, assim como os olhos, que tinham um tom de verde indefinível, quase âmbar, idênticos aos de Briseida.

PERIGOSAS NACIONAIS

Meu professor tinha um olhar tão penetrante que conseguia desnudar até a minha alma. Eu era um moça bonita, porém, simples e tímida, que ainda corava de vergonha, cada vez que ele me dirigia seu olhar insistente.

O fascínio dele sobre mim não era apenas pela beleza e o charme. Ele era inteligente, erudito e encantador. Tinha o domínio das palavras, e as utilizava como uma espécie de feitiço, que me entorpecia, tamanha era a paixão que desprendia no ato de ensinar.

Suas aulas eram deliciosas viagens pelo mundo da História, Filosofia e pela Mitologia Grega, que ele amava com verdadeira adoração. Na maioria das vezes, eu chegava ao final da aula, com os olhos rasos d'água.

Aos dezoito anos, e prestes a me formar como professora primária, eu ainda era virgem e sonhava em encontrar o príncipe encantado. Era viciada em romances de banca, e quando lia algum livro que tinha cenas de amor entre o mocinho e a mocinha, era no professor que eu pensava.

Quanta culpa!

PERIGOSAS ACHERON

Eu ia me confessar na missa semanalmente, já que era de uma família de tradição católica bem arraigada.

— *Padre, eu tenho tido pensamentos muito impuros com um homem casado.* — A confissão era sempre a mesma e a penitência também: cinquenta Ave Maria e cinquenta Pai Nosso.

Foi com Stefano que aprendi uma frase de Freud: “*o pensamento é o ensaio da ação*”. Eu só fui entender tal citação algum tempo depois, quando meus pensamentos pecaminosos ganharam vida.

Tudo começou com uma inocente carona que ele me ofereceu depois da aula.

Aceitei muitas caronas até o dia em que o professor começou a passear as mãos pelas minhas coxas, enquanto me contava a história de amor entre Zeus e Europa.

O deus dos deuses a raptou disfarçado de touro, para que sua ciumenta esposa Hera, não desconfiasse. Ele a levou para outra cidade e eles tiveram três filhos.

— *Estou apaixonado por você.* — Ele me disse,

enquanto trocávamos beijos e carícias bem ousadas.
— *Completamente e loucamente apaixonado. Eu quero ficar com você... e você, quer casar comigo?!*

— *Eu... eu... não sei! Eu acho que quero, mas... você é casado, e pior ainda, você tem filhos!*
— fiquei desnorteada. Ele já havia me dito que o casamento estava fracassado e o divórcio era iminente. Eu queria viver aquela história de amor tal como a de Zeus e Europa, mas não queria destruir a família de ninguém.

— *Eu não vou abandonar meus filhos, jamais! Eu vou me separar da mãe deles, e isso não vai me impedir de continuar sendo pai, você entende?*

Eu não consegui entender mais nada naquela noite, dentro do carro parado embaixo de uma árvore no meio do cerrado. Eu me tornei dele, com tanto amor e com tanta paixão, que permaneci vários dias em estado catatônico. Não comia, não bebia, não dormia. Eu só sorria, imaginando o dia em que seríamos um do outro definitivamente.

Esse dia nunca chegou.

Logo o ano letivo terminou, e eu não o vi

mais. Foi no baile da minha formatura, algumas semanas depois, que nos reencontramos. Enquanto dançava a valsa com meu irmão mais velho, comecei a sentir tonturas muito fortes. A dança mal terminou e fui correndo para o banheiro, vomitar tudo o que havia comido ao longo da noite.

Imaginei que meu corpo estava tendo aquela reação horrorosa, pelo fato de eu ter sido obrigada a contemplar o meu grande amor, de braços dados com a esposa, no meu dia especial.

Fiquei sem chão, mas decidi levar adiante a encenação e o sorriso, para que ninguém da minha família percebesse. Afinal de contas, todos estavam tão orgulhosos de mim e vieram do sítio em Alexânia, para me prestigiar. Eu não poderia decepcioná-los.

Ele nunca mais voltou à cidade. Quando o novo ano letivo no colégio começou, eu fui até lá com a desculpa de me informar sobre uma vaga de emprego e me disseram que a professora titular de História havia retornado e o Stefano fora dispensado.

Os dias que se seguiram foram desesperadores. A mágoa pelo que ele me fizera era

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

grande, mas a vontade de estar com ele outra vez era ainda maior. Eu continuava vomitando, sentindo enjoos, tonturas e cólicas, que me incomodavam muito.

Eu sabia como se engravidava, sabia que precisava usar camisinha, mas no calor do momento, quando ele me perguntou se eu “me cuidava”, respondi que sim, porque não queria adiar aquele ato.

Nem contei ao Stefano que era a minha primeira vez. O detalhe que eu omiti, ele descobriu quando viu o sangue da minha virgindade manchando o banco do seu carro. Não entendi se o desespero dele era por ter sido o meu primeiro homem, ou se era medo que a esposa visse a mancha e desconfiasse de algo.

Na minha cabeça, uma única vez não engravidaria. Três meses depois, em uma consulta no posto de saúde e um exame de sangue, eu entendi que estava enganada. “POSITIVO”, “POSITIVO”, “POSITIVO”. Essa palavra ficava se repetindo na minha mente infinitas vezes. Eu não tinha a menor noção do que faria da minha vida a partir daquele momento.

PERIGOSAS ACHERON

Engravidar sem casar já era algo comum na metade da década de 90, mas com a minha família, a coisa era bem diferente. O mundo cairia sobre a minha cabeça.

Apesar de ter contado o “milagre”, omiti o nome do “santo”, porque ainda pior que ser mãe solteira, era ser mãe de um filho de homem casado. Inventei que havia tido um caso com um colega de escola, que se chamava Wesley. Disse que esse tal namorado havia passado no vestibular e se mudado com a família para o Mato Grosso, sem deixar rastros.

Decidi falar sobre a minha gravidez para o Stefano. Não foi difícil ter acesso aos dados da ficha dele lá no colégio. Eu contei uma história de que havia ficado com um livro do professor e queria devolver pelos Correios, e por isso precisava do endereço.

Essa parte era verdade. Estava com o exemplar da Ilíada de Homero, uma edição de capa dura, que eu sabia que era o livro preferido dele, e me foi emprestado com tanto carinho e muitas recomendações.

De posse do endereço, falei em casa que

PERIGOSAS ACHERON

recebi uma proposta de emprego aqui em Goiânia e precisava vir fazer uma entrevista. Eu ainda trabalhava em casa de família, como babá dos filhos de um importante médico da cidade. Já estava no terceiro mês de gravidez, mas conseguia esconder bem a barriga, usando uns vestidos mais soltinhos no corpo.

Mesmo já tendo vindo à capital antes, aquela foi a minha primeira vez sozinha. Embarquei no ônibus na rodoviária de Anápolis e nas duas horas de viagem, vim ensaiando mentalmente o meu discurso. No meu íntimo, eu era capaz de fantasiar que ele ficaria muito feliz com a notícia e que voltaria logo para Anápolis.

Fiquei perdida aqui e precisei pedir informações para várias pessoas, até conseguir entender quais os ônibus coletivos eu poderia usar para chegar ao meu destino. Meu dinheiro era pouco, não tinha condições de pagar um táxi. Só nessa tarefa, gastei mais duas horas, mas enfim, cheguei ao endereço.

Uma casa simples, em um bairro de classe média, com um portão de grade, um jardim bonito na frente, um alpendre e uma garagem. Exatamente

PERIGOSAS NACIONAIS

como eu havia desejado para mim. A grande questão, é que aquela casa era de outra mulher, e eu só me dei conta disso, quando ela abriu o portão. Nos meus ensaios mentais, eu esperava encontrar apenas o Stefano, e não a esposa.

O pior do encontro daquela manhã, foi descobrir que ela estava grávida do terceiro filho, porque a barriga se projetava na bata de gestante. Não saiu sequer um bom dia da minha boca. Estava atordoada, e já disparei logo a pergunta:

— *Você está grávida?! – a mulher pareceu não perceber meu espanto.*

— *Sim! – ela acariciou a barriga.*

— *De quanto tempo?*

— *Três meses... mas... nós já nos conhecemos?!*

— *Ah... ah... desculpa... desculpa... eu sou assim meio jeca mesmo... e... e...*

Eu não consegui falar mais nenhuma palavra. O relógio já passava das onze horas e eu não havia tomado nem o café da manhã, para não correr o risco de vomitar durante a viagem.

PERIGOSAS ACHERON

Acho que tive uma queda de pressão e desmaiei, sendo amparada por aquela outra mulher grávida. Em questão de minutos, quando recobrei a consciência, já estava sendo colocada naquele mesmo carro que eu conhecia tão bem.

— *Você conhece essa moça?* — a esposa perguntou.

— *Não, não! Eu nunca vi, mas se ela desmaiou aqui na porta, deve ser algo muito grave. Eu vou levar ela para o hospital. E você volta para dentro agora para ficar com as crianças. Só vou deixar a moça no pronto socorro e volto pra casa.*

— *Tá bom, amor! Vai com Deus! Te amo!* — ela disse, assim que o carro passava pelo portão.

— *Eu também te amo!*

Embora eu já estivesse consciente, preferi me fazer de desmaiada, para não ter que lidar com a dor que dilacerou meu coração.

Aquela declaração de amor, que meses antes era dirigida a mim, com tanta emoção, estava sendo repetida mecanicamente para aquela mulher de olhar atônito, que nos contemplava, sem ter a menor noção do laço forte que nos unia.

Ele rodou alguns quarteirões até se afastar de casa e parou o carro.

— *Você ficou louca?! O que deu em você... para aparecer aqui em casa dessa maneira? Sorte sua que a minha mulher não desconfiou de nada... você poderia ter me deixado em maus lençóis! – ele ainda tinha o rosto pálido e assustado.*

— *Em maus lençóis?! Você? Em maus lençóis?! – desatei a chorar.*

— *Não chora, Neidinha! Não chora! Seu sorriso é a coisa mais linda que já vi nesse mundo. Eu sinto muito por ter roubado ele de você por um instante.*

— *Você não roubou o meu sorriso, Stefano! Você acabou com a minha vida! É bem diferente! Há três meses você me disse que não amava mais sua esposa e que iria se separar dela para ficar comigo e simplesmente desapareceu no mundo. Agora eu descubro que ela está grávida... de três meses?! Como isso é possível, se você me garantiu que vocês nem dormiam mais no mesmo quarto?*

— *Foi só uma recaída... aconteceu... e logo que eu descobri a gravidez, eu não soube como*

terminar o meu casamento. Mulher grávida fica muito sensível, chorosa, eu não posso fazer isso com ela agora...

— Eu sei!

— Então você me entende, minha linda? – ele beijou minha testa, em seguida beijou minhas pálpebras e esfregou a ponta do seu nariz no meu, como costumava fazer. Dessa vez, fez um movimento brusco para repelir.

— Não! Eu não te entendo! Mas eu sei que mulher grávida realmente fica chorosa e muito sentida, sabe por quê?

— Diz, meu anjo...

— Porque eu estou grávida!

— Você o quê?! – o tom carinhoso mudou drasticamente, nem parecia a mesma pessoa.

— Grávida! De três meses... o mesmo tempo que a sua mulher. Você engravidou nós duas ao mesmo tempo, faço ideia até, se não foi no mesmo dia!

— Isso é impossível... não está acontecendo! – ele bateu a mão contra a cabeça, como se estivesse

tentando acordar a si próprio de um pesadelo. — *Você tem certeza do que você está falando?*

— *Impossível não é, porque você fez aquelas coisas comigo aqui neste mesmo carro. Você está lembrado? E a minha certeza está aqui ó! — tirei o papel dobrado de dentro da bolsa.*

Minhas mãos ainda tremiam, quando passei o resultado do teste de gravidez, com aquela palavra POSITIVO em letras garrafais.

— *E por que você não se cuidou? Você não podia ter feito isso comigo! — o desespero ficou nítido.*

— *Me cuidar? Mas me cuidar como? Se eu nunca tinha feito aquilo com ninguém? Você é um homem mais velho e experiente, deveria ter se precavido, mas você estava tão preocupado em me seduzir, que nem se deu conta da besteira que estava fazendo.*

— *Minha linda, olha só! Me desculpa pelo tom, mas é que eu fui pego desprevenido com essa notícia da gravidez, mas... como você bem disse, eu sou um homem mais velho e experiente, vai por mim... eu sei das coisas e eu posso te afirmar com*

toda certeza desse mundo: você não pode levar essa gravidez adiante! Eu não posso te assumir agora. Sou um homem casado, pai de dois filhos e a minha esposa está grávida do terceiro. Como professor, eu mal dou conta de sustentar a minha família, eu não posso te ajudar com nada... e ainda tem um detalhe... o mundo é muito cruel com uma mãe solteira, ainda mais na cidade que você mora. Você já contou pra sua família? Alguém sabe disso?

— Não. Ninguém sabe. – Menti.

— Então, minha linda! Se livra dessa barriga e vai viver a sua vida, como se nada tivesse acontecido. Daqui a pouco, você vai conhecer outro rapaz, solteiro, que vai querer se casar com você, te dar um lar, e todos os filhos que você quiser ter.

— Eu não estou entendendo o que você quer dizer com “se livra dessa barriga” – minha voz tremia.

— Fica tranquila, Neidinha! Eu tenho um amigo que trabalha em uma farmácia aqui perto. Ele pode ajudar você, com um remedinho que vai fazer a sua menstruação descer.

PERIGOSAS NACIONAIS

— *Minha menstruação descer?! – demorei entender o que ele estava me propondo, exatamente.*

— *Não! Se você quiser se livrar de uma barriga indesejada, se livra da barriga da sua mulher, não da minha! Qual a diferença, se os dois são seus filhos?*

— *A diferença é que ela é casada e você é solteira.*

Aquela frase soou como uma grande bofetada na cara. Eu não conseguia parar de chorar, e ele tentava me consolar, sob a justificativa de que aquela decisão seria a melhor coisa a se fazer para o meu futuro.

Fiz Stefano me levar até a rodoviária e garanti a ele que iria resolver as coisas do meu jeito, lá em Anápolis, e ele nunca mais ouviria falar de mim.

Deus do céu! Nunca imaginei que pudesse sentir tanta dor. Era uma dor no peito, que de tão forte, sufocava. Não tinha noção de que uma pessoa pudesse derramar tantas lágrimas, quanto as que eu derramei nos meses em que se seguiram. Por mais que o pai fosse um cafajeste, e a situação fosse

PERIGOSAS ACHERON

caótica, eu já sentia amor por aquele pequeno ser que crescia dentro de mim.

Decidi enfrentar o mundo, para ter a minha filha sozinha.

Apesar de toda dor e sofrimento, sem dúvida nenhuma, o dia mais feliz da minha vida, foi aquele em que dei à luz a Briseida. O nome foi em homenagem à Ilíada. As pessoas da família acharam esquisito, mas eu considerava tão encantador quanto a minha bebezinha.

Sabia que deveria odiar o pai dela, mas eu ainda o amava, e muito mais do que antes, porque nós nos tornamos um só, naquele pequeno ser humano. Ela nasceu idêntica a ele. Ainda que eu quisesse esquecê-lo, seria impossível.

Quando Briseida estava com três anos de idade, Stefano foi contratado definitivamente pelo Colégio Nossa Senhora, como professor titular de História. O mesmo colégio em que eu também trabalhava. Em pouco tempo, ele descobriu a verdade sobre a existência da filha, e entrou nas nossas vidas sem ser convidado.

Ela amou o pai, desde a primeira vez que o

viu. Era como se tivessem convivido desde sempre. Ele ficava com a parte boa de mimar e contar histórias para a filha, enquanto eu me matava em dois empregos para pagar o aluguel da casinha em que morava, sustentar a nós duas e ainda pagar a babá que cuidava dela enquanto eu estava fora.

Briseida adorava as histórias do pai, e dizia que queria ser igual a ele, uma contadora de histórias. Ela aprendeu a escrever mesmo antes de ser alfabetizada na escola, e se mostrou um talento na escrita. Enquanto os colegas escreviam pequenas frases, minha filha já criava histórias incríveis sobre mundos imaginários, que emocionavam as pessoas.

Meu pequeno prodígio!

Quando ela completou sete anos, e eu precisei fazer o curso de Pedagogia no período noturno, Além de passar as manhãs em companhia da Geisa, nossa vizinha, ela também passou a ficar no período noturno, enquanto eu estava em aula.

Todas as vezes que Stefano vinha para Anápolis dar aulas, ele tinha por hábito visitar a filha, enquanto eu não estava lá. Até um dia em que aconteceu algo na escola, que foi um divisor de

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

águas nas nossas vidas. Uma tarde em que eu estava trabalhando na biblioteca, a diretora do colégio e a professora da Briseida me chamaram para uma reunião.

A diretoria queria expulsar minha filha do colégio.

Fiquei sem chão. Não soube o que dizer à diretora, mas chorei e implorei para que ela não expulsasse minha menina. Se Briseida não tivesse aquela bolsa, eu jamais conseguiria pagar um colégio daquele nível.

Implorei porque minha filha não tinha culpa de nada. A mulher acatou meu pedido, mas disse que demitiria Stefano, porque àquela altura, ela já sabia que ele era o verdadeiro pai da minha filha.

Na noite daquele mesmo dia, fiquei em casa esperando por Stefano. Quando o confrontei, ele ainda teve a audácia de dizer que o que Briseida havia lido na aula para os colegas, era invenção de sua cabecinha.

Chamei minha filha para que confirmasse a história, mas ela mentiu. Foi a primeira vez que ela mentiu para mim. Mentiu para defender um pai

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

covarde e inescrupuloso que ela amava.

Aquele desgraçado pareceu ter se envergonhado do papelão que fez diante da filha. Meu maior erro com Briseida, foi não ter sabido escolher um pai decente para ela. Também errei ao não procurar ajuda psicológica para ajudá-la a lidar com a falta que ele fazia. Foi muito difícil para mim também, aceitar o que aconteceu. Preferi enterrar o passado e fingir que ele nunca existiu.

Stefano desapareceu de nossas vidas. Só tivemos notícias dele quase oito anos depois, quando soubemos de sua morte em um acidente de carro. A morte do pai deixou minha garota em um estado de desequilíbrio emocional. Ela se sentiu culpada pelo fato de nunca ter procurado por ele, naqueles anos todos que se passaram.

Felizmente, nem tudo se perdeu.

Dois anos após terminar o ensino médio, Briseida conseguiu ingressar no curso que ela sonhava. Ficar longe da minha filhota foi muito difícil. Senti que meu coração ficou sem um pedaço. Aos poucos, fui me tranquilizando, sabendo que ela era muito ajuizada e que estava indo bem.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ela conseguiu trabalho como assessora de um deputado federal importante. Em pouco tempo, ela comprou um carro e alugou um apartamento para morar sozinha. Fiquei orgulhosa da minha filha. Ela foi muito mais longe do que eu esperava.

Quero sair logo dessa fase da quimioterapia e voltar para minha vidinha em Anápolis, para que ela retorne ao emprego em Brasília e realize o seu grande sonho de vida.

Fico com pena de ver minha filha agora, correndo atrás de trabalho temporário aqui e ali, para poder me ajudar nas despesas de casa. Hoje mesmo, ela saiu cedo. Já são quase oito da noite e nem sinal dela. Já estou preocupada com a minha pequena.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



Aquiles

— BOM DIA! BOM DIA! BOM DIA! Tudo

PERIGOSAS ACHERON

bem? – Otávio chega com seu humor efusivo, típico de todas as manhãs, quando ele invade o meu espaço vital, que para ele, e para todas as outras pessoas que trabalham aqui, é apenas mais uma sala.

— Bom dia. Estou bem. – É o meu cumprimento padrão. Não gosto quando as pessoas inserem ao cumprimento, esse “tudo bem?” Ninguém parece querer saber realmente como estou, e muito menos, quer me ouvir falar sobre os meus problemas. Demorei alguns anos até entender que essa pergunta é retórica. Hoje, quando me perguntam se está tudo bem, a resposta é sempre essa, mesmo que eu não esteja, ou não me sinta bem.

— Aquiles, nem te conto...

— Se não vai me contar, então por que começou? – pergunto, sem olhar para ele.

— Foi mal, amigão! É que, às vezes, eu ainda me esqueço de que você não entende muito bem essas minhas expressões. O que eu pretendia mesmo dizer, é que, aconteceu algo incrível na minha vida, e eu realmente quero compartilhar com você.

— Entendo. Obrigado por explicar.

Otávio é uma das poucas pessoas do meu círculo de convivência que sabem que sou portador da Síndrome de Asperger. Ainda não compartilhei sequer com a minha família. É algo que resolvi deixar em segredo, por ser uma condição muito particular.

Não se trata de uma doença contagiosa. Asperger sequer é uma doença, mas sim, um transtorno de neurodesenvolvimento enquadrado em um dos perfis do Transtorno do Espectro Autista – TEA.

O próprio Otávio não acreditou quando contei a ele que havia sido diagnosticado com a síndrome, cinco anos atrás. Com efeito, eu já sabia da minha condição desde os tempos da minha primeira faculdade, quando um professor de Arquitetura, que também era portador de Asperger, alertou-me.

O diagnóstico só veio anos depois, quando tive coragem de procurar um neuropsiquiatra, e na sequência, fui submetido a vários testes com especialistas. A maioria dos Aspie, como são apelidados os portadores, costuma receber o diagnóstico ainda na infância, quando apresenta um

PERIGOSAS ACHERON

déficit persistente na interação social.

No meu caso, o diagnóstico foi tardio, quase aos trinta anos de idade. Os especialistas que me avaliaram chegaram à conclusão que, devido ao fato de eu ter um QI² acima da média, desenvolvi a habilidade de imitar comportamentos de pessoas neurotípicas, ou normais, como eles se denominam.

É bem provável, que esse tenha sido o motivo pelo qual minha condição passou despercebida pelos meus pais e professores. Todos acreditavam que eu era apenas um garoto tímido, extremamente ansioso e com algumas manias estranhas. Isso não me impediu de ter algumas amizades, bem poucas para ser preciso, e até uma namorada.

Depois do diagnóstico, tudo pareceu fazer sentido na minha vida. Deixei de me considerar um “estranho” e entendi que sou diferente. Meu cérebro funciona de uma forma diferente do da maioria das pessoas neurotípicas.

Saber da minha condição, embora tenha me esclarecido muitas questões, não tornou minha vida mais fácil.

Eu sou diferente. O diferente, cedo ou tarde,

assusta as pessoas.

— *Aquiles, que besteira é essa?! Você é o cara mais inteligente e mais brilhante que eu já conheci na vida. Você não é autista. Autista baba, fica fazendo movimentos repetitivos com o corpo e a cabeça, e me desculpa a expressão, autista é meio que retardado.* — A reação do meu sócio, à época, foi a pior possível.

Assim como a maioria das pessoas, Otávio era completamente ignorante no que se referia ao TEA. A grande vantagem dele em relação à maioria das pessoas, é a curiosidade Logo, ele procurou estudar e saber mais sobre o assunto, e com o tempo, ele foi aprendendo a melhor forma de lidar comigo. É óbvio que ele ainda comete algumas gafes, como por exemplo, usar expressões não literais, como essa “nem te conto”.

Não sou bom em entender expressões de sentido figurado ou de significado ambíguo, por isso, às vezes, posso parecer bobo ou ingênuo. No meu aniversário do ano passado, por exemplo, a contadora que presta serviços para nossa empresa me ligou e disse: “*Estou te dando parabéns, mas gostaria mesmo era de te dar outra coisa*”. Eu

respondi que ela poderia me dar livros.

Passei pelo menos duas semanas esperando pelo presente. Como ela não apareceu, comentei com o Otávio e ele me explicou que, de fato, a moça queria era fazer sexo comigo. Ele insistiu para que eu a convidasse para sair, e eu cedi aos apelos dele. Não tenho certeza se ela queria mesmo fazer sexo comigo, porque enquanto conversávamos no restaurante, após o jantar, sobre geometria não euclidiana, ela dormiu sobre a mesa e eu tive que carregá-la até o carro.

Nem preciso dizer que tenho dificuldade para lidar com as mulheres, sobretudo, pelo fato de não conseguir interpretar a linguagem corporal. Essa talvez seja uma das características mais marcantes da Síndrome de Asperger. Preciso que falem comigo usando as palavras.

Na maior parte das vezes, quando as pessoas interagem comigo, elas não dizem o que realmente querem dizer. Ainda assim, elas esperam que eu entenda aquilo que está sendo dito além das palavras, ou seja, aquilo que elas dizem estar nas entrelinhas.

Isso é muito difícil para mim.

É por esse motivo, que o meu sócio desempenha papel de intérprete, quando preciso conversar com nossos clientes ou colaboradores. Otávio e eu somos amigos há mais de quinze anos, desde os tempos da faculdade de Arquitetura. Perto dele sempre me senti bem à vontade.

Assim que nós nos formamos, criamos a “Factral Projetos e Incorporações”, que hoje é uma das mais bem sucedidas empresas aqui de Goiânia. Otávio sempre diz que eu sou a mente brilhante por trás dos projetos. Além de arquiteto, também sou formado em Engenharia Civil e tenho fixação por formas geométricas como os factrais³, desde a infância.

Meu sócio, apesar de também ser arquiteto, trabalha como o relações públicas da nossa empresa, atraindo e conquistando clientes. É dono de uma habilidade incrível para lidar com pessoas, sobretudo mulheres, maioria da nossa clientela.

— Fiquei noivo! – ele finalmente compartilha a notícia.

— Há alguns anos você me disse que jamais se casaria, porque o casamento significava a morte

do sexo. Nesse caso, devo desejar parabéns ou os pêsames?

— Engraçadinho! É claro que é parabéns. Não *tá* vendo que eu *tô* feliz?

— Para mim, você está exatamente igual a todos os outros dias, mas... você ficou noivo de quem mesmo?

— *Cê* tá de sacanagem comigo, *né* Aquiles? Noivo de quem?! É claro que é do meu namorado, o Jansen.

— Só para registrar, no último ano você teve mais namorados do que o meu cérebro bichado é capaz de processar. — Essa é só uma brincadeira sobre a minha condição.

— Seu gozador! — ele balança a cabeça de forma negativa.

— Não sou, e você sabe muito bem disso.

— É, mas deveria... tenho certeza de que seu humor seria outro, sabia? Você ia chegar para trabalhar todo sorridente e alegre como eu cheguei hoje. Porque vou te contar... ontem o bicho pegou, quer dizer, traduzindo... ontem eu fiz sexo muito gostoso, você não tem ideia...

— Otávio! — eu o interrompo. — Melhor você não me contar como é o sexo com o seu noivo.

— E qual o problema? Você nunca teve nenhum tipo de preconceito, por que não quer saber detalhes sobre sexo gay?

— Não é isso! Eu só não quero saber detalhes da sua intimidade, porque tenho um projeto importante para entregar, você se lembra? E você está me atrapalhando agora.

— Tá bom, Sr. Super Sincero! — esse é o apelido que ele me deu, devido a minha total incapacidade de enganar ou mentir, ainda que seja para agradar alguém. — Mas é que eu tenho outro assunto muito importante para tratar com você.

— Então fala logo.

— Eu decidi passar um tempo na França com o Jansen, ele está indo *pra* Paris mês que vem fazer um mestrado, e já que nós acabamos de ficar noivos, eu achei que seria interessante acompanhá-lo, mesmo porque faz tempo que quero fazer alguns cursos de especialização na minha área. Tenho necessidade de aprender coisas novas.

— Você vai abandonar nossa sociedade e

PERIGOSAS NACIONAIS

nossa amizade por conta de outro homem que você acabou de conhecer? — sou tomado por um sentimento de quase revolta. Não consigo nem imaginar como conduzir essa empresa sem a presença do Otávio. Vai ser uma tragédia.

— Aquiles, eu não estou abandonando a empresa, nem nossa amizade. Só estou dizendo que vou passar um tempo fora para estudar e aproveitar a oportunidade para acompanhar o meu noivo.

— E o que eu vou fazer da minha vida? Você sabe que eu não tenho condições de lidar com as expectativas surreais dos clientes, nem com os nossos funcionários. Eu preciso de você aqui! Você não pode ir embora! Você não pode me deixar!

— *Hey, hey*, amigão! Fica calmo! Não precisa ficar ansioso. Vai dar tudo certo. — Ele se aproxima de mim e segura forte as minhas mãos. Otávio já me viu ter crises de ansiedade em outros momentos, e tem experiência em lidar com isso. — Eu prometo que só viajo depois que *te* ajudar a encontrar alguém *pra* ficar no meu lugar.

— Eu não quero outra pessoa, eu quero você!

— Não fale assim, Aquiles! Vamos lá,

PERIGOSAS ACHERON

amigão! Inspira devagar e profundamente e depois expira... vamos?

Meu amigo faz alguns exercícios de respiração e eu o acompanho, como forma de recuperar meu equilíbrio, que foi perdido por conta da notícia que acabei de receber. Jamais imaginei que em algum momento ele se apaixonaria, ao ponto de abandonar sua vida e a carreira aqui no Brasil, para ir morar em outro hemisfério.

Por essa eu não esperava.

— *Tá* tudo bem, Aquiles? — ele pergunta depois de alguns minutos.

— Não... não está! Essa notícia é uma surpresa, e você sabe que eu detesto ser surpreendido. E detesto ainda mais quando as coisas fogem do meu controle.

— Eu sei, mas eu não soube muito bem como te contar isso de outra forma menos traumática, me desculpa! Olha só, não precisa se preocupar. Eu prometo que vou te ajudar a encontrar alguém para assumir o meu lugar, *tá* bom? Uma pessoa que também tenha sensibilidade e habilidade para lidar com você. Lembra-se do que eu te ensinei?

PERIGOSAS NACIONAIS

Parceiro é parceiro...

— Filho da puta é filho da puta!

— Isso, garoto! Eu sou parceiro ou filho da puta?

— Você é um grandessíssimo filho da puta!

— Também te amo, amigão!

Ele sai dando uma gargalhada e fechando a porta atrás de si. É provável que ele tenha interpretado a minha fala como uma brincadeira, mas não foi. Estou com muita raiva, por conta dessa novidade que promete abalar os alicerces da minha vida.



Permaneço trancado em minha sala até o anoitecer. Quando percebo que não há mais nenhum colaborador na empresa, é que junto meu material de trabalho na mochila e a coloco nas costas. Pego meu fone de ouvido, minha bicicleta e desço em direção à saída. Já passa das nove da noite. Não estou acostumado a sair do trabalho nesse horário.

PERIGOSAS ACHERON

Sou o típico ser humano apaixonado por rotina. Ela faz com que eu me sinta seguro e no controle da situação. Qualquer coisa que altere a minha rotina me incomoda, como hoje, por exemplo, que foi um dia atípico. A notícia que Otávio me deu logo cedo, perturbou-me ao longo de todo dia.

Aumento o som do meu fone para o último volume, antes de colocá-lo sobre os ouvidos e subir na *bike*. O lado bom de sair do trabalho nesse horário, é que o pico do trânsito da cidade grande já está acabando. Isso significa menos barulho de motor de carro, aceleradas de motos, buzinas, freadas e mais uma infinidade de sons que me incomodam demais.

A música alta nos meus ouvidos faz com que eu me desligue do mundo externo e me conecte ao meu mundo interior. Aqui é o lugar onde eu passo a maior parte do tempo, porque é onde me sinto seguro.

Já disse que sou uma pessoa diferente. As outras pessoas também notam. Não gosto de rótulos, julgamentos, nem das críticas disfarçadas de conselho, por isso evito, ao máximo, o contato

com os outros ao meu redor.

Hoje, pedalo com raiva os doze quilômetros que separam a empresa da minha casa. Todos os dias faço o trajeto de bicicleta, exceto nos dias de chuva, em que sou obrigado a usar o carro. Não quero ser mais um agente barulhento e poluidor do meio ambiente, e por isso evito usar o automóvel, sempre que posso.

Minha vida toda segue um padrão predeterminado. Acordo com o nascer do sol, porque não uso despertador. Em minha opinião, o som do despertador é uma violência contra o organismo. Gosto de ser acordado pelo meu próprio relógio biológico, porque me ajuda a ter um dia proveitoso.

Também faço uma hora de treino de musculação, antes de tomar banho, e pedalar até o serviço. Tenho um educador físico, que prepara o meu treino e acompanha meu desempenho.

Não sou um atleta de ponta, nem um desses caras que ficam se adorando em frente ao espelho da academia. Um dos motivos para eu não frequentar academia, além do barulho incômodo que as outras pessoas fazem, é justamente o desfile

PERIGOSAS ACHERON

de pessoas narcisistas.

Nas poucas vezes em que me olho no espelho, percebo que meus músculos têm desenvolvido bastante. Já posso ser considerado um homem forte, embora esse não seja o meu objetivo. Eu malho porque sou viciado na endorfina e dopamina que meu cérebro produz após um treino extenuante. É o exercício que me faz controlar as crises de ansiedade, que já foram muito constantes e prejudicaram bastante minha interação social, sobretudo com o sexo oposto.

Hoje sou um homem solitário. Será que vai ser sempre assim? Já estou com quase trinta e cinco anos. Às vezes, penso que seria bom me apaixonar por alguém, assim como o Otávio se apaixonou. Alguém que realmente me compreenda e me aceite do jeito que eu sou, e não do jeito que o mundo quer que eu seja.

Chego em casa, e depois de tomar um banho e trocar de roupa, vou direto para o meu refúgio, que é um misto de escritório com biblioteca. Tenho verdadeira adoração pelos meus livros e cultivo o hábito de comprar mais livros do que sou capaz de ler. Gosto de contá-los diariamente. Essa é mais

uma mania de Aspie, que talvez não faça sentido para os outros, mas é importante para mim.

Gosto de ter o controle sobre as minhas coisas.

Assim que entro no meu santuário, sinto um cheiro diferente. Tenho os sentidos muito aguçados, principalmente a audição e o olfato. Barulhos normais como um aspirador de pó, um liquidificador ou um cortador de grama, são para mim verdadeiros instrumentos de tortura. Os odores fortes também me perturbam, por isso, faço questão de comprar produtos de limpeza e higiene de base neutra e sem cheiro, para que nada me incomode dentro de casa.

O cheiro que sinto agora é gostoso, e faz com que eu imagine a figura de uma mulher. É uma mistura de floral e frutado com notas doces e cítricas. Combina com uma mulher doce, porém forte, suave como uma brisa, mas impetuosa como um furacão. Talvez dona de uma linda cabeleira castanha e olhos chamativos de cor âmbar. Eu e esse meu fascínio por olhos exóticos... mas é só imaginação!

Quando me aproximo das estantes, sinto o cheiro ainda mais forte, como se alguém tivesse

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

deslizado os dedos sobre as lombadas dos livros, deixando sua marca aqui. Algo bem estranho, já que fiz questão de recomendar à agência de empregos, que o escritório não deveria ser limpo. Semana passada a pessoa que fez a limpeza, parece ter obedecido à minha recomendação.

Deixo de lado a ideia que envolve esse perfume de mulher e foco na minha contagem rotineira. Antes de chegar ao milésimo livro, dou-me conta de que um deles foi retirado da estante. Sinto uma pontada no peito. Não é qualquer livro, é a *Ilíada*, o meu preferido. O ar parece me faltar, sinto uma tontura só de imaginar que alguém retirou algo tão precioso de mim.

— JOAQUIM!!! JOAQUIM!!! JOAQUIM!!!
— desço a escada feito um louco, berrando pelo caseiro.

Antes que eu chegue à casa do Joaquim, ele já vem correndo ao meu encontro.

— Que isso, patrão?! *Inté* parece que veio *tirá* o pai da força!!!

— Meu pai está na força?! — pergunto assustado. — O que aconteceu com o meu pai?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— *Num* aconteceu nada, patrão. Eu nem tenho *nutícia* do seu pai e de sua mãe *fais é dias*. Tô só *falanu* qui parece que *ocê* vai *sarvá* a vida dele, *purquê* tá *gritanu* feito um *lôco esbafurido*!

— A Ilíada, Joaquim! A Ilíada sumiu! — falo em pânico, ignorando essa explicação estranha sobre o meu pai se enforcar.

— *Cê* besta, patrão! *Pavora* eu não, trem! Quem que é essa dona Ilíada? É a dona que veio *limpá* a casa hoje? Mas ela já foi *simbora*, eu mesmo abri o portão *pra* dona sair.

— Não, Joaquim! A Ilíada é meu livro, meu livro preferido, ele sumiu!!! Você por acaso tirou alguma coisa da minha biblioteca?

— *Mais* de jeito *ninhum*, patrão! Conheço *ocê* desde *qui* era *pititin*, e andava de cueca *frôxa* atolada na *bunda*! Sempre fui *homi* de confiança de seu pai e de sua mãe!

De fato, Joaquim me conhece desde criança, porque ele foi jardineiro dos meus pais por mais de vinte anos. Também é fato que eu, quando criança, só andava de cueca e meias pela casa. Era a vestimenta que me deixava mais confortável.

PERIGOSAS ACHERON

Sempre que minha mãe me vestia com algo que me incomodava, eu arrancava a roupa, que parecia me sufocar. Tentei sair de casa várias vezes usando apenas a roupa de baixo, mas mamãe nunca permitiu. Se a cueca ficava, ou não, atolada na bunda, deixo por conta do Joaquim.

— Eu sei, Joaquim! Sei que você é homem de confiança dos meus pais. É da minha confiança também. Tanto é, que convidei você e a Jandira para morarem aqui comigo, não é mesmo?!

— *Ihhh ééé!*

— O fato é que sumiu um livro da minha biblioteca. Essa mulher... essa dona que você disse que esteve limpando a casa hoje, você viu se ela tinha um livro nas mãos?

— Vi não, patrão! A dona que teve aqui hoje é moça direita, ela *num* faria uma coisa feia dessas que é *robá* não, patrão!

— Você a conhece?

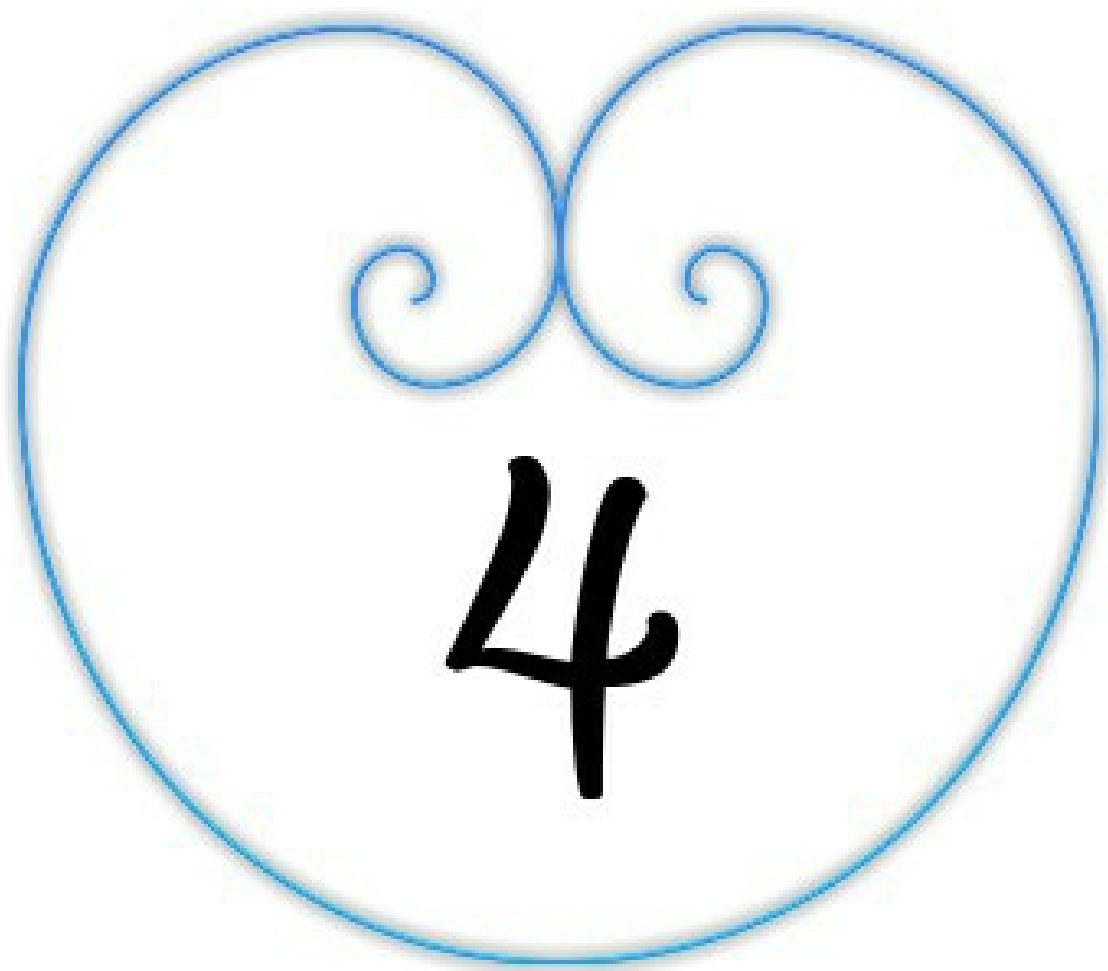
— *Num* conheço não *sinhô*, *mais* é uma dona *bunita*, *pur dimais!* Tem um *cabelão grande*, uma carinha de anjo, com aquele sorriso *branquim* e duas *bolotona* de *zói*, *duma* cor diferente que *inté*

fais a gente si perdê.

— Pelo visto você se perdeu mesmo, *hein* homem? Sorte sua que a Jandira não está aqui, senão ela te “*cortava na burracha*”. – Uso uma expressão que sempre ouço a mulher dele repetir, aos berros.

Algo estranho acontece quando meu caseiro menciona a tal moça. É como se ele descrevesse a exata visão que tive momentos antes, quando senti o cheiro de mulher na minha biblioteca. Meu desespero se dissipa como fumaça, dando lugar a uma curiosidade imensa sobre essa figura peculiar.

Quem é essa diarista que rouba livros?



Briseida

— Boa noite, mãezinha! – falo assim que abro a porta do modesto apartamento alugado. Mamãe
PERIGOSAS ACHERON

está sentada no canto do sofá. Distante. Pensativa. Sento-me ao seu lado e beijo sua testa.

— Boa noite, meu anjo! — ela finalmente responde. — Estava preocupada com você. O evento de hoje foi demorado, *hein*?! Você saiu bem cedo de casa. Agora já são mais de oito da noite.

— Foi mãe. Foi demorado! — deixo meu corpo cair no sofá de três lugares e aninho minha cabeça no colo de Dona Heneida. Não existe lugar melhor neste mundo do que o colo de mamãe. Quando estou aqui, sinto-me protegida de tudo aquilo que tenta me destruir.

A vontade de chorar vem de repente, com força total. Por que Deus está fazendo isso comigo? Por que tirar de mim a única pessoa neste mundo que me ama de verdade? Balanço a cabeça, tentando afastar esse pensamento ruim. “Não! Minha mãe não vai morrer!”

— O que foi filha? — ela pergunta enquanto faz cafuné em minha cabeça.

— Não foi nada. Só estou cansada. Muito cansada, para ser sincera, exausta!

— Nossa senhora! Deve ter sido difícil

mesmo. Você trabalhou em pé o tempo todo?

— Sim, o tempo todo.

— Ah, me conta como foi! Estou curiosa. Fico imaginando você toda cheia de pose, no meio daqueles estrangeiros, falando inglês... deve ser chique demais!

— Não mãe. Não há nada de chique em fazer faxina – falo desanimada. A voz quase nem sai.

— Faxina?! Que história é essa, Briseida? Você me disse que estava trabalhando como intérprete, não como faxineira. Pelo amor de Deus, filha! Você é uma pessoa qualificada, não precisa se prestar a esse papel de...

— Mãe! – eu a interrompo. — Não vamos falar disso agora... por favor! Não vem com essa história de que você me criou para ter um destino extraordinário... é pesado demais para mim! Será que você não entende?

— Puxa, filha! Eu só quero o melhor para você... eu me sacrifiquei a vida toda para que você tivesse um futuro decente. Você estudou na melhor escola de Anápolis com bolsa integral, porque eu trabalhava lá, praticamente de graça. Fez uma

faculdade importante, fala mais de quatro idiomas... você não precisa trabalhar de faxineira. Não mesmo! Você não precisa fazer esse sacrifício por mim. – Ela começa a chorar e eu levanto a cabeça do seu colo.

Nem de longe mamãe me lembra aquela jovem mulher de quarenta anos, bonita e alegre de meses atrás. Ela era dona de uma pele clara e vistosa, cabelos castanhos escuros e encaracolados. Os olhos também eram grandes, escuros e brilhantes. Não somos parecidas fisicamente. Mamãe diz que eu saí idêntica ao meu pai. Talvez seja, eu sequer consigo me recordar da fisionomia dele, mesmo porque também não tenho nenhuma foto para me fazer lembrar de como ele era.

Agora ela está sendo devorada pelo câncer. Dona de uma magreza medonha, rosto vincado, ossos pontudos. Não tem mais os lindos cabelos, nem pelos no corpo. Os olhos perderam o brilho, a pele perdeu o viço. Até a voz enfraqueceu. Eu nunca mais a ouvi cantar.

Heneida Canarinho, como os irmãos a chamavam, sempre gostou de cantar, e eu sempre fui sua maior fã. A canção preferida dela, é também

a minha: *Onde estará o meu amor?*⁴

*Como esta noite findará
E o sol então rebrilhará
Estou pensando em você
Onde estará o meu amor?
Será que vela como eu?
Será que chama como eu?
Será que pergunta por mim?
Onde estará o meu amor?

Se a voz da noite responder
Onde estou eu, onde está você
Estamos cá dentro de nós sós
Onde estará o meu amor?
Se a voz da noite silenciar
Raio de sol vai me levar
Raio de sol vai lhe trazer
Onde estará o meu amor?*

Sei que esse amor por quem ela chamava era o meu pai, Stefano. Mamãe nunca amou outro homem além dele, e mais que isso, nunca se relacionou com outro homem além dele. Nunca a vi

com um namorado, e ela também nunca mencionou que pudesse estar interessada em algum homem. Enquanto isso, a viúva oficial do meu pai se casou novamente e vive feliz aqui em Goiânia.

Não nesse bairro pobre que estamos vivendo.

Longe de mim, culpar uma mulher viúva por tentar reconstruir sua vida após a morte do marido. Eu só acho estranho a diferença de sentimentos. Um contrato de casamento não significa nada. O que une duas pessoas, verdadeiramente, é o amor que elas sentem uma pela outra. Amor, esse sentimento forte, avassalador. Do modo estranho dele, papai também amava mamãe. Sei disso, porque ele me escreveu uma carta, pouco antes de morrer, confessando seus sentimentos.

Nunca mencionei a tal carta para minha mãe, porque tive medo que ela acreditasse que papai morreu por minha culpa. Mesmo porque, é nisso que eu acredito. Há várias coisas sobre a minha vida, que não contei a ela também.

Talvez tenha chegado o momento.

Talvez não. O momento é esse.

A vida não espera para acontecer. A morte

PERIGOSAS NACIONAIS

também não. Aprendi isso da pior maneira possível.

— Mãezinha... — falo baixinho — não estou fazendo sacrifício por você. Só quero ficar ao seu lado neste momento difícil. Eu poderia, sim, estar trabalhando na minha área, ganhando um bom salário, mas neste momento, a única coisa que realmente importa para mim, é estar ao seu lado. Isso não é sacrifício, o nome disso é amor. Eu te amo, mãe! Com todas as forças da minha alma.

— Eu te amo filha... muito mais do que eu amo a mim mesma ou a qualquer outra pessoa.

— Eu sei. — Nós nos abraçamos e choramos juntas durante alguns minutos.



Depois que me dou ao luxo de tomar um banho quente e demorado, troco de roupa e como o jantar que mamãe preparou. Quibe assado é o prato especial de hoje. Está uma delícia! Nem sei como uma pessoa consegue cozinhar, sem ter o menor apetite. Tenho que brigar diariamente para que

PERIGOSAS ACHERON

Dona Heneida se alimente de forma adequada. A situação agora se inverteu. Eu sou a mãe, e ela, a filha.

Depois de comer e ver um noticiário na TV, vou até o meu quarto e tiro um caderno de dentro do pequeno armário. Aqui tudo é diminuto. O apartamento que aluguei deveria ser chamado de “apertamento”. A sala é pequena e conjugada com a cozinha, que é menor ainda, que por sua vez, é conjugada com a área de serviço, que mal cabe uma máquina de lavar. Bem parecido com a casa que limpei hoje. Só que não!

Não consigo parar de pensar no tal “patrão” do Sr. Quinzinho. Queria ter perguntado mais detalhes sobre ele, mas saí de lá morrendo de medo, que nem estendi muito a conversa com o caseiro, para não dar bandeira. Daqui a pouco, vou começar a ler a Ilíada.

Agora, preciso resolver uma questão importante com a minha mãe. Sei que ela pensa que eu abandonei uma vida maravilhosa em Brasília, para vir me sacrificar aqui em Goiânia, cuidando dela. Não foi bem assim que as coisas aconteceram.

— Mãe, eu quero que você leia isso. — Estendo

PERIGOSAS ACHERON

o caderno rosa de capa dura e florida em sua direção, enquanto ela está distraída assistindo a novela.

— Não sabia que você voltou a escrever. — Mamãe diz, assim que levanta a capa e vê que o caderno está escrito com a minha letra.

— Na verdade, eu nunca parei de escrever. Eu apenas parei de compartilhar minhas histórias com as pessoas.

— Uma pena! Porque você era uma excelente escritora quando criança. Tenho certeza que hoje está muito melhor. Do que se trata essa história aqui? É um romance? Você sabe que eu adoro romances, não sabe?

— Sei mãe, que você adora “livros” de romances. — Faço o sinal de aspas com as mãos. — Mas esse aí não é um romance. É uma espécie de diário, do tempo que estive lá em Brasília. Não é bem um diário, porque eu registrei apenas alguns momentos mais marcantes, ao longo dos quatro anos, mas dá para você ter uma ideia de como as coisas aconteceram.

— E você vai mesmo me deixar ler?! — há

espanto em sua voz e em seu rosto.

— Sim. Eu quero que você me conheça exatamente com eu sou, e não como você gostaria que eu fosse.

— Nossa, filha! Assim você me assusta! O que pode haver de tão grave aqui, que eu não saiba sobre você?

— Leia!

Enquanto mamãe folheia despretensiosamente o caderno, deito-me de costas no outro sofá, com o corpo semiflexionado. Fico assim um bom tempo, contemplando o vazio do teto, e refletindo sobre a minha vida.

Não sou bem o tipo de filha da qual ela deva se orgulhar. Se eu pudesse me definir em uma frase, diria que sou dona de um coração maior que o mundo, mas com um currículo abarrotado de escolhas erradas. Não sei porque, mas agora todas elas parecem vir à tona, principalmente as dos últimos quatro anos.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

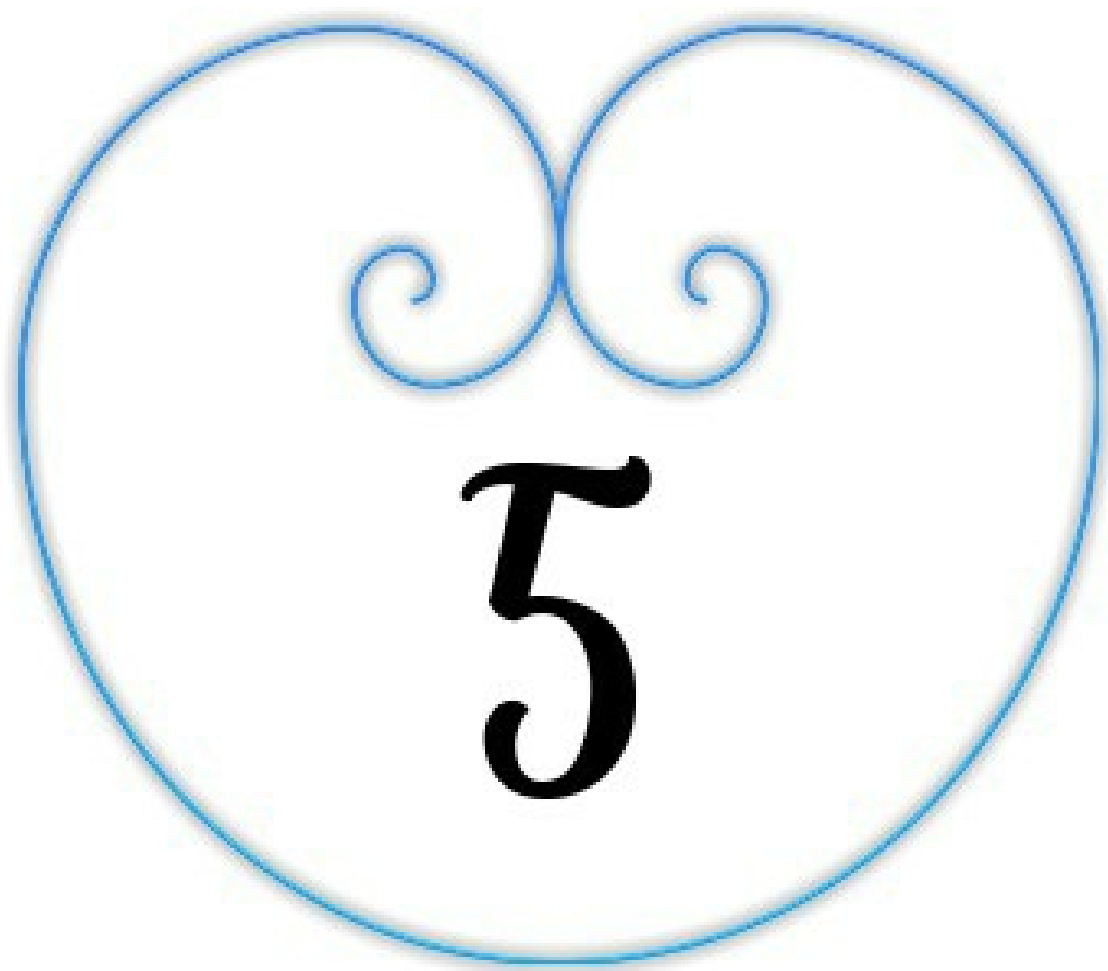
PERIGOSAS NACIONAIS

Parte
dois

PERIGOSAS ACHERON

Briseida

***Brasília, quatro anos
antes.***



As pessoas mais bem sucedidas que eu conheço sempre têm uma história de superação para contar. É nessa ideia que eu me apego, para suportar esse tempo aqui no Distrito Federal, e não voltar correndo para a barra da saia da minha mãe

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

em Anápolis, uma cidade do interior de Goiás, onde eu nasci e fui criada, até desembarcar por aqui, no início deste ano.

Imagino que daqui algum tempo, estarei palestrando em grandes eventos, recebendo cachês cujas quantias ultrapassam seis dígitos, justamente para falar sobre todas as dificuldades que encontrei ao longo do meu caminho. Serei um símbolo de resiliência. Uma mulher com a capacidade de lidar com obstáculos e pressões em situações adversas.

Um exemplo para muitos.

Até chegar esse dia, vou comendo o pão que o diabo amassou, quer dizer, quem me dera eu estivesse comendo o pão que o diabo amassou, pelo menos, estaria matando a vontade de traçar um pãozinho francês com manteiga.

Parece pouca coisa, mas hoje eu não tenho dinheiro para comprar um pão. Há uma semana que tenho comido um macarrão instantâneo por dia: metade do pacote no almoço e outra metade no jantar.

É o preço que se paga por um sonho. Desde os quinze anos que decidi me tornar diplomata. Não

PERIGOSAS ACHERON

me pergunte o porquê, mas depois de ouvir reiteradas vezes, que eu teria um destino extraordinário, comecei a buscar formas de realizar esse destino.

Imagino que como diplomata, poderei dar minha contribuição para a paz mundial, e de quebra, viajar pelo mundo inteiro, além de oferecer uma vida digna para minha mãe.

A carreira diplomática é um objetivo bastante ousado para alguém como eu, uma menina pobre do interior. Sou filha única de uma professora do Ensino Fundamental. Minha mãe é uma mulher forte, que me criou sozinha, trabalhando em dois empregos a vida inteira.

Nem o nome do meu pai eu tenho no registro de nascimento, embora tenha convivido com ele durante algum tempo. Um tempo muito menor do que gostaria que fosse. A vida não é, e nunca foi fácil para mim, mas devo confessar que sou privilegiada sim, porque nasci com uma inteligência acima da média e uma vontade de vencer ainda maior.

Graças ao fato da minha mãe ser funcionária do melhor colégio particular de Anápolis, eu

PERIGOSAS ACHERON

consegui uma bolsa de estudos integral para cursar o Ensino Fundamental e Ensino Médio. Sempre fiz jus ao benefício que recebi, destacando-me como melhor aluna da escola em todos os anos.

Além de aluna destaque, eu também era uma estudante autodidata de línguas estrangeiras. Aprendi Inglês, Espanhol e Francês, por conta própria, já que nossas condições financeiras não permitiam investir em cursos de escolas regulares, que nunca foram baratos.

Na minha cidade existe uma base aérea que atrai a presença de muitos profissionais de países estrangeiros. Aos quinze anos, recebi a indicação da diretora do colégio para que ministrasse aulas particulares de Português para alguns deles. Exerci essa atividade durante quase três anos, e foi graças a esse contato com pessoas de diferentes nacionalidades, que consegui ganhar fluência nos idiomas que estudava.

Com tanto foco em meu objetivo e muitas atividades extras, não me sobrou muito tempo para curtir minha adolescência e fazer as coisas que as meninas da minha idade faziam.

Não frequentava as baladas, nem me divertia.

PERIGOSAS ACHERON

Vivia enclausurada, ora na biblioteca do colégio, ora em casa. Tinha o hábito de estudar até altas horas, e só parava quando mamãe desligava a luz, obrigando-me a dormir.

— *Está tarde, filha! Você precisa descansar.*

— *Já vou, mãezinha! Só mais um capítulo...* — eu tentava enganá-la.

— *Sabe, filha, eu quero muito que você tenha sucesso na vida, mas às vezes, acho que você tem pagado um preço alto demais para isso. Você só tem quinze anos... e olha para você... parece que carrega o peso do mundo nas costas. Eu sinto muito pela vida que te dei, queria que tivesse sido diferente.* — Seus olhos se encheram de lágrimas. — *Talvez hoje você estivesse curtindo sua vida, saindo com as amigas... namorando rapazes.*

— *Tudo a seu tempo, mãe. Você sabe que eu não tenho cabeça nem coração para namorar, ainda mais depois do que passei neste ano.*

— *Eu sei, filha. É por isso que me preocupo. Penso que você não se permitiu viver seu luto e agora está se refugiando nessa rotina exagerada de estudos, como forma de fugir da dor. Isso não é*

bom para você, Briseida!

Minha mãe tinha razão. Eu poderia ter aproveitado melhor a vida. Nunca tive um namorado sério. Beijei alguns garotos do colégio, e tive meus *crushes* inacessíveis, mas não foi nada que tenha marcado meu coração para valer. Apesar de não ter namorado sério, eu já fiz sexo, uma única vez. Foi um ato impensado do qual me arrependo até hoje.

Quando tinha dezesseis anos de idade, eu dormi com o namorado da minha vizinha. Geisa era muito mais que uma vizinha, na verdade, ela foi minha babá até os meus sete anos de idade.

Tenho a confessar que sou uma pessoa extremamente impulsiva. O tipo de garota que se deixa dominar pela paixão. Não é só essa paixão romântica de livros, filmes e novelas, mas a “paixão furor”, incontrolável, que supera os limites da razão.

Eu já estava no último ano do Ensino Médio, quando o Ernesto, o *namorado* da minha vizinha, começou a me assediar. Todos os dias quando voltava do colégio, a pé, eu passava na porta do bar do Beto, que ficava na esquina da nossa rua.

PERIGOSAS ACHERON

Ernesto sempre estava por lá, tomando cerveja.

O safado nunca trabalhou, vivia à custa da mulher e gastava tudo no bar. Sua vida se resumia a beber e andar atrás de “rabos de saia”.

— *Ô gostosa! Ô delícia... ah se um dia eu te pego!* – ele dizia e passava a língua nos lábios de uma forma asquerosa, que me dava nojo.

Minha família e a da Geisa haviam rompido relações há um bom tempo, por isso eu nunca contei a ninguém sobre o assédio que sofria. Na concepção dela, Ernesto era o melhor homem do mundo: companheiro amoroso e bom de cama. Era o que ela dizia para as outras vizinhas.

Depois de alguns meses de assédio, um dia eu resolvi responder à provocação:

— *Como você sabe se eu sou gostosa, se você nunca provou?* – foi a senha para ele se alvoroçar feito um pavão.

— *Não seja por isso, gostosa. Eu tiro a prova rapidinho. Vamu ali dentro do barraco, que eu provo e te digo se é gostosa ou não é.*

— *Hoje não!* – eu ri de forma debochada. — *Quem sabe amanhã?! Você tem camisinha em*
PERIGOSAS ACHERON

casa?

— *Tá animada mesmo, hein gatinha?! Não tenho não, mas eu compro agorinha. Até porque não vale à pena emprenhar uma gatinha gostosa feito você!*

Fiz charme durante mais alguns dias, até uma tarde em que resolvi ceder. Foi na cama da Geisa, um pouco antes da hora em que ela costumava chegar do trabalho. Naquela tarde, ela recebeu uma ligação anônima, dizendo que o namorado estava com outra em sua cama.

Ela entrou no quarto feito um furacão, bem a tempo de me flagrar com ele e conferir o sangue da minha virgindade, manchando seu lençol.

— *Sua vagabunda! Piranha! Desgraçada! Eu vou te matar! Eu vou te matar!* —ela tentou voar no meu pescoço, mas foi o próprio namorado que a impediu de cometer um homicídio.

Enquanto ela babava de ódio e gritava, eu vesti a minha roupa e voltei correndo para casa. No caminho, foi que refleti sobre o ocorrido. Imaginava que o gosto da vingança seria diferente. Esperava me sentir bem, mas no fundo, senti-me

um lixo humano.

O cheiro do Ernesto impregnado no meu corpo me dava náuseas, e para completar, eu estava dolorida. Não era só a dor física, era uma dor na alma, porque eu sabia que nada que fizesse de ruim àquela mulher, poderia compensar aquilo que ela me roubou um dia.

Não sei o que aquele traste tinha de bom. Minha experiência com ele foi tão horrível que eu nunca mais quis me aproximar de outro homem.

O fato é, que aquela minha atitude impulsiva acabou com a minha reputação na vizinhança. Todas as esposas passaram a querer distância de mim e da minha mãe. Ainda mais depois que a Geisa saiu de casa em casa mostrando o lençol manchado, igual se faz nas tradições ciganas.

O mais interessante, é que o “santo” do Ernesto continuou dentro de casa e sem trabalhar. Tive que excluir todas as minhas redes sociais, porque ela entrava nos meus perfis e escrevia coisas horrorosas ao meu respeito. Eu evitava passar na porta da casa deles, porque se a encontrasse na rua, era uma enxurrada de xingamentos, na certa.

O pior de tudo isso foi lidar com a dor da minha mãe. Eu não queria que ela sofresse, mas foi impossível evitar. Ela também passou a andar de cabeça baixa e envergonhada pelo bairro. Quase perdi a bolsa onde estudava, justamente no último ano.

Se não fosse a proximidade da formatura, a diretora teria me expulsado, por conta do escândalo. Apesar de ser uma aluna exemplar, por duas vezes, quase fui expulsa do colégio.

Também perdi alunos das aulas particulares que eu dava. Algumas mães entenderam que eu não era um bom exemplo para seus filhos.

Meu maior arrependimento reside no fato de que eu tinha verdadeiro pavor daquele homem feio e sebento. Depois do sexo, escovei os dentes com água sanitária diluída em água e tomei banho com desinfetante bactericida. Tirei os vestígios do meu corpo, mas eles ficaram impregnados na minha alma de forma indelével.

Mamãe nunca questionou minha atitude, mas só ela e a Geisa sabiam os reais motivos pelos quais fiz aquilo. O episódio que acontecera oito anos antes, deixara cicatrizes tão profundas quanto

PERIGOSAS ACHERON

aquelas que o arado deixa na terra.

Meu avô é um pequeno produtor rural em Alexânia, e eu conheço bem como é a preparação para o plantio. Gosto de ver o arado rasgando a terra, e por vezes, faço analogia daquele solo machucado com meu coração.

Logo depois desse fato, mergulhei ainda mais de cabeça nos estudos para fazer o ENEM no final do ano. Escolhi o curso de Relações Internacionais da Universidade de Brasília, a famosa UnB. Uma das mais concorridas e mais bem conceituadas do país. Mamãe se desesperou com a possibilidade de nos separarmos e porque ela sabia que não seria nada fácil meu caminho.

— *Difícil é passar no ENEM, mãe!* – eu dizia.
— *Depois que eu estiver lá dentro, você não vai precisar se preocupar, porque eu me viro.*

— *Se vira como, Briseida? Se o curso é integral e você não tem como trabalhar para se sustentar? Você sabe que com meu salário, vou poder fazer muito pouco por você. Neste momento a gente também não pode contar com a ajuda do seu avô e dos seus tios, que estão todos endividados porque perderam a última lavoura.*

— *Eu sei, mãe! Mas eu dou meu jeito. Já andei me informando na internet e sei que a faculdade tem um programa de apoio para estudantes de baixa renda. Eles oferecem moradia, comida gratuita no restaurante universitário e até uma ajuda em dinheiro, durante a realização do curso.*

— *Deus queira que você consiga essa bolsa, minha filha! Deus queira!* — ela suspirou e ergueu as mãos e os olhos para o céu.

— *Ele há de querer, Dona Heneida! Fica tranquila!* — eu a abracei e beijei, enquanto estávamos jantando na cozinha da nossa casa.

Enquanto mamãe comia, eu a observava com atenção. Com apenas trinta e seis anos, já estava calejada pela vida. Desde meu nascimento que ela trabalhava em dois empregos: dando aulas para crianças em uma escola pública pela manhã e trabalhando na biblioteca do colégio no período da tarde.

Uma mulher que ficou estigmatizada como mãe solteira, e como se não bastasse, teve uma filha com um homem casado, que também era pai de três outros meninos. O filho caçula tem a mesma idade

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

que eu.

Mamãe e eu somos melhores amigas, e tem sido muito difícil ficar longe dela, mas eu precisava sair do ninho para alçar meu voo da vitória. Ela foi a pessoa que mais me incentivou nesta vida, dizendo-me, constantemente, que eu nasci para ter um destino extraordinário.

Esse é o motivo para eu estar aqui sozinha na capital: ser extraordinária!

Demorou dois anos até eu entrar no curso de Relações Internacionais. Até hoje não consegui a bendita bolsa moradia e alimentação. Há uma fila gigantesca de alunos em situação igual à minha ou ainda pior, que disputam a mesma vaga.

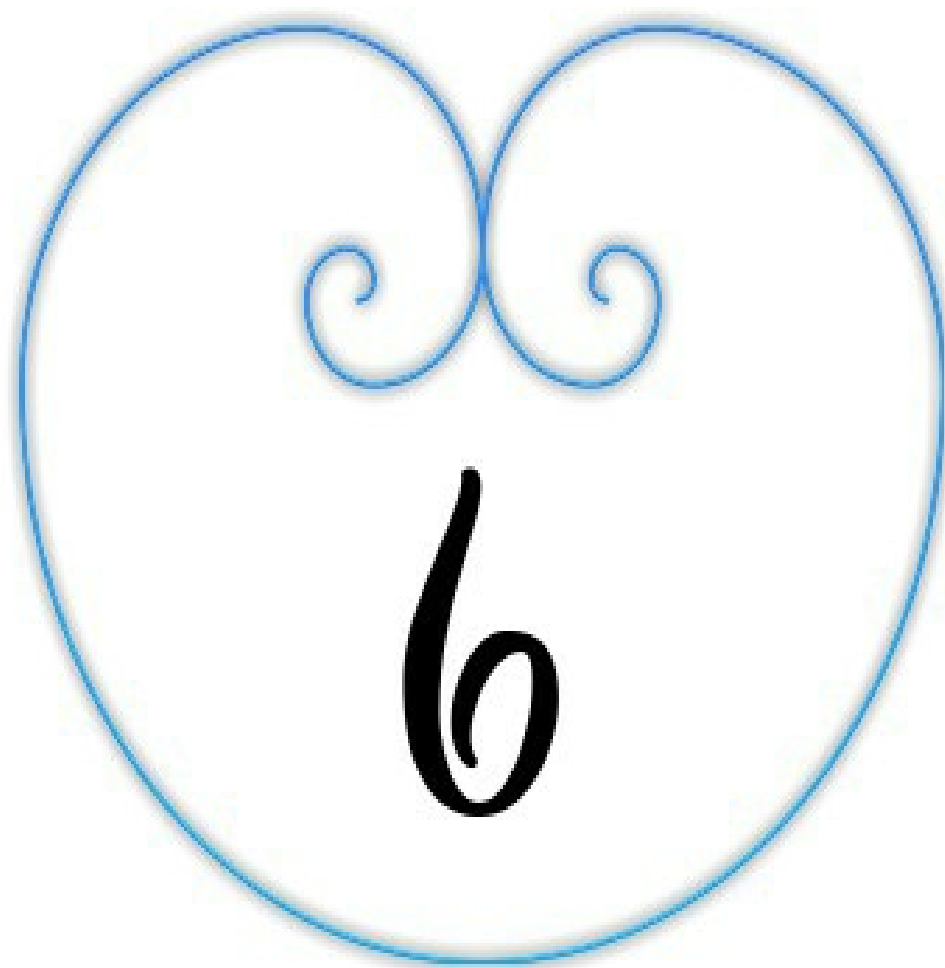
Para agravar minha condição, mamãe tem estado doente nos últimos dias. Boa parte do salário dela tem sido para comprar remédios. Sempre digo a ela que estou bem e que tenho ganhado dinheiro fazendo bicos. Não quero que ela se preocupe comigo, nem faça sacrifícios para mandar dinheiro.

Enquanto isso, vou levando a vida, dividindo um mini apartamento com duas outras colegas e comendo macarrão instantâneo todos os dias.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON



— Oi Bris! – a voz de Dani me desperta da abstração. — *Tá* tudo bem com você? Parece tão concentrada na frente do computador. *Tá* fazendo algum trabalho difícil?

Ela é minha colega de quarto. No apartamento em que moramos há apenas dois quartos, o maior eu divido com Dani e o menor fica com a Naty, que paga um pouco a mais do valor do aluguel por conta disso. A família da Dani mora em uma cidade aqui próxima do Distrito Federal, em Minas Gerais. Ela estuda Administração no mesmo campus que eu, o Darcy Ribeiro, da UnB.

Dani é uma garota linda, extrovertida e bem autêntica. Tem estatura mediana, pele negra, cabelos pretos encaracolados, olhos escuros e um grande sorriso branco. Gosto de dizer que ela é a voz da razão, porque com essa minha amiga não existem meias palavras: ou é, ou não é. Nós nos vemos somente à noite, porque estudo o dia todo.

Naty é de uma cidade satélite aqui do DF, mas prefere morar perto do campus, para evitar os deslocamentos diários. Ela é estudante de Odontologia. Nos finais de semana, minhas duas colegas costumam ir para a casa dos pais. Só eu que não posso me dar ao luxo de viajar, porque passagens de ônibus custam dinheiro, e dinheiro é tudo o que tem me faltado nessa vida.

— Eu estou aqui tentando achar um

classificado de compra e venda de órgãos, porque quero anunciar a venda de um rim, *pra* eu poder sobreviver.

— No vermelho de novo, Bris? — ela ri. — Sei que não é caso de rir, mas você fala de um jeito tão sério, que eu quase acredito que é verdade.

— Mas é lógico que é verdade. Se eu conseguir vender um rim por uns trinta mil reais, por exemplo, acho que vou conseguir comer carne até o final do ano. Não aguento mais essa vidinha de *miojo* todo dia.

— Já te falei que pode ficar à vontade na geladeira e comer tudo o que tiver vontade. Você sabe que quase não paro em casa. Não faz sentido as coisas ficarem perdendo na geladeira enquanto você passa necessidade. Em se tratando de comida, Bris, a gente não pode ser orgulhosa. Já ouviu falar que orgulho não enche barriga?

— Eu sei, mas fico sem graça. Acho que ninguém aqui na república tem obrigação de me sustentar. Já incomodo bastante por sempre ser a última a pagar minha parte do aluguel. É muito chato viver assim, mas eu não tenho alternativa. Esse curso integral arrebenta comigo, porque não

PERIGOSAS ACHERON

consigo arrumar um emprego regular, que me ajude a pagar as contas. E essa maldita bolsa da faculdade nunca sai. Se, pelo menos, eu conseguisse comer de graça no restaurante universitário, já quebrava meu galho, e eu não precisava ficar nessa pindaíba.

— Mas... e a vaga de emprego de intérprete, que você foi fazer entrevista? Não deu em nada?

— Não rolou – respondo secamente, para não ter que dar explicações, porque sei que vou chorar outra vez. Se eu contar a experiência para a Dani, ela também ficará indignada e certamente, irá até a agência para dar uma surra na “vaca” que me entrevistou.

— Que pena! Você parecia tão animada e cheia de esperanças...

— Pois é... mas não rolou! – suspiro de forma profunda, com certa tristeza ao lembrar da animação com que cheguei para a entrevista.

— Olha só... eu estou me lembrando agora, que uma colega de uma colega minha de curso, costuma ser *freelancer* em uma agência que contrata moças para trabalhar em recepção de eventos desses figurões aqui de Brasília,

PERIGOSAS NACIONAIS

geralmente eles contratam universitárias de boa aparência e bem-educadas. Você ainda tem o diferencial de falar mais de três idiomas, tenho certeza que poderia atuar como intérprete ou tradutora. Quer que eu te indique a ela?

— Intérprete? Claro, eu preciso muito. Você vai salvar minha vida se fizer isso por mim – digo emocionada.

— Que exagero, Bris! – ela ri. — Vou mandar uma mensagem para minha colega agora e passar seu telefone. Daí quando aparecer algum *trampo* assim, a amiga dela te chama.

Assim que Dani se afasta, eu torço para que essa tal colega não me exija diplomas de escolas regulares de curso de idiomas. Passei a maior vergonha na entrevista. Nunca me senti tão humilhada. Só de lembrar, dá vontade de chorar outra vez.

Quando me dei conta de que apenas vendendo bombons fabricados em casa, eu não conseguiria me sustentar aqui em Brasília, fui obrigada a buscar alternativas de trabalho para o período noturno.

A primeira oportunidade foi fazer trabalhos

PERIGOSAS ACHERON

acadêmicos para outros colegas de curso e de outros cursos da universidade. Sentia-me culpada, porque sabia que isso era um tipo de fraude, mas entre ficar com a consciência limpa e a pança cheia, eu optei pela segunda.

Também comecei a buscar na Internet, vagas como intérprete e tradutora *freelancer*. Brasília tem e recebe muitos estrangeiros, então não seria difícil arrumar trabalho nessa área. De fato foi rápido, até me chamarem para uma entrevista. Faltei a uma aula importante para ir até a agência que ficava na Asa Norte. Chegando lá veio a decepção.

Fiz questão de usar uma roupa bem sóbria, para parecer que tinha mais idade do que realmente tenho. Já percebi que as pessoas tem certo preconceito com jovens, quando o assunto é trabalho.

Apostei em um conjunto azul marinho que a minha mãe me deu: saia lápis *midi* e casaco sem manga com abertura de zíper. É uma peça clássica, mas também jovial. Para completar o *look*, usei um sapato *scarpin* preto de salto alto e prendi o cabelo em um coque bem discreto.

— *Vai lá e arrasa, Briseida!* — disse para
PERIGOSAS ACHERON

minha imagem no espelho, enquanto colocava os óculos de aro preto, emprestados pela Naty, para que eu parecesse ainda mais sóbria.

Saí de casa toda autoconfiante, mas a autoconfiança acabou tão logo eu me sentei em frente à mesa da entrevistadora. Uma mulher de quarenta e poucos anos, cabelos tingidos de ruivo, lentes de contato verdes, roupas e sapatos de grifes caríssimas, muitas joias e cheiro de perfume importado.

— *Bom dia!* – disse sorrindo, assim que entrei na sala. O escritório ficava no décimo primeiro andar de um prédio comercial. A decoração era bem arrojada e moderna. Fui atendida pela recepcionista solícita, que disse para eu aguardar minha vez. Fiquei sentada em uma das poltronas da recepção, distraíndo-me com algumas revistas, até que a moça me mandou entrar.

— *Fecha a porta!* – a entrevistadora disse em tom imperativo e sequer teve o trabalho de responder ao meu cumprimento ou olhar para mim.

— *Vejamos aqui... então você é a Briseida... dezoito anos... fala três idiomas... você é filha de diplomatas, Briseida?*

— *Não senhora!* – assim que pronunciei a palavra “senhora” a mulher levantou os olhos do meu currículo e os cravou em mim, com uma expressão de ódio.

— *Eu não tenho idade para ser chamada de senhora!*

— *Ah, sim! Me desculpe, não quis dizer que a senhora é velha...ah... ah... quer dizer, você... pelo contrário, você parece ter bem menos idade do que realmente deve ter... mas...* – Puta que pariu, eu me embananei toda e nem consegui terminar a frase, quando ela fez sinal para que eu me calasse.

— *Você já morou no exterior, garota?*

— *Não senho... quer dizer... não. Nunca morei.*

— *E onde foi que você aprendeu a falar fluente o Inglês, Espanhol e Francês?* – ela arqueou as sobrancelhas.

— *Eu sou autodidata, há vários anos tenho estudado sozinha, através de cursos na internet e...*

— *Você o quê?! – a mulher interrompeu minha fala. — Você deve estar de sacanagem comigo, não é garota?! Acha mesmo que você vai*
PERIGOSAS ACHERON

me enganar com esse seu curriculuzinho ordinário?

— Meu currículo não é ordinário! – pela primeira vez ganhei segurança para falar. — Eu sou fluente em três línguas sim, tanto que já fiz e fui aprovada nas provas de suficiência da universidade. Como deve ter visto no meu currículo, também sou aluna do curso de Relações Internacionais da UnB, que exige o domínio de uma segunda língua. Mas se mesmo diante disso, a senhora ainda tiver alguma dúvida, pode me entrevistar em qualquer um dos três idiomas, que eu me garanto!

— Você é muito petulante, sabia? Para uma pessoa que está procurando emprego, você deveria ter um pouco menos de empáfia e mais humildade! Sabe de uma coisa? Você é o tipo de garota que por se achar bonita, acredita que o mundo inteiro sempre estará aos seus pés. Certamente, se fosse um homem no meu lugar, teria ignorado o fato de você não ter nenhum diploma regular e teria se encantando por esse seu sorrisinho cheio de charme. Mas você lenhou no lugar errado. Está dispensada, querida! – apontou a porta. — Passar

bem!

— *Eu não me acho bonita, embora eu sempre escute isso das pessoas, como de você, por exemplo. Se está tocando nesse assunto, é porque realmente deve me achar bonita* – disse em Inglês.

— *O quê?* – ela fez uma expressão de quem não havia entendido nada.

— *Pelo que vejo, você é mal-amada, e além de feia e despreparada, também não fala Inglês. Será que você entende qual língua estou falando agora?* – perguntei em Francês.

— *Já te dispensei, garota! Não precisa ficar com exibicionismo barato na minha sala!*

— *Foi o que eu pensei.* – *Continuei em Espanhol.* — *Você é só uma pessoa invejosa, que ao se deparar com alguém mais jovem e mais bem qualificado, se deu conta de sua frustração. Deve ser difícil lidar com isso, não é, querida?*

— *Sai da minha sala!* – gritou, perdendo a pose de dondoca.

— *Só mais uma coisa...* – disse em Português, para que eu me fizesse entender. — *Nós mulheres já somos tão preteridas no mercado de trabalho,*
PERIGOSAS ACHERON

com condições desiguais. A “senhora” – dei ênfase à palavra – deveria saber disso, já que alcançou uma posição de destaque dentro dessa agência, e eu imagino que não deve ter sido fácil. Bom... a menos que ela tenha vindo de mão beijada. Esse não é o meu caso! Sou filha de mãe solteira, que dá duro em dois empregos para me sustentar. Eu não mereço ser tratada da forma como me tratou! Você como mulher, deveria estender a mão para outra mulher, que está tentando construir uma carreira de forma honesta, e não tripudiar porque está em posição de vantagem. Pense nisso... e quem sabe na próxima entrevista você se porte como um ser humano melhor!

Nem olhei para a cara da mulher, para saber qual era sua expressão. Saí de lá vitoriosa, e de cabeça erguida. Passei pela recepção e agradei a moça por toda a educação e gentileza no trato comigo e entrei no elevador, fazendo um esforço exagerado para manter a dignidade.

Já na portaria do prédio, não resisti àquela emoção que me subia pelo peito, causando um nó garganta, e que explodiu num acesso incontrolável de lágrimas. Sentei-me na calçada para não cair.

Abracei minhas pernas com força e escondi a cabeça nelas, de modo que ninguém pudesse ver meu rosto, que naquele momento, deveria estar parecendo a máscara do Pânico, por conta da maquiagem borrada.

Ali naquela calçada, conheci exatamente a sensação do que era estar no fundo do poço. Então me permiti sofrer, não só por conta da humilhação na entrevista, mas por uma vida inteira de mediocridade, de lutas, de esforço, de garra e também de fracassos e sonhos não realizados. *“Você é uma fracassada, Briseida! Admita isso e pare logo de sofrer.”*

— *Moça, está tudo bem?* – um homem educado se aproximou de mim. Tinha um tom preocupado na voz. — *Você está se sentindo mal? Precisa da minha ajuda?*

— *Não, não preciso! Eu estou me sentindo bem. Foi só uma crise de choro mesmo. Em alguns momentos a vida tende a ficar tão dura, e eu simplesmente não vejo alternativa a não ser chorar...* – minha voz ficou embargada pelo choro. Nem sei porque me vi obrigada a dar alguma explicação para o estranho que me interpelava.

— *Eu sei bem o que você está falando.* – Olhei de soslaio, sem levantar a cabeça e percebi que ele se sentou na calçada ao meu lado, respeitando certa distância. Não quis olhar para ele. Sentia-me humilhada demais para conseguir encarar alguém.

— *Briseida... grandes lutas só escondem grandes vitórias. Você só precisa ter fé e sabedoria para fazer as escolhas certas. Nem sempre o caminho mais fácil é o caminho certo.*

Depois que ele se levantou calmamente, foi que comecei a refletir sobre o que aquela frase significava. Quando levantei a cabeça para fitá-lo, ele já havia desaparecido, sem se despedir. Só então me dei conta, de que eu não havia dito o meu nome a ele, mas ele me chamou de Briseida.

Desde aquele dia, tento imaginar a fisionomia daquele homem. Embora sua voz tenha me trazido conforto, não era conhecida. Talvez tenha sido apenas uma alucinação, ou a voz da minha própria consciência.

O mais estranho, é que cada vez que me lembro da presença daquele homem e de suas palavras, sinto ondas de arrepios percorrendo meu corpo. Uma sensação estranha. Talvez, uma

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

premonição.

PERIGOSAS ACHERON



Já se passaram três dias, desde que Dani me falou sobre a tal colega, que me arrumaria um trabalho. Olho insistentemente para o celular, mesmo estando em aula. Estou à espera de uma ligação ou uma mensagem.

PERIGOSAS NACIONAIS

Todos os meus colegas já ostentam *iphones* e *smartphones* super modernos, de última geração, com aplicativos que permitem conversas em tempo real, compartilhamento de fotos e blá-blá-blá.

Eu não tenho.

Sou pobre, esqueceu?

Então me viro com meu aparelho *Xing Ling*, que ganhei do meu avô no último Natal.

“*Toca telefone, toca!*” — repito o mantra centenas de vezes, enquanto ignoro a fala do professor de Teorias das Relações Internacionais.

A conexão é automática e o telefone vibra em minhas mãos. Vejo que é um número desconhecido aqui de Brasília mesmo. Saio com discrição da sala, e atendo a ligação assim que chego ao corredor.

Alô? — minha voz está aflita.

Oi! — a voz do outro lado é jovem e bastante amigável. — Esse telefone é da... da... como é mesmo a porra do nome, gente?!

Briseida!

Ah! É isso mesmo! Você é a colega de quarto da Dani, não é? Que está procurando trabalho?

PERIGOSAS ACHERON

Sim, sou eu mesma – respondo, tentando disfarçar a excitação. — E você deve ser colega da colega dela, não é?

Sim, eu sou a Andressa, mas pode me chamar de Andy.

E aí, Andy? Pintou alguma coisa pra mim?

Sempre pinta, gata! – ela gargalha ao telefone. – Quero só saber se você tem disposição mesmo.

Mas é claro que eu tenho! Sou pau para toda obra, como se diz na minha cidade.

De onde você é?

De Anápolis, uma cidade pertinho de Goiânia.

Ah sim... já ouvi falar. Então... você está disponível hoje à noite? Vai ter um evento com uns gringos aí. Você topa a parada?

É claro! – digo, quase gritando. – É claro que eu topo! Para onde envio meu currículo?

Currículo? – ela gargalha novamente. – Esquece isso, garota! É um trabalho informal, a Dani não entrou em detalhes com você sobre o que a gente faz, ou entrou?

Não muito. Ela só me disse que você trabalha
PERIGOSAS ACHERON

para uma agência, como recepcionista em eventos de negócios.

É... é mais ou menos isso. Então, me fala o seu endereço que eu passo na sua casa pra te pegar hoje à noite. A Dani me disse que vocês moram aqui perto do campus, não é? Eu também moro aqui perto.

É sim, vou te passar o endereço. A que horas eu posso te esperar?

Às nove. A gente chega mais cedo, pra eu te apresentar pro Ed, porque ele gosta de entrevistar as garotas pessoalmente, pra ter certeza que elas tem o 'perfil' adequado. – Sinto um quê de ironia quando ela fala a palavra perfil, mas não estendo o assunto.

Quando chego ao apartamento, ponho-me a revirar o armário, em busca de algo decente para vestir. Não quero usar o mesmo terninho daquela maldita entrevista. Vai que traz má sorte. Deus me livre! E o medo que a *urucubaca* daquela mulher tenha ficado impregnada na minha roupa?

Assim que Dani chega, recorro a ela, que me empresta um pretinho básico: vestido tubinho,

acima dos joelhos, sem mangas e com decote em formato de “V”. Ela insiste para que dessa vez eu aposte em uma sandália vermelha, já que o evento é noturno e pede algo menos discreto. Eu me deixo levar pelas ideias da minha amiga, já que, discrição e sobriedade da outra vez não funcionaram.

Às nove da noite em ponto, estou na portaria do prédio, quando vejo um carro vermelho de luxo, aproximando-se em alta velocidade. Tem uma ruiva fatal ao volante. Assim que me vê, ela dá uma freada brusca no carro e eu imagino que deve ser a Andressa.

— Oi, gata! Pula *pra* dentro! — ela grita, sem desligar o carro.

— Oi, Andressa! Eu sou a Briseida! É um prazer *te* conhecer pessoalmente.

— Nossa, que boca gostosa você tem! — a ruiva passa a língua nos lábios, bem vermelhos. — Juro que se eu não estivesse usando um batom tão caro eu mordida ela todinha... ai que inveja! Parece a Angeline Jolie.

— Você parece ser um pouquinho exagerada, não? — brinco. Minha observação é muito mais pelo

modo como ela se veste, do que pela comparação com a Angeline Jolie.

Andressa tem cabelos ruivos naturais bem volumosos e brilhantes, do mesmo tom de suas sobrancelhas. Imagino que ela deve ter o rosto pintadinho, como a maioria dos ruivos que conheço, mas ela usa uma maquiagem tão pesada, que daria até para rebocar a parede de uma casa. Seus olhos são castanhos bem claros e ela tem nariz e lábios finos, bem diferentes dos meus.

O exagero não está só na maquiagem. Ela também usa um vestido vermelho bem curto, colado ao corpo e com um generoso decote. Tudo bem, que ela parece ter um corpo escultural. Tenho a impressão de que seus enormes peitos redondos vão saltar para cima do volante a qualquer momento. A pessoa ainda consegue dirigir usando um sapato de salto, enorme e finíssimo. Quer dizer, mais ou menos, porque ela não dirige tão bem assim.

Só em cinco minutos de trajeto, observo que a Andy cometeu, pelo menos, três barbeiragens, que não passaram batidas pelos demais motoristas, que já buzinaaram várias vezes. Ela também não deixa

barato. Agora mesmo, abaixa o vidro da janela, põe metade do corpo para fora e xinga o motorista do carro da frente:

— Seu filho da puta! Roda presa! *Tá* levando a mãe pra zona, é? Pisa na porra desse acelerador ou sai da minha frente! — enquanto ela faz o malabarismo para ofender o motorista, noto que seu vestido sobe completamente, deixando o bumbum branco à mostra, que engole sua calcinha vermelha. Viro o rosto para o outro lado, envergonhada. Sou dessas!

— Por que você perguntou se ele está levando a mãe *pra* zona? — pergunto curiosa, assim que ela se recompõe e volta a atenção para o trânsito.

— É porque ele está andando devagar demais, parece que tá tipo tentando convencer a mãe a não fazer programa hoje, entende?

— *Hãem... Hãem...* — prefiro nem entender.

— E então, coisinha... eu esqueci seu nome de novo...

— Briseida, mas pode me chamar de Bris, assim como minhas amigas.

— Ah bom! Bris é bem melhor, até porque
PERIGOSAS ACHERON

esse seu nome é bem esquisito, viu gata! Não combina com você.

— Obrigada, eu também acho.

— E então, Bris... qual é mesmo o curso que você faz?

— Relações Internacionais — respondo orgulhosa. Estou no primeiro período do curso ainda, mas encho a boca para responder, cada vez que alguém me faz essa pergunta. Tenho muito orgulho dessa minha conquista, às vezes. Porque na maior parte do tempo, só lamento que gostaria de ter uma condição de vida melhor.

— Uau! Curso de bacana, *hein*?! Só gente rica consegue entrar nesse curso da UnB.

— Bom, se essa for a regra, então eu sou a exceção, porque sou pobre. É por esse motivo que estou aqui dentro do seu carro agora. Preciso de grana *pra* me sustentar.

— E quem não?! — ela dá uma gargalhada.

— Para onde estamos indo, Andy? É algum evento do governo? Ou é alguma reunião em um centro de convenções? Não imaginava que eventos de negócios comessem tarde assim, ainda mais

PERIGOSAS ACHERON

porque é sexta-feira.

— Não. Vai ser na casa do Ed mesmo, ele sempre recebe pessoas muito importantes e influentes. Homens velhos, feios e com as carteiras cheias de dinheiro, sempre escancaradas, iguais às minhas pernas! – ela gargalha de novo e põe a mão na minha coxa, subindo até perto da virilha. Sinto um mal estar súbito. — Relaxa, gatinha! Você não vai lá para fazer o mesmo que eu, tá bom? O Ed me pediu mesmo que descolasse uma garota que falasse Inglês e Francês.

— Tipo... o mesmo que você... quer dizer que você faz o quê? Será mesmo que é o que eu *tô* pensando... você é prostituta?!

— *Tá* louca?! Eu não fico rodando bolsinha na esquina não, gata! Eu sou uma universitária, bonita e inteligente que acompanha homens importantes em eventos de negócios. Se eu termino a noite na cama deles, são outros quinhentos... e põe quinhentos nisso! Porque eu não passo a noite com ninguém por menos de três mil reais.

— Três mil reais?! Numa noite? – quase perco a fala. Três mil reais é o que a minha mãe ganha por mês, trabalhando em dois empregos e com uma PERIGOSAS ACHERON

carga horária de sessenta horas semanais. Andy ganha isso em uma única noite. Inacreditável como esse mundo parece desigual.

— Ficou impressionada? — ela me encara com um ar sedutor.

— Só a título de curiosidade mesmo, quanto é que você ganha por mês, fazendo esse trabalho de acompanhante? Não que eu tenha interesse em fazer isso, mas...

— Depende. Já tirei doze mil, trinta mil... não tem como fazer uma média mensal. Eu sou pobre igual a você, Bris, estou fazendo o meu pé de meia, porque assim que terminar a faculdade de Administração, vou abrir meu próprio negócio. Vou ser uma grande empreendedora! — ela se entusiasma.

A ruiva liga o som do carro, e canta juntamente com a voz feminina da música sertaneja que toca no rádio. Enquanto isso, eu me desligo dela por alguns instantes e reflito sobre o que acabei de ouvir: trinta mil por mês.

É muito dinheiro!

É mais do que eu poderia imaginar ganhar um

dia. Só que, definitivamente, essa atividade – qualquer que seja o nome que deem a ela agora – não é para mim. Não consigo nem pensar na possibilidade de ir para a cama com um estranho, a troco de dinheiro. De burrada na vida, já basta aquela que fiz com Ernesto.

Cerca de dez minutos depois, Andy entra com o carro em um luxuoso condomínio. Não conheço bem a cidade, por isso não tenho noção de onde estamos, mas sei que é uma área nobre, porque as propriedades me fazem lembrar daquelas mansões de *Beverly Hills*, que aparecem nos filmes americanos. Na vida real, nunca tinha visto nada parecido.

Rodamos por algumas alamedas, até que minha mais nova colega para o carro diante de um imponente portão de ferro. Dois homens de terno escuro fazem a segurança na entrada. Um deles, o menor e mais jovem, aciona o controle eletrônico para que a moça passe com o carro.

O segurança mais velho tem uma postura séria, marcial e olha para o outro lado, denotando certa discrição quanto à nossa presença na propriedade. O outro, por sua vez, faz um aceno de

cabeça para nós, e mantém os olhos fixos no decote da Andy. A ruiva devolve o cumprimento, beijando a ponta dos dedos e depois joga na direção dele, que fica com um riso safado no canto da boca.

Andy é uma mulher avassaladora, dona de uma sensualidade que jamais terei. Apesar de tantas pessoas insistirem em dizer que sou linda, não sou do tipo de garota vaidosa e também não sei fazer charme, nem caras e bocas para conquistar um homem. A julgar por essa minha incompetência para o jogo de sedução, acredito que vou ficar solteira por uns bons anos da minha vida.

Quando ela desliga o carro no estacionamento, e eu percebo que o lugar já está lotado de carros de luxo, sinto um gelo na barriga. Minhas pernas deixam de obedecer ao comando do meu cérebro. Não consigo me mover para fora do carro. Estou com medo, muito medo. Sou tomada por um arrependimento e quero voltar para casa, mas não tenho dinheiro para pagar um táxi, e obviamente, aqui não deve ter linha de ônibus.

— Ei, garota! Vai ficar aí parada com essa cara de palerma? Vamos, desce logo! — Andy desce do carro, dá a volta pela frente dele e abre a porta

do passageiro para me obrigar a descer também.

— E-eu... eu... estou com medo! Eu nunca estive num lugar assim antes... — meus olhos enchem de lágrimas. A vontade de chorar é iminente.

— Calma Bris! — ela passa a mão pelo meu rosto, de forma carinhosa. — Esse lugar que você *tá* falando, é só a casa de um amigo. E você está aqui só para fazer seu trabalho de intérprete, está combinado?

— Você tem certeza que é só isso mesmo? E se de repente esse tal Ed quiser me forçar a fazer algo que eu não quero fazer?

— O Ed?! Imagina! Ele é uma moça! Quer dizer, um *gentleman*, como ele gosta de dizer. — Ela solta uma risada e me toma pela mão. Logo, vamos do estacionamento em direção à entrada da luxuosa mansão.

Vejo alguns homens de meia idade em uma espécie de bangalô, próximo de uma grande piscina, com vários degraus e toda iluminada por dentro. Eles fumam charutos, bebem uísque e jogam cartas. Graças a Deus, eles sequer olham na

nossa direção, de tão entretidos que estão na atividade.

Minha cicerone⁵ tem total desenvoltura e conhece bem o ambiente. Ela me leva direto para o interior da casa. Esse lugar nem pode ser chamado de casa. É um palácio, para ser mais exata. Fico espantada com tanto luxo.

Subimos em direção ao segundo andar, por uma escada em formato de “S” e cujos degraus são feitos de vidro. Dá até medo pisar eles. Olho para o salão lá embaixo e vejo a movimentação de pessoas uniformizadas. São funcionários de um *buffet*, que estão preparando uma linda mesa.

O cheiro da comida faz todas as minhas lombrigas acordarem. Nunca vi tanta fartura em uma mesa. Camarão era algo que eu só tinha visto na TV. Fico pasma e quase tropeço em um dos degraus, porque não estou mais olhando para eles. Minha atenção está toda na moça rechonchuda lá embaixo, que monta uma espécie de cascata de camarões enormes.

Minha boca enche de saliva, que eu engulo sem graça, assim que a mulher percebe meus olhos

enormes fixos em toda aquela comida.

— *Tá* com fome, Bris? — Andy pergunta sorrindo.

— Não, imagina! — disfarço. Que péssima convenção social essa, que a gente precisa mentir para ser educada. Odeio isso! Queria poder dizer que estou morta de fome, que tem uma cratera enorme no meu estômago, e que eu não suporto a ideia de comer macarrão instantâneo por mais um dia sequer. Eu preciso muito, muito mesmo, fartar-me naquela mesa ali do salão.

Ela dá duas batidinhas em uma porta fechada e em seguida faz sinal com a mão para que eu entre primeiro. Respiro fundo e entro. É um bonito e espaçoso escritório, decorado em tons de marrom e preto. Atrás da enorme mesa de tampo de vidro preto, está o homem que eu imagino ser o Ed. Ele deve ter uns cinquenta anos, cabelos e barba levemente grisalhos.

Apesar de ter idade para ser meu pai, não posso negar que ele é bem charmoso. Quando se levanta da cadeira presidencial para me cumprimentar, meus olhos vão direto para a calça apertada que ele usa. Fico corada na hora, enquanto

PERIGOSAS ACHERON

ele sorri para mim, e me cumprimenta com um beijo no rosto.

— Oi! Eu sou o Ed... e você é...

— Briseida, mas pode me chamar de Bris.

Essa é a garota que você me pediu, que trabalha como intérprete. — Andy se aproxima dele com toda a sensualidade que lhe é natural, e dá um beijinho em sua boca. Só então percebo o quanto ela é alta e magra, parece mais uma modelo do que uma... uma... estudante universitária.

— Obrigada, anjo! — ele sorri para ela. — Pode nos deixar a sós. Eu quero que você acompanhe as meninas e verifique se já está tudo ok, pode ser?

— Claro, *amore*! Seu desejo é sempre uma ordem! — ela usa um tom bem provocante e eu presumo que o que rola entre os dois vai muito além das relações trabalhistas.

Assim que Andy deixa a sala rebolando, sinto novamente o nó em minha garganta. Ed senta em uma poltrona de couro em tom caramelo, que está no canto do escritório e bate a mão sobre ela, indicando onde devo me sentar.

— Vem aqui, Bris! Vamos conversar um pouquinho primeiro.

Fico em pé, travada.

— Ei, Bris! Sou feio assim, mas não mordo... a menos que você peça. — O tom é insinuante, e só aumenta o meu medo. De pé onde estou, já começo a falar sem parar:

— Olha só, eu não sou prostituta! Eu vim aqui para trabalhar como intérprete, então, qualquer coisa que você tenha para me oferecer diferente disso, já adianto que eu *tô* fora!

Ele solta uma risada gostosa e parece se divertir com meu acesso de pseudo autoconfiança.

— Prostituição?! E quem falou de prostituição, Bris? Por que *me tomas*? Você acha que eu sou algum tipo de cafetão, é isso? Olha bem para mim, eu pareço um cafetão?

— Não sei. Eu nunca vi um cafetão e nunca estive em uma... em uma...zona antes — não acho a palavra adequada e resolvo usar o termo popular mesmo.

— Zona?! — ele faz expressão de ofendido. — Briseida, você está dentro da minha casa, você não
PERIGOSAS ACHERON

está em uma zona, se é isso que você está pensando.

— Me desculpa, senhor Ed... é que... eu estou bem nervosa. E quando eu fico nervosa começo a falar besteiras sem parar, eu não queria te ofender, nem ofender a sua casa, mas é que a Andy me disse que ela costuma acompanhar alguns homens de negócio em eventos e...

— Ei, garota! O que a Andy ou qualquer outra das meninas que trabalham comigo fazem depois do expediente, não é da minha conta. Então não me culpe por nada que a Andy tenha lhe falado. — Vem cá, senta aqui. — Ele bate novamente a mão no sofá e eu me aproximo dele e me sento, acuada e assustada.

— Você é linda, sabia?! Quando a Andy me falou que ia trazer uma intérprete eu imaginei que fosse uma mulher bem mais velha e feia. Não podia imaginar que seria uma garota tão jovem e linda. Você vai fazer sucesso aqui esta noite, eu presumo. — Ele tenta disfarçar. — Quantos aninhos você tem, Bris?

— Dezoito.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Tem certeza? Está com a sua identidade aí?

— Absoluta. Qual o problema com a minha idade?

— Nada, só quero confirmar.

Abro minha bolsa e passo minha carteira de identidade para ele, que confere a foto horrorosa e a minha data de nascimento.

— Quer dizer que você nasceu em Anápolis e tem dezoito aninhos?

— Isso mesmo. Está convencido agora?

— Sim, estou.

— Então, agora que você já conferiu a minha identidade, será que a gente poderia falar sobre o tipo de trabalho que eu vou fazer e o quanto você vai me pagar?

— Claro. Eu vou pagar para você um pouco a mais do que costumo pagar para as meninas que trabalham na recepção. Mil e quinhentos reais está bom para você? — ele retira as notas azuis do bolso do blazer cinza e começa a contá-las.

— Mil e quinhentos reais?! — repito sem acreditar, que vou pôr a mão em tanto dinheiro, e

PERIGOSAS ACHERON

antes mesmo de começar a trabalhar. — Está ótimo! Por mim está ótimo, desde que seja apenas para eu trabalhar como intérprete, é claro!

— *Para ser honesto, Bris, eu nem preciso do seu trabalho como intérprete, porque eu me comunico muito bem no Inglês e no Francês. Eu preciso mesmo é que você seja os meus ouvidos, durante todo o evento desta noite, entendeu? — ele fala em Inglês. — Muitas decisões importantes que envolvem a economia do nosso país, não são decididas em reuniões de trabalho, mas aqui em minha casa, em reuniões informais como esta, de hoje à noite. Daqui a pouco, eu vou receber alguns investidores estrangeiros e também alguns políticos influentes. Eu preciso saber o que eles vão negociar e de que assuntos vão tratar quando eu não estiver por perto. Para isso, eu conto com seu apoio e, principalmente, com a sua discrição.*

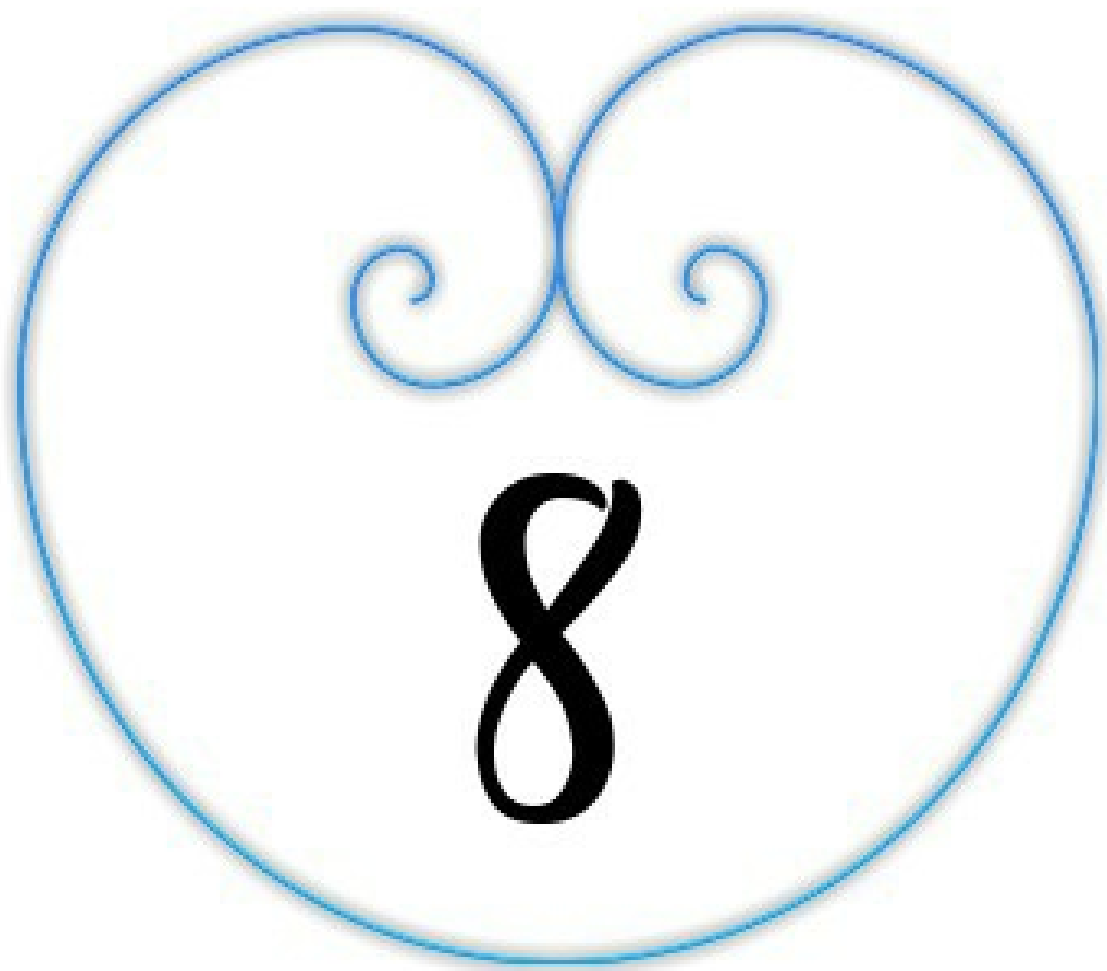
— *Então você não precisa de uma intérprete, você quer que eu seja uma espiã. É isso mesmo que eu entendi? — pergunto em Francês.*

— A grosso modo, sim!

— Ok! Negócio fechado!

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON



Trabalhar como espiã em uma festa cheia de homens velhos e feios, que fedem a uísque e fumaça de charuto, não era bem o bem o que eu esperava para esta noite. Ainda assim, estou satisfeita com os mil e quinhentos reais garantidos

PERIGOSAS ACHERON

dentro da minha bolsa. Por falar em bolsa, poderia ter trazido uma maior. Fico imaginando a quantidade de comida que será desperdiçada nesta festa.

Não sei o que acontece com os ricos. Eles parecem simplesmente ignorar a comida, enquanto eu me comporto feito uma refugiada diante de tanta coisa linda, cheirosa e gostosa. Os canapés parecem mais obras de arte, de tão bem decorados. Talvez os convidados estejam com pena de comer, exatamente por esse motivo. Esse não é o meu caso. Prefiro apreciá-los com o paladar em vez da visão.

Se pelo menos pudesse fazer como o Álvaro, meu *hamster*, lá de Anápolis, eu encheria minhas bochechas de canapés e levaria para o café da manhã. “Que nojo!” –critico minha própria ideia.

Estou tão concentrada na missão de experimentar cada um dos itens da mesa, que mal noto a aproximação de um homem jovem e bem vestido.

— Você vem sempre aqui? – não poderia começar de maneira pior. Apesar de não ter muita experiência com o sexo oposto, sou uma cinéfila

PERIGOSAS ACHERON

inveterada. Essa cantada já é batida até nos filmes da Sessão da Tarde.

— Não, eu estou trabalhando – respondo sem ao menos olhar para ele.

— Eu sei, todas vocês estão...

— O quê?! – agora eu o encaro, só para ter certeza que ele acaba de insinuar o que eu penso que insinuou. — Você está achando que eu sou uma... uma... acompanhante de luxo, iguais a essas moças por aqui? É isso mesmo?!

— Não, não... imagina! – a expressão é fingida. — Acho que a gente começou mal, você não acha? Deixa eu me apresentar, sou o deputado André Goulart. – Ele estende a mão, que eu aperto de maneira firme e raivosa.

— Prazer, senhor deputado! – respondo com cinismo.

— Hum... então você é dona de um senso de humor bastante ácido. Mas... como é mesmo o seu nome, *hein* pimentinha?

— Pepper, meu nome é *Little Pepper* – invento na hora, já que ele me chamou de pimentinha. Espero que mais ninguém aqui nesse PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

lugar saiba o meu nome. Especialmente, porque estou em uma missão secreta.

— Pepper?! – ele cai na gargalhada. — Adoro mulheres com senso de humor, sabia? – o homem abaixa um pouco o tom de voz e se aproxima de mim.

O tal deputado André Goulart é um homem bonito, não vou negar. Deve ter quase quarenta anos. É alto, branco, de compleição física forte. O cabelo é castanho escuro da cor dos olhos e tem um corte bem ao estilo “mauricinho”.

Ele tem um rosto másculo, meio quadrado e um sorriso muito branco e de dentes perfeitos. O melhor de tudo, não fede a fumaça de charuto. Ao contrário, o cheiro dele é inebriante. Se não fosse um idiota, ficaria mais tempo perto dele, só para sentir esse cheiro bom. Certeza que ele é o homem mais bonito e mais *sexy* aqui presente.

— Ah, que legal! Parabéns então, pelo seu gosto por mulheres. Agora se o senhor me der licença, eu preciso ir trabalhar. – Coloco a bolsa de mão embaixo do braço e procuro com os olhos um lugar para me esconder.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não, espera! – ele me segura pelo braço.

— Me solta, por favor – digo entre os dentes.

— Só me diz seu nome, por favor... você está trabalhando aqui mesmo? Você trabalha para o Ed?

“Merda!” Eu não poderia ter dito que estava trabalhando. O Ed me disse para ser discreta, ninguém poderia desconfiar de nada.

— Quem é Ed? – finjo demência.

— Deixa *pra* lá... mas o que você faz aqui hoje?

— Já disse, eu estou trabalhando! Sou funcionária de uma empresa que faz controle de qualidade de serviços de *buffet* aqui da cidade. Estava degustando os canapés, para fazer a certificação de qualidade deles.

— Boa sacada! Você é ainda mais inteligente do que eu pensava! – ele sorri de forma sensual.

Percorro o ambiente com os olhos e vejo o Ed no topo da escada. Ele faz um sinal com a cabeça e eu entendo que quer falar comigo. Afasto-me do homem sem me despedir, e subo a escada de vidro em direção ao escritório onde estive momentos

PERIGOSAS ACHERON

antes.

— Pelo visto, você estava se divertindo, não?!
— ele é irônico comigo, logo que entro no escritório.
— O segurança da portaria me avisou que os investidores que estou aguardando acabaram de chegar. Assim que eu os cumprimentar você deve colar neles. Finja que não entende o que falam. Eles devem se sentir à vontade perto de você, para falarem o que quiserem. Diferente de como eles costumam ficar perto de mim. Entendido?

— Sim senhor! — faço uma continência militar, levando a mão à testa. — Mas que tipo de informação você espera deles? Poderia ser mais específico, para que eu ficar atenta?

— Sei que eles tiveram uma reunião hoje, e provavelmente, já escolheram uma empresa que será a captadora dos investimentos externos. Eu preciso dessa informação antes que ela seja anunciada na segunda-feira.

— Entendi. Você quer ter acesso a uma informação privilegiada?

— Isso mesmo, garota! Mas eu preciso contar com a sua competência e, principalmente, com a

sua descrição. Afinal de contas... você foi muito bem paga para isso. Não foi?

— É verdade.

— Assim que você tiver a informação, dá um jeito de sinalizar para mim, que eu te libero *pra* ir embora. Meu motorista vai te levar em casa.

— Mas e a Andy? Eu não a vi mais aqui.

— Esquece a Andy, ela está em outra missão muito importante também. Vocês estão parecendo as minhas Panteras. O que acha da ideia, *hein* Bris?

— *Tô* fora! – respondo quando já estou prestes a abrir a porta e sair do escritório.

Assim que os gringos entram no salão, o Ed se aproxima deles. Não é difícil identificá-los, por conta da cor da pele, dos cabelos louros e olhos claros. Eles estão em três e parecem muito mais interessados nas belas garotas que os rodeiam, do que em discutir qualquer assunto relativo aos negócios.

Eles são conduzidos para uma *lounge*, mais afastada dos convidados, onde há várias poltronas confortáveis, com mesas bistrô abarrotadas de bebidas e baldes de gelo, que estão sendo servidas a

PERIGOSAS ACHERON

eles por mim e mais duas funcionárias do buffet. Vez ou outra, finjo dar ordens a elas, para que os homens não desconfiem das minhas reais intenções. O problema é que um deles não tira os olhos de mim e insiste em me tocar o tempo todo, falando coisas constrangedoras, que faço de conta não entender.

Fui muito ingênua em acreditar que esse dinheiro viria fácil às minhas mãos. Só depois de duas longas horas, quando os gringos estão altos pela bebida alcoólica, é que um deles toca no assunto que me interessa.

O mais novo deles comenta que a Embrap Incorparações foi a escolhida para receber os recursos, mas que o recebimento está condicionado ao pagamento de favores para alguns políticos importantes, os quais ele cita os nomes.

De posse da informação, permaneço mais alguns minutos no ambiente para disfarçar, e então procuro o Ed. Ele pede que eu suba até o escritório e o espere lá. Depois de alguns minutos, ele aparece com uma expressão ansiosa.

No final das contas, forneço mais informações do que ele realmente esperava. Antes de chamar o

PERIGOSAS ACHERON

motorista para me levar em casa, ele decide me fazer uma última proposta.

— Bris, sabe aquele homem com quem você estava conversando perto da mesa quando *te* chamei a primeira vez?

— Quem? O deputado André Goulart?

— Sim, ele mesmo. O André é um grande amigo meu. E parece ter ficado muito interessado em você...

— Nem começa, Ed! Já deixei bem claro para você quando cheguei aqui, que não me prestaria a esse papel. E você concordou, então não me venha com propostas indecentes, porque eu não vou aceitar!

— Calma, garota! Não é nenhuma proposta indecente. Como já te falei, André e eu somos amigos de longa data. Ele está passando por um momento muito crítico na vida. A esposa o traiu com o *personal trainer* dela, e ainda por cima foi embora, levando os dois filhos dele. O André está mergulhado na depressão, não sai de casa para nada. A vida dele só se resume a trabalhar... doze... até quatorze horas por dia. Hoje, depois de muita

insistência, consegui fazer com que ele saísse de casa. É a primeira vez, inclusive, que ele vem em uma festa aqui dessa natureza.

— Ele não me pareceu um homem deprimido, e também achei ele bem familiarizado com o ambiente e com a “natureza” do seu evento. — Uso de ironia.

— Engano seu, Bris! O André não é desse tipo de homem que você está pensando. Ele realmente está sofrendo muito. Acho que só está tentando disfarçar. Eu queria te propor dar uma chance a ele.

— Chance? Chance para quê?

— Conversar. Apenas conversar. Meu amigo está precisando de alguém que escute ele, sabia? Coisa que a vadia da ex-mulher nunca fez!

— Ô Ed, você vai me desculpar, mas é para isso que servem os psicólogos. Eu não levo jeito *pra* isso, entendeu? Eu sou estudante de Relações Internacionais, não de Psicologia.

— Eu sei, eu sei, mas você é uma garota inteligente, com senso de humor e foi a única aqui nessa festa abarrotada de mulheres incríveis, que conseguiu chamar a atenção dele. Eu prometo a

você que vou te recompensar muito bem, se concordar em dar uma chance para o meu amigo. Apenas mais uma horinha, contada no relógio. O que você acha?

— Esse recompensar muito bem é quanto, traduzindo em reais? —Sinto-me uma mercenária por essa fala, mas na atual conjuntura, ando topando qualquer negócio que me garanta um mês de comida — menos me prostituir, roubar e matar, é claro!

Ed enfia novamente a mão no bolso interno no blazer e começa a tirar as notas azuis. Enquanto ele as coloca na mesa, conto mentalmente as dez notas.

— Mil reais. *Tá bom pra* você?

— Se for só para conversar e durante uma hora, *pra* mim está ótimo.

— Então fechamos! Agora são três e quinze da manhã. — ele olha para o relógio caríssimo no pulso. — Às quatro e quinze, a senhorita estará liberada, conforme o combinado. Só tem um detalhe... em hipótese alguma, o André pode saber que você foi paga para conversar com ele. Meu amigo ficaria ainda mais arrasado.

— Fica tranquilo! Ele não vai saber.

Quando volto para o salão, o deputado deprimido está sozinho e no mesmo lugar onde conversávamos horas antes, na mesa do *buffet*. Chego de forma despretensiosa e começo a comer outros tipos de canapés que ainda não havia experimentado.

— E então, senhora controladora da qualidade do buffet, o que me diz desses canapés? – ele sorri.

— Nota dez! Os melhores que já comi. – Sorrio de volta.

— Só não sei como você consegue manter essa forma esguia e perfeita, comendo o tanto que você come.

— Ah não, mas eu só como assim quando estou no trabalho, em casa faço jejum a semana inteira.

— Hum... isso explica muita coisa. A minha dúvida é se você já está terminando o seu trabalho por aqui. Para ser bem sincero, estou achando esse ambiente um pouco pesado. Não combina com você, que parece ser uma garota tão angelical.

— Eu tenho que concordar com você, esse

PERIGOSAS ACHERON

lugar não tem nada a ver comigo!

— Eu sei. Também não combina comigo. Só estou aqui até agora, porque queria te oferecer uma carona até sua casa. Ou você está de carro? Fiquei preocupado de ir embora e deixar você aqui nesse covil de lobos.

— Nossa! É mesmo? – fico surpresa com sua fala.

— Sim, é verdade.

— Bom, nesse caso... acho que vou ser obrigada a aceitar sua carona. — Brinco.

— Será um prazer, dona pimentinha. – Ele segura minha mão de forma delicada e sensível. Nem parece aquele homem arrogante e metido a galanteador que tentou me cantar algumas horas atrás. — Mas só se você prometer que vai me falar seu nome verdadeiro.

— Eu prometo que assim que sair dessa casa, te falo meu nome.

— Ok. Então vamos?

— Vamos!

Saio da casa em companhia do André, sem dar

nenhuma satisfação ao Ed. O combinado era conversar durante uma hora. Considerando que nós já conversamos dez minutos e que o trajeto até minha casa deve durar mais cinquenta, eu terei cumprido minha missão, que já foi devidamente paga.

No estacionamento, André faz questão de abrir a porta do lado do passageiro, para que eu entre em seu lindo BMW branco, nada discreto. Ele pergunta qual tipo de música gosto. Respondo que sou fã de *pop rock* internacional. Quando começa a tocar uma canção conhecida, relaxo um pouco e canto, balançando-me distraidamente no banco do passageiro, enquanto o motorista dá risadas.

Em poucos minutos já me sinto à vontade perto dele, para falar meu nome e a minha história em Brasília. Conto sobre o meu sonho de me tornar diplomata e os perrengues que tenho passado para me manter na faculdade.

Falo sem parar, e até comento sobre a tragédia que foi minha última entrevista de emprego, e o motivo pelo qual aceitei a oferta do Ed para trabalhar como intérprete no evento dessa noite.

— Você já saiu para passear aqui em Brasília,
PERIGOSAS ACHERON

Briseida?

— Pode me chamar de Bris. — Eu sorrio. — Não, eu mal conheço a cidade. Minha vida se resume a ir de casa para a faculdade e da faculdade para casa.

— Você se importaria se eu te levasse para ver o sol nascer em um lugar muito bonito?

— Que lugar?

— Na ponte JK, não fica longe daqui. Te prometo que vai ser uma experiência incrível ver o sol nascer às margens do lago Paranoá.

— Hum... deixa eu pensar... — esfrego o polegar e indicador no queixo. — *Tá* bom, eu queria mesmo conhecer o lago Paranoá. Melhor que seja em uma boa companhia feito a sua. — Sorrio novamente para ele, que em resposta, toca meu rosto com o dorso da mão. O toque, aparentemente inocente, desperta em mim, algo diferente, um gelo no estômago, que é apavorante, mas delicioso.

Durante a madrugada, a cidade está pouco movimentada. Nem parece aquela Brasília dos noticiários da televisão. Nós permanecemos um

longo tempo conversando dentro do carro às margens do lago, enquanto ele confirma a história que o Ed já havia me contado. A esposa decidiu se separar dele para ficar com outro homem, e como se não bastasse, ainda o afastou dos dois filhos gêmeos de dez anos.

O deputado fala com tanto pesar sobre o fim do casamento, que os meus olhos ficam rasos d'água. Tenho vontade de abraçar esse homem e oferecer a ele um pouco de consolo. Fico arrependida por ter aceitado o dinheiro do Ed. André está sendo tão legal comigo, que eu nem precisaria receber por isso.

Sinto-me envergonhada, por ter me comportado como uma mercenária que só pensa em “dinheiro”, dinheiro”, dinheiro”!

— Te dou um real pelos seus pensamentos! — ele toca meu queixo de leve e aproxima o rosto do meu. Está tão perto, que consigo sentir sua respiração quente.

— Tem coisas que é melhor a gente nem saber... deixa *pra* lá...

— O que foi que te entristeceu? Está com

PERIGOSAS NACIONAIS

saudades do namorado que deixou na sua cidade?

— Eu não tenho namorado e não deixei ninguém em Anápolis, além da minha mãe.

— Eu não acredito.

— No quê?

— Que você não tenha namorado. É impossível que uma moça tão linda, inteligente e espirituosa como você não tenha namorado. Meu Deus! O que está acontecendo com os rapazes dessa geração?! — André cobre o rosto com ambas as mãos, fazendo uma expressão de incredulidade.

— Por que você diz isso? — pergunto entre risadas.

— No meu tempo, você não estaria sozinha, Briseida. Provavelmente eu já teria pedido a sua mão em casamento, à sua mãe.

— Imagina! — não consigo parar de rir. — No seu tempo... em que ano você nasceu, *hein*?!

— Eu sou um homem do século passado.

— Engraçadinho! Mas qual é a sua idade?

— Eu tenho quarenta anos, e você? Quantos aninhos tem?

PERIGOSAS ACHERON

— Dezoito.

— Uau! Eu tenho idade para ser seu pai... — ele suspira triste.

— Mas não é...

— Briseida, Briseida... não fala assim comigo. Eu estou me segurando para não roubar um beijo seu. Essa sua boca linda está me provocando desde o primeiro momento em que pus os olhos nela.

Sinto aquele gelo no estômago aumentando. Meu corpo todo se arrepia com o toque macio da mão dele subindo pelo meu pescoço. Quando aproximo meu rosto do dele, já estou com a boca aberta e ele me beija. É um beijo suave, calmo, quente e gostoso. Tão diferente daqueles beijos desajeitados da minha adolescência.

Esse homem sabe exatamente como posicionar sua língua dentro da minha boca, e ele faz de um jeito sensual, que me faz estremecer. Quando André abandona meus lábios para morder meu queixo e minha orelha, a sensação é semelhante a de cócegas, só que muito mais gostosa.

Nunca senti nada igual. Sei que o beijo e o toque dele poderão me fazer esquecer aquela

experiência horrível com Ernesto. Esse é o motivo para que eu não o impeça de acariciar meus seios, por cima da roupa.

Minha consciência me diz que eu não deveria fazer isso com um estranho, mas meu corpo implora para que ele continue. Ele desce uma das mãos em direção aos meus joelhos, e na sequência sobe por debaixo do vestido.

A mão vem devagar, indecisa, relutante, até se aproximar daquela parte do meu corpo, que pulsa como um segundo coração.

Eu me rendo diante de suas carícias, assim que ele usa o dedo para acariciar minha fonte do prazer. “Caramba! Por que eu nunca fiz isso antes?” Sinto uma progressão nas sensações, e quando penso que vou explodir de prazer, ele para.

— Acho melhor a gente sair daqui, princesa. Não posso correr o risco de ser fotografado por algum *paparazzi*.

— É sério isso?! – pergunto frustrada.

— Nunca se sabe, garota. Sou um homem público.

— Ok, então você vai me levar para casa

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

agora?

— Não era bem *pra* sua casa que eu *tava* pensando...

— Deixa eu adivinhar... agora você vai me convidar para um lugar mais tranquilo, *pra* gente ficar mais à vontade e vai me levar para um motel, não é mesmo?

— O quê?! Claro que não! Você não é o tipo de garota que eu levaria para o motel, princesa! Você é o tipo de garota que eu levaria na casa dos meus pais para um almoço de domingo.

— Ficou louco? Você nem me conhece.

— Eu não costumo me enganar com as pessoas, você é uma moça diferente. Mas... – ele faz uma pausa demorada... – considerando que domingo é só amanhã e que os meus pais moram no interior de São Paulo, por hoje, gostaria de te convidar para tomar café da manhã no meu apartamento, o que acha?

— Você mora sozinho? – pergunto indecisa.

— Sim, moro em um *apart* hotel aqui bem próximo. Posso preparar um café bem forte para você.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Tá bom! Mas só vou pelo café, *hein!* — brinco, e ele sorri vitorioso.

Vinte minutos depois nós entramos na portaria do apart hotel. É muito cedo ainda, por isso quase não há movimentação de hóspedes no local. Estamos sozinhos no elevador, quando ele puxa seu corpo contra o meu, fazendo reacender aquele fogo que me consumia momentos antes no carro.

— Adoro a textura da sua pele, seu cheiro, seu gosto... adoro tudo em você! — ele sussurra ao meu ouvido, enquanto mordisca minhas orelhas.

Não consigo raciocinar direito. O contato é tão gostoso, viciante, eu diria. Só quero que ele me toque de novo, como fez dentro do carro. Preciso experimentar aquela sensação incrível outra vez.

Assim que entramos no apartamento, já estamos grudados um no outro e André me conduz até seu quarto, deixando-me cair na cama, quase sem forças.

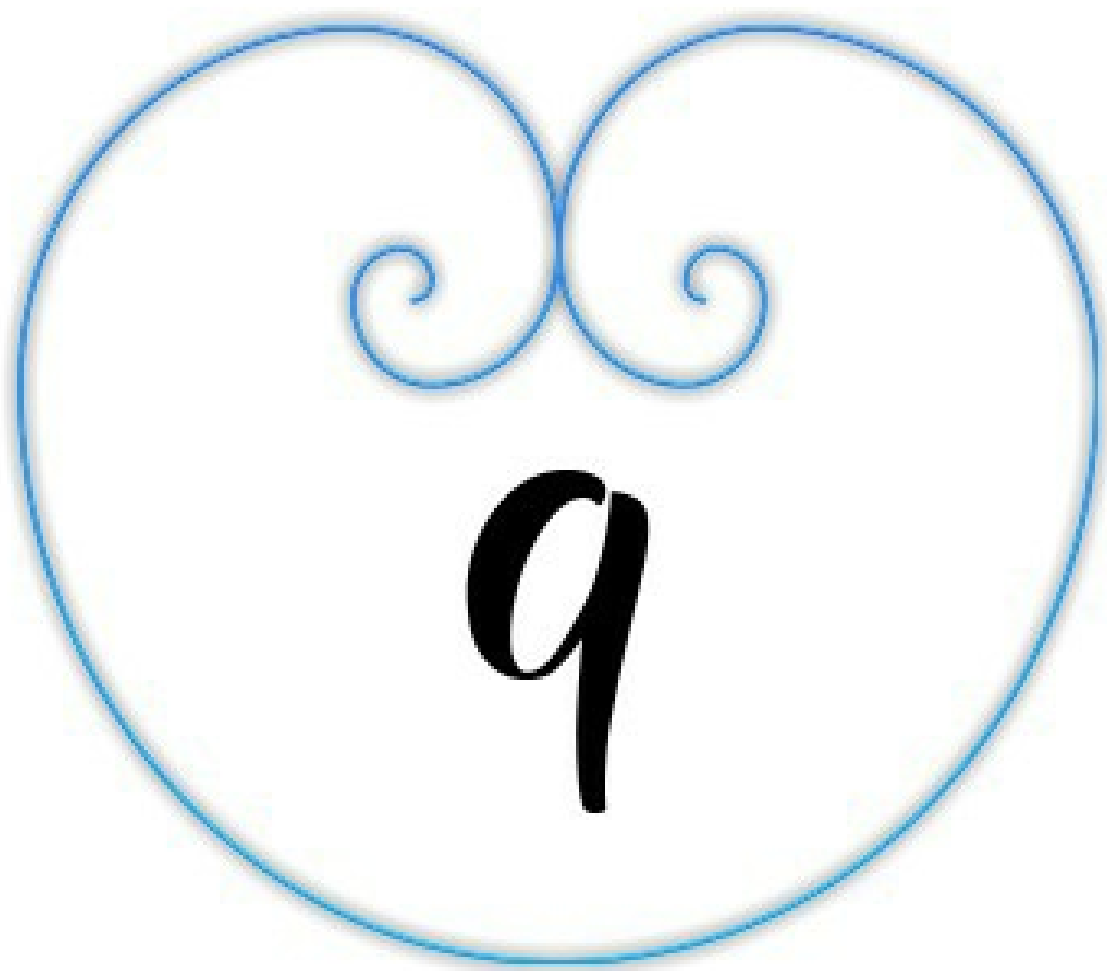
— Você já fez isso antes, princesa? — ele ainda se certifica.

— Só uma vez — respondo sem graça. Não quero pensar naquela outra experiência. Não agora!

PERIGOSAS ACHERON

— Fica tranquila, porque eu vou ser bem cuidadoso com você, minha princesa linda!

É impossível não sorrir. Fecho os olhos e penso que valeu à pena esperar por este homem. Assim que ele me despe, entrego-me de corpo e alma.



Acredito que este seja o primeiro domingo que passo em Brasília, no qual eu não me sinta deprimida. Meu final de semana foi surpreendente. Não esperava encontrar um *gentleman* em um lugar

tão inusitado. Sinto que estou andando sobre as nuvens. As cenas do que vivi com o André, ontem de manhã, ficam se repetindo na minha cabeça.

Não consigo parar de rir sozinha.

Ontem, depois que fizemos amor, ele foi capaz de me propor uma viagem inesperada para a casa dos pais dele:

— *Princesa, eu tenho um voo para São Paulo daqui duas horas. Quer vir comigo?*

— *Ficou louco?! – comecei a rir. — Eu não posso ser apresentada para os seus pais assim! Nós nos conhecemos a menos de doze horas.*

— *Fiquei sim, fiquei louco assim que coloquei os olhos em você, coisa linda!*

Cerca de uma hora depois, ele me deixou em casa e seguiu para o aeroporto, levando junto meu coração. Prometeu que voltaria na terça-feira. Desde então, tenho contado até os segundos.

Confesso que esperei uma ligação dele ontem à noite, ou hoje durante o dia, mas ele não ligou. De certo, está fazendo algum joguinho para aumentar minha ansiedade. Fiquei tão atordoada com a forma rápida com que as coisas aconteceram, PERIGOSAS ACHERON

que me esqueci de pegar o número de telefone dele.

Estou tão perdida dentro dos pensamentos, que me assusto quando a porta do quarto se abre. É a Dani, chegando da casa dos pais.

— Oi amor! *Tava* com saudades de mim? Trouxe uma marmitona *pra* você com lasanha que a minha mãe fez hoje no almoço. Está divina! Deixei na geladeira.

— Ah... obrigada, Dani! Mas eu estou sem fome hoje. — Continuo deitada na cama, contemplando o nada.

— *Tá* tudo bem com você? — ela franze o cenho. — Briseida sem fome é algo que eu não consigo imaginar!

— Está tudo ma-ra-vi-lho-sa-men-te bem! — meu riso é incontável.

— O quê?! Ah sua safada! Vai me contar tudo. Tu-di-nho! Esse riso bobo aí na sua cara não me engana! Conheceu alguém, não foi?

— Alguém não, Dani. Conheci o “homem” da minha vida — falo empolgada.

— Desembucha logo, Bris! Quero saber tudo,

até dos detalhes mais sujos e pervertidos. — Ela se joga na minha pequena cama, e eu me afasto um pouco, para que caibamos as duas.

Falo para a Dani sobre o contato da Andressa, omitindo, é claro, o fato de ela ser uma garota de programa. Conto como conheci o André, falo sobre a carona, sobre a nossa conversa maravilhosa às margens do lago Paranoá, e a experiência incrível que tive no apartamento dele, que me deixou vendo estrelas o fim de semana inteiro.

— Até que enfim! Vou até acender uma vela para Santo Antônio em agradecimento! Não via a hora de você desencalhar e abandonar um pouco esses seus estudos para curtir a vida. Você só tem dezoito anos, Bris! Tem muita coisa boa para conhecer ainda, muitos *boys* maravilhosos para te deixar com frio na barriga.

— Mas eu não quero conhecer nenhum outro boy! Eu já encontrei o homem da minha vida.

— *Tá!* Esse cara deve ser *muuuuito* bom de cama mesmo! — ela dá uma gargalhada. — Mas como eu disse, você só tem dezoito anos e ele tem quarenta. Não vai se amarrar cedo assim, garota. Você terá transas muito melhores que essa, com

PERIGOSAS ACHERON

certeza!

— Dani, não foi “transa” como você falou. Nós fizemos amor. Foi diferente, foi mágico... foi...

— Bris, ninguém faz amor com alguém que acabou de conhecer, amiga! O nome disso é sexo casual, e acredite, é bom mesmo. Quer dizer... às vezes, porque já saí com cada *boy* lixo, que não gosto nem de lembrar! Deus me livre!

— Você acredita em almas gêmeas? — pergunto repentinamente. Minha amiga leva um susto, mas depois cai na risada.

— Bris, você é 8/80! Uma hora você *tá* enfiada nos livros, sem querer conhecer ninguém e dando fora em tudo quanto é gato da faculdade. Aí você sai com o primeiro cara da sua vida e já acha que é sua alma gêmea? Menos, amiga! Olha, eu só tenho dois anos a mais que você, mas sou mais experiente quando o assunto é homem. Vai por mim, não se joga dessa forma não, que é *pra* não quebrar a cara. *Carpe Diem*, amiga, “Aproveite o dia”!

— Você acha que eu posso quebrar a cara com o André?!

— Não sei. Não tem como saber. Seria ótimo, se quando a gente conhecesse um boy tipo maravilha, aparecesse um anjo no nosso ouvido e avisasse: sai fora que é cilada! Esse aí vai te meter o chifre, vai dar em cima da sua irmã, vai engravidar a ex-namorada, vai te bater, vai controlar sua vida.

— Mesmo que isso acontecesse, acho que a gente não acreditaria no anjo! — nós duas caímos na gargalhada.

— Pior que não. Às vezes, esse anjo vem disfarçado na forma de um amigo, que nos dá conselhos, mas a gente simplesmente ignora, porque quer acreditar que com a gente vai ser diferente. Sabe, Bris... eu não quero parecer aquela amiga invejosa que desdenha de tudo, mas... — ela faz uma pausa. — Ah! Deixa *pra* lá!

— Deixa pra lá, não! Começou vai terminar — falo, aflita.

— Eu não quero agourar o seu relacionamento que está só começando, mas seria bom você ter um pouco de cautela com esse cara. Ele é bem mais velho que você, e além de tudo, é político. Se tem uma raça nesse mundo que a gente não pode

PERIGOSAS ACHERON

confiar, é do tal de político. Eles conseguem mentir e iludir as pessoas com uma facilidade incrível, como se fossem desprovidos de sentimentos.

— O André não é assim, ele é diferente, amiga. Eu juro que é!

— Eu espero mesmo que seja, porque se ele magoar seu coração, eu juro que corto as bolas dele! Por falar nisso... qual é mesmo o sobrenome dele? Deixa eu procurar aqui no Facebook, quero ver a foto desse tal senhor “maravilhoso”. – Ela fala em tom de deboche.

Minha amiga abre o meu notebook que está na mesinha ao lado da cama. Fico empolgadíssima com a possibilidade de ver uma foto do André. Tenho medo de me esquecer da fisionomia dele.

Não tenho redes sociais há mais de dois anos, desde quando tive que excluir tudo, por conta da encrenca em que me meti, mas ainda bem que a Dani está aqui para me salvar. Se encontrar uma foto dele, vou colocar como papel de parede do meu notebook.

— Bris... você disse André Goulart?! – a voz da minha amiga fica séria.

— Sim, André Goulart. Achou alguma coisa?

— Ela vira a tela para me mostrar uma página do Facebook, em que o André aparece abraçado a uma mulher loira e mais dois meninos idênticos, em uma mesa de almoço bem bonita. Na legenda da foto está escrito: Domingo com eles. Família, meu presente de Deus.

Sinto meu sangue congelar nas veias. A sensação é de que parei de respirar, meu coração parou de bater e eu vou cair dura no chão a qualquer momento.

— Bris... — Dani parece tão chocada quanto eu. — Você não disse que a mulher abandonou ele e levou os filhos gêmeos embora? Essa foto é de hoje, ela foi postada na hora do almoço, olha aqui!

Eu não consigo responder. Um nó se forma em minha garganta e acho que vou morrer sufocada. Minha amiga entende o desespero e me abraça. O abraço dela é tão forte, que sinto como se Dani tentasse fazer aquele sentimento horrível saltar para fora do meu peito, como se fosse um pedaço de carne que tivesse me engasgado.

— Não fica assim, Bris... — ela fala, enquanto

PERIGOSAS NACIONAIS

solução alto, em uma crise de choro. — Foi bom, não foi?! Então concentra só nisso. Você aproveitou, ele também, e agora é bola *pra* frente, vida que segue! Como te falei antes, você ainda vai conhecer outros homens maravilhosos. E um dia, quem sabe, se Deus for muito bom com você, vai colocar no seu caminho o homem certo. Aquele que realmente vai ser diferente de todos que você já conheceu nessa vida. Aí você vai querer deixar todos os outros para ficar só com ele, mas... até encontramos esse homem certo... nós vamos nos divertindo com os errados. — Mesmo soluçando, ainda dou uma risada, pela forma como a Dani encara a vida.

Minha amiga tem razão. Agora, é vida que segue!



A semana não começa nada bem. Estou com uma tremenda ressaca moral. Em questão de quarenta e oito horas eu saí da terra, subi aos céus, para logo em seguida descer ao inferno, de voo rasante.

PERIGOSAS ACHERON

Nem acredito que fui enganada por um homem casado. Aquele pilantra foi tão maravilhoso e delicado comigo. Como pode?

Para ele, deve ter sido bem fácil, afinal de contas, sou uma garota do interior, inexperiente e criada na barra da saia da mãe. E o que é ainda pior: sou romântica incurável, do tipo que acredita em príncipe encantado. Adoro romances, e sonho em conhecer um homem encantador como os que existem nos livros, alguém tipo o Mr. Darcy.

Sempre tive expectativas muito altas em relação ao sexo oposto. Esse é o principal motivo para que eu não me interesse pelos meus colegas de faculdade. As conversas dos rapazes da minha idade são banais e desprovidas de conteúdo.

Eles parecem tão machistas, referindo-se às mulheres como itens de luxo, comparáveis a carros e a outros bens materiais. Eu esperava encontrar alguém que fosse diferente, e que me tratasse de uma forma especial, exatamente como o André fez.

Bom, mas hoje é segunda-feira, e assim como o personagem Cérebro, do desenho Pink e Cérebro, eu ainda preciso dominar o mundo. Então só me resta jogar esse edredom para o lado e levantar

PERIGOSAS ACHERON

dessa cama.

Tomo um banho rápido e um café da manhã reforçado, como há muito tempo não fazia, antes de ir para a aula. Aquele dinheiro que ganhei na casa do Ed vai me ajudar por uns bons dias. Vou poder fazer refeições decentes e não virar uma magricela desnutrida.

É claro que me refiro ao dinheiro que ganhei como intérprete/espiã, não aos mil reais que Ed me pagou para conversar com o André. Assim que cheguei em casa no sábado, coloquei o dinheiro em um envelope.

Hoje vou ligar para Andy e pedir que ela devolva ao patrão. Prefiro procurar outras formas de trabalho, que não me deixem de ressaca moral e com crise de consciência. No horário do almoço, Andy me encontra em um restaurante próximo do Campus.

— Oi, gatíssima! Soube que você se deu muito bem no sábado, quem diria *hein*, Bris? Você é bem sonsa, do tipo que se finge de morta só *pra* comer o coveiro! — ela solta a gargalhada, que é sua marca registrada.

— Nem tanto quanto você, Andy, pode ter certeza!

— E então, pronta para o próximo evento?

— Não, definitivamente, eu não quero mais trabalhar em eventos daquele tipo do sábado. Desculpa a sinceridade, mas eu não nasci para isso... eu só pedi *pra* te encontrar porque quero que você devolva isso aqui para o Ed. — Passo o envelope pardo às mãos dela. — Basta dizer que eu desisti de cumprir a última missão que ele me confiou, e por isso estou devolvendo o que é dele.

— Uau! Quanto mistério... quer me contar o que aconteceu?

— Não, não quero mais falar disso. Só faz esse favor *pra* mim, tá bom? Quanto ao seu segredinho, pode ficar tranquila que não contei para ninguém, nem para a Dani e também não pretendo contar.

— Assim que se fala, garota! *Tô* gostando de ver. Mas quando a coisa apertar de novo *pra* você, é só me ligar! Como diz a minha mãe: “*a barriga dói não é só uma vez*”, viu Bris?!

— Eu espero não precisar, mas em todo caso,

obrigada pela ajuda. Valeu! A gente se vê por aí!

— Tá bom, gata! É claro que a gente se vê por aí. — Ela se aproxima de mim e beija minha boca, de súbito.

— Você é louca! – quase grito.

— E você é uma delícia!



É terça-feira e o Don Juan do Planalto Central resolveu dar o ar de sua graça, depois de dois dias em silêncio absoluto. É óbvio que eu não respondi às mensagens e nem atendi as ligações. Elas começaram espaçadas, mas depois ele deve ter percebido que eu não queria mesmo atendê-lo e começou a ligar insistentemente.

Vontade eu tenho de atendê-lo e sugerir que ela vá para um lugar bem interessante, mas ignorar ainda parece ser a melhor tática. Vou deixá-lo acreditar que foi só mais uma transa de final de semana, assim como eu pareço ter sido para ele.

— Desgraçado! – digo entre os dentes, assim que o vejo parado na portaria do meu prédio,
PERIGOSAS ACHERON

quando retorno da aula. Tento abaixar a cabeça, mas de longe, ele me enxerga e vem na minha direção com aquele sorriso de propaganda de creme dental.

— Oi, princesa! *Tava* morrendo de saudade! — ele tenta me beijar, mas faço um movimento de braço para impedi-lo.

— Fica longe de mim, André. O que você está fazendo aqui?

— Eu vim te ver, meu anjo, eu prometi que voltava na terça-feira, não prometi? Estou te ligando o dia todo, imaginei que você tivesse esquecido o celular em casa, porque não atendeu nenhuma das minhas ligações, nem respondeu minhas mensagens.

— Não, eu não esqueci. Eu só não quis atender suas ligações. A gente não tem mais nada para falar um ao outro.

— O que *tá* acontecendo, Briseida? Que comportamento mais imaturo é esse? Nós tivemos um lance muito gostoso no sábado, *tava* tudo bem entre a gente até eu deixar você aqui na sua casa, e agora você me recebe com sete pedras na mão?

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu não quero mais te ver, André! Nunca mais! Fica longe de mim!

— Não fico não! – ele segura meu braço com força e aperta os dedos. — Você vai me contar o que está acontecendo. Eu não saio daqui até você me falar o motivo de estar agindo feito uma louca.

— Uma louca?! Você quer que eu aja como uma louca? Eu posso gritar agora aos quatro ventos que você é um homem casado, que no sábado levou uma garota com metade da sua idade para a cama, e no domingo estava posando de bom marido e pai exemplar, em um almoço de família.

— Shihhhh! – ele põe o dedo indicador à frente dos lábios, pedindo que eu faça silêncio. — Que história é essa de que eu estava pagando de bom marido? Eu nem estou mais casado.

— Cínico! Eu estou falando da foto que você postou no Facebook domingo, do almoço com sua esposa e seus dois filhos.

— Facebook? Mas você me disse que não tinha nenhuma rede social, como você viu postagem de Facebook?

— Eu vi na conta de uma amiga. E quer saber?

PERIGOSAS ACHERON

A Dani tem razão, eu não deveria mesmo ter confiado em você. O simples fato de ser um político, já é indício de que você não presta.

— Princesa, não fala besteira! Eu não tenho Facebook, quer dizer, eu não tenho conta pessoal. Aquela conta é profissional, nem é gerenciada por mim. Eu tenho uma assessoria que toma conta da minha imagem em redes sociais. Todas as postagens são feitas por essa assessoria, que utiliza um arquivo de fotos antigas. Nós estamos em ano eleitoral, e eu não posso anunciar um divórcio agora, porque seria um escândalo. Faltam poucos meses para eu me candidatar à reeleição. Sou membro de um partido altamente conservador e que defende a família. Não tem como eu aparecer na imprensa como o cara que levou chifre da mulher, entendeu? Isso acabaria com minha imagem. Eu já perdi minha família, agora não posso perder minha carreira. Ainda tenho uma missão para cumprir, muita gente que preciso ajudar. Sou um entusiasta, Briseida, não sou um político sujo, corrupto e mentiroso, como a sua amiga mencionou. Talvez ela tenha convivido demais com homens inescrupulosos, e por isso, fica enchendo a sua cabeça de asneiras. Eu não sou assim. Você esteve

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

comigo num momento de intimidade mais profunda, e sabe que eu não sou assim. Olha *pra* mim, princesa! Por favor, entenda minha situação! – ele faz aquela cara de choro outra vez.

— Eu não sei, estou confusa...

— Eu te entendo, mas não vamos ficar aqui na portaria do prédio, vamos comigo lá *pra* casa, *pra* gente conversar melhor. Quero te explicar em detalhes como está a minha vida, para que você não pense mal de mim. Por favor, vem comigo!

— Está bem, mas... eu não posso demorar a voltar porque tenho que estudar ainda hoje.

— Tudo bem, eu te trago de volta daqui a pouco, sã e salva, prometo!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

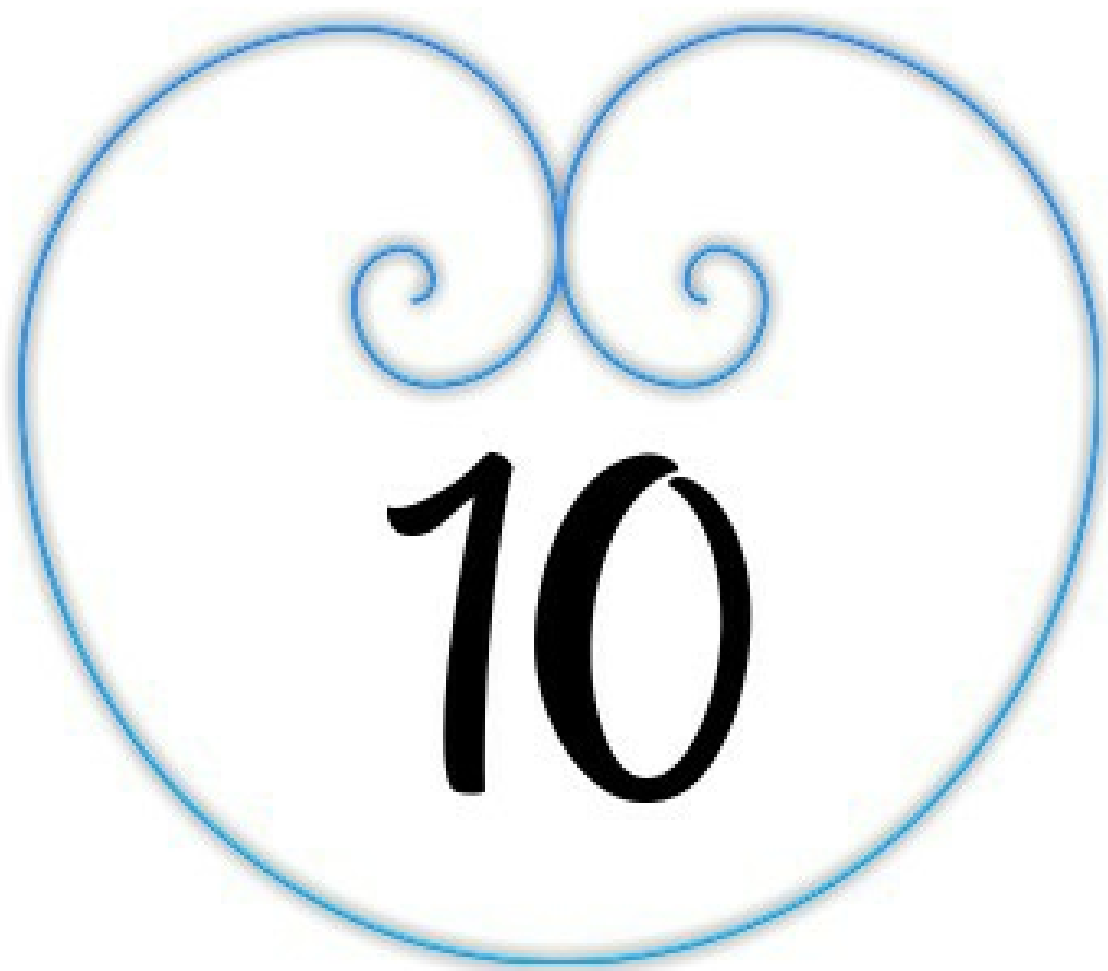
Parte
Três

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Três anos e meio depois...

PERIGOSAS ACHERON



Briseida

— *Se arruma*, porque você vai me acompanhar *numa* reunião hoje à noite – diz, lançando a maleta no chão e se jogando no sofá. — Aproveita e prepara um *cowboy* duplo *pra* mim.

— *Tá* bom! Mas que tipo de reunião? Você nunca quer ser visto comigo em público. Estou até espantada com esse convite repentino.

— Não é um convite, Briseida! Estou te dando uma ordem.

— E eu só estou te questionando, porque gostaria de saber qual tipo de roupa usar nessa reunião.

— Qualquer uma, pode ser uma daquelas roupas de vagabunda que você gostava de usar, antes de namorar comigo.

— Eu nunca fui vagabunda, André. – Fico com muita raiva, todas as vezes em que ele fala assim comigo. E digo “todas às vezes”, porque é muito comum ele se referir a mim com termos iguais a esse.

— Ah, sim! Eu tinha me esquecido, querida Briseida! Eu fui seu segundo homem, não fui? Deixa de ser ridícula! Você acha mesmo que eu

acreditei naquela sua balela? Toda mulher mente dessa forma. A vaca dá mais do que chuchu na telha e *pra* cada homem com quem ela trepa, diz a mesma coisa: “você foi o segundo” – ele usa um tom de voz irritante, imitando uma voz feminina e faz cara de deboche.

Nesses últimos três anos e meio de convivência com o André, aprendi que existem coisas que é melhor nem refutar. É um desgaste desnecessário. Por isso, eu respiro fundo e me calo. Vou até o barzinho preparar o uísque dele.

Fico me perguntando quando foi que aquele príncipe encantado se transformou nesse cavalo que está deitado no sofá.

Talvez ele sempre tenha sido assim, mas eu não quis enxergar, apesar de todos os avisos que recebi das minhas amigas. Hoje, sequer tenho amigas, André me separou de todas elas. Amigos, nem se fala, eu mal posso cumprimentar um homem, que já vem a enxurrada de xingamentos.

Alguns meses depois que eu já estava morando neste apartamento, foi que descobri que a história do abandono da esposa era uma grande mentira dele e do Ed. André fez uma aposta com o

PERIGOSAS ACHERON

Ed de que me levaria para a cama na mesma noite em que me conheceu, por isso deu mil reais para o amigo, para que ele me oferecesse em troca de uma hora de conversa.

A Briseida toupeira caiu na lábria do homem gostoso, e fez com que ele ganhasse a aposta de dois mil reais com o Ed. Na nossa primeira briga, André me jogou na cara que eu era “puta” porque tinha ido para a cama com ele em troca de mil reais.

A Andy afanou o dinheiro e ele nunca chegou às mãos do Ed, esse fato também nunca chegou ao conhecimento do André. Tentei explicar dezenas de vezes, que não fiz aquilo por dinheiro, mas ele não acredita.

Decidi assumir o papel de funcionária dele, que por sinal, é muito bem paga, como ele gosta de jogar na minha cara. Todo mês, a Emily, uma das assessoras do André, vem até o meu apartamento e me entrega um envelope com meu salário.

Quatro mil reais, livres de qualquer despesa, porque moro em um apartamento confortável de dois quartos, que foi alugado por ela, em um condomínio de classe média aqui de Brasília.

Nunca perguntei de onde vem esse dinheiro.

Despesas de água, luz, telefone, nunca fizeram parte da minha lista de preocupações, desde que estou com André. É Emily que se encarrega de todas elas, inclusive, de me repassar o cartão corporativo do deputado.

Eu também tenho um carro, que foi comprado direto da concessionária, em nome da assessora. Não é um carrão como o que ele tem, mas para mim é suficiente para eu me deslocar até a faculdade e para visitar minha mãe em Anápolis, aos finais de semana.

Eu me tornei uma prostituta particular. Não tenho orgulho da minha condição, e não há um único dia da minha vida, que eu não olhe para o espelho e chore diante da imagem daquela garota que deveria ter um destino extraordinário.

Para minha família e para as outras pessoas que conheço, minto que sou assessora do deputado André Goulart, e descrevo várias atribuições importantes que tenho.

Minha mãe, meus tios e meus avós, têm o maior orgulho de mim. Contam para todos os

PERIGOSAS NACIONAIS

conhecidos que eu estudo Relações Internacionais e trabalho para o governo. Ah, se eles soubessem da verdade!

Não dá para acreditar que uma moça inteligente como eu, poderia terminar seus dias dentro de um relacionamento abusivo. Sim, só hoje, depois de quase quatro anos, é que eu consigo me dar conta de que estou em um relacionamento abusivo. Acontece que não tenho forças para sair dele. Ou talvez, eu não queria sair dele, por ser confortável aqui. Sou o sapo sorridente na panela com água fervente.

Há algum tempo, li uma história sobre um sapo que foi colocado em um recipiente com a mesma água de sua lagoa. Ele permaneceu estático durante o tempo em que a água foi sendo aquecida, até que ela ferveu. O sapo não reagiu ao gradual aumento da temperatura, e morreu inchado e sorridente.

É bem possível, que se o sapo tivesse sido jogado no mesmo recipiente com a água já fervendo, ele pularia de imediato para fora da água. O que matou o sapo, não foi a água fervente, mas a sua incapacidade de decidir quando pular fora.

PERIGOSAS ACHERON

Se no nosso primeiro encontro, o André tivesse se mostrado como ele é de verdade, certeza que eu teria pulado fora do relacionamento. Jamais me envolveria com um homem abusador. O problema é que ele chegou de mansinho, oferecendo amor, carinho atenção e uma vida bem confortável. Foi o fim dos dias de macarrão instantâneo e de carência afetiva.

O abuso não começou de início e de uma vez só. Ele veio devagar, sob a forma de zelo, de cuidado. Primeiro ele insistiu para que eu fosse morar sozinha, sem as minhas amigas, para que nós pudéssemos ficar mais à vontade juntos. Eu aceitei. O apartamento era ótimo e eu poderia recebê-lo quando quisesse.

Quando o André mandou instalar câmeras aqui, ele justificou que era para minha segurança, porque Brasília é uma cidade perigosa, e na maior parte do tempo eu estaria sozinha.

A mesma justificativa foi dada para que eu tivesse um rastreador no carro. No meu último aniversário, eu ganhei um celular de última geração, só que ele também tem rastreador, para que o André controle todos os meus passos e

minhas ligações.

É quase uma doença, porque ele me acompanha pela internet quase vinte e quatro horas por dia. Acompanha minha movimentação em casa e fora dela. Até a presença de um entregador de comida, que demora mais tempo na porta esperando o pagamento, é motivo para que ele me ligue, questionando se eu quero “dar” para o cara.

— *Se ao menos eu sonhar que você está dando pra outro cara, eu acabo com você, Briseida! Você está me entendendo?! –* nem sei dizer quantas vezes já ouvi essa ameaça. Depois ele baixa o tom, desculpa-se e diz que me ama demais, e por isso sente tanto ciúme.

Eu tenho que entender que o ciúme é um sentimento totalmente normal quando se ama de verdade. Quer dizer, quando o ciúme é da parte dele, é claro! Porque da minha parte ou é cininha ou é loucura.

Durante algum tempo, acreditei realmente que eu era namorada do André, e que em determinado momento da vida nós iríamos nos casar e constituir uma família. Ele chegou a me prometer que faria a reversão da vasectomia, para que eu pudesse ter

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

todos os filhos que eu sonhasse.

Mentiroso e desgraçado.

André nunca se separou da esposa, e eu tive que aceitar essa condição, se quisesse continuar com ele. Meu lugar na vida dele é só como amante.

Depois de mais ou menos um ano juntos, ele decidiu que estava na hora de darmos um passo a mais na nossa relação.

Não, eu não ganhei um anel da Tiffany e não fui pedida em casamento. Meu namorado decidiu que queria uma terceira pessoa na nossa cama, uma mulher, é óbvio. Diante da minha recusa, ouvi um monte de impropérios.

Demorou algum tempo até ele me convencer que o *ménage a trois* era uma prática comum entre casais e que não havia nada de imoral nisso. Quando perguntei se ele aceitaria um segundo homem na cama, ele ficou tão nervoso, que quase me bateu.

Com o tempo eu cedi. A única margem de escolha que tive, foi de poder decidir quem seria essa pessoa. Foi aí que a Andy entrou na minha vida outra vez.

PERIGOSAS ACHERON

— *O quê, sexo com você?! –* ela quase gritou ao telefone, quando liguei toda constrangida para fazer a proposta. — *É claro que eu topo! Não vou nem cobrar por isso, fica tranquila. Taí uma coisa que faço só pelo prazer!*



Dentro do carro, fico olhando pela janela e pensando sobre a minha vida e o meu futuro. Estou tão introspectiva, que preferiria não ter saído de casa, mas como ele mesmo disse, não foi um convite.

Ficamos o trajeto todo em silêncio. Faz muito tempo que o diálogo deixou de existir entre nós. Tudo que eu falo é motivo para críticas e ofensas, por isso não faço questão de iniciar qualquer conversa. Apenas respondo quando ele me pergunta algo.

Quando nos aproximamos de um portão de ferro grande, eu reconheço de imediato a casa do Ed. A maldita casa do Ed onde eu conheci o André três anos e meio antes.

PERIGOSAS NACIONAIS

— O que a gente está fazendo aqui? — pergunto assustada.

— Viemos para o meu evento, eu já não te falei isso, Briseida? Por que você nunca presta atenção no que eu te falo?

— Você sabia que esse lugar agora é uma casa de *swing*? — respondo com outra pergunta.

— Ah, é mesmo?! E eu quero saber como é que você sabe disso, se eu nunca te trouxe aqui. Por acaso, você anda pulando a cerca, garota?

— É claro que não! Foi a Andy que me contou. Além do mais, seria impossível eu conseguir vir aqui sem que você soubesse. Esqueceu que você controla todos os meus passos?

— Tenho minhas dúvidas, porque mulher é um bicho do cão. Se você trancar uma mulher dentro do armário, ela te trai até com o cabide! — ele solta uma gargalhada idiota.

— Nesse caso, seria melhor você me colocar um cinto de castidade. É a única coisa que está faltando.

— Até que não seria má ideia não, hein, minha gatinha?!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Eu prefiro nem responder. André é um ser humano machista. Para ele, as mulheres existem só para satisfazer às suas necessidade sexuais e aos seus interesses de mostrar para os eleitores, de que ele é um homem honrado.

Falta um ano para as próximas eleições, e ele irá concorrer à reeleição como deputado federal. Nas eleições de 2022, ele acredita que será eleito Presidente do Brasil. Dada a sua alta capacidade em articular alianças com pessoas inescrupulosas, donas do dinheiro e do poder que movem esse país, eu não tenho dúvidas de que ele conseguirá.

Só tenho dúvidas com relação a mim. Será que em 2022 eu terei alcançado o meu objetivo de me tornar diplomata? Ou será que terei de me contentar em ser mais uma das amantes anônimas de presidentes da república?

Desde Dom Pedro II, com a sua Domitila de Castro Canto e Melo, a Marquesa de Santos, o Brasil teve uma série de governantes honrados, defensores da família, e que mantinham suas amantes escondidas. Nem Getúlio Vargas e o adorado Juscelino Kubstichek, o inventor de Brasília, fugiram a essa “regra”.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu só não entendo o que nós viemos fazer aqui. Você tem ciúme até da sua própria sombra, agora vem me trazer em um lugar onde todo mundo faz sexo com todo mundo?

— Eu vim para estabelecer algumas alianças importantes. O Ed convidou um mega empresário de Minas Gerais para estar aqui hoje. Ele é a pessoa que eu preciso para financiar minha campanha. Tenho certeza que você com esse charme todo, pode fazer o velho abrir a carteira. E não adianta fazer essa cara de virgencinha assustada, porque você não é! Esqueceu que foi aqui que eu te conheci? Fui eu quem te tirei dessa zona.

“Desgraçado!” – penso.



Assim que entramos na casa, percebo que ela está bem diferente de anos atrás. A sala grande foi fechada e se tornou uma espécie de boate, com palco, pista de dança com *pole dance* e vários sofás e poltronas, onde as pessoas parecem se sentir muito à vontade.

PERIGOSAS ACHERON

A primeira pessoa que se aproxima de nós é o próprio dono da casa.

— Olha só! Quem resolveu aparecer por aqui. Até que enfim, *hein*, André? Você resolveu trazer a minha pupila de volta. — Ed me cumprimenta com um beijo, enquanto dirige às palavras ao amigo.

— Mas não se empolgue, porque é só hoje. Ela só veio me ajudar com aquela questão que você já sabe. Por falar nisso, o velho já chegou?

— Ainda não, mas o senador França já confirmou que está vindo acompanhado dele.

Diferente de mim, todas as demais pessoas aqui parecem confortáveis nesse ambiente. Não quero ser falsa moralista, mas não era bem isso que esperava da vida. Já disse que sou uma romântica incurável? Do tipo que acredita em almas gêmeas e na monogamia? Quer dizer, pelo menos eu fui, antes de me relacionar com o André.

A pessoa que se aproxima de mim agora, enquanto ele conversa com o Ed, parece vir só para me lembrar de que a monogamia não é algo que faz parte da minha relação atual.

— Oi, gata! *Tava* morrendo de saudades, você

não me ligou mais? Por quê?

— Porque eu só te ligo quando o André faz questão que você esteja presente, será que isso ainda não ficou claro para você, Andy?

— Nossa, desculpa! Se eu soubesse que você mordida, nem tinha pisado no seu rabo... *tá estressadinha tá?* Eu sei o que fazer *pra* te acalmar...

— Vai se foder, Andy! – falo baixinho, já sem paciência.

— É claro! É para isso que nós estamos aqui, não é? – ela gargalha, deixando-me ainda mais nervosa.

Dentro de poucos minutos, o famoso empresário chega na casa. Descubro que o nome dele é Alaor Nunes, dono de um império que construiu sozinho no ramo de atacadista de secos e molhados no interior de Minas. Um homem cuja fortuna já foi destacada na Forbes Brasil. André e Ed são os primeiros a recepcioná-los na porta e começam a conversar coisas sobre política e economia.

Política e economia brasileira são temas que

PERIGOSAS NACIONAIS

fazem parte do meu dia a dia, enquanto estudante de Relações Internacionais. É por isso que em pouco tempo eu me esqueço que sou apenas uma acompanhante de luxo em uma casa de *swing* e começo a conversar com o empresário, como se fossemos iguais.

Fico tão empolgada na conversa, que não noto o desconforto do André, que parece não entender nada do que falamos. Esqueci de mencionar que ele é um ignorante. Apesar de ter curso superior, em minha opinião, continua sendo um analfabeto funcional, porque se julga um cachorro velho que não precisa aprender novos truques.

Na primeira distração do magnata, meu namorado finge me convidar para dançar e me arrasta para a pista, apertando meu braço com tanta força, que as marcas dos dedos ficam evidentes na minha pele.

— André, cuidado! Você está me machucando! — falo baixo para não chamar a atenção.

— É para machucar mesmo, *pra* ver se você deixa de ser idiota!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Idiota, por que? Você não me trouxe aqui para conversar com o homem, e estabelecer um clima de aproximação entre vocês? É o que eu estou fazendo.

— Não, não é o que você *tá* fazendo. Você *tá* é se exibindo para um homem, se achando muita coisa só porque você é uma merda de estudante de Relações Internacionais. Você mal me deixou falar. Preciso botar a mão na grana desse cara, e se você me atrapalhar, eu juro que acabo com você! Está me entendendo, Briseida?

— Sim, me desculpa, não foi minha intenção — respondo, abaixando a cabeça e o tom de voz.

— Agora para de se fazer de vítima! Odeio essa sua postura. Você sempre faz merda e depois posa de vítima! Eu vou voltar lá para a rodada de conversas e você vai ficar sentadinha ali naquela poltrona, até eu te chamar para ir embora. — Ele aponta para uma poltrona única. — E nada de se engraçar com marmanjo nenhum, *tá* me entendendo?!

— Sim, entendi.

— E nem pense em subir para o segundo

PERIGOSAS ACHERON

andar, em hipótese alguma!

— Tudo bem.

Sento-me na poltrona que o André indicou e finjo me distrair mexendo no celular, quando estou mesmo é completamente desnorteada, humilhada. Sinto uma vontade tão grande de chorar, mas chorar muito, até aliviar a dor do meu coração. “Não posso chorar, não posso chorar”.

Nunca posso chorar, pelo menos, não perto do André, porque ele diz que eu gosto de me fazer de vítima.

Não! Eu não gosto de me fazer de vítima e também não gosto de ser vítima. A grande questão, é que eu já estou com a autoestima tão abalada, que sinto não ter forças suficientes para me ver livre dessa relação doentia.

Meia hora depois, ele chega até onde estou, e está com a cara de poucos amigos. Eu imagino que a conversa não deve ter chegado ao resultado esperado por ele.

— Está tudo bem, André? — pergunto apreensiva.

— Não. Não *tá*. O velho quer um momento a
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

sós com você. Lá em cima. — Ele aponta para a escada.

— O quê?! — olho na direção do segundo andar. — Andy já havia me dito que lá existem suítes fechadas e também várias cabines abertas, onde as pessoas podem ser assistidas durante suas práticas. — E o que você disse para ele? Que não, *né?!*

— Ficou louca?! É claro que eu disse sim! Procura a Andy, que ela vai te levar para uma das suítes, onde você vai esperar por ele. E vê se não fala nenhuma besteira. Apenas faça a única coisa boa que você sabe fazer na vida. — Ele sorri de forma irônica. — Tenho certeza que o velho vai ficar satisfeito e vamos evoluir nas nossas negociações.

— André! Pelo amor de Deus, André! Você morre de ciúmes de mim, controla todos os meus passos, acabou de falar que seria uma boa me colocar num cinto de castidade... e agora... e agora está me jogando na cama de outro homem. Que história é essa?!

— Os fins justificam os meios, Briseida. São só negócios.

PERIGOSAS ACHERON

— Eu não vou! – falo séria. — Eu não vou fazer parte dos seus negócios sujos. Não mesmo! Se você for ficar, eu vou chamar um *Uber* e vou embora agora.

— O quê? Como você ousa me dizer não? Depois de tudo que eu já fiz por você nesses últimos anos? Esqueceu que você só está se formando porque eu mantenho você, com casa, comida e um salário que a maioria das pessoas que trabalham de verdade não ganham? E sabe para que eu te pago, Briseida? *Pra* você trepar, seja comigo ou com quem eu mandar. Se você não fizer o que estou te mandando, pode juntar seus panos de bunda e sumir daquele apartamento! Tem centenas de garotas mais bonitas e mais gostosas que você, que queriam ter a oportunidade que você tem. Não vai ser difícil arrumar outra.

— Então arruma, André! – digo, enquanto me levanto para ir em direção à porta.

— Você vai mesmo deixar a sua mãe morrer numa fila do SUS? – ele solta o golpe baixo.

Há um mês quando estive em Anápolis, meus tios me contaram o que mamãe tentava esconder de mim. Ela foi diagnosticada com câncer de mama e

PERIGOSAS ACHERON

precisava iniciar o tratamento imediatamente. Nossa sorte, é que eu havia feito um convênio médico para ela há alguns anos. Um dos melhores do Brasil, o que vai possibilitar que ela tenha um tratamento digno.

Minha primeira intenção foi trazê-la aqui para Brasília, para ficar comigo no meu apartamento, mas o André não deixou. Disse que não queria uma pessoa moribunda dentro de um quarto da casa, enquanto ele trepava comigo no outro quarto, ou na sala, ou na cozinha, ou onde ele quisesse. É só nisso que ele pensa.

Por enquanto, minha mãe está fazendo o tratamento em Goiânia. Um dos meus tios a leva de carro sempre quando precisa. Eu gostaria muito de estar perto dela nesse momento, mas faltam apenas dois meses para a minha formatura. Ela insistiu para que eu me forme primeiro, antes de voltar para Anápolis. Eu ainda não havia comentado com o André, que pretendia ir embora.

— Eu não vou deixar a minha mãe morrer, eu vou voltar para casa e ficar ao lado dela.

— Como? Sem dinheiro? Quem é que banca o convênio médico caríssimo da sua mãe? Esqueceu PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

que sou eu? Não seja idiota, Briseida. Colabora comigo que você será muito bem recompensada, como sempre foi. Vai lá, meu amor!

PERIGOSAS ACHERON



Briseida

— O senhor quer que eu tire a roupa, ou prefere tirá-la? — pergunto de cabeça baixa, assim que o homem entra na suíte e se senta em uma das poltronas da pequena sala de estar. Fitá-lo nos olhos é a última coisa que faria neste momento.

— Não, não precisa — responde com a voz tranquila. — Senta aqui! — ele aponta para a poltrona posicionada à sua frente. — Vamos conversar.

A suíte em que Andy me trouxe é temática, com decoração provençal. Entrar aqui é como fazer uma viagem no tempo. Pareço estar dentro de um romance de época, em que a mocinha virgem é obrigada a fazer sexo com um estranho para o qual ela foi vendida pelo pai inescrupuloso. Apesar de não ser virgem, sinto tanto pavor quanto. Cumpro sua ordem de me sentar na poltrona de tecido florido, mas continuo de cabeça baixa.

— Me diz a verdade, você quer mesmo fazer sexo comigo?

Esta é a minha chance de berrar que “NÃO”, mas eu não consigo. A palavrinha de três letras fica entalada na minha garganta. É óbvio que eu não quero fazer sexo com um estranho, por outro lado, PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

eu sei que se não fizer o que o André determinou, vou ter que pagar um preço alto pela desobediência, e a minha mãe também.

— Olha, desculpa a minha timidez, mas é que... é que... eu... eu...

— Responde a minha pergunta. Seja honesta com você mesma! – o tom é imperativo.

“Seja honesta com você mesma!” Faz um bom tempo que deixei de ser honesta comigo mesma e com todas as pessoas à minha volta. Não reconheço essa Briseida que me tornei. A garota cheia de sonhos, que queria conquistar o mundo, agora é só um pedaço de carne, oferecido como moeda de troca.

— Não! Eu não quero fazer sexo com o senhor, nem com qualquer outro homem aqui nessa festa. Não sou uma prostituta! – aproveito o resquício de dignidade para levantar minha cabeça e encará-lo. Diferente do que eu esperava, ele não parece com raiva.

— Foi o que eu pensei. Só não entendo a razão pela qual o André Goulart me ofereceu você com tanta facilidade.

PERIGOSAS ACHERON

Eu não respondo, mas sinto-me mortificada. Onde está o amor e o zelo que ele dizia sentir por mim, durante seus acessos de ciúmes? Nunca houve amor da parte dele. Essa é a verdade nua e crua, e eu, sou só uma mercadoria barata em liquidação.

— Eu também não sei, senhor...

— Ora, não me chame de senhor, assim você me deixa constrangido. E pode ficar tranquila, que eu não vou fazer nada com você. Se for para fazer sexo com alguém que não quer fazer sexo comigo, prefiro voltar para casa e fazer com a minha esposa, que nunca quer mesmo! — ele solta uma risada, achando graça da própria piada.

— Obrigada... — sorrio pela primeira vez, desde que entrei na suíte. — Eu não iria conseguir mesmo, não que o senhor... quer dizer, você, seja uma pessoa repulsiva, longe disso! Mas é que comigo as coisas não funcionam dessa forma.

— Eu sei. Não aceitei a oferta do André por conta dessa sua beleza exótica e dos seus lindos olhos. Gostei muito das suas considerações durante a nossa conversa mais cedo. Você me pareceu uma moça muito inteligente, obstinada e eu fiquei me

PERIGOSAS ACHERON

perguntando por qual motivo você estaria acompanhando o imbecil do André Goulart.

— Ele é meu namorado.

— Não. Ele não é seu namorado. O André é casado, pai de família e um autêntico defensor da moral e dos bons costumes. Você já assistiu a um discurso dele na câmara? Parece uma velha prostituta a apregoar castidade. Um idiota hipócrita! O que me espanta, é uma garota inteligente como você, se prestar ao papel ridículo de acompanhar esse bosta! Me desculpa as expressões chulas, sei que não deveria falar tais coisas perante uma dama.

— Tudo bem, eu não me importo, mas quanto à sua dúvida, essa também é a minha maior dúvida nesses últimos anos. Não sei explicar porque me submeto a uma situação tão vexatória e humilhante quanto a desta noite e de outras tantas mais. — Começo a chorar. — Eu amo o André, de verdade!

— Ame-se a si mesma! — ele se aproxima de mim na poltrona e ajoelha-se à minha frente, enquanto tenta me consolar. — Ninguém mais é tão digno do seu amor quanto você mesma. Não deixe o André ou qualquer outra pessoa te fazer

PERIGOSAS ACHERON

acreditar que você não é capaz de conquistar o mundo. Qual o seu maior sonho? Responda-me.

— Eu já nem sei mais... — tento falar entre soluços — há um tempo, sonhava em me tornar diplomata, hoje eu só quero me ver livre desse sentimento doentio que tenho pelo André. Quero abandonar essa vida de vergonha.

— E você pode, contudo, mais do que desejar, você precisa ter atitude.

A conversa com Alaor Nunes é um choque de realidade para mim. Ele é tão atencioso comigo, que me faz pensar como seria incrível ter meu pai por perto, para me aconselhar e me defender de um cretino abusador, ao qual eu chamo de namorado.

Por algumas horas eu me esqueço que estou em uma suíte de uma casa de *swing*. A conversa se estende noite a dentro. Estou tão empolgada, falando sem parar, que nem sinto o cansaço.

Fico à vontade para contar a ele detalhes da minha vida, desde o meu nascimento até agora. O que me deixa mais feliz, é que o meu interlocutor demonstra estar muito interessado na minha fala. Pela primeira vez em muito tempo, acredito que

sou importante para alguém.

— Bom, foi maravilhoso encontrar você, Briseida... e mais ainda poder conhecer sua história. Eu adoraria ficar aqui a noite toda, mas eu já passei dos setenta anos, não posso me dar ao luxo de passar uma noite em claro. — Ele solta uma risada divertida, que é acompanhada por mim.

— Foi um prazer, muito melhor que o sexual, diga-se de passagem, estar essas horas com você. Estou bem diferente da pessoa que entrou aqui mais cedo.

— Que bom! Fico muito feliz por isso. Antes de sairmos, gostaria de te dar dois conselhos. Você deve conhecer o ditado que diz: “se conselho fosse bom não era dado, era vendido”. Eu também sou só uma velha raposa, que está mais para lá, do que para cá. Daqui algum tempo estarei às margens do Rio Estige, à espera de Caronte⁶, o barqueiro, para iniciar minha travessia.

— Imagina! Você ainda tem muita coisa boa para viver e para ensinar aos mais jovens.

— Assim espero, minha querida... mas, vamos aos conselhos, primeiro: quando o André te

perguntar a respeito dessa noite, diga a ele que foi a melhor experiência da sua vida. Isso deve mexer com o brio dele, se é que ele tem!

— De fato, essa noite foi ótima, só vou falar a verdade. — Sorrio para ele.

— O segundo conselho: livre-se dele o quanto antes. Esse homem pode destruir a sua vida.



No trajeto para casa, permaneço com a cabeça recostada no vidro do carro. Apesar do cansaço por ter passado a noite em claro, não tenho sono. Sinto-me revigorada e alerta. André está calado e bêbado, *trêbado*, para ser mais precisa, porque passou dos limites.

Antes de sairmos do estacionamento, eu ainda pedi para assumir a direção, mas ele se recusou, dizendo que estava ótimo, e que mesmo bêbado, ainda dirigia muito melhor que uma mulher sã.

Considero um verdadeiro milagre chegarmos em casa, sem envolvermos em nenhum acidente. Ele mal entra no apartamento e se joga no sofá da

sala, onde começa a roncar feito um porco. Consigo sentir o cheiro de bebida alcóolica, misturado ao cheiro de vários perfumes, que me causam náuseas.

Deixo ele praticamente desmaiado no sofá. Certeza que não foi só a bebida, ele deve ter cheirado cocaína outra vez, ficado *mega* excitado e agora teve um apagão. Em outros tempos, eu o levaria para o banho, ajudaria a vestir um pijama e o colocaria na cama, com todo amor e carinho.

Agora, eu quero mais é que ele se foda. Vou para o banheiro onde tomo uma ducha bem quente e demorada. Enquanto a água do chuveiro cai sobre a minha cabeça, fico relembrando o encontro com Alaor.

Quase que de imediato, minha mente faz uma viagem no tempo e eu me vejo sentada na calçada daquele prédio depois da entrevista de emprego, quase quatro anos antes. Naquele dia eu também fui orientada por um homem que me deu um conselho, de que o caminho para a perdição era largo.

Naquela época, eu não tive discernimento para entender suas palavras. Acabei trilhando caminhos que não deveria, mas ainda há tempo, vou embora do apartamento e da vida do André, o mais rápido

PERIGOSAS ACHERON

possível.

Preciso arrumar um lugar para ficar até minha formatura. A primeira pessoa que me vem à mente é a Dani. Não sei se terei coragem de procurá-la agora. André me fazia trocar meus números de telefone com frequência, isso fez com que eu perdesse boa parte dos meus contatos.

Algumas vezes, quando Dani e eu nos víamos no campus, tínhamos uma conversa rápida, eu dizia que estava bem, mas com muita pressa, e me despedia com aquela frase batida: “qualquer hora a gente marca para sairmos juntas.” Era isso, ou dizer a verdade: “meu namorado não quer que eu saia com você, porque acha que você é uma vagabunda!”



— Como foi lá com o velho broxa? – ele me pergunta, assim que acorda, por volta das quatro da tarde. Eu também dormi um pouco, mas acordei antes do meio dia, porque precisava organizar minha vida e ainda estudar para umas provas de fim de curso.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Foi ótimo – respondo com um grande sorriso no rosto. — A melhor experiência que já tive na vida!

— Vagabunda! – ele se enfurece de imediato, e faz menção de me agredir.

— Se você encostar a mão em mim, eu juro que te sangro igual se faz a um porco na roça. E acredite, eu tenho experiência nisso, porque aprendi com meu avô! – aponto a faca que tenho nas mãos. Ele me abordou no exato momento em que estava na cozinha, cortando laranjas para fazer suco.

— Sua louca! Abaixa essa faca! – ele grita, acreditando realmente que eu seria capaz de sangrá-lo.

— Não sou louca e muito menos vagabunda, eu só fiz o que você me mandou fazer.

— Mas não era *pra* você ter gostado!

— Bom, mas isso você não me avisou antes. Fica tranquilo que eu não gostei não! Eu a-do-rei – respondo, separando as sílabas, para enfurecê-lo ainda mais. Ele sai em direção ao banheiro, toma um banho, troca de roupa e sai pela porta sem me dizer para onde vai.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Já vai tarde – digo em voz alta, mesmo sabendo que ele não pode ouvir.



Infelizmente, ele volta horas depois. Dessa vez não está sozinho, mas acompanhado de duas moças que parecem ter a minha idade. Tenho certeza absoluta que são prostitutas contratadas por ele.

— Olá, minha gatinha! Trouxe companhias para a nossa festinha de hoje. – Ele diz com a voz agitada. Pelo visto, fez uso de drogas outra vez.

— Você não está achando que eu vou para cama com você, está? Ou pior ainda, você não está achando que eu vou para cama com duas prostitutas?!

— Elas são prostitutas iguais a você! Desculpa meninas, falar assim de vocês! Vão lá para o quarto e me aguardem, que a Bris já vai *pra* lá comigo participar da nossa festa! – ele aponta a direção do quarto de casal e as duas seguem para lá. Tenho vontade de esmurrar a cara dele.

— André, eu não vou me submeter a mais

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

nenhuma dessas situações humilhantes, você *tá* me entendendo?! — falo com muita raiva, quase gritando. — Eu não preciso disso! Vou embora da sua casa e da sua vida, de uma vez por todas, porque eu não preciso de você!

— Ahhhh! Agora é fácil você bancar a empoderada, porque já está prestes a se formar mesmo! Já garantiu que o otário aqui te bancasse durante quase quatro anos. Agora é muito fácil me dar um pé na bunda e falar que não precisa ser humilhada. Por que você não fez isso antes, *hein*?! Quanto foi que o velho broxa te ofereceu *pra* você me largar e virar puta particular dele? Porque é isso que você é, Briseida: UMA PUTA!!!

PERIGOSAS ACHERON



Briseida

Goiânia, seis meses depois...

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu sabia que você iria voltar! — ele me recebe com um sorriso cínico e vitorioso no rosto.

— André, me perdoa! E-eu... eu não sabia onde estava com a cabeça. Sinto tanta a sua falta... — suspiro — falta do seu cheiro, do seu gosto, do seu corpo... você sabe que não vivo sem você!

— Eu sei, Bris. Eu também não vivo sem você! — ele me puxa pelo braço e me toma em um beijo lascivo.

É uma sensação excitante saber que sou dele novamente. Ainda mais com essa barba por fazer, arranhando meu pescoço e fazendo com que meu corpo inteiro se arrepie. André me traz para dentro do nosso apartamento, arranca minha roupa com voracidade, e me joga contra o sofá. Caio de bruços, enquanto ele me pega por trás e mordisca minhas costas.

— Eu quero você... eu quero você... — imploro com sofreguidão.

Assim que ele se posiciona sobre mim como um animal selvagem, nossa loucura passa a ser embalada por um solo de guitarra, e uma voz rouca

PERIGOSAS ACHERON

que canta:

*She's got a smile it seems to me Reminds me of
childhood memories*

Where everything

Was as fresh as the bright blue sky

Now and then when I see her face...

Demoro a me dar conta de que *Sweet Child O' Mine*, do Guns N'Roses, é o toque do despertador do meu celular.

“Graças a Deus! Graças a Deus, foi só um sonho!” Quer dizer, um pesadelo. Meu maior medo é fraquejar e voltar para os braços do André, depois de tudo que ele me fez. Maldito inconsciente que vive tentando me sabotar. Pelo menos, essas recaídas só acontecem enquanto durmo.

Não posso negar que ainda sinto algo por ele. Seria hipocrisia dizer que não. Mesmo tendo consciência do mal que ele me causou, meu insano coração não consegue entender. Não há nada que eu possa fazer para mudar o que sinto. Há dias em que sofro muito, quando a carência bate forte e a
PERIGOSAS ACHERON

vontade de ligar é quase incontrolável.

Contra o sentimento, não tenho forças para lutar. Por outro lado, sei que sou dona das minhas escolhas. E escolhi não me submeter a um relacionamento abusivo, nunca mais! É por esse motivo, que resisto a todas as tentativas do André, de se aproximar de mim, depois do nosso rompimento. Mesmo querendo exatamente o contrário, em alguns momentos.

Desligo a música e confirmo as horas. São cinco e meia da manhã. Está escuro lá fora, porque o sol ainda nem nasceu. Odeio acordar cedo, com todas as minhas forças, mas hoje, particularmente, estou muito feliz por ter acordado, antes de cometer aquela insanidade que estava prestes a cometer no sonho.

Começo a rir, só de pensar em contar o sonho louco para a Dani. Ela vai amaldiçoar até a minha quarta geração.

“Esquece esse embuste, Bris! Pelo amor de Deus, toma vergonha nessa sua cara!” – são frases motivacionais como essa, que a minha amiga manda, quase que diariamente. Ela ainda envia áudios gigantescos pelo aplicativo, só para reforçar

PERIGOSAS ACHERON

o aviso de que preciso me manter afastada do *de cujus*⁷, que é como ela o chama. Dani se recusa a pronunciar o nome do André, tamanha a raiva que sente dele.

Minha grande amiga me recebeu de braços abertos depois daquela noite em que fui expulsa do “meu” apartamento. Ele nem me permitiu retirar meus pertences, fez comigo o que ele faria a um cão sarnento, o qual quisesse fora de casa. Se bem que, eu jamais desampararia um animal, muito menos um ser humano. Só que o meu *ex* é bem diferente de mim.

Saí da casa e da vida dele, deixando tudo para trás: carro, celular, roupas caras, computador e tudo o que o dinheiro poderia comprar. Ao longo dos mais de três anos em que estive com André, consegui juntar uma grana considerável na poupança, que era o que sobrava da mesada. Esperava utilizar esse dinheiro para pagar alguns meses da mensalidade do convênio médico da minha mãe, para que ela não interrompesse o tratamento, como ele havia me ameaçado antes.

Quando fiz contato com a assessora parlamentar do deputado, avisando que havia

PERIGOSAS ACHERON

deixado o carro que estava em nome dela no estacionamento do prédio, foi que tomei coragem e perguntei a origem da mesada que recebia. Descobri que o valor que me era entregue, vinha do salário da própria assessora.

Emily era contratada para ganhar quase dez mil reais, mas o digníssimo deputado exigia dela e de todos os outros assessores, que devolvessem quase metade do salário, para que ele utilizasse na campanha.

Saber que aquela moça dava duro o mês inteiro, trabalhando na “vertical”, para dividir o salário comigo que trabalhava na “horizontal”, sem dúvida, foi a maior vergonha que já passei em toda a minha vida.

Fiz questão de encontrá-la pessoalmente, em um Café próximo da faculdade. Devolvi todo o dinheiro que tinha em conta: trinta e seis mil reais. Também me comprometi a devolver os valores que eu já havia gastado. Só que primeiro, teria que arrumar um emprego.

Emily entendeu minha situação, e mais que isso, foi solidária à minha condição. Não me tratou como uma pessoa aproveitadora, mas como um ser

PERIGOSAS ACHERON

humano que precisava encontrar seu próprio caminho. Ela tirou dois mil reais de dentro do envelope pardo e me devolveu.

— *Aceita, por favor! Até você conseguir arrumar trabalho* — disse, colocando o dinheiro sobre a mesa.

— *Não, imagina! Já não basta tudo o que já tirei de você, não posso aceitar esse dinheiro, de forma alguma.*

— *Aceita, por favor! Apenas como um empréstimo.*

— *Bom, nesse caso... acho que vou aceitar, mas saiba que vou te devolver tudo o que devo, com juros e correção monetária.*

— *Esquece isso, Briseida! Nenhuma outra pessoa faria o que você está fazendo por mim. Sabe o que eu vou fazer com esse dinheiro? — vi a excitação nos olhos dela. — Vou pagar a entrada da minha casa própria! É um sonho bem antigo, sabe? Eu estou noiva há três anos, mas venho adiando o sonho do casamento, porque precisava juntar dinheiro para ter o nosso cantinho.*

Bom, enquanto a Emily deve estar se

preparando para o casamento, eu me levanto para mais um dia de trabalho pesado. Hoje vou retornar à mesma casa da semana passada, para fazer faxina.

Estou sendo dramática, confesso!

Fiz muitos trabalhos como intérprete nesses últimos dias, e não precisava fazer faxina hoje de novo. Só aceitei mesmo o chamado, porque quero devolver o livro que peguei.



— Então... você é a diarista que rouba livros?!

A voz grave e inflexível me faz sobressaltar, antes que consiga colocar o livro de volta na prateleira. Por um instante, fecho os olhos e penso em alguma desculpa razoável que justifique a minha presença na biblioteca, mas não há. Primeiro: eu não deveria estar aqui. Segundo: eu não deveria roubar. Por mais que um livro possa ser considerado uma bagatela para alguns, sinto-me extremamente constrangida por ter sido descoberta.

É certo que, assim que me virar para contemplar o dono dessa voz que me dirige

palavras em tom acusatório, serei escorraçada desta casa. Cada vez que fracasso em uma tentativa de fazer algo na vida, lembro-me da minha mãe dizendo: *“Briseida, você ainda vai ter um destino extraordinário!”*

No meu pensamento, essa frase sai com um tom de deboche e uma voz falseada, porque, definitivamente, não consigo acreditar que ainda vou superar essa má fase, dos últimos vinte e dois anos da minha existência.

Não tive muita sorte na vida. A começar pelo nome horroroso que mamãe me “presenteou”, graças a uma paixão doentia que ela tinha por um livro antigo, a *Ilíada*, de Homero.

De certa forma, foi ele que selou o destino dela e do meu pai. Talvez fosse o universo conspirando para que eu viesse a este plano. Só não entendo a razão. Não sinto que faça a diferença no mundo.

Coincidência ou não, a *Ilíada* é, justamente, o livro que tenho agora em minhas mãos. Há poucos instantes eu tentava devolvê-lo à estante, de forma sorrateira, acreditando que o proprietário dessa monumental biblioteca nunca fosse perceber a

PERIGOSAS ACHERON

ausência dele por uma semana. Existem outros títulos incontáveis aqui, e é bem provável que o velho dono deste paraíso, nunca consiga ler todos eles, ainda que viva por cem anos.

Devo ter sido descoberta por alguma câmera escondida no ambiente. Só não dá para acreditar que o proprietário da casa armou um flagrante para mim. Eu me viro na direção de onde acredito que ele esteja. Estou de olhos fechados, cabeça baixa e segurando o livro sobre o peito.

— Me desculpa, senhor! E-eu... eu... não roubei, fo-foi... apenas um empréstimo... um empréstimo não autorizado, é claro!

— Qual o seu nome, moça?

— Briseida. — Puxo o ar com toda força para dentro dos pulmões e abro os olhos para encarar meu acusador. “Ah, meu DEUS!” O livro escapa das minhas mãos e eu fico apavorada diante da figura em pé atrás da porta. É um homem jovem, de trinta e poucos anos, e não um velho rabugento, como imaginei.

Meu interlocutor é alto e de compleição física forte. Tem postura imponente, não só pelo

tamanho, mas também pela expressão séria de seu rosto. Só para registrar, um dos mais belos rostos que já contemplei. Seus cabelos são castanhos bem claros, no mesmo tom da barba e que estão desgrenhados e mal aparados. Se não fosse isso, poderia ser confundido com um ator de cinema.

Pena que seja tão sisudo e esnobe. Embora ele tenha dirigido a palavra a mim, mantém o olhar perdido no nada, como se eu não fosse digna de sua atenção.

— Merda! — abaixo-me rapidamente para pegar o livro, toda desajeitada. Faço uma inspeção rápida para ver se não estragou. Graças a Deus ele está intacto, mas se este homem aqui à minha frente for o dono dele, certamente esse meu ato desastrado tenha lhe causado uma pontada no coração. Sei que para algumas pessoas, é como se os livros fossem a extensão do próprio corpo.

— Me desculpa mais uma vez... senhor... é....
— “Caramba, eu não tenho a menor ideia de quem seja esse homem”.

Na agência de empregos, disseram que a casa era de um homem que morava sozinho, e pela lista enorme de recomendações que deixou, suspeitei

PERIGOSAS ACHERON

que fosse um velho viúvo, ranzinza e portador de algum transtorno obsessivo compulsivo. Não esperava bater de frente com a versão brasileira do Bradley Cooper.

— Aquiles... meu nome é Aquiles.

— Ah tá... vai me zoar agora por causa do nome?! – arqueio as sobrancelhas e reviro os olhos ao mesmo tempo. Já fizeram todos os tipos de piadas com esse meu nome ridículo, mas essa é a primeira vez que algum engraçadinho se apresenta como Aquiles.

— Em algum momento eu dei a entender que estou brincando com você?!

O tom que ele usa é sempre inflexível, pedante, não combina com seu lindo rosto. Como se não bastasse tanta beleza, o cidadão ainda é dono dos olhos mais azuis que já vi. Uma lástima que ele não se digne a olhar para mim. A indiferença com a qual me trata, como se eu fosse insignificante, me dá a certeza de que estou encrocada... muito encrocada!

Quando eu entrei para a faculdade, gostava de brincar com as minhas amigas de república, com a

famosa frase: “*Eu podia estar matando, roubando ou me prostituindo, mas eu só estou aqui te pedindo um livro emprestado!*” Mal sabia eu, naquela época, que ainda iria me prostituir e roubar. Para completar essa tríade pecaminosa, seria muito oportuno que eu matasse esse homem agora. Mas como posso matar uma coisa linda dessas?

“*Oh, My God!*”

— Me desculpa, Sr. Aquiles! — abaixo a cabeça e o tom de voz.

—Você se desculpa demais. Que tal ficar com a sua culpa e parar de ofender as pessoas?

Eu juro que iria pedir desculpas novamente, mas diante da fala grosseira, tenho vontade de soltar um “foda-se”, virar de costas e ir embora.

Eu não posso.

Se ele fizer uma reclamação na agência, de que peguei algo em sua casa sem autorização, é certo que não serei chamada para fazer nenhum outro trabalho. Preciso dessa grana, agora mais do que nunca.

— Tudo bem, Sr. Aquiles! Vou ficar com a
PERIGOSAS ACHERON

minha culpa, e prometo não mais importuná-lo com pedidos de desculpas. Realmente eu peguei um livro da sua biblioteca emprestado, porque achei que não teria problemas, o senhor tem milhares de exemplares aqui e um só não...

— Dois mil trezentos e doze. — Ele é categórico ao interromper minha fala.

— Você já contou todos eles?! — fico tão espantada, que até esqueço as formalidades no tratamento, mas ele parece não se importar.

— Diariamente. Então foi fácil perceber que você havia levado um deles na semana passada. Quero saber porque levou, justamente, a *Ilíada*. Passei a semana toda pensando em você, tentando imaginar seus motivos.

Suspiro, na parte em que ele diz ter passado a semana inteira pensando em mim. Na minha cabecinha, imagino outra cena bem diferente, na qual esse lindo homem olha nos meus olhos, sorri e diz: *“Eu passei a semana inteira pensando em você”*.

Tudo bem que jurei a mim mesma, que nunca mais me relacionaria com ninguém, eu só não

contava que Zeus mandaria Aquiles de volta lá do Monte Olimpo para me tentar. Ou não, já que a forma que ele me trata, faz com que eu sinta mais raiva que atração. Pelo visto, o sermão ainda não terminou:

— Este é o meu santuário. Um santuário que você violou. Eu não gosto que ninguém entre aqui.

— Mas por que não dividir essa riqueza com outras pessoas? — aproveito o fato de ele nunca olhar para mim, e crio coragem para confrontá-lo. — Já que você parece ser o “super sincero” e já se manifestou com relação ao meu excesso de pedidos de desculpas, então, permita-me dar minha opinião também. Estes livros aqui trancados no seu santuário não têm valor algum, a menos que você os leia todos os dois mil trezentos e doze ao mesmo tempo!

— Mas isso é humanamente impossível, considerando que uma pessoa, dita normal, lê em média duzentos e cinquenta palavras por minuto e que um dia tem mil quatrocentos e quarenta minutos. Se eu não fizesse mais nada ao longo do dia, eu conseguiria ler apenas trezentos e sessenta mil palavras, o que equivaleria a um livro apenas,

da série *As crônicas de Gelo e Fogo*, que está ali na primeira estante.

— Tudo bem, senhor gênio da matemática! — reviro os olhos. — Eu sei que é humanamente impossível, só usei uma figura de linguagem.

— Eu não sou um gênio da matemática. De acordo com a classificação de Davis Wechsler, sou considerado um homem de inteligência superior, e não, necessariamente, um gênio. E outra coisa: não sou bom com figuras de linguagem. Prefiro que as pessoas sejam diretas e usem as palavras para expressar, exatamente, o que elas querem dizer.

— Ok! Eu já percebi isso, sua explicação é até dispensável. Agora, continuando o assunto sobre a sua biblioteca, eu não acho que os livros devam ser colecionados, mas sim, compartilhados. Se eles têm o poder de mudar a vida das pessoas, por que não ser um instrumento de mudança?

— Esses são meus, e eu não abro mão de que eles estejam no mesmo lugar todos os dias. Você não deveria tê-lo roubado.

— *Hey*, eu não sou ladra! Já falei que foi um empréstimo, tanto que você me pegou em flagrante

PERIGOSAS NACIONAIS

bem na hora em que eu estava devolvendo.

— Eu quero saber o porquê?

— O porquê do quê? — desconverso para ganhar tempo.

— Por que você levou a Ilíada? Tem que haver um motivo.

— Olha, eu adoraria sentar aqui e te contar a minha história, mas isso iria demorar muito tempo, e tempo é algo que não tenho hoje. Vim aqui para limpar a sua casa, então é melhor eu começar logo, porque...

— Eu não te chamei aqui para limpar a casa. A minha funcionária já voltou de viagem e vai cuidar da limpeza.

— Bom, nesse caso, vou embora porque pode ser que eu ainda consiga descolar outro trabalho para hoje, já que eu não vou receber pela minha vinda até aqui.

— Eu vou pagar sua diária.

— Por que, se eu não vou limpar a sua casa?

— Porque eu quero que você responda à minha pergunta.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu já vi esse filme antes, *tá*? Primeiro você me dá dinheiro para conversar com você, depois diz que sou linda, inteligente, espirituosa, cheia de senso de humor. Depois você me beija, faz com que eu experimente milhões de sensações maravilhosas e então me leva para a cama e faz o melhor sexo do mundo. Daí quando eu estiver completamente apaixonada, você se mostra um mentiroso, cafajeste e abusador que me chama de prostituta, só por eu ter aceitado o seu dinheiro. Portanto, minha resposta é não!

— Eu não conheço esse filme ao qual você se refere.

— Sorte sua, porque o final dele é tenebroso!

— E eu também não quero fazer sexo com você. Você não me atrai.

— Como é que é? — sinto meu rosto queimar de vergonha.

— Você não me atrai. Embora você seja dona de um dos rostos mais lindos e simétricos que já vi, e seu corpo tenha proporções perfeitas, eu não quero fazer sexo com você.

— Eu também não queria mesmo! — cruza os

PERIGOSAS ACHERON

braços e faço um bico com os lábios, como uma criança emburrada.

“Deixa de ser mentirosa, Briseida!” – minha consciência me acusa.

— Fale-me sobre a sua história com este livro.
— Ele diz, apontando para minhas mãos.

Aquiles continua em pé e imóvel, no mesmo ponto onde estava quando me surpreendeu. Não vejo alternativa, a não ser contar a ele sobre a minha relação com a Ilíada. Além de sério, ele parece ser muito obstinado. Sei que esse homem não vai me deixar sair daqui, enquanto eu não lhe der uma explicação que o convença.

— Posso me sentar? – aponto para uma das banquetas atrás da mesa.

— Sim. – Ele concorda com a cabeça.

— Por que você não se senta também? – mostro a outra banqueta. — Fica à vontade, a casa é sua mesmo!

— Eu já estou à vontade. – A seriedade dele me assusta.

— Então, Aquiles... – hesito antes de começar

PERIGOSAS NACIONAIS

— quando eu era criança, meu pai tinha por hábito me fazer dormir recitando os poemas da Ilíada. Inclusive, meu nome foi inspirado nesse livro, assim como o seu, eu imagino...

— Sim, de fato.

— Quando estava com sete anos, meu pai foi embora de casa, e eu fiquei tão revoltada com a situação, que quis destruir o único elo que tinha com ele. Foi então que pus fogo no livro e nunca mais quis lê-lo. Até semana passada, quando me deparei com uma versão idêntica à que eu tinha, bem aqui na sua estante.

Falar sobre o meu pai, sempre me faz chorar. Mas esse homem parece ser indiferente à minha emoção. Ele sequer nota que quando termino de falar, estou com os olhos marejados e a voz embargada.

— Entendo. Qual a sua parte preferida do poema?

— Bom... eu sei que posso parecer um pouco boba, mas... eu sou uma pessoa muito romântica, e apesar de admirar a força e a coragem de Aquiles, minha parte preferida do poema é quando ele chora

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

por Briseida. – Abaixo a cabeça e coro de vergonha, só de pensar que ele e eu temos os mesmos nomes dos personagens de Homero.

Para meu espanto, Aquiles recita o meu trecho preferido do poema:

Assim falou; e Pátroclo obedeceu ao querido companheiro

e trouxe da tenda Briseida de lindo rosto, dando-a para a levarem.

Eles voltaram para junto das naus dos Aqueus.

E com eles foi a mulher, contrariada. Mas logo Aquiles

rompeu a chorar e foi sentar-se longe dos companheiros,

na praia junto ao mar cinzento, olhando para o mar cor de vinho.

E estendendo as mãos, à mãe amada orou com afinco:

“Mãe, já que me deste à luz para uma vida tão curta,

honra deveria o Olímpio ter me concedido,

PERIGOSAS ACHERON

Zeus que troveja nas alturas. Mas agora em nada me honrou.

Pois o filho de Atreu, Agamêmnon de vasto poder,

desonrou-me. Tirou-me o prêmio, pela própria arrogância.”

— Minha nossa! Você sabe a Ilíada de cor?

— Sim.

— Toda ela?

— Não. Sei apenas alguns cantos.

— Você também tem uma parte preferida?

— Diferente de você, eu não acredito que o bravo Aquiles tenha chorado por amor à Briseida, mas pelo fato de ter sido afrontado por Agamêmnon. O que mais gosto na Ilíada, é o fato dela conter o número de ouro. Quando se faz a razão entre as estrofes maiores e as estrofes menores, podemos encontrá-lo.

— E o que seria esse número de ouro? — pergunto curiosa.

— O número de ouro ou proporção áurea, é
PERIGOSAS ACHERON

uma constante real algébrica irracional que é denotada pela letra grega *PHI*. Esse número de ouro encontra-se presente em toda natureza, desde flores, folhas e árvores, até nas ondas do mar, nos furacões, nas conchinhas da praia e também no seu belo rosto, Briseida. É uma sequência numérica e geométrica, que funciona como uma marca de um *designer*, a prova de uma criação, como se fosse a impressão digital do Criador.

— Você está falando de Deus?

— Eu prefiro chamá-lo de O Grande Arquiteto Do Universo. Além de encontrar essa marca na natureza, você ainda pode encontrá-la em várias obras de artes, esculturas e poemas, como a *Ilíada*. Os gregos antigos, assim como eu, eram amantes das formas. Em sua arquitetura, eles buscavam encontrar padrões matemáticos, para dar um sentido ao mundo. Eles estudavam as proporções da natureza a partir de observações de imagens e sensações.

Além de um rosto lindo e um corpo musculoso, o homem ainda parece uma enciclopédia ambulante. É mole? Agora que começo a observá-lo mais detidamente, percebo

que ele tem pernas longas e grossas, que estão bem marcadas pela calça de moletom cinza. Pelo visto, a academia particular não é só de enfeite, o cara malha de verdade, porque tem um tórax e braços bem musculosos, que a camiseta de algodão não consegue esconder. Quando olho para os pés dele vem a decepção: meu Deus, ele usa mesmo a Crocs?!

Desvio os olhos do meu interlocutor e continuo o assunto:

— Por falar em Arquitetura, eu queria te parabenizar pela sua casa, é linda! Não, verdade seja dita, ela é perfeita! O formato, a escada... e esse escritório?! Ele é incrível! O arquiteto que projetou essa casa é um gênio!

— Não. Eu já te disse que não sou um gênio.

— O quê?! — faço uma cara daquelas típicas de *meme* de internet, do tipo: “*me amarrota, porque tô passada*”! — Não vai me dizer que foi você quem projetou essa casa?! Você é arquiteto?

— Sim, fui eu quem projetei esta casa. Sim, eu sou arquiteto. Arquiteto e engenheiro.

Apesar de ser uma moça bastante falante,

diante desse homem acabo ficando sem palavras. Não sei realmente o que dizer. Sinto que estou diante do próximo Oscar Niemeyer. O problema é que quando eu não sei o que dizer, as chances de começar a falar baboseiras é muito grande. Então aperto os lábios, que é para não passar vergonha.

— Briseida, você gostaria de trabalhar comigo?

— E-e eu? Trabalhar com você? Mas você me disse agora há pouco que sua funcionária voltou a trabalhar, eu não quero tirar o emprego de ninguém, imagina!

— Não é aqui em casa, é na minha empresa de Arquitetura. Você gostaria de ser minha assistente?

— Oi?!

Espera só um minuto, que vou ali morrer do coração e já volto!



Otávio

Eu amo o Aquiles.

Pode parecer estranha essa afirmação vinda de um homem gay, mas eu o amo como a um irmão. Um irmão de alma. Sei que talvez esse tipo de amor não caiba na limitada compreensão da maioria das pessoas que conheço. Existem tantas formas diferentes de amor, e todas, em minha opinião, são igualmente incríveis.

Em determinado momento da minha vida, também cheguei a acreditar que estivesse apaixonado pelo meu melhor amigo. Na verdade, foi apenas carência afetiva, porque Aquiles foi o primeiro ser humano a me enxergar como eu realmente era, e não pelos rótulos que eu levava, de preto, pobre e gay.

Nasci em uma família de origem bastante humilde, que morava na periferia de Goiânia, em um daqueles bairros criados por programas habitacionais do governo. Filho de pai e mãe negros, que davam duro o dia inteiro para colocar comida dentro de casa e me sustentar, junto com meus outros três irmãos.

Sou o filho caçula, e posso me considerar privilegiado, por não ter abandonado a escola antes

PERIGOSAS ACHERON

de terminar o primeiro grau, para trabalhar, assim como os meus irmãos fizeram. Na minha adolescência eu apenas estudava, mas fiz disso minha razão de viver, dedicando-me com afinco. Tanto é, que fui um dos poucos alunos da minha escola pública da periferia, a ingressar em uma universidade federal.

Meus pais queriam que eu estudasse Direito e fosse um “doutor advogado”, mas essa nunca foi a minha vocação. Era apaixonado pelas formas e também por desenhos. Suspirava pela Arquitetura e por esse motivo contrariei minha família para viver minha grande paixão. Pelo menos para isso, tive coragem de enfrentá-los.

Não foi fácil minha chegada à universidade. Sentia-me exatamente como o Chris Rock, naquele seriado americano “Todo mundo odeia o Chris”. Eu era um preto e pobre, em um curso só de ricos e brancos. Estava fora do círculo de amizades, das festas, dos convites e das brincadeiras.

Minha aproximação com o Aquiles foi quase que natural. Apesar de sermos totalmente diferentes um do outro, tínhamos algo em comum: estávamos fora do padrão socialmente aceito dentro daquela

universidade. Eu, pela cor da pele, e ele por conta do comportamento antissocial, que só depois descobri se tratar de uma forma de autismo.

Aquiles nunca fez menção à minha cor e nunca demonstrou preconceito com a minha condição social. Perto dele, eu sentia que era gente de verdade. Na minha própria casa eu não era tão bem aceito. Meus irmãos sempre me tratavam por “*viadinho*”. Meu pai os repreendia e dizia que nunca na história da nossa família houve um “*viado*” e que aquela vergonha, ele jamais teria dentro de sua casa.

Aprendi a esconder minha orientação sexual desde cedo, com medo do que pudesse me acontecer dentro da minha própria casa e, ainda mais medo, do que pudesse acontecer fora dela.

É difícil para as pessoas entenderem que eu não escolhi ser gay. Eu nasci gay. Não tenho vontade de ser mulher, não me visto como uma mulher, mas desde muito cedo sinto atração afetiva por homens.

Sim, uma relação gay envolve afetividade e não pode ser resumida a sexo com o órgão excretor, como os ignorantes afirmam. Ser gay vai muito

PERIGOSAS ACHERON

além da relação física, envolve afeto, paixão e amor, por outra pessoa do mesmo sexo que você.

Até os meus vinte e cinco anos de idade, reneguei minha condição. Assumi quem sou, realmente, depois que saí da casa dos meus pais para morar no meu próprio apartamento. Consegui essa façanha, graças ao Aquiles, que me convidou para uma sociedade em um pequeno escritório de Arquitetura, que hoje se tornou a Fractal.

Tanto ele quanto eu, nos tornamos profissionais bem sucedidos, muito mais que os nossos colegas populares da faculdade. Os *nerds* esquisitos do passado, hoje são donos da empresa de Arquitetura mais procurada em Goiânia.

Aquiles quase desistiu da faculdade em um determinado período, porque não suportava mais a zoeira dos colegas. A vida dele estava se tornando insuportável.

Para ajudá-lo, briguei com metade da nossa turma, saí no braço com vários colegas, mas garanti que eles não perturbassem meu amigo. Como eu era da periferia, muitos acreditavam que tinha envolvimento com traficantes e bandidos barra pesada, que poderiam executá-los, caso

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

contrariassem a ordem que impus, de que deveriam deixar o Aquiles em paz.

A ignorância dos colegas, por um lado, foi boa. Eles esqueceram de mim e do meu sócio, e nós terminamos o curso em paz. Aquiles ainda foi mais longe, e resolveu estudar Engenharia Civil logo em seguida.

Começamos nossa empresa em uma salinha alugada pelos pais dele, em um bairro de classe média baixa e hoje chegamos mais longe do que eu sequer podia imaginar.

Mês que vem estarei morando e estudando em Paris, é muita felicidade para um homem só. A única coisa que está me incomodando, realmente, é saber que meu amigo está magoado comigo.

Eu preciso viver esse sonho, preciso me especializar e não ficar à sombra da genialidade dele. Por outro lado, eu também entendo que o Aquiles precisa desenvolver seu potencial para se relacionar com as pessoas e enquanto ele estiver à minha sombra, isso não acontecerá. Sei que essa separação será boa para nós dois. Só preciso fazer com que ele entenda dessa forma.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Faz uma semana que ele está me evitando. Entendo os motivos dele, e continuo firme no propósito de tentar encontrar alguém que possa auxiliá-lo nessa parte de relações públicas da empresa. Já fiz contato em algumas agências de emprego e também pedi à nossa contadora, a Ivana, que me ajude a selecionar um profissional adequado.

Por hora, tento afastar essas preocupações da minha mente e ligo o som do carro. Está tocando *Can't stop the feeling*, do Justin Timberlake. Também fujo ao padrão do goiano raiz: não gosto de música sertaneja, por isso, deixo-me levar pelo som e ritmo da música e começo a dançar sentado mesmo, enquanto espero o trânsito engarrafado. Ainda bem que saí mais cedo de casa. Pretendo chegar à empresa antes do meu sócio.

Ah, yeah, ah, yeah
I got this feelin' inside my bones
It goes electric, wavy when I turn it on
All through my city, all through my home
We're flyin' up, no ceilin', when we in our zone

PERIGOSAS ACHERON



Assim que deixo o carro no estacionamento, vejo que do lado de fora há uma bela jovem esperando. Ainda não são oito horas e nenhum dos nossos funcionários chegou para abrir a empresa. Pela postura elegante e pela forma como se veste, imagino que seja alguma cliente em potencial, mas não me lembro de ter agendado nenhum atendimento.

Quando me aproximo da moça, percebo o quanto ela é linda. Uma mistura perfeita do rosto da Mila Kunis com o corpo da J.Lo. Todos os seus traços são tão perfeitos que parecem terem sido desenhados pelas mãos de um talentoso artista

— Bom dia! Posso ajudar você? — pergunto curioso.

— Ah, bom dia! — ela abre um sorriso que ilumina o meu dia, e na sequência me estende a mão, delicada e macia. — Eu sou a Briseida, fui contratada pelo Aquiles para trabalhar como assistente pessoal dele, é um prazer conhecer você...

PERIGOSAS NACIONAIS

— Otávio! Eu sou o Otávio, sócio do Aquiles... eu só não sabia que ele havia contratado você, porque faz mais de uma semana que estou quebrando cabeça, tentando arranjar alguém para a vaga e o Aquiles sequer quis participar das entrevistas.

— Pois é... — ela sorri sem graça, dessa vez. — Nós nos conhecemos na casa dele ontem, e depois de uma longa conversa, o seu sócio chegou à conclusão que eu tenho o perfil adequado para trabalhar aqui na empresa.

— Ah sim... com certeza! Se você foi escolhida por ele, certamente é porque tem o perfil. Você é arquiteta, ou estudante de Arquitetura?

— Nem uma coisa, nem outra. Sou formada em Relações Internacionais, recém-formada, inclusive, pela Universidade de Brasília.

— Uau! Relações Internacionais? E você tem certeza mesmo que quer trabalhar de assistente pessoal do Aquiles?

— Bem... — ela hesita. — Trabalhar em um escritório de Arquitetura nunca foi o meu sonho, mas neste momento, é o melhor para mim, já que o

PERIGOSAS ACHERON

seu sócio disse que eu poderia ter um horário flexível de trabalho.

— Que bom! Então seja bem vinda à equipe! Briseida, não é?

— Sim, mas se achar mais fácil, pode me chamar de Bris.

— Ok, Bris! Vamos entrar para eu te mostrar a empresa.

Depois de uns trinta minutos em um *tour* pela Factral, eu apresento a nova funcionária para os nossos colaboradores que já chegaram e se instalaram em suas mesas que estão no primeiro andar.

No segundo andar estão localizadas a minha sala, a sala do Aquiles e dos outros dois engenheiros que trabalham conosco. A garota é bastante sociável e parece angariar a simpatia dos colegas.

— Vamos lá para a minha sala *pra* gente conversar melhor, Bris? – olho para o relógio. — Se bem que faltam exatos trinta segundos para o Aquiles entrar por aquela porta, carregando a bicicleta dele em cima do ombro, com o fone de

ouvido no último volume, passar por todos nós sem cumprimentar ninguém e se fechar na sala dele. Quer apostar?!

— Ele é assim tão previsível? — ela fica um pouco curiosa.

— Hum Hum... — assinto com a cabeça.

Mal termino de responder e meu sócio entra pela porta, fazendo exatamente o que acabei de descrever. A garota fica boquiaberta, acompanhando aquela silhueta esguia com os olhos, enquanto ele sobe a escada em espiral, com todo cuidado do mundo para não esbarrar a bicicleta.

O cara é foda!

Ele nunca bate nas coisas e nem quebra objetos, apesar de ter uma coordenação motora um tanto quanto peculiar. Aquiles consegue compensar sua inabilidade com os movimentos, porque tem atenção redobrada em tudo o que faz. Coisa que para mim é impossível. O fato de ele ser um exímio desenhista é um tanto incongruente.

Eu, que tenho boa coordenação motora, nunca presto atenção em nada do que faço. Sou um

PERIGOSAS NACIONAIS

desastre ambulante, do tipo que derruba café na mesa em cima dos projetos. Sem falar que tenho um carro todo esfolado, por conta das incontáveis vezes que já bati nas colunas da garagem do prédio onde moro.

— Vamos lá falar com ele? — aponto para a sala no segundo andar e a convido a me seguir.

— Ahhhnnn... — ela hesita. Será que ele não está trocando de roupa?

— Quem?! O Aquiles?

— Sim.

— Não! Ele vai ficar o dia todo daquele jeito que você viu, de calça de moletom, camisa suada e Crocs. — Caio na gargalhada diante da cara de espanto da moça.

— É sério, que ele trabalha de moletom e Crocs?

— Todo santo dia! Coisas de Aquiles, que você ainda irá aprender.

— Tudo bem! Eu me acostumo com tudo.

— *Peraí*, Bris! Antes da gente subir, me responde uma coisa...você me disse agora há pouco

PERIGOSAS ACHERON

que conversou com o Aquiles durante horas na casa dele, foi isso?

— Sim.

— Que estranho!

— Estranho por que? – ela tem um ponto de interrogação estampado na cara.

— Porque o Aquiles nunca recebe visitas, e também porque ele não gosta de conversar com as pessoas. Ele só troca o mínimo de palavras necessárias para se comunicar. A não ser comigo, que conheço ele há muitos anos.

— Bom, eu não sei, mas nós conversamos várias horas e ele me pareceu bastante comunicativo.

— Sei... comunicativo, do tipo, só ele falou?

— Mais ou menos... – ela abaixa a cabeça e tenta segurar o riso. É uma moça encantadora, sem dúvida.

— Já até sei... ele falou tudo sobre a sequência de Fibonnaci, sobre o número de ouro, te explicou sobre os fractais e o dedo do Criador, também falou sobre Le Corbusier, e como ele foi influenciado

PERIGOSAS NACIONAIS

pela Arquitetura grega em seus projetos e como ele influenciou Oscar Niemeyer e blá-blá-blá...

— Uau! Como é que você sabe disse tudo?

— Conheço meu amigo como a palma da minha mão! – estendo minha mão esquerda para que ela veja. — Só mais uma pergunta...

— Sim...

— O que você achou de toda essa conversa dele? Um pouco chata, não foi? Cansativa?

— Não, de forma alguma. Achei tudo muito interessante! E não é porque estou interessada no emprego. Juro! – ela cruza os dois indicadores na altura dos lábios e os beija. — O Aquiles é muito inteligente, eu até diria que é um gênio, mas ele já me explicou um lance do QI dele que não alcança a linha dos gênios. – A bela garota dá uma risada, que me parece muito genuína. Acredito que ela tenha se interessado pela conversa dele, de verdade.

— Ele é um gênio sim! O cara faz cada projeto incrível, que você não tem ideia!

— A julgar pela casa dele, eu tenho ideia sim. Aquele lugar é sensacional!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você gostou mesmo?! — pergunto empolgado.

— Gostei não, eu amei!

Quer saber? Cinco minutos de conversa e eu já tenho certeza que você é a pessoa certa para me substituir!

— Te substituir, imagina! Quem sou eu?!

— Para mim você é uma pessoa que tem habilidade para lidar com as diferenças, e isso vai ser de fundamental importância para você trabalhar aqui. Agora vamos? — aponto a escada.

— *Let's go!*

— Você fala inglês?

— Sim, me desculpa, não quis parecer exibida, mas é a força do hábito. Costumo trabalhar em muitos eventos como intérprete e, às vezes, acabo me confundindo entre os vários idiomas.

— Vários?! Você fala mais de um? Quer dizer... mais de dois, porque o seu Português é impecável, parece o Aquiles falando. Vocês dois formariam um casal e tanto, sabia? Quer dizer... — pigarreio para disfarçar a nota fora — uma dupla e

PERIGOSAS ACHERON

tanto.

— Entendi. Sou filha de professora, minha mãe sempre foi muito exigente comigo em relação a falar corretamente. E além do Inglês, eu também falo Espanhol, Francês e agora, estou estudando Italiano.

— Uau! Que currículo! – nós dois sorrimos.

Estamos parados em frente à sala do Aquiles, e como ela é toda em vidro, posso ver que ele está muito concentrado em um projeto. Assim que ele percebe nossa presença dentro da sala, noto como fica desconcertado.

Conheço esse cara há muitos anos para saber que há algo de diferente no ar, que envolve essa garota. Por que será que ele não me falou nada sobre ela?

— Bom dia, amigão! Tudo bem com você?

— Bom dia. Tudo bem. – Ele responde sem olhar para mim.

— Bom dia, Aquiles. – A garota o cumprimenta e eu percebo o quanto ela também fica desconcertada na presença dele, diferente de como estava segura de si, há poucos instantes,
PERIGOSAS ACHERON

enquanto conversava comigo e com os colegas.

— Bom dia, Briseida! – ele usa aquele tom solene, que lhe é peculiar.

Alguns colegas nossos, nos tempos da faculdade, tachavam o Aquiles de esnobe, por conta da forma correta como ele utilizava a Língua Portuguesa. A maior parte deles sequer sabia usar corretamente a própria língua para outros fins, que dirá, para falar corretamente o nosso idioma.

No fundo, eles tinham inveja da genialidade dele.

— Então, Aquiles...por que você não comentou nada que estava entrevistando alguém para contratar? Eu acabo de saber pela Briseida, que você a contratou e sequer me deu uma satisfação...

— Eu preciso te dar satisfação? Então por que você não me deu satisfação antes de ficar noivo de outro homem e decidir ir embora do Brasil? – ele responde magoado.

— Gente! – Briseida nos interrompe. — Vocês querem que eu espere lá fora, até vocês terminarem de se matar? Daqui a pouco eu volto

pra recolher os corpos?

— O quê? – ele levanta da mesa assustado. — Eu jamais mataria o Otávio, ele é meu companheiro há anos! Confesso que estou com muita raiva dele, mas isso não é motivo para matá-lo.

Olho para o rosto de Briseida e percebo o quanto ela fica vermelha. A brincadeira não teve o resultado esperado de nos descontrair, pelo contrário, deixou meu amigo ainda mais tenso.

— *Hey*, amigão! Relaxa! Ela só tentou ser engraçada. – Dou uma piscada para a moça, com aquele tom de “você me deve essa”.

— É sim, eu tentei... mas agora que me lembrei que você disse ontem que não gosta que usem figuras de linguagem. Eu até te pediria desculpas, mas você também reclamou que eu peço desculpas demais, então... é isso aí! *Tamos* aí! Quando é que eu começo a trabalhar?

— Pode resolver essas questões burocráticas com o Otávio, quando estiver tudo resolvido, você começa.

— Ok, por mim tudo bem! Eu já apresentei ela para a equipe, agora vou passar algumas

informações sobre a nossa firma e depois encaminhá-la para a empresa que nos assessora com a parte de recursos humanos. Vocês já discutiram a questão salarial e carga horária?

— Sim. — É Aquiles quem responde. — Ela quer ganhar dez mil reais.

— Dez mil reais?! — pergunto espantado. Eu pensei em oferecer metade desse valor para quem fosse ocupar a vaga. Nunca vi alguém sair da faculdade e já cair em um emprego com um salário tão bom.

— Sim. — Agora é Briseida quem confirma. Ele me perguntou quanto eu gostaria de ganhar, e eu disse que gostaria de ganhar dez mil. Seu sócio concordou.

— É claro que ele concordou... se você tivesse pedido vinte mil ele também teria concordado. Se tem um ser humano, nessa vida, que não faz conta de dinheiro, é esse aí na sua frente.

— Algum problema para você? Com relação ao valor do meu salário? — ela me olha sério.

— Problema nenhum. Afinal de contas, você irá me substituir aqui na empresa, e eu ganho muito

mais que isso. Foi por essa razão, que disse que se você tivesse pedido vinte mil, ele pagaria. Mas que fique claro, que esse não é um trabalho fácil.

— Quanto a isso estou tranquila. Não tenho medo de trabalho. Entrei na casa do Aquiles ontem para trabalhar como diarista e saí de lá como assessora pessoal dele.

— Diarista?! Meu Deus...

— Eu gostaria que vocês dois terminassem de resolver essas questões em outro lugar, porque preciso me concentrar no trabalho. — Aquiles nos interrompe, e eu olho para a garota, para ver se ela se assusta com a “*pseudo*” grosseria, mas ela se mantém de cabeça erguida e uma expressão de guerreira determinada.

Então, que comecem os jogos...



Briseida

PERIGOSAS NACIONAIS

É estranho como o destino parece brincar com as expectativas que criamos ao longo da vida. Tenho a impressão que, quem escreve nossa história, faz questão de nos frustrar e surpreender em todo momento, como forma de nos mostrar que não temos o controle sobre ela.

Há quatro anos, pensei que minha vida finalmente havia entrado nos eixos. Estava na faculdade que sempre desejei e namorava o homem dos sonhos de qualquer mulher. Não me faltava nada. Eu estava feliz e cheia de esperanças, de que poderia conseguir qualquer coisa que desejasse.

Mal sabia eu, que havia escolhido um caminho que quase me levaria à perdição. Por sorte, ou talvez por uma ajudinha do destino, consegui acordar a tempo de recuperar meu amor próprio e minha dignidade.

Fui ao fundo do poço.

Não foi fácil encarar um trabalho de faxineira. Agora, penso que pode ter sido mais uma provação do destino, só para testar o quanto sou capaz de apanhar e continuar lutando.

Ontem, quando o Aquiles me fez a proposta de

PERIGOSAS ACHERON

trabalhar como assessora pessoal dele, quase tive um colapso nervoso. Um homem estranhamente lindo e diferente, me propondo um trabalho digno. A primeira coisa que perguntei foi sobre as atribuições do cargo e as expectativas que ele tinha em relação a mim. Por último, quis saber sobre o valor do salário.

O arquiteto me disse, sem rodeio algum, que eu poderia escolher quanto ganhar, porque ele não colocaria preço no meu trabalho. É óbvio, que eu falei um valor bem superior ao que esperava realmente ganhar, porque imaginei que começaríamos a barganhar, mas não, ele aceitou minha proposta inicial.

Não vou negar que tive um pouco de medo, mas foi com medo mesmo que encarei a oportunidade e disse sim à proposta inesperada. Hoje de manhã quando acordei e me arrumei com esmero para o meu primeiro dia de trabalho, ainda tive que lutar contra a voz interior que me dizia que essa experiência não daria certo.

“Você não tem o direito de ser feliz, Briseida!”

Depois daquele tempo em Brasília, parece que
PERIGOSAS ACHERON

me tornei uma especialista em auto sabotagem. Ainda esperava chegar à Factral e ouvir do Aquiles que tudo foi um mal-entendido e ele não iria me contratar, mas, fui surpreendida de uma forma positiva.

Diferente do que imaginei, a empresa dele não é um escritório tradicional, em um luxuoso prédio de espelhos em um bairro rico da Zona Sul. A Factral está localizada em um bairro de classe média baixa, em uma pequena praça. A impressão que se tem ao vê-la, é de uma imensa casa na árvore.

Aquiles projetou uma construção de dois andares, que fica integrada a um jardim magnífico, com palmeiras e pomares, que circundam as salas de vidro. Na parte de baixo do prédio funciona a recepção, a parte administrativa, e onde se localizam os banheiros e a copa. Na parte de cima ficam as salas dos arquitetos e engenheiros.

Fui recepcionada pelo Otávio, o sócio da empresa, que foi muito gentil e atencioso comigo, deixando-me à vontade. Irei ocupar a sala que é ocupada por ele, ao lado da sala do Aquiles.

De lá, terei uma visão privilegiada do
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

semideus enquanto trabalho. Pelo tempo em que estivemos juntos na empresa, percebi que Aquiles é uma pessoa extremamente focada e que não gosta de ser perturbado enquanto trabalha.

De certa forma, entendo um pouco de sua excentricidade. Ele é um gênio criativo. Mesmo parecendo esnobe e um pouco mal-educado, ainda assim, eu o admiro como profissional. Acho que vamos nos dar bem, afinal de contas, ele adora ler, assim como eu, certamente nós temos outras coisas em comum.

Isso não pode dar errado, ou será que pode?



Por volta das sete da noite, entro no condomínio apressada e subo as escadarias do meu bloco. Estou tão excitada, que nem presto atenção ao barulho dos vizinhos e àquela mistura de cheiros de bife acebolado e feijão cozido, típicos do horário que antecede o jantar.

Esse lugar está mais para cortiço, mas é o que eu podia pagar quando me mudei para a capital.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Não é luxuoso, não tem vizinhos elegantes e esnobes iguais aos que moravam no condomínio onde eu vivia em Brasília, mas pelo menos, está sendo pago por mim.

— Mãe, mãe! Eu consegui um emprego! Eu consegui um emprego! Acredita nisso, mãe?! — entro gritando dentro de casa.

— Oi filha, que bom! Mas eu nem sabia que você estava procurando emprego. Foi você mesma quem me disse que não queria um trabalho regular, para poder me acompanhar nas sessões de quimioterapia. Uma besteira sua, diga-se de passagem, porque eu posso muito bem me virar sozinha.

— Ai, mãezinha... eu não estava procurando um emprego. Aconteceu meio que orquestrado pelo destino, e o melhor de tudo, é que vou poder ter um horário flexível para te acompanhar em todas as sessões de quimioterapia, já ficou combinado com meu chefe.

— Seu chefe concordou com isso?! — ela franze o cenho.

— Sim, ele parece ser um cara legal. É um

PERIGOSAS ACHERON

pouco sério, reservado... mas só pelo fato de ter entendido a minha situação, sei que ele é uma pessoa legal.

— Mas me diz, o que você vai fazer nesse novo emprego? Onde é?

— Vou ser assistente pessoal do dono de uma empresa de Arquitetura e Engenharia, que se chama Factral, fica em um bairro simples aqui na zona norte da cidade.

— Factral?! Que nome esquisito... nunca ouvi falar... é bem perto daqui? Você pode ir a pé?

— Não, não é tão perto, preciso ir de ônibus. É uma empresa pequena, mãe. Lá trabalham os dois arquitetos que são os donos, dois engenheiros, e mais as equipes operacionais, que lidam diretamente com a execução das obras. Na sede da empresa existem mais três funcionários que cuidam da parte administrativa. Eu vou substituir um dos sócios, que vai passar uma temporada no exterior. Eles precisam de uma pessoa para atuar como relações públicas, atraindo novos clientes. Apesar de não ser muito dentro da minha área, vale muito à pena, porque o salário é maravilhoso! — aproximo dela e dou um abraço forte e um beijo sobre a

PERIGOSAS ACHERON

cabeça, que está coberta por um lenço colorido.

— Maravilhoso quanto? — mamãe faz uma expressão curiosa.

— Dez mil reais.

— Dez mil reais?! Em minha opinião você merecia mais. Você é inteligente, competente e bem qualificada, poderia ganhar o dobro, mas, considerando que você acabou de se formar na faculdade, já está de bom tamanho. Daqui a pouco eles vão descobrir a profissional incrível que você é e vão te dar uma promoção.

— *Pra* mim está ótimo, mãe, não preciso de mais nada.

— Sabe, minha filha... ontem quando você saiu cedo para trabalhar, me deu um aperto no peito, fiquei com pena de você se sacrificar tanto só para cuidar de mim. Pedi a Deus que abrisse os seus caminhos, e Ele parece ter ouvido as minhas orações.

— Então a senhora está com moral no céu, Dona Heneida! Porque Deus ouviu mesmo as suas preces.

— Eu sei... mas você deve ter mais alguém em
PERIGOSAS ACHERON

outro plano, que zela por você. Alguém que te ama muito. Você já sofreu demais nessa vida. Hoje terminei de ler o seu diário e fiquei chocada. Por que você nunca me disse nada do que viveu em Brasília? Por que nunca me falou sobre o relacionamento com aquele maldito abusador? Você me deixou acreditar que ele era um ótimo patrão, quando na verdade, era um monstro.

— Ah... — não sei o que responder.

— Se eu sonhasse que você estava levando a vida daquela forma, eu teria feito você voltar para casa. — Mamãe diz, entre lágrimas.

— Eu sei que teria, mãe! Foi por isso que nunca te contei nada. Esquece essa história. Agora é vida que segue...bola *pra* frente! Porque esse emprego é só o começo. Vou juntar uma grana boa, parar de trabalhar e me dedicar aos estudos para realizar o meu grande sonho de ser diplomata. Eu ainda não desisti dele.

— Assim que se fala, querida. Não desiste mesmo não!

— Agora vou tomar um banho e comer alguma coisa, porque estou faminta! E depois vou

ligar para a Dani e dar a boa notícia.

— *Tá bom, mas vem logo jantar porque estou preparando um frango caipira para você, que seu avô mandou de Anápolis.*

— Adoro seu franguinho! Adoro você! Adoro o mundo inteiro! – saio cantarolando pela casa, enquanto minha mãe dá risadas na cozinha. A nuvem de tristeza deixada pela lembrança do André e de tudo que vivi ao lado dele, parece ter se dissipado. Faz muito tempo que não me sinto tão feliz como hoje. A sensação é como se tivesse acertado os seis números da Mega Sena.

No banheiro, experimento a sensação maravilhosa de ter a água caindo sobre minha cabeça e me relaxando. Como disse para mamãe, agora é vida que segue. Fecho os olhos e inspiro devagar. A imagem que me vem à mente é a do Aquiles, tentando desviar aqueles olhos azuis dos meus. “Que homem lindo!”

Lindo, é?! Me conta tudo, sua bandida! – Dani me ameaça pelo telefone, assim que falo sobre o Aquiles e a maneira inusitada como nos conhecemos na casa dele.

Lindo do tipo alto, corpo forte, cabelos claros mal cortados, de barba de tamanho médio e lindos olhos azuis. Só achei estranho que ele nunca olha diretamente para o rosto das pessoas. Parece ser muito tímido, embora ele tenha conversado bastante comigo.

Amiga, tô sentindo um arrepio aqui... cê vai se dar muito bem com esse cara, tô até vendo... Briseida vestida de noiva... casamento na praia... filhos...

Ficou louca?! Agora deixa eu te contar o principal!

O que é?

Ele é gay!

Gay?! – um minuto de silêncio pelo luto da minha amiga.

Sim.

Ele confessou pra você que é gay? Ou ele dá tanta bandeira, que você tirou suas próprias conclusões?

Nem uma coisa nem outra. Ontem, quando nós conversamos na casa dele, o Aquiles foi bem

claro em dizer que não sentia a menor atração por mim e que não queria fazer sexo comigo...

Tem razão, ele é muuuito gay! – nós duas caímos na gargalhada.

Hoje teve um lance lá na empresa também, que foi super estranho. Quando eu entrei na sala dele com o sócio, os dois começaram a discutir e o Aquiles disse que o Otávio, estava abandonando ele para ir atrás de outro homem no exterior. E depois, ele ainda me disse que eles eram companheiros há muitos anos. Acho que o que rola entre eles não é só uma sociedade, entende? Pelo visto também já houve um romance e agora o rompimento.

Que azar, hein amiga?!

Azar coisa nenhuma! Eu tenho é sorte, muita sorte! Um chefe gay era tudo o que eu precisava na minha vida. Nunca vou ser vítima de assédio sexual e também não vou precisar me preocupar se ele está me dando um aumento porque eu sou boa de serviço, ou se é porque ele quer me comer. Depois do André, fiquei escaldada. Você, melhor do que ninguém sabe o quanto aquele homem destruiu minha autoestima.

PERIGOSAS NACIONAIS

Não fala o nome dessa praga, pelo amor de Deus, Briseida! Não fala que atrai. Faz como eu, chama aquela praga de ‘de cujus’ que é pra ver se ele morre logo!

Credo, Dani! Não é pra tanto! Eu também quero que o André... ops! Quer dizer... que o de cujus pague pelo que ele fez, mas daí desejar a morte dele é demais! Não desejo isso não. Quero que ele viva muito, pra dar tempo de pagar todos os pecados dele.

Haaaa... mas você é boa, esqueceu?! Eu não! Eu sou o quê, Bris?

Você é má! Muito má! – tento controlar minha crise de risos.

Isso mesmo, garota! Eu sou muito má. Principalmente com os homens que caem nas minhas garras.

Você é uma safada, isso sim! – corrijo.

Você é muito mais safada do que eu!

Tá bom! Vou concordar porque preciso desligar. A comida tá pronta e eu tô morta de fome.

Qual a novidade nisso, né? Briseida com

PERIGOSAS ACHERON

fome... vai lá, sua morta de fome! E não esquece de me mandar mensagem contanto todas as novidades de amanhã, tá? Senão vou aí em Goiânia pessoalmente conhecer esse tal Aquiles.

Depois do jantar ainda tenho que responder ao interrogatório da minha mãe. Ela quer saber exatamente como conheci o Aquiles, como ele é, e todos os detalhes da minha contratação.

Sinto um ar de desconfiança nas perguntas da investigadora Heneida, mas prefiro ignorar. Obviamente, ela está pensando o mesmo que a Dani, que o Aquiles deve ter algum tipo de segundas intenções. É evidente que essa ideia não faz o menor sentido, mas pensando bem, quem me dera!



Briseida

A música do meu despertador toca, indicando
PERIGOSAS ACHERON

que tenho mais um dia de oportunidades pela frente. Em vez de ficar acionando a função soneca por reiteradas vezes, dou um salto da cama e vou em direção ao banheiro. Preciso tomar um banho e me arrumar para o trabalho. Nos últimos tempos tenho acordado feliz e bem disposta. Sinto que sou uma nova pessoa.

Faz um mês que estou trabalhando na Factral, e apenas duas semanas que o Otávio foi embora para o exterior. Agora, todos os contatos com o público externo estão por minha conta. Embora seja um grande desafio, não me assusta. Meu objetivo é dar o melhor de mim.

Em pouco menos de trinta minutos já estou descendo a escadaria do prédio, em direção à portaria. Costumo caminhar até o terminal regional, onde tomo um ônibus para chegar ao trabalho. A viagem dura cerca de vinte minutos.

Gosto de chegar antes dos demais funcionários e deixar tudo em condições para receber meu chefe e os clientes. Nesta manhã, logo que me aproximo do portão da empresa, sinto um arrepio estranho. Há alguns dias que ando com a sensação de estar sendo vigiada. Antes de entrar, ainda olho para os

PERIGOSAS NACIONAIS

lados, só para me certificar de que não estou sendo seguida.

— Bom dia, dona Briseida!

— Ai meu Deus! Que susto! — o súbito aparecimento da Lina, a faxineira, faz com que eu dê um pulo. — Eu não imaginava que você já estivesse aqui nesse horário, mulher!

— Ah, me desculpa! Não queria assustar a senhora. — Ela abaixa a cabeça, segurando o espanador de pó nas mãos. Lina é uma mulher de quase trinta anos, bastante esforçada e atenciosa, sempre que preciso de seus serviços. — Eu resolvi começar mais cedo. Queria saber da senhora se posso sair por volta das quatro da tarde, porque hoje é aniversário do meu filho caçula e eu queria fazer um bolinho antes dele chegar da escola.

— Ah sim! Mas é claro que pode. Qual o nome do seu filho?

— Moisés.

— Que nome bonito! E quantos anos ele está fazendo?

— Seis anos.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Que bacana, se você tivesse me falado antes, eu poderia ter comprado um presente para ele, mas... não tem problema! Posso dar uma saidinha na hora do almoço e comprar algo *pra* você levar *pra* ele, em nome dos colegas aqui da empresa.

— Nossa senhora! Não precisa disso não, Dona Briseida!

— Já te falei que não precisa me chamar de Dona Briseida. Eu sou tão funcionária dessa firma quanto você. Então, me chama de Briseida, ou Bris, se você preferir.

— A senhora... quer dizer... você, é um anjo! Se bem que... todo mundo aqui na empresa tem sido muito legal comigo, menos o seu Aquiles, que nunca fala comigo e nem gosta que eu limpo a sala dele.

— O Aquiles?! Imagina! Ele é assim com todo mundo, até comigo que sou assistente pessoal dele. Não se espante com aquele jeitão estranho. Ele parece ser bruto, às vezes, mas acho que é só excesso de sinceridade.

— *Tá* certo. No mundo de hoje, que a gente

PERIGOSAS ACHERON

vive cercada de falsidade, a gente nem deve reclamar quando encontra alguém sincero demais.

— Sabe que você tem razão, Lina? Essa sua frase faz todo sentido. O errado não é ser sincero, é ser mentiroso! E olha que eu já conheci homem mentiroso nessa minha vida. Deus me livre! Não gosto nem de lembrar.

— E eu?! Se for contar todas as minhas histórias com homem mentiroso, nós vamos ficar aqui até anoitecer.

Caio na gargalhada, enquanto ela se afasta. Subo as escadas até o segundo andar, refletindo sobre o nosso diálogo. Estava me referindo ao André, quando falei de homem mentiroso. Tento afastar a imagem dele da minha mente, como sempre faço, quando ela aparece. Até a lembrança dele me faz mal.

A manhã passa rapidamente. Deixo organizada a agenda do Aquiles e preparo os projetos que serão apresentados à cliente que temos agendada para a tarde. É uma mulher bem ao estilo *feme fatale*⁸: quarentona, loura, alta, magra, peituda e de olhos verdes. Amanda é uma famosa dentista

de Goiânia, cuja clínica se tornou uma franquia famosa na cidade e região. A Factral que faz os projetos de todos os consultórios que são montados.

No horário do almoço, opto por não almoçar com os funcionários na copa, como sempre faço. Saio para ir até o centro comercial do bairro, onde tem uma loja de brinquedos, e compro um presente para o filho da nossa funcionária. Lina fica radiante e emocionada com o pequeno gesto de carinho, o que também me deixa emocionada.

No final da tarde, antes de ir embora, resolvo dar uma última passada na sala do Aquiles para perguntar se ele precisa de mais alguma coisa. Quando ele responde, arrependo-me de ter perguntado.

— Sim, eu gostaria que você fosse até a minha casa hoje, às oito da noite, para receber a Amanda.

— Eu? Receber a Amanda? Mas eu pensei que essa visita dela seria uma visita pessoal, não vejo motivo para eu estar presente.

— Visita pessoal? De onde você tirou essa ideia? Ela disse que queria conhecer o projeto da minha casa, e foi você mesma quem fez vários

PERIGOSAS NACIONAIS

elogios, aguçando a curiosidade dela.

— Lógico que não, Aquiles! Você vai me desculpar, intrometer assim na sua vida, mas as caras e bocas que aquela mulher fez aqui, nada têm a ver com o projeto da sua casa. O que ficou bem claro *pra* mim, é que ela estava procurando um motivo para ficar a sós com você, e conseguiu! Vai me dizer que você não percebeu a bola que ela estava te dando?

— Bola? Ela não me ofereceu bola nenhuma.

— Uma não. Duas bolas! Faço um movimento com as mãos na altura do peito para que ele entenda a quais bolas me refiro.

— Continuo sem entender o que você está falando.

— É sério?! Na hora que ela estava aqui eu achei que você estava se fazendo de bobo, mas me diz uma coisa... você não percebeu, mesmo, que a Amanda está interessada em algo a mais? Imaginei até, que você daria um fora nela, mas você a convidou para ir à sua casa. Acho que ela está cheia de esperanças de que vai rolar algo, que eu, particularmente, acho que não vai rolar...

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Do que você está falando?

— Sexo, Aquiles! Transa, foda, trepa...

— Tudo bem, já entendi! – ele levanta a mão para o alto, deixando-me constrangida. Por um momento achei que estava conversando com a Dani e não com o meu chefe. — Eu não tenho nenhum interesse em fazer sexo com aquela mulher. Esse é mais um motivo para que você esteja presente na minha casa hoje à noite.

— Bom... se for para zelar pela sua integridade física e sexual, eu irei. Mas te adianto que ela não vai gostar nada da minha presença na sua casa.

— Não tem problema. Gostaria que você chegasse um pouco antes das oito, pode ser?

— Sim, é claro! Eu vou chamar um *Uber*.

— Você não tem carro?

— Não, eu ando de ônibus.

— Melhor assim! Menos uma pessoa para poluir o planeta.

— Ah tá! Eu tenho muito consciência ecológica! Você nem imagina! – uso de ironia, mas

PERIGOSAS ACHERON

ele parece me levar a sério.

Saio da empresa rindo da conversa que acabei de ter com o chefe. Nossas conversas são sempre cheias de mal-entendidos. Confesso que estou sentindo um prazer mórbido em atrapalhar os planos da *feme fatale*. Eu diria, até, que estou com ciúmes, mas isso é uma grande besteira. O Aquiles não gosta mesmo de mulher. Poucos homens nesse mundo, dispensariam uma mulher maravilhosa feito a Amanda.

Ando tão distraída pela calçada, que não percebo a aproximação de um rapaz, que atravessa a rua e vem na minha direção, enquanto caminho até o ponto do ônibus.

— Você é a Briseida?! — ele pergunta com uma expressão atônita no rosto.

— Por que você quer saber? — pergunto desconfiada.

— Trabalho no Hospital *Mater Dei* e a sua mãe me contou onde você trabalha. — ele vai direto ao ponto — ela teve uma intercorrência e foi internada às pressas, nós tentamos localizar você pelo celular, mas você não atendeu às nossas

ligações, por isso resolvi vir pessoalmente e te levar até o hospital.

Sinto minhas pernas fraquejarem, e um súbito arrepio percorrer todo o meu corpo, como se fosse o próprio gelo da morte. Não tenho coragem de perguntar o que aconteceu à minha mãe, mas sinto que foi o pior. “Meu Deus, não pode ser! Ela parecia tão bem hoje de manhã!” “Antes da morte, sempre existe um dia bom, que é o último”. Balanço a cabeça como se pudesse jogar fora esse último pensamento.

— Vamos, Briseida! Não precisa se desesperar, porque sua mãe não morreu, foi ela mesma quem me disse onde você trabalha. Vem comigo! — ele segura a minha mão trêmula e gelada. — Vou te dar uma carona no carro da administração do hospital.

Minha cabeça está tão atordoada, que ignoro toda a situação que envolve a abordagem desse rapaz. Somente quando ele me faz entrar no banco de trás do carro escuro e eu me deparo com um homem de terno ali sentado, é que percebo que caí numa cilada.

Em nenhum momento, observei se o rapaz

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

elegante usava uniforme ou crachá do hospital. Também não conferi meu celular para ver se realmente alguém havia tentado falar comigo. Fiquei tão aturdida, pensando no pior, que não consegui raciocinar direito, e entrei no carro de um estranho.

— Oi, princesa! – ele sorri vitorioso, ciente de que seu plano pífilo deu certo, mais uma vez, com a tonta da Briseida.

— Desgraçado! – respondo entre os dentes, destilando todo desprezo que sinto por ele.

— Que isso! Que falta de modos! Você não era assim, minha princesa linda. – Ele tenta tocar meu queixo, e eu dou um safanão em seu braço.

— Não ponha suas patas em mim, seu nojento! – começo a chorar de forma nervosa. — Eu não acredito que você foi capaz de simular que aconteceu algo grave com a minha mãe, só para se encontrar comigo! Não! Na verdade, eu acredito sim. Vindo de você, eu esperaria qualquer coisa, por mais baixa que fosse.

— Eu te amo, porra! – ele grita com raiva, abandonando aquele sorrisinho calmo e mentiroso.

PERIGOSAS ACHERON

— Quando você vai entender que eu te amo e que não vivo sem você, Briseida?!

— Nunca!!! Eu nunca vou entender um amor em que uma pessoa subjuga a outra e faz com que ela se sinta um verme, que habita o cocô do cavalo do bandido. Isso não é amor! Você não ama ninguém além de si mesmo, porque se tivesse algum sentimento pela sua família, não faria o que faz por aí.

— Deixa a minha família fora disso, isso não é assunto seu! Eu estou aqui para levar você de volta *pra* Brasília. Não vou deixar você aqui nessa cidade passando necessidade e ralando para sobreviver. Você não precisa disso, princesa! Você tem a mim *pra* cuidar de você, como eu sempre fiz nos últimos anos. Nunca te faltou nada, não foi?

— Deixa de ser ridículo, André! Realmente nunca me faltou nada: casa, comida, carro, dinheiro, desrespeito, grosseria, abuso e tantas outras coisas mais que eu não quero nem me lembrar, e porque eu me recuso a conversar com você! — levo a mão à maçaneta, quando percebo que a porta está travada, para não ser aberta por dentro.

— Briseida, não faz assim comigo! Você não tem noção do que eu estou sofrendo nesses últimos meses sem você. Eu *tava* nervoso, de cabeça quente aquele dia que levei aquelas mulheres *pra* casa, mas você precisa entender que eu fiquei com ciúme, eu só *tava* tentando fazer um pouco de ciúme em você também. Eu não queria que você fosse embora da nossa casa.

— Nossa casa!? — engulo o choro, momentaneamente, para extravasar a revolta que sinto. — Não existe nossa casa, André! Aquele apartamento nunca foi sua casa, foi a maneira mais barata que você encontrou para fazer sexo fora do casamento sem se expor, porque você é um homem casado, e pai de dois filhos.

— Princesa, esquece essa história, eu já te falei. Você sabe que meu casamento é de fachada, e a única mulher que eu já amei na vida foi você. A única mulher com quem eu quero estar é você e ponto final. Será que é tão difícil entender isso? O que você quer para voltar *pra* mim? Quer que eu me divorcie, é isso? Eu me divorcio! Quer que eu me case com você? Eu me caso! Eu faço qualquer coisa que você me pedir, Briseida! Qualquer

coisa... mas, por favor, volta *pra* mim, princesa! Eu tô sofrendo. — Seus olhos ficam marejados e eu me lembro de quando o vi chorar pela primeira vez, ao me contar uma mentira deslavada. Na época, fui ingênua o suficiente para acreditar, mas agora é diferente. Não vou me deixar levar por essas lágrimas de crocodilo.

— A única coisa que eu quero, é que você me deixe em paz. Não me procure mais!

— Isso nunca! Você nunca vai ficar em paz. Eu tenho detetives na sua cola 24 h por dia. Eu te encontrei aqui e vou encontrar em qualquer outro lugar que você tentar se esconder. — Ele me puxa pelos cabelos, trazendo meu rosto para perto do seu. — Eu não vou deixar nenhum homem se aproximar de você. Se quiser me desafiar, vou fazer você perder esse emprego e voltar a fazer faxina, como você esteve fazendo tempos atrás.

O desgraçado colocou mesmo, detetives atrás de mim. Era por isso que tinha a impressão de estar sendo vigiada o tempo todo.

Pela primeira vez desde que entrei no carro, tomo coragem de encará-lo. Está mais magro, com a aparência um pouco desleixada, cabelo mal

PERIGOSAS ACHERON

cortado e barba grande. Eu temi muito esse encontro, porque não queria fraquejar diante da imagem do homem que amei um dia.

— Que seja, André! Não me importo de ser faxineira, desde que eu mantenha minha dignidade. Quando estava com você, eu tinha de tudo, mas não tinha respeito, muito menos amor próprio. Você não tem noção do baita orgulho que tenho de ser a pessoa que me tornei: uma mulher que não tem medo de enfrentar o mundo, de pegar no pesado, de encarar ônibus lotado e lavar banheiro alheio. É muito melhor do que ser sua prostituta particular!

— Não fala isso, Briseida! — ele puxa meu cabelo ainda mais forte. — Você não sabe com quem você está mexendo! Eu conheço gente de todos os tipos, e eu posso cobrar alguns favores a qualquer momento.

— Você está me ameaçando, André? Está ameaçando a mulher que você acabou de dizer que ama? Olha só como você é contraditório! Que espécie de amor é esse, que quer matar, que quer fazer mal?

— Eu sou um homem desesperado! E um homem desesperado faz qualquer coisa por amor.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Faz qualquer coisa por amor, menos colocar sua carreira em risco, não é mesmo? E sabe o que vai te acontecer se você continuar a me perseguir? Eu vou para a imprensa, contar tudo o que eu já vi e ouvi, enquanto estive com você. Inclusive, já tenho vários dossiês, contanto a minha história com você, caso aconteça qualquer coisa comigo, de repente: desaparecimento, acidente, assalto ou qualquer outra coisa inescrupulosa que estiver passando pela sua cabeça.

— Mentira! Você não faria isso! Você não é esse tipo de pessoa calculista.

— Então paga *pra* ver! Experimenta mandar tocar um dedo em mim ou insistir em me perseguir. E solta a porra do meu cabelo agora!!! – grito.

— Tudo bem, princesa! Me desculpa, eu só estava blefando quando sugeri que pudesse te fazer alguma coisa. Sou incapaz de fazer mal a você ou a qualquer outra pessoa, e você sabe disso. Eu vou embora, mas quero deixar claro que não desisti de nós dois. Só que agora, eu não vou mais correr atrás de você. Vou sentar e esperar, porque sei que você vai voltar. Só não demora muito, porque tem muitas pessoas de olho no seu lugar.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Espero que elas façam bom proveito dele!

André ainda me puxa contra ele e força um beijo, enfiando toda a sua língua dentro da minha boca com voracidade. Tão diferente daquele nosso primeiro beijo, que fez incendiar meu corpo, ao ponto de ficar entorpecida, e não pensar em mais nada.

— *Tá* vendo como eu ainda mexo com você? *Tá* vendo como a química entre a gente é mais forte que qualquer outra coisa?

— Foda-se você e a sua química! – respondo na força do ódio. — Abre logo a merda dessa porta, antes que eu comece a gritar!

— *Tá* bom, meu amor. – Ele aciona o controle e abre a porta do carro. — Só não esquece que estou te esperando.

— Vai *pro* inferno!!! – é a minha resposta, enquanto desço do carro. Caminho a esmo, com o rosto banhado pelas lágrimas. Ainda sinto o gosto dele na minha boca e o ardor no rosto, por conta da fricção da sua barba.

Estou com medo, muito medo. Menti, dizendo que possuía dossiês espalhados. Não tenho nada.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Não tenho nem como me defender de um beijo forçado, como o que ele acabou de me dar.

Sinto-me impotente e fragilizada. Achei que o André fizesse parte do meu passado, mas os fantasmas do passado, mais cedo ou mais tarde, sempre aparecem para nos assombrar.

PERIGOSAS ACHERON



Briseida

Volto para casa em prantos. Minha vontade é de entrar para o quarto, deitar em posição fetal e chorar até o fim do mundo. Tudo o que eu não precisava hoje, era de um encontro com o André. Achei que trocar meu número de telefone seria suficiente para mantê-lo longe de mim, mas ele foi ainda mais esperto e me encontrou aqui em Goiânia, e pior de tudo, sabe todos os meus passos, desde que saí de Brasília.

Entro em casa de cabeça baixa, para que mamãe não perceba que chorei. Não posso dar explicações. Estou atrasada, pois me comprometi com o Aquiles, de estar na casa dele antes das oito da noite. Daqui até lá é uma distância longa, e mesmo de *Uber*, devo demorar, pelo menos, meia hora. Ainda preciso tomar um bom banho para tirar o ranço que André deixou no meu corpo.

— Oi, mãe! Estou atrasada. Tenho um compromisso às oito. — Eu a cumprimento de longe, enquanto está sentada no sofá da sala, lendo um livro. Vou direto para o quarto e começo a tirar minhas roupas. Minha mãe me segue. Ela sabe que não estou bem.

— Oi filha! Quer me contar o que aconteceu

no seu trabalho? Por que você andou chorando?

— Quem disse que eu andei chorando, Dona Heneida? – indago de costas para ela.

— Essa sua voz rouca, esse seu nariz e olhos inchados! O que foi? Alguém te maltratou? E que compromisso é esse hoje à noite?

— Meu chefe me pediu para acompanhá-lo em uma visita de uma cliente na casa dele.

— Visita na casa do seu chefe? Ah! Isso não está me cheirando bem, Briseida! É por isso que você chorou?

— Não, mãe! Não tem nada a ver com o Aquiles. Depois te conto o que aconteceu. Agora preciso tomar um banho, porque estou atrasada mesmo, eu juro!

— Briseida, eu não quero ver você metida em encrenca! – ela cruza os braços na frente do corpo e faz uma expressão séria. — Você tem certeza que esse seu chefe é mesmo um homem de confiança? Ou você acha que ele inventou essa visita de cliente para tentar forçar algo com você?

— Nada a ver, mãe! O Aquiles é gay, já *te* falei! Eu estou indo *pra* casa dele, justamente

PERIGOSAS ACHERON

porque ele não quer ficar sozinho com essa cliente, que é muito oferecida. Ele não quer que a visita pareça um encontro, então me pediu para estar presente. Fica tranquila, mãe! O motivo do meu choro não tem nada a ver com meu trabalho, pelo contrário, estou amando trabalhar na Factral. Só que neste momento, não posso te dar explicações, você me entende?

— Está bem! Mas não vou dormir enquanto você não chegar. Quero saber tudo que aconteceu hoje e quero saber o que vai acontecer lá na casa do seu chefe. Estamos combinadas?!

— Combinadíssimas, Dona Heneida! Agora me deixa tomar banho!



Apesar de todos os meus esforços, não consigo cumprir o horário que marquei com o Aquiles. Minha sorte, é que a Amanda parece ter se atrasado também. Quem abre o portão para mim, é a esposa do Sr. Quinzinho, que me cumprimenta com um abraço. Percebo que ela é tão falante quanto o marido. Estou um pouco agitada e

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

ansiosa, pelos últimos acontecimentos, e lamento o fato de não ter mais tempo para conversar com ela.

— Você está atrasada! — a voz grave me sentencia, tão logo eu entro pela porta da sala. Só que dessa vez, não tenho medo, como no primeiro encontro.

— Boa noite para você também, Aquiles! Eu poderia me desculpar pelo atraso, mas considerando que fui sequestrada no trajeto entre a Factral e o ponto de ônibus, não posso ser culpada pelo atraso, portanto, não vejo porque me desculpar. Fiz o meu possível!

— Sequestrada?! Por que alguém te sequestraria? Eles te assaltaram? Levaram alguma coisa?

— Se a minha dignidade valer alguma coisa, então levaram sim!

Nosso diálogo é interrompido pela Jandira, que nos avisa sobre a chegada da visitante. Amanda desce do luxuoso carro preto e está vestida para matar. Lembro-me da Andy, e de seu vestido vermelho curtíssimo, que usava na primeira vez que nos encontramos. O perfume da mulher toma

PERIGOSAS ACHERON

conta de todo ambiente, mesmo que as portas da sala estejam abertas, para que a brisa fresca do jardim circule pela casa.

Ela abraça o Aquiles efusivamente e o beija no rosto. Percebo o quanto ele se mostra desconfortável e não retribui ao cumprimento, mas ela não liga. Amanda parece ser o tipo de pessoa que só enxerga a si própria. Ao se virar para mim, ela faz uma expressão de decepção.

— Não esperava encontrar você por aqui, florzinha! – a frase sai em meio a um sorriso mais falso do que nota de quinze reais.

— O Aquiles pediu para que eu viesse.

— Então aproveita, vai até o carro, e pega a comida que está no banco traseiro. – Ela usa um tom imperativo, como se eu fosse sua empregada particular. — Eu passei no meu restaurante japonês preferido e trouxe um jantarzinho para nós dois, Aquiles. Tenho certeza que você vai amar!

Caminho em direção ao carro, com raiva, pelo tom pedante da mulher. “Trouxe um jantarzinho para nós dois” – repito mentalmente a frase, com uma vozinha em falsete. Para minha felicidade, o

Aquiles dá a ela a resposta merecida:

— Nós não marcamos um jantar, Amanda! É apenas uma visita para que você conheça o projeto da casa.

— Eu sei, meu amor! Mas como marcamos para o horário do jantar, achei que não teria problema trazer alguma coisa para comer e beber, enquanto conversamos.

— Primeiro: eu não sou seu amor. Segundo: eu já jantei. Terceiro: eu não como comida japonesa, porque não suporto o cheiro de algas e a textura do peixe cru.

— Ah! Mas essa você vai experimentar e vai adorar. É do restaurante mais luxuoso da cidade. Juro que você vai amar!

— Já disse que não vou comer.

— Poxa, Aquiles! Não acredito que você fará essa desfeita comigo! – ela faz um biquinho infantil que não combina com sua idade. — Trouxe com tanto carinho...

— Não é desfeita, mas já que você trouxe comida, talvez a Briseida possa te acompanhar no jantar. O que você acha, Briseida? – ele se dirige a

PERIGOSAS ACHERON

mim.

— Eu a-do-ra-ria – respondo com um sorriso no rosto e uma voz encantadora, enquanto carrego a grande bandeja embalada, em direção à mesa da cozinha. Nem me viro para trás, mas sei que a *feme fatale* deve estar me fuzilando com o olhar.

Logo o Aquiles começa a falar sobre a ideia do projeto arquitetônico em forma de espiral, e como ele se inspirou na sequência de Fibonacci. Amanda não demonstra nenhum interesse na fala dele. Ela mal olha para os detalhes dos ângulos. Está muito mais preocupada em jogar o cabelo de forma sensual e respirar fundo para que os seios fiquem à mostra no generoso decote.

O Aquiles tem tanta paixão quando fala de Arquitetura, de formas, que parece um professor em sala de aula. Fica tão entretido que é incapaz de perceber que sua interlocutora não está prestando atenção à sua fala. Também não nota que ao subir a escada, ela segura o corrimão dos dois lados, impedindo que eu os siga.

— Você não tem nada para fazer na cozinha, queridinha? O que acha de ir preparar a mesa para o jantar? Nem eu nem o Aquiles precisamos de
PERIGOSAS ACHERON

você lá em cima, se é que você me entende?!

— Entendo sim, eu só acho que...

— Você não tem que achar nada! – ela me interrompe e sobe triunfante atrás do Aquiles.

— Eu só acho que você vai se dar mal – falo baixinho entre os dentes, de forma que ela não me ouça.

Considerando que ela me mandou para a cozinha, e considerando que estou morta de fome, aproveito para abrir o pacote e me deparo com uma bandeja linda em forma de barca, carregada de *sushis*, *sashimis* e *temakis*. Como não há ninguém me olhando, pego três *sushis* com a mão e os enfio na boca ao mesmo tempo.

Em uma coisa a Amanda tem razão: a comida é maravilhosa. Sem dúvidas, é a melhor comida japonesa que já experimentei. Mal começo a mastigar e sou surpreendida pelo gritos histéricos e choro da mulher.

— SEU LOUCO DESEQUILIBRADO!!!
IMBECIL!!! NÃO PRECISAVA ME AGREDIR!!!
ISSO NÃO VAI FICAR ASSIM, SEU IDIOTA!!!

Corro em direção à escada e Amanda passa
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

por mim, feito um tornado, segurando os sapatos de salto nas mãos.

— Amanda! Amanda! Está tudo bem? O que aconteceu, Amanda?! – tento estabelecer algum diálogo.

— É claro que não está tudo bem. Você é retardada? Esse seu chefe é um grandessíssimo *viado*! Eu deveria ter suspeitado desde o início. BICHA!!! SUA BICHONA!!! – ela grita ainda mais alto, para que Aquiles a escute no segundo andar.

Vou até a cozinha e aciono o portão eletrônico para que ela saia com o carro. Enquanto isso, ouço Aquiles cantar uma música inteligível lá em cima. Ele parece extremamente agitado.

A energia negativa que fica no ambiente é tão intensa, que me causa tonturas e mal estar. Vou até a sala de estar e me sento na banquetta junto ao piano. A vontade de tocá-lo é imediata. Sei que uma canção poderá dissipar essa nuvem negra que se instalou no ambiente.

PERIGOSAS ACHERON

Aquiles

Eu sabia que esse encontro com a Amanda não poderia dar certo. Não levo jeito com mulheres, isso é fato. Ainda mais quando a mulher tem uma postura tão incisiva como a da minha cliente. Quando permiti que ela viesse conhecer o projeto arquitetônico da minha casa, não me ocorreu que ela tivesse outras intenções.

Se bem que, a minha assistente tentou me avisar porque, obviamente, ela deve ter captado todos os sinais não verbais que a outra emitia, hoje à tarde no escritório. Imaginei que a presença de Briseida durante a visita, fosse me tranquilizar, já que, além de conhecer bem a casa, ela também possui mais habilidade que eu, para lidar com pessoas.

Minha casa é meu refúgio, por isso nunca fiz questão de receber visitas. Hoje, quando cedi aos apelos daquela mulher, abri uma exceção e o resultado foi desastroso. Amanda cometeu todos os

erros possíveis ao tentar se aproximar de mim: usou um perfume forte demais, roupas de cores vibrantes, toques excessivos, e ainda insistiu para que eu comesse algo que não me agrada. Senti-me extremamente desconfortável e com vontade de mandá-la embora o mais rápido possível.

Bastou um descuido de Briseida para que ela se jogasse contra mim no *loft* e forçasse um contato corporal inesperado, que julguei ser violento. Fiquei como um animal acuado e minha reação instintiva foi empurrá-la. Amanda perdeu o equilíbrio sobre o salto alto que usava e caiu sentada no chão.

Ter uma mulher ensandecida saindo da minha casa aos berros, não é nada interessante. Ainda mais proferindo adjetivos ofensivos como: louco desequilibrado e outros mais, que eu nem quis ouvir.

Preferi fazer como na adolescência, quando brigava com meus irmãos: tapei os ouvidos e comecei a cantar. A música sempre teve o poder de me acalmar, mas dessa vez, parece não dar certo.

Escuto um barulho de acelerador e olho pela janela do quarto. A visitante passa pelo portão a

PERIGOSAS ACHERON

toda velocidade, com seu carro escuro. Sinto um misto de alívio e frustração. Alívio por não tê-la mais perto de mim, e frustração por não ter conseguido reagir de forma diferente àquela situação bizarra.

Estou andando de um lado para o outro há vários minutos e batendo as mãos freneticamente contra a cabeça, como se de alguma forma, pudesse consertar o que há de errado aqui dentro.

Não posso.

Eu nasci assim.

Eu sou assim.

Tenho aversão a toques inesperados. Não soube o que fazer. Agora penso que não precisava ter tido uma reação tão agressiva. Poderia ter tido outra reação. Ela me acusou de tê-la agredido e isso me deixa bastante culpado e envergonhado. Não sou um homem que agride mulheres.

Subitamente, sou atraído pelo som do piano lá embaixo. Fecho os olhos e acompanho as notas musicais. Elas parecem bailar no ar e trazer de volta minha paz interior que foi roubada. Amo música instrumental e por isso comprei o piano,

embora eu nunca tenha aprendido a tocá-lo.

Caminho devagar em direção à escada. Lá do alto vejo Briseida de costas, sentada junto ao piano, deslizando seus dedos delicados pelas teclas, enquanto canta uma canção em inglês.⁹

Don't put your eyes down

Não olhe para baixo

You're not to blame

Você não é o culpado

I know there are stories

Eu sei que há histórias

You can't explain

Que você não consegue explicar

But if I should find you black and blue

Mas se eu achar você machucado

And aching from crying, I'll wait with you

E dolorido de tanto chorar, eu esperarei com você

Grow, grow

Cresça, cresça

PERIGOSAS NACIONAIS

Oh, so you know it all

Oh, então você sabe de tudo

Then it's gone

Então já era

Grow, grow

Cresça, cresça

You know I'm here holding on

Você sabe que estou aqui suportando

Tying up your loose ends

Amarrando suas pontas soltas

And your drifting esteem

E sua falta de autoestima

Grow, grow

Cresça, cresça

If you never try, you'll never know.

Se você nunca tentar, você nunca saberá

— Você sempre consegue me surpreender —
falo do alto da escada, assim que a moça termina a
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

canção.

Ela tira as mãos do teclado do piano e se vira para mim, como no dia em que eu a flagrei tentando devolver a Ilíada à minha estante.

— Desculpa, Aquiles! Foi mal! Eu sei que você não gosta que mexam nas suas coisas, mas eu não resisti. É como se este piano me atraísse para ele, implorando para ser tocado.

— Não tem problema, eu só me assustei um pouco, porque imaginei que você tivesse ido embora também.

— Não, eu fiquei preocupada com você e resolvi aguardar.

— Você não deveria ter me deixando sozinho com aquela mulher! – falo com tristeza.

— Me desculpa, Aquiles... eu... eu sei que não deveria, mas... mas... ela foi muito direta comigo, dizendo que queria ficar a sós com você. Eu pensei que você saberia se defender e sair de uma possível situação embaraçosa, com delicadeza.

— Pensou errado! Você deve lealdade a mim, que sou seu chefe, não a uma cliente qualquer.

PERIGOSAS ACHERON

— Sei disso também, e a julgar pelo nervosismo da Amanda, eu acho que as coisas não foram legais lá em cima, não é mesmo? Ela disse que você a agrediu, e estava bastante nervosa e descontrolada quando saiu daqui. Confesso que também fiquei nervosa. Não sabia se ia embora ou se subia para falar com você. Então, preferi tocar uma música para tentar me acalmar.

— Você me acalmou com a sua música. Eu não a conhecia, mas ao ouvir você cantar, tive a impressão de que ela foi escrita para mim e para esse momento.

— Que bom que funcionou para você também.

— Você é uma excelente pianista, e dona de uma linda voz.

— Ah! Eu não sou pianista! Eu toco piano, o que é bem diferente. — Ela sorri, abaixando a cabeça.

— Onde aprendeu a tocar piano? Você tem piano em casa?

— Não! Claro que não! Eu sou pobre. Ter um piano como este é algo impensável para mim. Eu aprendi a tocar quando tinha oito anos. Foi na

universidade onde minha mãe cursou Pedagogia. Ela não tinha com quem me deixar no período noturno, então me levava para as aulas. Quando eu ficava entediada, ia para a sala de música que havia lá no campus, onde ensinavam teoria musical, piano, violão e canto. A música sempre exerceu grande fascínio sobre mim. Eu amava ficar ouvindo aqueles sons. Um dia, a professora me convidou para participar das aulas, como auxiliar dela. Eu tirava cópias de materiais, limpava os instrumentos, organizava a sala, e em troca, ela me ensinou a tocar piano, sem eu ter que pagar nada por isso. É lógico que era um modelo simples, e não igual a esse seu, que é incrível!

— Quer dizer que você começou a frequentar a faculdade com oito anos de idade?

— Sim. Minha família sempre foi mamãe e eu, apenas. Ela preferia me ter sempre perto, para garantir que eu estaria em segurança.

— Uma rotina bastante intensa para uma criança, eu diria. Você é uma moça inteligente, sem dúvidas, mas percebo que seu sucesso se deve muito mais ao seu esforço, do que à sua inteligência.

PERIGOSAS NACIONAIS

— É... mas às vezes, escuto as pessoas dizerem que sou privilegiada porque nasci bonita. Como se isso fosse o bastante para alcançar o sucesso. Olha só para mim – ela se levanta da banquetta e aponta as mãos para si. — Eu entrei na sua casa para trabalhar como empregada doméstica. Sou a personificação do fracasso.

— Briseida... – faço uma pausa antes de continuar – você está muito longe de ser uma pessoa fracassada. Mesmo porque é muito jovem. Você ainda irá experimentar muitos sucessos e muitos fracassos ao longo da sua vida.

— Ah... nem me diga isso! De fracasso já basta! Em alguns momentos, tenho um pressentimento ruim, de que eu não vou viver muito tempo. Deve ser por isso que fico ansiosa para que as coisas aconteçam logo, não queria partir dessa vida sem realizar meu grande sonho.

— Eu não acredito nesse tipo de pressentimento. O nome disso é ansiedade, um fantasma que eu conheço muito bem. Não deixa ele te fazer acreditar que você é uma fracassada, porque o sucesso não aconteceu no tempo em que você achava que deveria acontecer. Vai por mim!

PERIGOSAS ACHERON

Ah... e tem outro detalhe: as estatísticas comprovam que as chances que eu tenho de morrer primeiro que você são muito maiores, porque morrem nove vezes mais homens que mulheres em idade adulta no Brasil.

— Aquiles e suas estatísticas! – ela solta uma gargalhada e eu vejo como o seu rosto se ilumina.
— Pelo menos essa estatística é boa para mim, já para você...

— Eu não faço questão de viver muito. Diferente de você, não tenho grandes pretensões na vida. Para mim, viver um dia de cada vez, já é suficiente.

— A conversa está muito agradável, e eu adoraria ficar mais tempo com você, mas já está tarde. Acho melhor ir para casa, porque ainda preciso chamar o *Uber*.

— Não precisa. Eu levo você em casa.

— De bicicleta?!

— Não. De carro. Por que? Você prefere ir de bicicleta?

— Prefiro ir de carro! – ela diz entre risadas.
— Eu também queria te pedir uma outra coisa, mas
PERIGOSAS ACHERON

estou com vergonha... não quero parecer uma morta de fome...

— O que você quer?

— Você se importa, se eu levar aquela comida japonesa que a Amanda trouxe?

— Ela é toda sua. Só deixe bem embalada porque eu detesto o cheiro de comida japonesa.

— É claro! Deixa comigo.



Assim que saímos de casa, Briseida permanece em silêncio. Tomo a iniciativa de falar sobre o que aconteceu minutos atrás. Não quero que minha assistente tenha uma impressão errada sobre mim. Não sou um homem violento.

— Eu não agredi a Amanda. Só a empurrei porque ela pulou em cima de mim e apertou os meus testículos com força. Não soube como reagir. Minha intenção não era agredi-la, apenas fazer com que ela se afastasse de mim.

— Minha nossa! – ela fixa os olhos em mim,

enquanto permaneço olhando para o para-brisa. — Foi pior do que eu pensava! Juro que não esperava isso da Amanda. Imaginei que ela seria mais sutil.

— Não. Não foi. Eu não a quero mais no nosso rol de clientes. Por favor, entre em contato com a secretária dela amanhã e diga que a Factral não irá mais fazer mais nenhum dos projetos dos consultórios. Eu me recuso a encontrar aquela mulher novamente.

— Ok! Será feito.

Eu dirijo por cerca de trinta minutos, enquanto Briseida conversa sobre sua mãe e seus familiares, que moram no interior. Ela é uma das poucas pessoas com quem me sinto à vontade. Também seria capaz de ficar horas conversando com minha assistente, sem perceber o tempo passar.

— Olha só! Eu moro logo ali naquele prédio. Pode me deixar aqui de frente a essa portaria. — Ela aponta para uma guarita bege em um condomínio de prédios idênticos, em um bairro da periferia da cidade. — Aquiles... — ela hesita um pouco antes de falar — eu imaginei mesmo que você não havia agredido a Amanda. Você me parece ser uma pessoa do bem, mas o problema das pessoas do PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

bem, é que elas são ingênuas. O mundo está cheio de Amandas e Andrés, para se aproveitarem da ingenuidade alheia, e fazer com que a gente se sinta um lixo. Acredita em mim... você não é um louco desequilibrado. Você é um homem incrível! Até amanhã!

Briseida desce do carro e bate a porta, enquanto permaneço imóvel, olhando fixamente para o volante. “Incrível?!” Minha mente se acelera buscando todas as possibilidades que essa palavra encerra. Ela pode estar querendo me dizer tantas coisas diferentes, mas eu não consigo entender. Espero que eu seja tão incrível para ela, quanto ela é para mim.

PERIGOSAS ACHERON

Parte quatro

PERIGOSAS NACIONAIS

—

Seis meses depois.

PERIGOSAS ACHERON



Briseida

PERIGOSAS NACIONAIS

— Tem certeza que você vai ficar bem?

— Absoluta – respondo, dando-lhe um beijo na testa.

— Nem acredito que vou voltar para casa e deixar minha filhotinha para trás... meu Deus! Que espécie de mãe sou? Eu deveria levar você de volta comigo, sabia? Para colocar você embaixo da minha asa e não deixar, nunca mais, que alguém te faça mal, como já fizeram.

— Esquece isso, mãe!

— Não consigo. Eu consigo esquecer todo o mal que já fizeram a mim, mas a você, é impossível. Briseida, você é a parte mais sensível do meu coração. – Ela me abraça forte.

Estamos nos despedindo na portaria do condomínio, e enquanto tio Alceu guarda as bagagens da minha mãe na camionete, ela me faz um milhão de recomendações antes de voltar para nossa casa em Anápolis.

Mamãe está radiante, como há muito tempo eu não via. Graças a Deus, o tratamento quimioterápico teve um ótimo resultado e o médico disse que a cirurgia para retirada da mama não será

PERIGOSAS ACHERON

necessária.

O tumor regrediu, ainda assim, será necessário fazer algumas sessões de radioterapia, que ocorrerão quinzenalmente. Ela não precisará mais ficar em Goiânia. Esse tempo aqui foi uma tortura para ela. Mamãe adora sua vidinha pacata na nossa cidade, e está muito feliz por voltar para os seus dois empregos.

— Mãe, acho que agora é o momento de você desistir de um desses empregos. Que tal aproveitar mais a vida? Viajar um pouco? Conhecer alguém especial... namorar, casar... ter filhos?

— Ficou louca, menina?

— Eu lá quero saber de marido?!

— Aproveitar a vida, viajar, namorar, eu até quero demais! Mas casar... de jeito nenhum!

— *Tá certo!* Mas promete *pra* mim que você vai mesmo aproveitar essa vida?

— Prometo, se você me prometer que vai ter juízo nessa sua cabecinha! – ela toca minha fonte com o indicador.

— Está prometido, mãezinha.

— Agora que você está em um bom emprego, filha, vai poder se mudar para um lugar melhor, mais perto do trabalho, comprar seu carro... não precisa mais ficar nesse pardalzinho que você chama de *apartamento*.

— Eu pretendo continuar aqui, você sabe. Preciso economizar o máximo de dinheiro para quitar aquela dívida. — Suspiro quando me lembro da minha dívida com a Emily.

— Se isso for te deixar em paz com o seu passado, então pague. Pague e esquece o que ficou para trás. Você não é mais aquela Briseida. E quer saber... — ela passeia a mão carinhosamente pelos meus cabelos — você não me decepcionou. Todo ser humano erra. Uns mais que os outros, é claro! Mas eu acredito que a gente sempre carrega algo do qual se arrepende e se envergonha. Toda pessoa, pelo menos uma vez na vida, já desejou voltar no tempo para corrigir um erro do passado.

— Eu sei, dona Heneida. — A fala da minha mãe faz com que eu me lembre de algo que meu pai me escreveu há alguns anos. “*O tempo não é algo que se possa voltar*”.

Assim que mamãe sai, sinto-me aliviada. É
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

como se estivesse me livrando de duas toneladas de preocupação. Enquanto subo as escadarias do prédio até o terceiro andar, lembro-me daquela versão brasileira da música do filme *Frozen*, e começo a cantar:

*Livre estou, livre estou
Não posso mais segurar
Livre estou, livre estou
Eu saí pra não voltar.*

Não estou comemorando o fato de estar livre da minha mãe. Estou livre daquele medo que tinha aqui dentro do peito, de que ela morresse, e eu ficasse sozinha no mundo. Livre também daquelas longas horas dentro de hospitais, vendo pessoas doentes. Nunca gostei de ambientes assim, justamente por ter dificuldades de lidar com o sofrimento alheio.

Não sou aquela pessoa que agradece a Deus, toda vez que vê alguém com a vida mais desgraçada que a minha. Sou a pessoa que sofre, por saber que existe outro ser humano sofrendo

PERIGOSAS ACHERON

mais do que eu. Coisas de Briseida, a garota 100% emoção e 0% razão, como minha mãe costuma dizer.

Pela primeira vez em muito tempo, estou totalmente em paz. Tomo um banho demorado, para que a água quente leve embora todo resquício de preocupação. Saio do banheiro e visto um pijama de malha surrado, e pulo na cama para fazer aquilo que me dá muito prazer: ler! Não existe programa melhor para uma gostosa tarde de sábado.

Quando meu celular toca, faço uma careta. Quem ousa me incomodar nesse momento tão íntimo? É um número que eu não conheço.

Alô? – atendo com voz de quem não está nada satisfeita com a interrupção.

Oi, boa tarde! Eu estou falando com a Briseida?

Sim, sou eu.

Então, Briseida... – pausa para pensar no que vai dizer – Aqui é do hospital Memorial de Goiânia, e eu estou ligando porque o seu número estava como contato de emergência no celular do

Sr. Aquiles Giordano Fontana...

— *Sim!* — sinto um frio percorrendo a coluna e o coração parece que vai parar de bater a qualquer momento. — *PELO AMOR DE DEUS! FALA LOGO O QUE ACONTECEU COM O AQUILES!!!* — grito com a moça ao telefone.

— *Fica calma, senhora... não foi nada grave, ele sofreu um acidente de bicicleta há algumas horas e fraturou a pelve.*

— *Acidente de bicicleta?!*

— *Sim, ele foi atropelado por um veículo e socorrido pelo resgate até o nosso hospital. Acontece que o médico não vai dar alta para ele, se não tiver ninguém da família para passar as recomendações.*

— *GRAÇAS A DEUS!!! Ai que notícia boa, moça! Que-quer dizer, que notícia péssima! — pareço uma idiota quando fico nervosa. — Ser atropelado deve ser horrível, ainda mais quando se fratura a bacia, mas, só pelo fato dele não ter morrido, eu me sinto MUITO, MUITO, MUITO feliz. Me passa o endereço, por favor, que eu vou pra aí agora!*

PERIGOSAS NACIONAIS

Eu me visto na velocidade da luz, pego minha bolsa e corro em direção à portaria, para esperar o motorista do *Uber*. Só quando estou descendo as escadas, é que me dou conta de que estou usando Crocs.

Sim! Depois de algum tempo trabalhando com o Aquiles, além de aprender uma infinidade de coisas sobre Arquitetura, eu aprendi a usar Crocs. É confortável, é uma delícia! Mas para ser usada dentro de casa, é claro! Como agora é uma emergência, nem pensar que vou voltar lá em cima para trocar de calçado.

Quando entro no carro, o motorista confirma o meu local de destino e inicia uma conversa. Ele deve ter percebido meu ar de apreensão.

— Más notícias, moça? — ele pergunta, olhando-me pelo retrovisor.

— Mais os menos, é que meu chefe sofreu um acidente de bicicleta mais cedo, foi atropelado e está nesse hospital que mencionei. Vou até lá para acompanhá-lo e me certificar de que não é nada grave.

— Pelo visto ele deve ser muito bacana.

PERIGOSAS ACHERON

Nunca vi uma pessoa ter tanto carinho e atenção com um chefe, ainda mais *num* sábado à tarde. Geralmente, as pessoas odeiam eles. Eu mesmo larguei um emprego tradicional para trabalhar de motorista de *Uber*, porque detestava ter chefe.

— Ah sim, ele é muito bacana mesmo. — Tiro o celular da bolsa e finjo olhar algo importante, só para encerrar o diálogo com o motorista. Não quero ficar falando da minha vida pessoal com um desconhecido. Ainda mais porque ele citou que tenho muito “carinho” pelo meu chefe. Esse é um assunto que me constrange.

Aquiles tem sido um cara bacana, apesar de parecer frio comigo, na maior parte do tempo. Nós nunca trocamos um aperto de mão, sequer. O problema é que sou uma pessoa muito folgada, então, já me sinto bastante à vontade para falar com ele como se fosse meu amigo, e não meu patrão.

Não posso negar que ele foi muito solidário com a minha situação de ter que acompanhar mamãe durante o tratamento do câncer, é bem provável, que se eu estivesse trabalhando em outra empresa, não teria essa liberdade.

Só foi estranho o dia em que mencionei o
PERIGOSAS ACHERON

estado da minha mãe e ele soltou um comentário totalmente inoportuno, que me fez cair em prantos. Parece que foi ontem, mas já se passaram seis meses...



— *Aquiles, boa tarde! Posso entrar?* – eu o procurei em sua sala para conversarmos.

— *Mas você já entrou.* – Ele foi direto.

— Ok... – respirei fundo antes de falar a próxima frase e não cometer mais nenhuma gafe.
— *Eu só vim te lembrar que amanhã é um dos dias em que chegarei mais tarde, porque preciso acompanhar minha mãe na quimioterapia, você está lembrado?*

— *Sim, é claro que estou lembrado. E como está o tratamento da sua mãe?*

— *Ela está indo muito bem. Nós estamos cheias de fé, que ela vai vencer o câncer.*

— *Considerando que o diagnóstico dela não foi precoce, como você já me disse, as chances da sua mãe se recuperar são de apenas 50%,*
PERIGOSAS ACHERON

conforme as estatísticas médicas. Isso quer dizer que você deve se preparar para qualquer um dos resultados com a mesma intensidade, tanto para a morte quanto para a recuperação.

Quando ouvi a palavra morte saindo da boca do Aquiles, caí no choro. Já estava me sentindo fragilizada pelo fato de estar na TPM, os hormônios ajudaram a ferrar com meu emocional.

— *O que foi? Por que você está chorando?*

— *Por... porque você falou que a min... a minha mãe pode morrer...*

— *Mas essa é a verdade!*

— *É... é... uma verdade que eu não estava preparada para ouvir.*

— *Briseida, eu só estava tentando te ajudar a se preparar para o futuro, não foi minha intenção fazê-la chorar. Não me sinto bem vendo você chorar.* — Ele começou a vacilar o tom da voz e pareceu bastante nervoso, batendo a mão contra a própria cabeça. — *Que droga! Eu não deveria fazer você chorar... eu sinto muito, Briseida! Por favor... não chora! Não chora!* — ele se agitou ainda mais, e eu fiz um esforço para engolir o choro, de forma a

tranquilizá-lo.

— *Está tudo bem, Aquiles. Não foi você quem me fez chorar. Foi toda a situação que envolve a minha mãe. Eu já estou me sentindo bem melhor, e se você permitir, vou embora agora, tudo bem?*

— *Sim, sim... tudo bem... tudo bem, só não chora mais, por favor!*

— *Oh! Parei já! Acabou o choro.* – Ergui a cabeça e enxuguei as lágrimas com o dorso da mão.



Ao longo desses meses, entendi que o Aquiles fala certas coisas sem maldade. É como se fosse uma criança de cinco anos, que não tem noção de que sua sinceridade e sua verdade podem ofender ou magoar as pessoas, porque, afinal de contas, ele está só falando a verdade.

Penso que talvez ele esteja certo e eu esteja errada em dissimular e esconder meus verdadeiros sentimentos e opiniões, sob uma máscara de princípios de boa educação. Seria tão mais simples poder dizer o que sinto de verdade, o que eu quero

e o que eu não quero. Por muitas vezes, fiz coisas que não queria fazer, só para agradar o outro. Isso não foi nada legal comigo.

Trinta minutos depois de sair de casa, estou entrando no quarto do hospital. Na realidade, esse lugar nem poderia ser chamado de hospital. É tão chique que parece mais um hotel. Aquiles está sozinho em uma suíte enorme, climatizada, com TV de tela grande, *wi-fi*, cama com comandos elétricos, poltrona reclinável, sofá para acompanhantes e várias outras comodidades.

Concordo com as pessoas quando dizem que o importante é ter saúde, mas ter dinheiro também é fundamental, para se ter um mínimo de dignidade na vida. É por isso que sempre corri atrás de condições de vida melhor para mim e para mamãe.

— Aquiles, está tudo bem com você? — pergunto, aproximando-me da maca.

— Não. Não está! Eu fui atropelado e tive uma luxação na bacia e o médico não quer me deixar ir embora! — ele fala com raiva. — E o que você está fazendo aqui?

— Eles me ligaram do hospital, porque,

felizmente, você teve a consideração de colocar meu número como seu contato de emergência, pelo menos isso, não é, Aquiles? Você mesmo poderia ter me ligado, avisando o que aconteceu. Eu quase infartei quando a atendente me ligou dizendo que era do hospital, e que você havia sofrido um acidente.

— Por que? Você tem problemas cardíacos?

— Não. — Caio na gargalhada. São sete meses cometendo o mesmo erro, de usar expressões não literais para falar com ele. Um dia eu aprendo, ou não. — Deixa *pra* lá! O importante é que você está bem.

— Eu já te disse que não estou bem, eu fui atropelado e quero ir para casa. Não quero ficar neste hospital!

— Você está bem sim. Poderia ter sido pior, sabia? Você poderia ter morrido ou ficado tetraplégico. Seja um pouco agradecido! — encarno a Dona Heneida, para dar sermão no meu chefe.

— Briseida, me poupe dessa sua filosofia da Polyana do contente!

— Ah meu Deus! — fico toda eufórica. —

Você já leu Polyana?! Não acredito! Eu adoro esse livro!

— Sim, eu já li Polyana.

— Por falar em livro, você sabe o que eu estou lendo agora?

— Não. Não sei, porque você ainda não me falou.

— Ah tá! Você quer saber o que eu estou lendo agora?

— Não. Não quero. – Ele vira o rosto para o outro lado.

— Mas eu vou falar mesmo você não querendo ouvir. Estou lendo “*A diferença Invisível*”¹⁰, é a história real de uma moça francesa, que se sentia diferente de todo mundo, até que descobriu ser portadora da Síndrome de Asperger.

— E por que você está lendo sobre Síndrome de Asperger? – ele, finalmente, parece se interessar pelo meu assunto, porque volta o rosto para o lado onde estou.

Não gosto de falar com as pessoas sem olhar nos olhos delas. Minha maior dificuldade em

trabalhar com o Aquiles, além do fato dele não entender minhas expressões e as minhas caras e bocas, é que ele não me olha nos olhos. Mas eu sempre insisto em buscar esses lindos olhos azuis.

Hoje, quando nossos olhares se encontram, sou eu quem desvia primeiro. Isso é um mau sinal. “Não, Briseida! Isso é um péssimo sinal. Se apaixonar pelo chefe gay é fim de carreira”.

— Curiosidade. Eu acho que o livro traz uma boa reflexão sobre como é importante aprender a lidar com as diferenças. Aquiles... — hesito um pouco antes de perguntar — você é Aspie, não é?!

Faz tempo que estou desconfiada de que a diferença do Aquiles tem uma explicação lógica e razoável. Depois de várias pesquisas na Internet, comecei a me interessar pela Síndrome de Asperger e até comprei alguns livros que falam sobre o assunto. Tenho suspeitas de que o Aquiles está no espectro do autismo.

— Você está lendo uma história em quadrinhos sobre Síndrome de Asperger e já está diagnosticando as pessoas? — ele questiona com estranheza.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não estou te diagnosticando. Só fiz uma pergunta. É só curiosidade. Não precisa se ofender, e não precisa responder, se não quiser.

— Sim, Briseida. Eu estou no espectro do autismo. Eu sou um Aspie, sim.

— E por que você nunca me disse isso antes?

— Porque eu não gosto de ser tratado como uma aberração. Há pessoas que acreditam que Asperger seja uma doença mental, e que o portador pode apresentar algum tipo de perigo. No meu caso, é até difícil convencer os outros de que tenho a síndrome, porque as pessoas me julgam inteligente demais, e na concepção de muitos, a pessoa no espectro é retardada.

— Ah sim, nessa história que estou lendo, a autora aborda sobre alguns estereótipos do autismo, que já foram até representados no cinema, como no caso do filme *RayMan*.

— Sim... — ele suspira — é muito difícil viver em um mundo onde as pessoas não te compreendem. Eu sou diferente, mas no fundo, o que eu queria mesmo, era ser aceito pelas pessoas, e ter uma vida normal.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu imagino. — Abaixo a cabeça e compartilho a tristeza que ele tem no semblante, ao falar sobre o preconceito. Aquiles não é um homem ruim, nem mal-educado, nem grosso e esnobe, como eu pensei no primeiro dia em que o encontrei. Também está longe de ser um homem violento que agride mulheres, como naquela noite com a Amanda. Somos acostumados a rotular o outro, porque é mais fácil do que mergulhar em sua realidade para conhecer as dores mais profundas.

— Briseida, leve-me para casa, por favor! — ele implora.

— Sim. — Tomo coragem para me aproximar dele, e toco seu rosto suavemente, deslizando o dorso da minha mão, da testa em direção ao queixo. É a primeira vez que temos qualquer tipo de contato físico. Aquiles fecha os olhos e faz uma expressão que parece de agonia.

— Você está sentindo dor no rosto? — pergunto preocupada.

— Não... é muito estranho para mim, ser tocado.

— Desculpa! — tiro a mão de imediato.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não! Por favor... — ele segura forte a minha mão e a coloca de volta em seu rosto. A mão dele parece me queimar como brasa — continua, é estranho, mas eu preciso do seu toque.

“Na verdade, sou eu quem precisa tocá-lo”. — Penso, enquanto deslizo meus dedos por entre os fios de cabelo desgrenhados. Essa minha chama interna, que parecia apagada para sempre, não compreende que entre mim e o Aquiles não vai rolar nada. Sinto um calor repentino, falta de ar, e uma vontade louca de beijar essa boca.

“Eu tô ferrada”!

PERIGOSAS ACHERON



Aquiles

Era para ser apenas um passeio de bicicleta em uma manhã de sábado. Tive uma semana estressante, com a entrega de dois projetos importantes. Precisava de um momento para espairecer minha mente e me inspirar para novos trabalhos.

Acordei no horário habitual, malhei durante uma hora e resolvi pedalar sem rumo, pela primeira vez na vida. Gosto de traçar minhas rotas e predeterminar todos os caminhos que irei percorrer, mas hoje, decidi me desafiar a fazer algo novo.

Péssima escolha.

Em um semáforo qualquer, senti meu corpo ser arremessado como um pino de boliche por sobre o capô duro e frio de um carro, para logo em seguida encontrar o asfalto quente e áspero. A dor na região da pelve foi lancinante. Não consegui me levantar.

Poucos minutos depois, um grupo de pessoas se juntava ao meu redor, com olhares curiosos e comentários inoportunos. Pelo que entendi, o motorista de um carro atravessou o sinal vermelho, bateu contra minha bicicleta e evadiu do local. Foram alguns transeuntes que acionaram o socorro

PERIGOSAS ACHERON

e me mantiveram imobilizado no chão.

O acidente não foi o pior momento do meu dia. Com a chegada do resgate, também vieram sirenes, gritos e toques estranhos. Senti meu corpo violado por diversas pessoas: socorristas, médicos e enfermeiros. Foi desesperador. Tenho sensibilidade ao toque, por isso fiquei extremamente agitado. Acredito que tenham me dado algum tipo de sedativo, porque acordo bastante confuso e sonolento.

A primeira pessoa que vejo ao acordar é a minha assistente. Ela está diferente de como costumo vê-la na Factral, bem vestida e maquiada. Hoje, Briseida usa uma calça de moletom frouxa, camiseta de *Rock in roll* e uma Crocs nos pés. Uma escolha bastante apropriada, em minha opinião.

Desde que essa moça entrou em minha casa pela primeira vez, sinto que a minha vida saiu do curso normal. Não acredito no acaso. Sei que por trás do aparente caos e aleatoriedade desse universo, existe uma ordem e um sentido maior. Descobrir o motivo pelo qual Briseida e Aquiles se encontraram fora das páginas de um livro, tem ocupado boa parte do meu tempo.

Minha terapeuta já observou que durante nossas sessões, tenho falado muito mais da minha assistente do que de mim mesmo. Depois que fui diagnosticado com a Síndrome de Asperger, fiz terapia durante algum tempo, na esperança de que pudesse entender minha diferença, mas abandonei as sessões, após concluir que um psicólogo neurotípico nunca entenderia a minha condição e a forma como percebo o mundo.

Há dois meses resolvi me dar uma nova chance. Preciso de ajuda profissional para lidar com a minha condição. Posso ser um homem diferente, mas tenho aspirações comuns, como qualquer outro homem da minha idade, e isso inclui um relacionamento, e quem sabe, uma família. A grande questão, é que ainda não me sinto preparado para essa experiência.

Eu estava certo ao contratar Briseida, por mais que possa ter parecido um ato impulsivo, aos olhos do Otávio. Ela é a pessoa ideal para estar ao meu lado. Prova disso, é que está aqui agora. Apesar de ter colocado seu telefone como contato de emergência, talvez não acreditasse que ela se importaria tanto comigo, ao ponto de deixar sua

casa em um sábado, para me oferecer sua companhia.

Sei que eu não a recebo bem, pois não quero ficar mais tempo neste hospital e sei também que deveria agradecê-la por estar aqui, tentar ser mais gentil. Há meses tenho tentado me aproximar de Briseida, dizer como me sinto bem ao seu lado, mas não consigo. Tenho sorte, porque ela parece entender minhas limitações. Quando ela me pergunta se sou um Aspie, eu, finalmente, resolvo compartilhar meu maior segredo.

É bom saber que minha funcionária tem buscando informações para aprender a lidar com as diferenças. Assim como o meu antigo sócio, Briseida é inteligente e curiosa. Também é dona de uma sensibilidade incrível. Definitivamente, ela é toda incrível, devo dizer. Tenho me surpreendido com sua postura, dia após dia.

Nunca estivemos tão perto como agora. Neste momento, ainda que tentasse, não conseguiria fugir de um contato físico. Seu toque no meu rosto é cuidadoso e delicado, diferente de todos os outros desse dia infernal. Sinto minha pele se arrepiar. Fecho os olhos por alguns instantes. O desconforto

dá lugar a outras sensações diferentes e inusitadas. Até minha dor parece diminuir ao seu toque.

Quando eu peço a ela que me tire daqui, dentro de pouco tempo, a senhorita que sempre repete que seu sobrenome é “eficiência”, consegue fazer com que o médico apareça no quarto para me dar alta.

— Você é da família? — ele se dirige a ela, que continua ao meu lado.

— Não, sou assistente pessoal dele.

— Mas vocês moram juntos? Ou ele mora com alguém que possa cuidar dele? Porque o Aquiles vai precisar ficar em repouso por, no mínimo, trinta dias, até que a fratura se consolide. A tomografia computadorizada indicou que ele teve uma fratura leve no ísquio, nada que necessite de intervenção cirúrgica, mas inspira cuidados especiais.

— Não, ele mora sozinho. — Ela responde por mim.

— Nesse caso, eu sugiro que vocês contratem os serviços de um técnico de enfermagem para cuidar dele.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não! Eu não quero nenhum estranho cuidando de mim! – interrompo o diálogo deles. Como podem decidir meu destino como se eu nem estivesse aqui?

— Tudo bem, Aquiles! Nós não vamos colocar nenhum estranho para cuidar de você. – Briseida responde, enquanto toca minha mão e aperta firmemente.

— Doutor, eu mesma vou cuidar dele, sem problemas.

— Mas você tem disponibilidade de tempo para isso?

— Total. Como eu já disse, sou assistente pessoal dele e também tenho experiência em cuidar de pessoas acamadas. Vou tirar isso de letra.

— Ainda assim, acredito que você irá precisar de mais alguém para ajudá-lo a se movimentar, principalmente se houver escadas na residência.

— Ah sim, nessa missão, o funcionário dele pode me ajudar. Não teremos maiores problemas.

— Então... nesse caso, ele está liberado. Vou deixar com você todas as prescrições de medicamentos para dor, curativos e também a

PERIGOSAS ACHERON

indicação para as sessões de fisioterapia. É interessante que o fisioterapeuta faça o atendimento domiciliar, para que ele não faça deslocamentos em excesso.

— Quando é que eu poderei malhar e pedalar novamente? – pergunto ansioso.

— Atividades físicas só daqui a um mês. Ah... e por falar em atividade física... isso inclui sexo também, viu rapaz?! Sinto muito pela triste notícia, mas você não pode movimentar a pelve.

— Eu não acredito! Eu vou ter que ficar mesmo um mês inteiro sem pedalar?! – minha frustração é grande e eu sequer entendo porque Briseida e o médico começam a rir.



— Você dirige muito mal! – eu observo quando já estamos no caminho de volta para casa.

— Obrigada, mas eu sou a sua melhor opção. Quer ir de *Uber*?

— Não. Não gosto de entrar no carro com estranhos. Nunca consigo estabelecer um diálogo

PERIGOSAS ACHERON

amigável.

— Imagina, você fala tão bem, é tão inteligente...

— E tão chato!

— Você não é chato. Sou suspeita para falar de você, porque eu...

— Você o quê?

— Deixa *pra* lá!

— Eu quero saber! – sou irredutível.

— Eu gosto de você.

— Eu também.

— Você também o quê? Gosta de você mesmo?

— Não. Eu gosto de você, Briseida.

— Que bom! O fato de gostarmos um do outro vai facilitar muito a nossa convivência pelos próximos trinta dias.

— Você vai mesmo ficar na minha casa?

— É claro! Não ouviu o que o médico disse? Você irá precisar da minha ajuda.

— Você precisa cuidar da sua mãe, não pode
PERIGOSAS ACHERON

ficar comigo.

— Minha mãe foi embora hoje à tarde. Portanto, eu sou toda sua.

— Onde você vai dormir? Na minha casa só há um quarto.

— Isso não é problema. Vou ao meu apartamento buscar meu colchão. Se você permitir, é claro, posso me instalar no seu cineminha particular, é bom que fica próximo da sua cama, posso ouvir você, caso precise de algo durante a noite.

— Tudo bem. Eu não tenho escolha mesmo.

— Aquiles, quando estive na sua casa para buscar o carro, o Quinzinho e a esposa dele ficaram muito preocupados. Eles querem ligar para sua mãe, e contar o que houve. Eu pedi que esperassem você chegar para decidir, porque não sei como é o seu relacionamento com a sua família.

— Fez bem. Quando estiver em casa eu ligo para minha mãe. Se o Joaquim ligar, é provável que ela se alarme e esteja aqui amanhã de manhã.

— Você e sua família se dão bem?

PERIGOSAS NACIONAIS

— Sim, nos damos bem. Mas eu acho desnecessário meus pais abandonarem a vida deles na Bahia para virem cuidar de um homem de trinta e quatro anos. Não foi nada grave, eu vou ficar bem.

— Ok.

Passado o susto inicial do acidente, e todo o estresse decorrente do socorro e do atendimento no hospital, sinto-me feliz por saber que Briseida estará comigo em casa pelos próximos trinta dias. Até hoje, minha companhia preferida era a solidão, mas acredito que tenha encontrado uma concorrente muito mais interessante.



— Prontinho! — minha assistente diz, assim que eu já estou instalado no meu quarto. Ela trouxe uma das poltronas da sala de vídeo, porque é mais confortável. Sinto menos dor estando reclinado do que deitado na cama.

Depois do esforço de subir a escada, preciso me recuperar. Joaquim nos ajudou na difícil tarefa.

PERIGOSAS ACHERON

Fui amparado por ele do lado direito e por Briseida do lado esquerdo. Sentir o calor do corpo da garota junto ao meu, novamente despertou em mim aquelas reações estranhas.

— Você não está mais usando perfume há algum tempo... é por minha causa? — pergunto assim que ela faz menção de deixar o quarto.

— Bem... é... não acredito que você notou isso.

— Sou um bom observador, e também sou detalhista.

— Disso eu sei, mas você não é só detalhista. Você é extremamente detalhista! Mas... respondendo à sua pergunta, eu deixei de usar perfume sim. Acredito que se você não usa perfume e os produtos de limpeza da sua casa são todos neutros, é porque de alguma forma, odores fortes te incomodam, estou certa?

— Sim, está certa.

— E os barulhos também?

— Muito! Sobretudo o barulho do seu salto durante o expediente lá na Factral. Pequenos barulhos repetitivos chegam ao meu cérebro como

PERIGOSAS ACHERON

sons retumbantes e infernais.

— Opa! Então daqui para frente eu vou trabalhar igual a você, usando Crocs.

— Você já está usando Crocs. Só teve o mau gosto de escolher a cor laranja.

— Ah, que legal, senhor super sincero! – ela começa a rir e eu me dou conta de como ela é dona do sorriso mais lindo que já vi. — E qual cor eu deveria usar?

— Todas as cores ficam bem em você, mas é que eu, particularmente, detesto a cor laranja, por ser muito intrusiva, e também porque ela é oposta ao azul, minha cor preferida. Enquanto o azul acalma e remete à reflexão e ao silêncio, o laranja me causa sensação de aflição.

— Bom...que o azul é sua cor preferida eu não tenho dúvidas. Sua sala de estar está cheia de factrais azuis.

— E você gosta deles?

— Sim, adoro! Principalmente porque eles me fazem lembrar da cor dos seus olhos. Ah, meu Deus! Eu não acredito que eu falei isso em voz alta... Aquiles... me desculpa...eu não quis... eu

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

não... quer dizer... eu preciso resolver um lance ali e já volto!

PERIGOSAS ACHERON



Briseida

PERIGOSAS NACIONAIS

Não sei onde estava com a cabeça quando me ofereci para cuidar do Aquiles durante trinta dias. Tudo bem que eu sou assistente dele e assistente deve “assistir”, mas, agora penso que não foi uma boa ideia. Tem sido difícil ficar nesse contato tão próximo, e que envolve intimidade demais.

Por conta da lesão, ele tem dificuldade de se abaixar, sentar e levantar da cama ou da poltrona. Eu o auxilio nesses momentos, e também o ajudo a se vestir. A primeira vez que o vi de cueca, pensei que teria um infarto fulminante e cairia dura no chão. Sabe aquele homem que você olha e imagina que foi feito exatamente para você? Essa é a minha sensação quando contemplo esse semideus.

Existe um vermezinho dentro de mim, chamado esperança, dizendo-me que talvez ele também se sinta atraído por mim.

Seria possível?

Pode ser que ele seja bissexual, nesse caso, eu poderia ter uma chance. Ainda bem que ele realmente não consegue captar os sinais não verbais que emito. Tenho um letreiro de LED colorido na cara, que pisca, toca sirene e diz: “Aquiles, estou muito a fim de você!”

PERIGOSAS ACHERON

Já faz duas semanas que estou na dupla jornada de cuidar dele e da Factral. Com o seu afastamento da empresa, a parte administrativa e gerencial ficou por minha conta. Soube que um dos engenheiros, que trabalha lá há muito mais tempo que eu, comentou com os funcionários que era ele quem deveria substituir o Aquiles, e não uma garota que chegou “amanhã”.

Engoli em seco o comentário maldoso, mas não me deixei abater. Sou competente sim. Posso ter chegado à Factral há pouco tempo, mas já tive oportunidade de provar que não estou lá por ser dona de um rostinho bonito. Vesti a camisa da empresa e me esforço para fazer o melhor possível, principalmente nesses últimos dias, em que mal tenho dormido à noite.

Qualquer respiração mais forte do Aquiles me faz acordar. Por vezes, fico observando ele na penumbra, enquanto dorme. Parece um anjo, de face serena e tranquila. Tenho vontade de tocá-lo ou de me deitar ao seu lado para velar seu sono, mas resisto aos meus impulsos. Sei que ele é um pouco sensível ao toque e também a algumas manifestações de carinho como abraços. Não quero

assustá-lo.

Susto, mesmo, levo assim que entro no meu quarto de dormir improvisado, e me deparo com ele, sentado na poltrona e assistindo a uma cena altamente erótica. Está tão distraído com o fone de ouvido, que não percebe que entrei na sala e continua de costas para mim, movimentando seu braço direito freneticamente.

Fico paralisada. Neste momento eu deveria sair de forma sorrateira e fingir que não estive aqui, e também não vi tal cena. Mas a curiosidade, que é inerente ao sexo feminino, não me deixa sair, e ainda me faz aproximar da poltrona para conferir a brincadeira dele de perto.

— Aquiles! O que você está fazendo?! — eu não acredito no que vejo.

Ele calmamente tira o fone do ouvido e pausa a cena que estava assistindo.

— Olá, Briseida! Eu não vi você entrar, estava distraído.

— Eu percebi. Estava te observando aqui, pensei, inclusive, que você estivesse fazendo outra coisa... do tipo... que os homens fazem quando

estão sozinhos assistindo filme pornô. Não esperava mesmo, que você estivesse desenhando!

— Não é um filme pornô, é só uma cena de sexo, que eu achei bastante interessante e resolvi transmitir para o papel. Gosto de captar e representar algumas expressões faciais através de desenhos, porque me ajuda a compreender certos sentimentos e emoções que as pessoas têm e eu não consigo captar apenas olhando. Preciso desenhar e analisar depois.

— Mais essa agora! – bato a mão na testa. Meu chefe é uma caixinha de surpresas. — Me deixa ver esse desenho aqui!

Quando Aquiles me mostra o desenho em grafite, fico ainda mais chocada. Como uma pessoa é capaz de transformar uma cena, aparentemente vulgar, em algo tão lindo e perfeito? Ele tem uma alma de artista, do tipo que consegue captar o belo em todas as circunstâncias.

Analiso o desenho, e me lembro de olhar para as calças dele, para ver se há alguma alteração significativa por lá, mas não noto nada de diferente. Deve ser porque homem gay não se excita com sexo heterossexual. Mais uma vez, a curiosidade é

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

tão grande, que resolvo perguntar:

— Aquiles, você não fica nem um pouco “animado” – dou ênfase a essa palavra para que ele entenda o que quero dizer – quando vê uma cena assim?

— Eu não. Por que? Eu deveria ficar animado ou alegre?

— Não, não foi isso que quis dizer, é... eu queria saber se você... assim... se o seu amiguinho aí, não dá sinal de vida?!

— Que amigo? Estamos sozinhos aqui.

— Aquiles... – respiro fundo, já sem paciência e me aproximo da poltrona onde ele está, apontando para sua região genital – o que eu quero saber, é se esse seu batom gigante aqui, ó... se ele cresce?!

— Briseida, eu não tenho batom nas calças. – Ele responde inflexível

— Puta que pariu, Aquiles! Você tem um pênis?!

— É claro que eu tenho um pênis! Eu sou um homem e homens têm pênis!

PERIGOSAS ACHERON

— Então... o que eu quero saber, é se esse seu pênis fica duro, cresce, fica ereto, endurece, e o escambal... – perco a linha de boa, que não fala palavrão.

— Então porque você não perguntou antes? Era só ser direta na sua pergunta e eu responderia que não. Não me excito. Estou muito concentrado nas expressões e no desenho. Simples assim. Entendeu?

— Ah sim! Muito simples! – uso de toda ironia, mas ele também não percebe.

Sento-me no chão perto dele e caio na gargalhada, ao me dar conta da cena hilária que acabamos de protagonizar. Ele volta a colocar o fone de ouvido e termina o desenho, enquanto eu o observo. Quando será que eu vou aprender a falar sem usar metáforas? Parece tão natural para mim, mas não é para o Aquiles.

— Gostou do desenho? – ele me mostra de novo, assim que termina.

— Eu amei!

— Então é seu.

— Meu? Nossa... eu nem sei como te

agradecer...

— Basta dizer obrigada.

— É mesmo! – caio na gargalhada novamente.

— Muito obrigada, Aquiles!

Eu deslizo as mãos sobre o desenho, e sinto toda a energia que emana dele. Observo que no canto inferior do papel ele fez uma pequena dedicatória.

“Para Briseida”.

— Não é só um desenho... – reflito em voz alta – sou capaz de sentir sua energia nele. É como se, de alguma forma, você deixasse um pedacinho da sua alma aqui, entende? Deve ser por isso que a arte emociona tanto. É sentir a sua alma sendo tocada pela alma do outro. Olhando essa imagem, sou capaz de sentir toda a sua paixão pelo que faz.

— Sempre fui apaixonado por desenho, desde muito pequeno. O que é uma incongruência, já que muitas pessoas que estão no espectro do autismo não têm destreza motora. Contrariando todas as probabilidades, eu sou desenhista e arquiteto.

— Por isso é chamado de espectro. Há alguns dias estava lendo um blog pessoal de um Aspie e

PERIGOSAS ACHERON

ele disse que existe uma máxima popular nas comunidades de autistas que diz:¹¹ “*Se você conheceu alguém que é autista, você conheceu um autista*”. Isso significa que você não é incongruente, você é único, Aquiles.

— Algum motivo especial para você estar estudando sobre o autismo?

— Só curiosidade mesmo. Eu gostaria de entender um pouco melhor como funciona essa sua cabecinha. Sei que eu ainda cometo muitas falhas com você, mas talvez um dia eu aprenda.

— E você, tem alguma paixão? – ele tira o foco sobre o meu comentário.

— Paixão pela arte ou paixão por alguém?

— Qualquer paixão.

Penso um pouco antes de responder. Nós estamos trabalhando juntos há sete meses e nunca falamos sobre nossas vidas pessoais. O máximo que Aquiles fez, foi perguntar sobre o estado de saúde da minha mãe. Fico na dúvida, se devo ou não falar sobre o meu passado.

— Você tem namorado, Briseida? – ele não

espera minha resposta e engata uma nova pergunta. A maioria dos caras que eu conheço faz comentários do tipo: “acho que seu namorado deve ter ciúmes de você”, esperando que eu responda: “eu não tenho namorado”. Detesto esse tipo de abordagem. Prefiro homens certos. Se bem que, na atualidade, não estou preferindo é homem nenhum, quer dizer, nenhum que me queira.

— Não, eu não tenho namorado.

— Por quê?

— Porque eu não quero.

— É uma ótima resposta. — ele continua contemplando a tela da TV que agora está desligada.

— Na verdade, Aquiles... eu tive uma experiência muito ruim com um homem que namorei. Ele foi meu único namorado, e acho que isso me traumatizou um pouco. Neste momento, prefiro ficar sozinha para juntar os cacos do meu coração... quer dizer... eu prefiro ficar sozinha para recuperar minha autoestima, você entende?

— Sim, obrigada por traduzir a expressão. — Ele sorri. “Meu Deus, ele sorriu”! Pela primeira

vez, eu o vi sorrir. Um sorriso tímido, porém, encantador.

— Eu gostava muito dele... – digo condoída.

— Gostava, ou ainda gosta?

— Acho que gostava. No passado mesmo. Agora só restou a mágoa. Já se passaram vários meses do fim do relacionamento. O término não aconteceu numa boa. Ele foi muito cretino comigo e eu decidi não permitir que ele e nenhum outro homem me maltratasse mais.

— Ótima decisão, você não merece ser maltratada. É uma pessoa muito especial. Aliás, nenhuma mulher deveria ser maltratada.

— Obrigada, mas eu não sou especial, você sim! Um cara totalmente do bem, que desperta o que as pessoas tem de melhor. Talvez seja por isso que você acredite que eu seja especial. Você vê em mim apenas um reflexo de si mesmo.

— Não, não é! Você é uma pessoa autêntica e de personalidade própria. Você não é reflexo de ninguém, Briseida.

— Uau! Eu gostaria muito de acreditar nisso... quem sabe um dia... – fico pensativa, contemplando

PERIGOSAS ACHERON

o mesmo vazio da TV que ele. Não nos olhamos enquanto conversamos.

— Eu espero que você recupere a sua autoestima um dia... — ele puxa o ar com força — e espero que você tenha outro namorado. Um que te faça feliz.

— Eu também espero — respondo, fechando os olhos, enquanto tento buscar um pouco de fé no meu coração machucado.

— E outro tipo de paixão, você tem? — a voz dele me desperta do devaneio.

— Algumas... eu amo música e também literatura, desde muito pequena. Eu aprendi escrever e ler antes de ir para a escola, aos cinco anos de idade. Enquanto meus colegas de sala estavam aprendendo as vogais eu já escrevia redações de uma página inteira. Minha mãe tinha que comprar cadernos extras só para eu poder contar as histórias, que habitavam minha cabecinha.

— Você ainda escreve?

— Escrevo. A escrita é minha válvula de escape, sempre quando a realidade se torna

dolorosa demais. Nos últimos anos, eu acabei escrevendo muito, porque meus dias não foram fáceis.

— E o que você escreve?

— Eu escrevo de tudo: reflexões, poemas, romances...

— Gostaria muito de ler alguma coisa escrita por você, e sentir sua alma tocando a minha, como você disse agora há pouco.

— Ah, não! Eu não deixo ninguém ler as coisas que escrevo. Acho que tenho um trauma de infância relacionado a isso, então eu escrevo muito, mas escondo tudo.

— Uma pessoa me disse que se os livros tem o poder de mudar a vida das pessoas, eles não deveriam ficar escondidos, precisam ser instrumentos de mudança.

— Ok, você me pegou! Quer dizer, você me deixou sem resposta, mas para satisfazer à sua curiosidade, eu tenho um romance que foi publicado, não por mim, é claro, está sendo vendido nas principais livrarias do país.

— Mas quem publicou?

PERIGOSAS NACIONAIS

— Uma amiga minha. Ela roubou um dos meus cadernos, certa vez que esteve no meu apartamento em Brasília. Quando eu a questionei, ela disse que leria e me devolveria o manuscrito, mas eu acabei me esquecendo desse fato. Já faz mais de um ano. Depois que saí de Brasília, ela publicou em uma plataforma digital e o livro virou um *best-seller*. Agora foi lançado em versão física, por uma das principais editoras do país.

— Amigos não roubam coisas da gente.

— Também acho. Ela era uma falsa amiga.

— Neste caso, não vou comprar o livro, porque não quero que essa falsa escritora tenha sucesso.

— Eu fui menos esperta que você, comprei!

— Tudo bem, não se culpe por isso, mas... eu fiquei muito curioso por você falar que não gosta que as pessoas leiam o que você escreve por conta de um trauma de infância. A sua escrita deve ser muito boa, porque senão sua história não teria se tornado um *best-seller* em tão pouco tempo. Ainda assim, você se sente insegura? Tem medo das críticas?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não, não é isso. Eu não me importo com as críticas. Foi outro lance bem mais complexo, mas isso é uma história bem longa...

— Eu... eu... gostaria muito de poder conhecer sua história.

Existe uma parte da minha vida que tenho escondido do mundo. É como se fosse uma gaveta velha, esquecida no fundo de um armário de um quartinho de despejo. Tento ignorá-la, mas ela sempre está lá. Latente! Sei que alguns fatos influenciam minhas atitudes e escolhas, especialmente, as péssimas escolhas. Fico pensativa por alguns minutos, e então resolvo compartilhar minha dor com Aquiles.

PERIGOSAS ACHERON



Briseida

PERIGOSAS NACIONAIS

Minha história tinha tudo para ser incrível. Meus pais se conheceram no colégio, quando minha mãe terminava o curso do Magistério. Ela aluna, e ele, professor. O professor apaixonado por Mitologia Grega, que encantava as garotas com suas histórias.

O fato de o professor Stefano ter quase o dobro da idade da sua aluna, era só um mero detalhe. A grande questão, é que ele era um homem casado.

Casado e pai de dois filhos.

Esses não foram motivos suficientes para que ele desistisse de seduzir a jovem pupila. Papai até emprestou seu livro favorito para ela, a *Ilíada*, de Homero, e mamãe se sentiu a mulher mais importante do mundo.

Às vezes, ser tratada com um pouquinho de carinho, é motivo suficiente para uma mulher fechar os olhos para tudo que está ao seu redor e mergulhar de cabeça em uma paixão avassaladora, que pode ser sua ruína.

Grávida, mamãe descobriu que a mulher do meu pai também teria outro filho, que nasceria na

PERIGOSAS ACHERON

mesma época que eu. Ainda assim, ela enfrentou a família, o preconceito, a pobreza e tudo mais que surgiu em seu caminho, só para que eu viesse ao mundo.

Não sei se foi uma boa ideia. Há alguns momentos da minha vida, em que preferiria nunca ter nascido. Acho que seria muito melhor não conhecer esse mundo infernal. Depois, vêm dias no quais acredito que viver é uma dádiva, e que eu realmente sou uma vencedora, dentre os outros duzentos milhões de espermatozoides que tentaram fecundar aquele bendito óvulo.

Talvez daqui algum tempo, descubra se viver é um castigo ou uma dádiva. Por enquanto, sigo com minha montanha russa emocional, tendo dias bons, dias ruins, dias maravilhosos e dias que eu gostaria que nunca tivessem existido. Como o dia em que vi papai pela última vez.



— *Fala a verdade, Briseida! Você nunca mentiu para mim!* – mamãe implorava entre lágrimas de dor e ressentimento, que eu

PERIGOSAS ACHERON

confirmasse o que ela já sabia, mas eu me recusava. Não! Eu havia prometido ao meu pai que não contaria nada para ninguém e manteria minha promessa a qualquer preço, ainda que isso implicasse em mentir para uma pessoa que amava tanto quanto amava papai.

Estávamos em Anápolis, na nossa pequena e humilde casa dos fundos, onde morávamos desde o meu nascimento. Uma pequena habitação que as pessoas chamavam de “*meiágua*” e eu nunca entendi o porquê. Era uma construção rústica com um quarto, sala, cozinha e banheiro. O suficiente para mim e mamãe, já que meu pai nunca morou conosco, vinha em casa esporadicamente.

No começo, quando eu tinha uns três anos, diziam-me que ele trabalhava fora e por isso quase não estava presente. À medida que fui crescendo e as histórias contadas não me convenciam mais, mamãe me disse a verdade: papai morava em outra cidade e tinha uma família, que talvez um dia, eu pudesse conhecer.

Para uma garotinha de sete anos, era difícil entender que nós três não éramos uma família. Eu me ressentia por isso, mas quando papai chegava,

tudo passava. A vida era uma festa, cheia de alegria e com muitas histórias. Ele me presenteava com um livro cada vez que vinha à Anápolis me visitar. Nada de bonecas, nem de panelinhas e jogos de chá, papai só me dava livros, porque dizia que através deles eu poderia conhecer o mundo todo.

As visitas dele passaram a ser mais frequentes depois que mamãe começou a fazer faculdade à noite e eu ficava sob os cuidados da nossa vizinha Geisa, uma adolescente de dezesseis anos, que gostava de usar short curto, falar palavrão e fumar escondido, enquanto dizia cuidar de mim. Na prática, ela passava quase o tempo todo assistindo novela, enquanto eu escrevia no quarto.

Quando papai estava em casa, Geisa sempre arrumava um jeito de me fazer ir até à casa da frente, onde morava um casal de idosos. Ela me dizia que eu precisava visitá-los, porque como já estavam bem velhinhos, era perigoso eles morrerem de tristeza sem a minha companhia.

Eu ia, mas movida pelo medo. A casa deles tinha uma aparência assustadora, um cheiro de coisa velha e uma geladeira azul celeste que só

tinha água dentro. Na pia da cozinha ficavam duas canecas esmaltadas, uma verde e uma branca, onde eles guardavam as dentaduras. A visão delas me arrepiava, mesmo assim, eu ficava lá um bom tempo, só para garantir a sobrevivência dos dois.

Uma noite em que não demorei tanto na minha visita de cortesia, voltei para casa e vi o que não deveria ter visto: meu pai e a Geisa, na cama da minha mãe. Não entendi direito o que estava acontecendo, foi tudo estranho, animalesco. Devo ter ficado em choque, principalmente depois de papai ter gritado para que eu saísse do quarto.

Sentei no sofá da sala tremendo e chorando. Ele nunca havia gritado comigo. Fiquei imaginando que o que eu fiz – entrar no quarto sem bater na porta – foi muito errado. Papai ficou com raiva de mim e, por isso, gritou para que eu saísse de lá. Nunca imaginei que algo assim pudesse acontecer. Sentia vergonha de mim mesma.

Depois de alguns minutos, já vestido e bastante agitado, ele foi à sala falar comigo. Pediu perdão pelo que aconteceu no quarto e, principalmente, por ter gritado. Eu o perdoei, é claro que perdoei. Eu era apenas uma menina cujo

maior ídolo e grande herói era o pai. Eu não suportava a ideia de ser rejeitada por ele.

Papai me implorou que nunca contasse nada do que vi a ninguém. Nem mesmo mamãe poderia saber, caso contrário, ela me afastaria dele. Imagina o meu desespero diante da possibilidade de não vê-lo nunca mais?

Tudo que aconteceu naquela noite, tornou-se um segredo. Pelo menos, na minha cabecinha de criança, era um segredo absoluto. Só que a minha professora da segunda série descobriu, depois que li para os colegas a história da “Família de Urso Feliz”. Quase fui expulsa da escola por conta disso.

Lembro-me como se fosse hoje, de estar na recepção da sala da diretora, sentada em uma cadeira de couro preta. À minha frente, no alto da parede branca, um quadro de vidro com uma imagem de Jesus Cristo crucificado, com o corpo machucado e a cabeça sangrando. Eu mal tinha coragem de erguer os olhos até ele, porque me sentia indigna. Era como se eu, com meu pecado, estivesse machucando ele ainda mais, como ensinavam no catecismo.

O que eu fiz foi muito grave. A diretora que
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

era bem contida e educada, até perdeu a linha, porque falava tão alto que eu conseguia ouvi-la do lado de fora da sala.

— *Isso é um absurdo, Heneida! Você sabe muito bem, até melhor do que eu, o que essa história quer dizer. Isso não pode ter sido invenção da cabeça da Briseida. Essa menina está sendo criada em um ambiente pernicioso, que não é adequado para ela! A sua filha é um prodígio. Você não pode permitir que o futuro dela seja destruído dessa forma. Até hoje, eu fiz vistas grossas, sabendo que ela é filha do professor Stefano, que é um homem casado, mas de agora em diante, não posso permitir mais isso. Vou demitir o Stefano e acho melhor você arrumar outra escola para a Briseida, se quiser continuar trabalhando aqui.*

Mamãe chorou.

Implorou.

Deve até ter se ajoelhado, porque ouvi a diretora mandando que ela se levantasse.

Quanta humilhação uma mãe consegue suportar por um filho?

PERIGOSAS ACHERON

Por fim, ela conseguiu me manter na escola. Saiu da sala envergonhada e os olhos vermelhos e inchados de tanto chorar. De cabeça baixa, mamãe dobrou vagarosamente a folha de papel na qual eu havia escrito a história. Senti que aquele papel lhe causava uma profunda dor na alma. Naquele dia fomos mais cedo para casa e eu sabia que estava encençada.

Não trocamos nenhuma palavra no trajeto, mas ela segurava firme a minha mão, como se tentasse impedir que alguém me roubasse. Quando eu a olhava de “rabo de olho” via todo seu esforço para engolir o choro e não esmorecer diante de mim. “Não queria ter feito mamãe chorar.” – Ia me martirizando ao longo do caminho.

No final daquela tarde, ela não se arrumou para ir à aula. Quando Geisa chegou para ficar comigo, como de costume, ela a dispensou, dizendo que não precisaria mais dos seus serviços e mandaria o dinheiro que devia no final do mês. A garota não perguntou o motivo de ser dispensada, mas ela já sabia qual era.

Todos nós sabíamos.

Papai apareceu em casa logo em seguida,
PERIGOSAS ACHERON

depois de ter passado pela direção da escola. Ele não estava falando e sorridente como sempre era. Também estava envergonhado e cabisbaixo. Usava uma camisa xadrez azul marinho, calça jeans e aquele perfume com cheiro de mata, que eu tanto adorava.

Ele me abraçou apertado, deu-me um beijo na testa e disse que eu era a pessoa mais extraordinária que ele conheceu na vida.

Ficamos nós três ali na sala. Nós, que deveríamos ser uma “Família de Urso Feliz.” Mamãe tirou o papel dobrado de dentro do bolso da calça jeans e com os olhos marejados, começou a ler a história.

Mamãe urso é a melhor mãe do mundo, porque ela ama e cuida bem da filhotinha. Todo dia mamãe urso sai pra caça e volta com a cesta cheia de fruta e um pote de mel. A fruta preferida da ursinha é o morango, porque é saboroso.

Mamãe urso gosta de dormir abraçadinha com a filhotinha, porque não tem um papai urso pra dormir com ela. O papai urso mora em outra caverna com outra mamãe urso e outros ursinho. De vez em quando ele aparece pra brincar e se

PERIGOSAS ACHERON

divertir com a ursinha. Papai urso sabe muitas história e do mundo inteiro, mesmo de antes do mundo existir.

A ursinha adora o papai urso, mas ela não gosta quando a raposa está na caverna, porque a raposa é esperta e sempre quer que a ursinha fique longe do papai urso.

A raposa gosta de brincar com o papai urso do mesmo jeito que os cachorros brinca na rua. A ursinha tem vontade de jogar água nela, igual os vizinhos joga nos cachorro da rua, porque eles diz que aquilo que os bicho faz é coisa feia.

A mamãe ursa é a melhor mãe do mundo, porque mesmo cansada de caçar o dia inteiro, ela sempre tem tempo pra amar a ursinha. O sonho da ursinha é que o papai more na mesma caverna pra eles serem uma família de urso feliz.

— Briseida, diz pra mim quem é a raposa e o que você viu a raposa fazer com o papai urso! — mamãe ordenou e eu, imediatamente, busquei papai com os olhos, mas ele estava de cabeça baixa e olhos fechados. Parecia chorar.

— *Fo-foi... só... só uma história que eu inventei... eu... eu não vi nada não, mamãe! — comecei a tremer e a chorar também.*

— *Fala a verdade, Briseida! Você nunca mentiu para mim!*

— *Para com isso, Heneida! — meu pai se pronunciou. — A Briseida nem tem que fazer parte dessa nossa conversa. Ela é só uma criança, e uma criança inocente.*

Dessa vez foi mamãe quem me mandou ir visitar nossos vizinhos idosos. Eu não pestanejei. Saí de cabeça baixa, arrasada por ter feito tanto mal para minha mãe e para o meu pai com aquela maldita história. Antes de fechar a porta atrás de mim, ainda olhei papai pela última vez.

Como era um homem bonito.

Só Deus sabe como eu o amava!



Enxugo as lágrimas silenciosas que insistem em rolar pela minha face. Esse mergulho no passado faz reabrir uma ferida não cicatrizada e

PERIGOSAS ACHERON

dolorosa em meu coração.

Olho para o Aquiles e ele parece perplexo com minha história, olhando para o teto, como se precisasse de um tempo para digeri-la. Nem todas as histórias têm finais felizes. Essa é uma grande verdade.

— E depois? — ele pergunta após um longo período de introspecção.

— Depois o quê?

— Depois que você saiu da sala e deixou seus pais sozinhos?

— Meus pais chegaram à conclusão que seria melhor para mim, não ser criada sob a influência de uma pessoa tão leviana quanto o Stefano. Ele nunca mais me procurou e minha mãe nunca mais tocou no nome dele. Ela agia como se ele já tivesse morrido.

— Seu pai morreu?

— Sim. Oito anos depois, em um acidente de carro. Justamente no dia do meu aniversário de quinze anos. Minha mãe viu a notícia no telejornal local, mas não quis me contar nada, para não atrapalhar minha alegria, porque eu estava

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

comemorando com algumas amigas em uma pizzaria da cidade. Eu só soube alguns dias depois, mesmo assim, só acreditei porque ela me mostrou a matéria que foi manchete do jornal local. Nela, estava estampada a foto do carro destruído e da carteira de motorista do meu pai. A notícia dizia que choveu um pouco e a pista ficou escorregadia e ele perdeu o controle do carro, batendo contra uma carreta tanque.

— Eu sinto muito pela perda do seu pai. — Ele fala sem olhar para mim. — Embora eu não ache que ele seja um exemplo de caráter, pelo que você me contou. Mesmo assim, ele não merecia morrer. Afinal de contas, ele fez uma coisa muito boa na vida... você!

— Meu pai morreu por minha causa. — Eu me sentencio, ignorando a última fala do Aquiles, de que sou uma pessoa boa.

— Que história é essa? Seu pai morreu de acidente. Foi uma fatalidade. Todos os anos, milhões de pessoas morrem em acidente de trânsito. Às vezes, por imprudência, ou negligência, outras vezes, por fatalidade mesmo, como parece ter sido o caso do seu pai. A sujeira de óleo e areia

PERIGOSAS ACHERON

que fica impregnada no asfalto se torna extremamente escorregadia com a chuva.

— Eu sei, mas meu pai pegou a estrada naquele dia porque ele estava indo para Anápolis atrás de mim, ele queria me pedir perdão e me desejar um feliz aniversário.

— Mas como você sabe disso?! – ele me questiona curioso, e eu faço mais uma volta ao passado, dessa vez, para oito anos atrás.



— *BRISEIDA!!!*

Eu olhei para trás, na direção da voz que me chamava, e me deparei com um jovem alto e bonito, usando calça jeans, camiseta esportiva e tênis. Ele não deveria ter mais que vinte anos de idade. Trazia nas mãos um buquê de flores do campo, tão lindas e coloridas, que contrastavam com seu semblante triste e sombrio.

— *Se deu bem hein, Briseida!* – minha colega de sala, cochichou no meu ouvido e se afastou, dando uma piscada que indicava que ela me

deixaria a sós com o rapaz.

— *Eu conheço você?* – perguntei apreensiva. Apesar da aparência dele ser um pouco familiar, com aqueles olhos claros de cor indefinida, eu não conseguia me lembrar de tê-lo visto antes.

— *Não. A gente não se conhece ainda. Meu nome é Hermes e...* – ele fez uma pausa demonstrando apreensão, enquanto se aproximou de mim, até ficar na distância de um aperto de mão – *eu moro em Goiânia.* – A voz era grave, porém relutante.

— *Então, como você sabe o meu nome?*

— *Eu vim aqui pra te trazer isso* – disse, oferecendo-me as flores – *a pedido do seu pai.*

— *Que brincadeira de mau gosto é essa?! –* dei um tapa no arranjo, com mais raiva do que deveria – *meu pai já morreu. Não tem graça nenhuma!*

— *Eu sei que o seu pai morreu... fez um mês ontem...* – vi seus olhos ficarem úmidos – *em um acidente de carro. Ele estava vindo de Goiânia para Anápolis, porque era o seu aniversário de quinze anos. Papai queria te trazer flores e te pedir*

perdão.

— *O quê?! – uma sensação horrível tomou conta de mim. A mesma sensação de dias antes, quando soube da morte do papai. — De onde você tirou essa ideia absurda? Eu não via o meu pai há oito anos. Ele não tava vindo me ver. Certeza que não! Por que você chamou ele de papai e por que tá fazendo isso comigo? – desatei a chorar.*

— *Eu sou seu irmão, Briseida. Quer dizer... sou seu meio irmão, porque tenho outra mãe... eu acho que você sabe disso, não sabe?*

— *Sim...eu sei. Vo- você é mesmo filho do Stefano?*

— *Sim, sou o filho mais velho dele, Hermes. Eu tenho vinte anos, meu irmão do meio, Apolo, tem dezoito e o caçula da família, Heitor, tem a sua idade, quinze anos.*

— *Eu sinto muito pela perda do seu pai – disse eu, tentando enxugar minhas lágrimas com a gola da camiseta.*

— *Nosso pai, Briseida. Você quer sair comigo pra gente conversar um pouco melhor? Meu carro está estacionado bem ali na esquina. A gente*

poderia procurar um lugar mais tranquilo, onde você possa chorar à vontade, sem virar atração dos seus colegas. O que você acha?

Hermes me abordou no horário da saída do colégio, quando havia uma grande movimentação de alunos na rua. Fiquei bastante constrangida de ver as pessoas passando por nós e nos encarando. Um rapaz bonito com um buquê de flores, e uma garota de uniforme se derramando em lágrimas.

— *Tá bem...* – respondi relutante – *eu vou com você.*

Poucos minutos depois, estava dentro do carro do meu meio irmão. Era um modelo popular antigo. Pelo visto, ele não tinha uma vida financeira tão melhor que a minha. Antes de entramos no carro, peguei o arranjo de flores e o deixei sobre o meu colo. Mantive os olhos fixos nele, enquanto minha mente divagava em pensamentos sombrios.

“Meu pai morreu por minha causa”. *“Meu pai morreu por minha causa”.* O pensamento era inevitável. Se meu pai não tivesse tentado se aproximar de mim outra vez, ele estaria vivo naquele momento.

— *Como você sabe que ele tava vindo atrás de mim? Como você sabe que era o meu aniversário? E como você me encontrou aqui?* — disparei as perguntas na sequência, como uma metralhadora, enquanto ele tinha a atenção voltada para a direção do carro.

— *Só um minuto.*

— *Tudo bem* — respondi, tentando controlar minha ansiedade.

Ele dirigiu por alguns quarteirões, até parar o carro sob a sombra de uma árvore, em uma rua com pouca movimentação de pessoas.

— *Respondendo à sua pergunta, Briseida... depois do acidente, a Polícia Rodoviária entrou em contato com a nossa família para irmos retirar os pertences que foram recuperados no carro acidentado: a carteira do meu pai, alguns livros e um buquê de flores igual a esse que você tem no colo. Nós não tínhamos a menor noção de que meu pai pegaria a estrada naquele dia, e muito menos, que ele estaria vindo pra Anápolis, porque ele parou de dar aulas aqui há bastante tempo. Fiquei intrigado com aquele buquê de flores e tentei entender para quem eram as flores. Foi então, que*

PERIGOSAS ACHERON

encontrei uma carta, escrita por ele, dentro de um dos livros.

— Carta?! Para quem?

— No envelope estava escrita apenas “Briseida”. A minha primeira reação foi pensar que meu pai tinha uma amante e iria se encontrar com ela, mas... quando li a carta, descobri que ele tinha uma filha... você. Também me ocorreu que se ele trabalhou no Colégio Nossa Senhora da Ressurreição, possivelmente, você estudaria aqui. Bastou uma ligação para eu confirmar minha suspeita, porque Briseida é um nome incomum, só havia uma no colégio. Eu procurei a secretaria da escola mais cedo e me apresentei como entregador. A funcionária me indicou em qual sala você estaria, mas pediu que eu esperasse o sinal para não atrapalhar a aula. Quando olhei para todas as meninas que saíam, você foi quem chamou minha atenção. Você é idêntica ao papai.

— Mas, cadê essa carta?!

— Está aí dentro do porta-luvas, pode abrir.

Fiquei estática diante daquele “pode abrir”. E se a carta tivesse algo que me destruísse por

dentro? Tive muito medo, mas a carta seria o último contato que teria com meu pai, depois daquela fatídica noite em que ele me abandonou. Abri o porta-luvas, com as mãos trêmulas e o coração em frangalhos. O envelope não estava lacrado, ainda assim, demorei tempo demais para conseguir retirar as folhas de dentro dele e iniciar a leitura.

Querida filha,

Hoje é seu aniversário de quinze anos. Uma data importante que marca o rito de passagem da infância para a idade adulta. Mas para mim, você será sempre a minha garotinha de olhos grandes, não importa quantos anos tenha.

Escrevo esta carta, porque sei que a coragem pode me faltar ao chegar à sua casa, e talvez não tenha a hombridade de te olhar nos olhos e implorar pelo seu perdão.

Meu desejo mais profundo é poder te abraçar. Caso não aconteça, deixo-te as flores e a carta, com os votos de que tenha um destino extraordinário, como eu sempre sonhei para você.

Briseida, saiba que cometi muitos erros, mas,

indubitavelmente, o maior deles foi ter falhado com você durante esses quinze anos. A começar pelo fato de que você não tem o nome do seu pai no registro de nascimento. Sei também que nunca provi o seu sustento, por entender que sua mãe cumpria de forma brilhante e sozinha, um papel que deveria ser meu.

Quando te conheci você já estava com três anos de idade, e eu soube, desde então, que estava diante de um ser humano incrível, não só pela inteligência e vivacidade, mas pela sensibilidade e amor que irradiava.

Tenho consciência de que não sou o pai que merece e, definitivamente, não sei como uma pessoa tão especial pode ter nascido de mim. Quis o destino, que você tivesse a personalidade da sua mãe, o que me tranquiliza sobremaneira.

Não tenho orgulho do homem que sou, tampouco do pai, mas preciso que saiba que eu te amo. Você é fruto de um grande amor, mesmo não sendo planejada ou esperada.

Amei Heneida como nunca amei outra mulher. Uma lástima que nosso encontro tenha acontecido tarde demais. Naquela época, alimentava o
PERIGOSAS ACHERON

sentimento machista de que um homem poderia ter quantas mulheres quisesse, pelo simples fato de ser homem.

Eu me arrependo, Briseida, todos os dias da minha vida. Não há uma única noite em que eu coloque a cabeça no travesseiro e não deseje de forma profunda, voltar no tempo e mudar o passado. Infelizmente, o tempo não é algo que se possa voltar. Essa constatação me consome, mortifica-me dia após dia.

Por fim, gostaria que soubesse que não me afastei de você por não amá-la, mas porque sei que cheguei ao cumulo da degradação moral, quando me rendi aos encantos de uma garota. Não sou um bom exemplo para ninguém, mas preciso que saiba, que o amor que sinto por você é tão grande, que talvez não caiba no seu entendimento.

A sua vida está apenas começando e será inevitável que você cometa muitos erros. É bem possível, que assim como eu, desejará voltar no tempo. Talvez então entenda a vulnerabilidade do ser humano e perdoe-me por ter falhado, miseravelmente, como seu pai.

Te amo mais que a minha própria vida.

PERIGOSAS NACIONAIS

Papai.

PERIGOSAS ACHERON



Aquiles

Logo que fui diagnosticado com autismo, comecei uma busca frenética pela internet, na tentativa de me conhecer melhor. Em alguns sites, vi uma característica que era atribuída aos portadores da síndrome com certa frequência: a falta de empatia. Acredito que esse seja um dos grandes preconceitos em relação aos Aspergers.

O ser humano incapaz de se colocar no lugar do outro e é indiferente à dor ou ao sofrimento alheio, em minha opinião, é um psicopata, e não um autista. Uma pessoa que é Asperger tem mais dificuldades em identificar o que a outra pessoa está sentindo emocionalmente. Isso não significa que ela seja indiferente à dor da outra.

Agora mesmo, quando Briseida me fala sobre sua história de vida, sou tomado por uma profunda angústia. Sinto vontade de chorar e lamento muito, que ela tenha vivido situações tão deploráveis como as que ela me descreveu. Sei que ela carrega traumas emocionais tão ou mais profundos que os meus, talvez, esse seja o motivo para que eu tenha me apegado tanto a ela.

Eu queria poder abraça-la agora. Enxugar suas lágrimas e dizer “não foi sua culpa, Briseida”! Mas

eu não consigo. Permaneço imóvel nessa poltrona, olhando para o teto, enquanto tento encontrar uma explicação razoável para que as pessoas boas sofram tanto. Briseida é uma boa pessoa, eu sei que é. Não sei explicar, mas eu sinto. O pai dela tinha razão em uma coisa: ela é um ser humano extraordinário.

Continuamos conversando, e ela me fala sobre o ato de vingança contra a antiga vizinha e a maneira como ela perdeu a virgindade com um homem por quem tinha repulsa. Fico ainda mais chocado.

— Mas por que você fez isso, Briseida?

— Porque eu queria dividir com alguém a culpa pela morte do meu pai. E esse alguém foi a Geisa. Eu queria que ela sofresse um pouco do que eu sofri, por isso armei o flagrante. Você também acha que sou uma vagabunda pelo que fiz?

— Não. Não acho. Só penso que você calculou mal os resultados das suas ações. Você se sentiu menos culpada depois que fez sexo com o namorado daquela mulher?

— Não, ao contrário, me senti ainda mais

culpada.

— Briseida, o Dalai Lama disse que *“responder à ofensa com ofensa, é como lavar a alma com lama”*. Confesso que quando li essa frase pela primeira vez, fiquei tentando imaginar como seria possível lavar a alma, ainda mais com lama, porque a lama em vez de lavar iria sujar mais ainda. Foi então que meu pai explicou o sentido figurado da frase, mas... o que ele quis dizer mesmo, é que se você tentar ser má com as pessoas na mesma medida em que elas foram más com você, isso não te trará nenhum tipo de alívio ou conforto, pelo contrário, você se sentirá ainda pior.

— De fato, foi assim que eu me senti.

— Não sou a pessoa mais indicada para te dar um conselho, mesmo porque eu nem sou uma pessoa que consegue lidar bem com as próprias emoções, mas... penso que talvez a terapia possa ajudar você.

— Terapia? Por que? Você acha que eu fiquei com algum tipo de trauma?

— Não sei, mas a minha experiência tem sido boa. Penso que você poderia tentar também.

— Huuummm... vou pensar melhor sobre esse assunto.



A terapia tem me ajudado, sobremaneira, a lidar com a minha forma peculiar de ver o mundo. Sofri durante muitos anos pela falta de um diagnóstico adequado, e pela falta de um apoio especializado. Isso fez com que eu quisesse me afastar do mundo e até da minha própria família.

Fiz progressos nos últimos meses, depois do contato diário com minha assistente. Com a sutileza de um elefante em uma loja de cristais, essa garota tem bagunçado a minha vida perfeita e vazia.

É lógico que estou usando uma metáfora aqui, elefantes não são nada sutis, ainda mais se estiverem dentro de uma loja de cristais, mas é assim mesmo que a Briseida se comporta comigo, nada sutil.

Tenho dividido com ela segredos, medos e receios, que jamais imaginei poder compartilhar com alguém, com por exemplo, o fato de ser

PERIGOSAS NACIONAIS

Asperger. Também sinto que ela tem feito o mesmo comigo. Não deixa de ser um tipo de relação. Não é física ou sexual, como eu gostaria, mas é um tipo de relação emocional.

Briseida teve o cuidado de solicitar à terapeuta para que fizesse meu atendimento domiciliar, durante esse período que não posso sair de casa. Em boa parte da minha sessão desta tarde, falei sobre ela e do medo que tenho de perdê-la.

Faltam apenas dois dias para que termine o meu período de recuperação e tem sido difícil imaginar que não a terei mais por perto, desorganizando as minhas coisas com o que ela chama de “toque pessoal”.

Minha terapeuta disse que devo considerar a possibilidade de estar apaixonado pela minha assistente. Ela sugeriu, inclusive, que eu a convide para sair, para que possamos estabelecer uma aproximação, que não seja entre chefe e assistente.

Depois de duas horas imaginando o que vou falar e tentando prever as possíveis respostas, tomo coragem e sigo o conselho da psicóloga, assim que a garota entra no quarto.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Briseida, você quer ir ao cinema comigo?

— Cinema? Aqui na sua casa?

— Não, um cinema de verdade, no Shopping Center.

— Mas você ainda não pode sair de casa... você está de repouso.

— Faltam apenas dois dias para o fim do repouso. Que tal irmos ao cinema na sexta-feira à noite?

— É claro! Eu vou adorar ir ao cinema com você, mas antes disso, vou marcar seu retorno com o ortopedista, só para ter certeza que você pode sair de casa.

— Por mim, tudo bem.

Respiro aliviado, por um instante, mas logo começo a me preocupar com o nosso encontro. Já nem me lembro mais como é estar apaixonado. A insegurança de que Briseida, talvez, não sinta o mesmo por mim, é angustiante. A ansiedade é um transtorno que eu tento vencer há anos. Espero que ela não me atrapalhe logo agora.

PERIGOSAS ACHERON



Embora aprecie muito o cinema, procuro evitar salas cheias de pessoas comendo pipoca, rindo alto, ou tirando selfies sem fim. Na maior parte das vezes, não entendo nem metade do que acontece nas cenas, porque os diálogos são carregados de expressões não literais, as quais tenho grande dificuldade de interpretar, porque minha mente trabalha em um ritmo diferente.

Esse é o principal motivo para que eu tenha projetado um cinema particular em minha casa. Nele, eu posso assistir a um mesmo filme quantas vezes eu quiser, repetir cenas, interpretar diálogos, decifrar expressões faciais e conhecer novas formas de linguagem não verbais.

Devo me considerar um homem de sorte, porque Briseida adorou a ideia de vir ao cinema em minha companhia, e ainda escolheu um filme musical, com a Lady Gaga. Mesmo não conseguindo acompanhar todos os diálogos, tenho que admitir que a parte musical do filme “Nasce uma Estrela” é ótima.

PERIGOSAS NACIONAIS

No restante das cenas, eu nem presto atenção, olho para o lado e admiro minha acompanhante, que consegue comer um balde grande de pipoca com manteiga, sem fazer intervalo. Fico admirando a maneira como ela reage às cenas, como se estivesse vivendo a história.

Na última canção do filme, ela chora copiosamente, enquanto bate na poltrona da frente, que está vazia:

— NÃO! NÃO! NÃO! Eu não acredito que ele fez isso, Aquiles! Ele não podia ter feito isso!

Ela me abraça, em prantos, e eu me sinto quase em pânico, por não entender essa atitude tão extrema de choro compulsivo. Ainda que eu seja um tanto avesso a contatos físicos, agora, aprecio muito a sensação de ter essa garota com a cabeça recostada no meu peito. Briseida soluça, enquanto acaricio os seus cabelos macios, da mesma forma que a minha mãe fazia comigo, quando eu era criança.

— Vai ficar tudo bem, meu amor! — repito a mesma frase que ouvi tantas vezes, no colo quente da minha mãe.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Briseida levanta a cabeça para me encarar, com os olhos inchados e a maquiagem borrada. Eu não permito que ela fale mais nada. Tomo sua boca e a silêncio com um beijo inesperado. Ela parece se assustar com minha atitude, e fica sem reação. Em questão de segundos nossas línguas ganham vontade própria e dançam de forma sincronizada, como se fossem parceiras antigas.

Um beijo.

Um beijo, que é capaz de silenciar o choro de Briseida, e mais que isso, é capaz de silenciar minha mente conturbada. Por instantes, eu me entrego sem pensar em nada.

Apenas sinto.

Não tenho medo.

Não tenho insegurança.

Sou apenas um homem comum, beijando a garota que ele trouxe ao cinema.

É uma pena que esse beijo tenha fim.

— Aquiles, por... por que você me beijou?!

— Porque eu não sabia o que fazer, você estava chorando muito, e... eu... eu só queria que

PERIGOSAS ACHERON

você parasse de chorar!

— Minha nossa! Que maneira de calar a boca de uma mulher! – ela balança a mão na direção do rosto, fazendo vento para aplacar o calor e a vermelhidão do rosto.

— Desculpe-me, eu não deveria ter feito isso... eu acho que esse foi um tipo de assédio... ou pior ainda...eu acho que...

— Aquiles, para! Não foi nada demais! Foi um beijo. E para ser honesta com você, me amarrei no seu beijo! Eu só não esperava por ele, foi meio... estranho... já que eu sei que não rola nada entre a gente, porque nós jogamos no mesmo time, não é mesmo?

— Que história é essa agora? Você sabe que eu detesto esportes em grupo.

— Ah... deixa *pra* lá! Outra hora eu te explico o que eu quis dizer. Agora me leva embora daqui, porque eu estou sofrendo.

— Não foi uma boa ideia o cinema. Eu sinto muito. Queria que você se divertisse, não que você sofresse.

— O quê?! Você ficou louco, Aquiles? Esse PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

filme é um espetáculo! Ele acabou com a minha vida, arrasou meu psicológico, fodeu com as minhas esperanças de um final feliz! Eu amei!!!

— Não entendo como você pode ter amado o filme, se você chora como se tivesse perdido alguém. Você está sofrendo, não está? Não consigo entender sua reação. É só um filme, uma fantasia, uma representação, não é realidade! Por que sofrer por algo que não é real?

— Eu não sei como te explicar... mas quando eu vejo um filme ou quando leio um livro é... é... como se eu me transportasse para dentro dele e tomasse o lugar dos personagens, entende? Nessa última música em que a personagem da Lady Gaga cantou, eu senti toda dor e desespero de alguém que sabe que nunca mais estará ao lado da pessoa que ama.

— E esse é um sentimento bom?

— Ah... para mim, quanto mais drama em uma história, mais emocionante ela fica.

— Eu diria que isso é coisa de neurotípico, mas você não segue muito o padrão de pessoa neurotípica que conheço. Posso dizer que isso é

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

coisa de Briseida mesmo.

— Tudo bem, eu sei que sou diferente e sou especial. Aquiles, agora, mudando de assunto, eu posso te pedir uma coisa?

— Sim.

— Posso dormir na sua casa hoje?

— Dor... dor... dormir? Dormir na minha casa?

— Sim... algum problema? Eu dormi lá o mês inteiro. Só que como o meu colchão não está mais lá, posso me ajeitar no sofá. Só não estou a fim de ficar sozinha em casa hoje. Esse filme mexeu muito comigo, posso ter pesadelos à noite e acordar o condomínio inteiro com meu choro compulsivo. — Ela sorri e eu não consigo entender se ela está dizendo a verdade, ou se é uma expressão figurada.

— Tudo bem. Por mim, tudo bem.

No trajeto de volta para casa, ela fica em silêncio. Pode ser mesmo que o filme tenha tido um efeito devastador sobre ela. É algo que, definitivamente, eu nunca senti. Por isso fiz questão que ela me explicasse o porquê do choro e das emoções tão intensas.

PERIGOSAS ACHERON

O que eu sinto ainda, é o sabor de manteiga do beijo que trocamos há alguns minutos. Se Briseida correspondeu ao meu beijo, e ainda disse ter “se amarrado” nele, acredito que tenha sido bom. Ninguém deve querer se amarrar a algo ruim.

Se ela gostou do meu beijo e se convidou para dormir na minha casa, acredito que isso talvez signifique que ela está dando algum sinal de que quer ter algo a mais comigo.

Talvez uma noite de sexo.

Ulisses, meu irmão mais velho, sempre diz que as mulheres falam mais através de sinais do que através das palavras. Ele fala como se fosse doutor no assunto, porque tem duas em casa, uma esposa e uma filha adolescente. Embora ele já tenha tentado me explicar como funciona essa forma ímpar de se comunicar, eu ainda tenho certa dificuldade para compreender.

Para o meu irmão, quando as mulheres dizem não, na verdade, talvez estejam querendo dizer sim. Isso significa que eu não posso me ater ao que elas dizem, mas ao que elas demonstram. Eis a grande dificuldade do Asperger em um relacionamento: não conseguir ler as expressões que as mulheres

PERIGOSAS ACHERON

emitem e que, em geral, são diametralmente opostas ao que elas dizem através das palavras.

Assim que entramos em casa, eu resolvo arriscar:

— Briseida, acredito que podemos dividir a mesma cama. Não precisa dormir no sofá, não é confortável. Afinal de contas, a minha cama é tão grande, eu poderia dividi-la com você sem o menor problema...

— Tudo bem! Já que você insistiu uma vez, eu aceito. Sou louca para dormir esparramada na sua cama *king size*.

Quando saio do banheiro da suíte, onde fiz meu ritual noturno, antes de ir para a cama, deparo-me com a cena de Briseida tirando a roupa, sem nenhuma cerimônia, mesmo percebendo que eu a observo. Por baixo da calça jeans ela usa uma minúscula peça íntima preta de renda e por baixo da blusa ela não usa...

— Quê isso?! Você está com os seios à mostra?! — tapo meus olhos abertos com a mão, para não parecer enxerido, mas dou uma leve espiada por entre os dedos, que eu fiz questão de

deixar bem afastados um do outro.

— *Me poupa, né, Aquiles!* Você é o cara que assiste filme pornô e desenha mulher pelada. Não vai me dizer que está constrangido porque viu meus peitos de fora.

— Mas não é a mesma coisa, ver você e uma atriz de cinema. Você é mais linda do que qualquer mulher que eu já tenha visto.

— Como é que é? — ela dá gargalhadas. — Você pode repetir isso, pelo menos, mais cem vezes, que é *pra* ver se eu acredito?

— Você quer mesmo que eu repita, ou só está usando uma força de expressão? — pergunto sem graça, enquanto a observo abrir meu roupeiro, pegar uma camiseta e vesti-la, como se fosse sua.

— Deixa *pra* lá, Aquiles! É só uma brincadeira. Vindo de você eu acredito na primeira vez, afinal de contas você é o sincerão!

— Tudo bem. Eu disse isso, porque além de uma aparência física bela, você também é dona de uma autenticidade e um encanto próprios, que fazem de você a mulher mais linda que conheço.

— Assim você me mata! — ela continua rindo.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Sabe que se você não fosse gay, eu até iria pensar que você está me cantando?

— Gay?! – pergunto espantado. — Eu não sou gay!

— Ah, você é gay sim! – ela para de rir e responde em um tom firme.

— É claro que eu não sou gay. Disso eu tenho certeza!

— Então por que você me disse, no primeiro dia em que estive aqui, que você era gay?!

— Eu disse isso? “Briseida, eu sou gay” !?

— Bom... não foi bem assim, tipo... “Briseida, eu sou gay”! Mas você deixou bem claro que não sentia nenhuma atração física por mim. Foi só juntar uma coisa com a outra. Se você não sente atração física por mulheres, é porque você sente atração física por homens, entendeu?

— Não, não entendi! Eu nunca disse que sentia atração física por homens. Você fez tal interpretação por conta própria, de forma equivocada.

— Mas você disse que o Otávio estava te

PERIGOSAS ACHERON

abandonando para ficar com outro homem e que vocês eram companheiros há anos!

— Companheiros de trabalho e grandes amigos!

— E a Amanda, que você dispensou sem a menor cerimônia? Aquela mulher era uma deusa do sexo, e estava muito a fim de ficar com você.

— Ela não é o meu tipo de mulher.

— Seu tipo de mulher?! Então você não é gay, Aquiles? É Isso?!

— Não, não sou, nem nunca fui!

— Então você é o quê? Heterossexual você também não é! Ainda teve aquele lance do dia do filme erótico, que você me contou que não se excitava vendo aquelas cenas.

— Minha sexualidade é uma questão bem complexa, eu posso ter sido assexual durante um tempo, mas nunca fui homossexual. Eu já tive uma namorada quando era adolescente, nós ficamos juntos durante cinco anos.

— Namorada? Mas por que você nunca me falou dela? Ainda mais de um namoro que durou

cinco anos? Deve ter sido muito importante para você!

— Briseida, a gente tem mesmo que falar disso? Porque nós não fazemos sexo agora, eu te provo que eu não sou gay, e fica tudo esclarecido entre a gente?

— Seu cretino, desgraçado! – ela aponta o dedo em riste na direção do meu rosto. — Você me beija no cinema, me convida *pra* dormir na sua cama, me deixa ficar pelada na sua frente e agora diz que não é gay?! Isso não se faz, Aquiles! Seu safado! Fica longe de mim. Pega a minha roupa aí, que eu vou vestir agora e vou embora *pra* casa!

— Pega você! Eu vou dormir. Tchau!

— Como assim?! Tchau? Você vai mesmo me deixar sair sozinha da sua casa a essa hora da noite? Já é quase uma hora da manhã!

— O que eu posso fazer? Foi você mesma quem decidiu ir embora para sua casa, porque está convicta que sou safado. Eu não posso fazer nada para te impedir. Então, tchau!

— Quer saber? Eu vou ficar! E vou dormir aqui na sua cama. E ai de você, se triscar o dedo em

PERIGOSAS NACIONAIS

mim. Eu juro que eu acabo com seu coleguinha aí!

— Que colega? Não tem ninguém aqui em casa além de você.

— Ahhhh!!! — ela fecha as duas mãos, e soca o ar com força. — Eu estou falando do seu pênis, entendeu?! Se você tocar em mim durante a noite, eu juro que corto ele, estamos conversados? Você será um homem, mas sem pênis!

— Ah, meu Deus! E depois o louco sou eu? Você está fora de controle!

— O detalhe é que eu não estou, eu sou fora de controle!

Ela dá um salto na cama, como se fosse uma piscina e puxa dois travesseiros para si. Nem faz questão de se cobrir, fica ali deitada de bruços e com o bumbum à mostra. Quando apago a luz e deixo que a iluminação natural da noite invada o quarto, consigo ver todas as suas lindas formas. Essa garota causa uma reação incrível dentro das minhas calças. Eu me cubro com o edredom e olho para baixo, imaginando que não vai ser legal me tornar um homem sem pênis.

Tento controlar minha respiração e diminuir

PERIGOSAS ACHERON

meus batimentos cardíacos. Não faço nenhum movimento, até que percebo que ela dorme. Sentir o cheiro inebriante da Briseida e ouvir o barulho da sua respiração me faz sentir uma vontade incontrolável de tocá-la, e percorrer cada curva desse magnífico corpo.

Quando percebo que não vou conseguir dormir com tanta excitação, levanto devagar e vou até o banheiro, em busca de um banho gelado e uma forma solitária de aplacar tanto desejo reprimido, e que me causa uma dor absurda na região genital.

Volto para o quarto, e continuo olhando para o bumbum da louca que ameaçou cortar meu pênis se eu apenas encostar o dedo nela. Bom, ela foi específica, o dedo! Isso significa que eu posso tocá-la com qualquer outra parte do meu corpo que não seja o dedo. Coloco minhas mãos atrás da cabeça e aproximo o meu corpo do dela, que se encaixa perfeitamente no meu, como se fossem duas conchas, a menor dentro da maior.

Fico quieto, mas a mente trabalha acelerada até não aguentar mais e entrar no sono profundo. Acordo com os primeiros raios de sol, que brincam

PERIGOSAS NACIONAIS

de acariciar o corpo de Briseida. Eu não resisto ao impulso. Vou até o escritório e pego meu caderno de desenhos. Preciso eternizar esta cena.

PERIGOSAS ACHERON



Briseida

Já é uma verdade conhecida que o Aquiles não é gay. E uma verdade, universalmente conhecida, que eu não consigo lidar com essa situação. Minha cabeça entrou em parafuso, desde a última sexta-feira quando saímos juntos.

O convite para o cinema foi totalmente inesperado. Eu queria muito assistir “Nasce uma Estrela”, mas nem me ocorreu que poderia ser na companhia dele.

A tragédia começou antes do cinema, quando descí até a portaria do meu condomínio, onde pretendia encontrar o Aquiles, e dei de cara com um homem de cabelo bem cortado e barba aparada, vestindo calça jeans azul básica, camisa *slim* azul marinho e... meu Deus, ele estava usando sapatos!

— *Ei! Quem é você e o que você fez com o meu chefe?! –* perguntei horrorizada.

— *Mas eu sou o seu chefe!*

— *Eu sei, foi só uma piada sem graça mesmo!*

— *Eu devo rir?*

— *Você está sendo irônico comigo?! –* fiz uma careta.

— *Não, foi apenas uma pergunta.*

— *A bem da verdade, eu deveria dizer que você está muito bonito, elegante e que eu estou surpresa por você não ter aparecido aqui de calça de moletom e Crocs, me oferecendo uma carona no cano da sua bicicleta.*

— *Não, nós vamos de carro, porque não estou seguro o suficiente para pedalar. Também não sou um completo sem noção, Briseida. Eu trabalho de moletom porque me sinto à vontade, e porque eu sou dono da empresa, então eu posso ir vestindo o que eu quiser.*

— *Agora você foi mal-educado, eu acho...*

— *Não fui. Mas obrigado pelo elogio. Eu acho que eu deveria dizer que você está bem bonita, não é? Mas você é linda todos os dias, não seria sensato dizer que hoje você está apenas bonita.*

— *Wow! Você conseguiu me deixar sem palavras...*

— *Que bom! Pelo menos assim, a gente consegue curtir algumas músicas no trajeto.*

— *Tudo bem – respondi sem graça. Matraca disparada é sinal de nervosismo. Encontrar Aquiles*
PERIGOSAS ACHERON

lindo, gostoso e pronto para me levar ao cinema não me fez bem para os miolos. Comecei a pensar que eu poderia ter me vestido um pouco melhor também, com um vestido sensual, feminino, mas apostei naquele básico de calça jeans e blusinha.

Fiquei um pouco apreensiva sobre como ele se comportaria diante de um ambiente tão cheio de pessoas como o shopping. Havia uma infinidade de cores, luzes, barulhos e cheiros.

Eu sabia que essas coisas poderiam incomodá-lo, mas senti que ele lidou muito bem com tudo. Qualquer pessoa que nos visse juntos, diria que éramos um casal totalmente normal, quando nós, sequer, éramos um casal.

A experiência do filme com ele foi incrível, apesar do final triste que quase me fez entrar em depressão profunda. Não consigo lidar bem com a morte, ainda que seja de personagens de livros e filmes. Talvez seja estranho para alguns, mas para mim é totalmente normal. Eu amo, odeio e choro por pessoas que eu sei que nem existem.

Surpreendente e inesperado mesmo, foi aquele beijo louco do Aquiles. Fiquei alguns segundos sem me dar conta do que estava acontecendo, mas

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

logo comecei a corresponder, colando o meu corpo ao dele, de forma a aproveitar aquele contato físico.

Deus! Como eu desejei e sonhei com aquele beijo, mesmo sabendo que era impossível. Não perderia a oportunidade jamais.

Quando acabou, parecia que eu tinha ido ao céu e voltado, mas para ele foi apenas uma forma de fazer com que eu parasse de chorar. Já entendi que Aquiles odeia me ver chorar, ele se descontrolou nas duas vezes em que isso aconteceu. O importante é que foi tão gostoso, tão maravilhoso, que não quis me despedir dele naquela noite.

De onde mesmo foi que tirei essa ideia imbecil de que o Aquiles era gay? Parece ter havido uma sequência de mal-entendidos. De repente, eu estava me despindo na frente dele, preparando-me para dormir, e descubro que ele não é gay.

Fui uma idiota, confesso! Fiz uma ceninha digna de comédia romântica de Sessão da Tarde, acreditando que se fingisse que não queria, ele não resistiria aos seus impulsos e me faria ser dele naquela cama.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Esperei pelo Aquiles a noite toda. Embora eu tenha ameaçado cortar o pênis dele, o que eu queria mesmo, é que ele tomasse a iniciativa do sexo comigo, porque, fatalmente, eu não resistiria.

Só que ele resistiu, e bravamente, diga-se de passagem. Enquanto ele pareceu ter resolvido seu problema no chuveiro, eu peguei fogo a noite toda e não consegui dormir, apesar de ter fingido bem.

Quando os primeiros raios de sol começaram a entrar pelo quarto, foi que o sono me abraçou com toda força e não resisti mais. Acordei por volta das onze da manhã tomei café da manhã e voltei para casa, completamente desnorteada.

O restante do sábado e o domingo foram sofríveis. Fiquei com vontade de voltar até lá, de mandar mensagens, de dizer tantas coisas, mas desisti. Eu não posso me envolver com o Aquiles.

“Eu não posso me envolver com o Aquiles”. “Eu não posso me envolver com o Aquiles”. Entrei hoje na empresa entoando este mantra, para que a minha mente insana e o meu corpo mais insano ainda, entenda que eu não posso.

Mal cumprimentei os colegas e já subi direto

PERIGOSAS ACHERON

para minha sala. Estou tentando me concentrar no trabalho e esquecer a confusão que se formou na minha mente.



— Eu quero fazer sexo com você! – Aquiles entra na minha sala, sem ao menos bater à porta.

— Oi?! – meu cérebro não consegue processar a informação tão rapidamente. Afinal de contas, é segunda-feira de manhã, e eu sequer tomei café.

— Eu quero fazer sexo com você! – ele repete, e sequer muda a expressão facial.

— Como assim, Aquiles?!

— Sexo... meu pênis na sua vagina, fricção, estocada...

— Shihhh!!! – coloco o indicador sobre os meus lábios e olho pelo vidro lá embaixo, para me certificar de que os funcionários da empresa não ouviram a nossa conversa – fala baixo! Você ficou louco?! Eu sei como se faz sexo, eu só não estou acreditando que você invadiu a minha sala em plena segunda-feira para dizer que quer fazer sexo

PERIGOSAS ACHERON

comigo, isso não se faz! Você nem me desejou bom dia!

— Tudo bem, desculpe a minha falta de modos. — Ele fala com aquele tom sério, e eu me derreto toda. — Bom dia, Briseida! Como você está nesta manhã?

— Bom dia, Aquiles! Eu estou bem, obrigada por perguntar, e você, como está?

— Eu estou querendo fazer sexo com você. E você, quer fazer sexo comigo?

A vontade de rir é tão iminente, e eu não sei dizer ao certo se é pela forma com que ele exprime o seu desejo, ou se é por saber que ele tem tanta vontade de fazer sexo comigo, quanto eu tenho de fazer sexo com ele.

Eu poderia mentir e dizer que não quero, mas Aquiles tem sido tão honesto comigo, que prefiro não dissimular minha vontade como fiz na sexta-feira. É por isso que procuro insistentemente pelo seu olhar, e quando o encontro, a resposta vem do fundo do coração, para não dizer que vem de outro lugar.

— Sim, Aquiles... eu quero muito fazer sexo

PERIGOSAS NACIONAIS

com você.

— Então podemos ir para a minha casa agora?
— ela parece bastante ansioso.

— Vamos! Quer dizer... Não! Eu disse que quero fazer sexo com você, mas eu não posso fazer sexo com você! Uma coisa é uma coisa, e outra coisa é outra coisa. Você entende?

— Não, eu não entendo. Se você quer e eu também quero, não há nada que nos impeça de fazer.

— As coisas não acontecem dessa forma, Aquiles! Você é meu chefe, esqueceu?

— Não esqueci. Qual o problema em ser seu chefe?

— Já ouviu o ditado que diz “onde se ganha o pão, não se come a carne”? Significa que a gente não deve colocar em risco a nossa subsistência, por conta do prazer.

— Mas eu não vou demitir você caso eu não goste do seu desempenho durante o sexo.

— Eu sei, Aquiles! O problema é que uma hora ou outra, a gente vai dar alguma bandeira por

PERIGOSAS ACHERON

aqui e todo pessoal vai ficar sabendo e comentando. Não quero ser tachada como a garota que ganha mais que todo mundo, porque transa com o chefe. Não mesmo!

— Você se importa tanto assim com o que os outros pensam de você? — ele solta os ombros, em uma atitude de decepção e se deixa cair sentado na cadeira que está à frente da minha mesa.

— Não. — Respiro devagar, na tentativa de manter a sanidade. — Não é só por isso. Sinto que estou me saindo tão bem nesse trabalho, que não quero estragar tudo. Em pouco tempo, eu mesma estaria acreditando que tive sucesso pelo fato de ter uma vagina.

— De forma alguma. Você é a pessoa mais... — ele parece procurar um adjetivo adequado para a ocasião — mais... especial que eu conheço.

— Eu sei, mas durante muito tempo, eu não acreditei nessa verdade. Durante três anos e meio da minha vida, para ser mais exata, eu me submeti a viver em um relacionamento horrível, no qual era humilhada e ofendida, justamente porque tomei a decisão de fazer sexo no momento errado e com a pessoa errada. Não quero passar por isso outra vez.

É impossível me lembrar do meu passado e não chorar. A dor no peito é quase que instantânea, e as lágrimas brotam, como de uma nascente.

— Não chora, Briseida! Por favor, não chora! Eu não queria te fazer chorar nunca... nunca! — Aquiles se levanta da cadeira, visivelmente nervoso.

— Está tudo bem. Eu não estou chorando por sua causa. — Minha voz fica embargada, e demoro alguns segundos até conseguir falar de novo. — Só fiquei emocionada. Trabalhar com você foi a forma que encontrei para recuperar minha autoestima, que foi destruída um dia. Quando apareci na sua casa para fazer faxina, é porque precisava provar para mim mesma, que eu era capaz de vencer sozinha, e dar a volta por cima, fazendo a coisa certa. Eu só precisava ter coragem e força para lutar contra as adversidades. Agora, eu quero ter um destino extraordinário. Eu nasci para isso, e não quero que nada nem ninguém me impeça de viver esse sonho.

— Você é forte, você é corajosa. Não tenho dúvidas de que você conseguirá.

— Obrigada! Vindo de você esse elogio, eu acredito. Porque você é a pessoa mais verdadeira e

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

mais especial que eu conheço. Não quero colocar tudo a perder por causa de sexo.

— Desculpe-me! Eu fui um idiota. — Ele sai da sala, da mesma forma repentina que entrou, e eu nem tenho tempo para dizer tudo que precisava dizer.

— Eu estou, miseravelmente, apaixonada por você, Aquiles... não ia ser só sexo, nunca! — falo baixinho, como se confessasse para mim mesma, já que sei que ele não pode me ouvir, porque neste momento, desce a escada feito um furacão.

Aqui no peito, a sensação é ainda pior, comparável a um tsunami.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



Briseida

DOIS MESES DEPOIS...

PERIGOSAS ACHERON

Hoje é aniversário do Aquiles. É óbvio que não foi ele quem me contou. Como gerencio suas contas de e-mail e correspondências, notei que começaram a chegar diversas mensagens de felicitações.

Conversei com alguns colegas da Factral, para me informar se alguma vez fizeram comemoração por aqui. Ninguém sabia, sequer, a data do aniversário do chefe.

Talvez ele seja como eu, uma pessoa que detesta o dia do próprio aniversário. Ou então, não deve ser dado a comemorações, porque sempre recusa nossos convites de *happy hour*.

Tudo bem que eu não preciso organizar uma festa surpresa aqui no trabalho, com todo mundo usando chapeuzinho, língua de sogra e jogando serpentina para o alto, mas acho que o aniversário do meu chefe merece uma comemoração.

Nos últimos dois meses, depois daquele “louco beijo” e da proposta altamente indecorosa que ele me fez aqui mesmo na Factral, nossa relação retroagiu. Aquiles me trata com a mesma PERIGOSAS ACHERON

frieza inicial de quando cheguei à empresa. Sei que ele está apenas respeitando meu pedido, mas eu mesma não estou certa se era isso que queria de verdade.

Razão e emoção travam uma ferrenha batalha dentro de mim. A primeira faz com que eu me lembre do André e de como ele quase destruiu minha vida. A segunda tenta me convencer de que o Aquiles é um homem bem diferente, e dessa vez, tudo pode dar certo.

Em se tratando de Briseida Reis, a emoção sempre falou mais alto. Temo que eu não consiga lutar contra o que sinto, por muito tempo mais.

É difícil trabalhar com o Aquiles a semana inteira, e não pensar em, pelo menos, meio milhão de besteiras todos os dias. Imagino tantas situações inimagináveis, que fariam corar as prostitutas do porto, como na letra de uma canção francesa que adoro¹².

A faire pâler tous les Marquis de Sade

Até fazer empalidecer todos os Marqueses de Sade

A faire rougir les putains de la rade

PERIGOSAS NACIONAIS

Até fazer corar as prostitutas do porto

A faire crier grâce à tous les échos

Até fazer pedir clemência todos os ecos

A faire trembler les murs de Jéricho

Até fazer tremer os muros de Jericó

Je vais t'aimer

Eu Vou Te Amar

Je vais t'aimer

Eu vou te amar

Comme on ne t'a jamais Aimée

Como nunca amaram

Je vais t'aimer

Eu vou te amar

Plus loin que tes rêves ont imagine

Além do que seus sonhos imaginaram

Je vais t'aimer. Je vais t'aimer

Eu vou te amar. Eu vou te amar

PERIGOSAS ACHERON



— Eu amo o Aquiles – confesso em voz alta, enquanto encaro o volante do carro. Tenho um sorriso bobo na cara, o coração sobressaltado e aquele gelo que faz voltas e voltas no estômago.

Faz dez minutos que estou em frente ao portão, tentando decidir se devo ou não fazer uma surpresa para o aniversariante, aproveitando-me do fato de que estou com o controle e as chaves de sua casa.

Não é nenhum sinal de intimidade, ter as chaves da casa do meu chefe. Sempre venho aqui buscar algum material que ele não consegue carregar na bicicleta, enquanto eu uso meu carro para trabalhar. Resolvi seguir o conselho da minha mãe e comprar um. Não é um carro novo, nem um modelo caro, mas é exatamente o que preciso para me locomover com rapidez, acompanhar meu chefe e visitar alguns clientes.

Esta é a primeira vez que saio à noite, para fazer algo que não esteja relacionado com meu trabalho. Quando passo pelo portão eletrônico, o

PERIGOSAS NACIONAIS

arrependimento bate com força total, porque percebo que Aquiles não está sozinho.

Há um carro branco estacionado perto da garagem e logo noto que se trata de um carro de mulher, porque ele sai pela porta, acompanhado de uma jovem morena, muito bem vestida.

Estaciono próximo ao carro da visitante e desço com dois sacos de papelão na mão. Ela me olha de cima a baixo, com um olhar curioso, como se esperasse por uma apresentação, mas o nosso amigo em comum, parece não entender.

Eu poderia dizer que seu olhar é de desdém, mas como estou me mordendo de ciúmes, pode ser que seja apenas impressão minha. Aproveito para dar mais uma olhada em seu vestido preto, que é super, ultra, mega provocante, mostrando as belas curvas da moça.

— Oi! — ela acena para mim, levantando a mão na altura da cabeça e balançando apenas os dedos delicados.

— Oi! — respondo secamente.

Ela agora se dirige ao Aquiles e lança um beijinho.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Adorei nosso encontro dessa noite, amore! Até semana que vem!

— Eu também. Até semana que vem!

Sinto meu sangue ferver. Quero entrar de volta no carro e sair dirigindo sem rumo e chorar.

Chorar muito.

Assim que ela passa pelo portão eletrônico, Aquiles aciona o controle e se volta para mim.

— Não me lembro de ter marcado nada com você hoje à noite. Marcamos?

— Não. Não marcamos. — Tento controlar minha respiração e segurar o choro. — Pelo visto, eu nem deveria ter vindo mesmo, foi um erro! Queria te fazer uma surpresa, mas acabei sendo surpreendida pela sua namorada...

— Ela não é minha namorada! Você sabe que eu não tenho namorada, e também sabe que eu não gosto de surpresas. — Ele responde com a mesma calma impassível de sempre, ou, quase sempre.

— Eu sei, mas é seu aniversário, fiquei muito incomodada, imaginando que você estaria sozinho em casa, na maior depressão.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você trouxe comida? – Aquiles aponta para os sacos na minha mão.

— Sim. – Levanto as mãos e mostro a ele os dois pacotes.

— Fico feliz que você tenha vindo. – Ele sorri. Eu deveria me derreter diante de um sorriso lindo como esse, mas lembro de que ele acabou de ir para a cama com aquela mulher. Aquiles está todo suado e o perfume feminino doce está impregnado em sua pele. Não resisto ao impulso e lanço a pergunta.

— Aquiles, você contratou uma prostituta *pra* fazer sexo com você?

Ele me olha assustado, como se aquele fosse o maior dos absurdos.

— Claro que não! Por que a pergunta?

— Huuummm... vejamos... eu chego aqui e tem uma morena jovem e bonita, usando um vestido que mostra tudo. Aí ela se despede de você com um beijinho, te chama de *amore* e diz que adorou o encontro da noite, enquanto você está todo suado e exalando o perfume enjoativo dela. O que você quer que eu pense?

— O óbvio, é claro!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— E nesse caso, qual seria o óbvio, que eu não estou conseguindo enxergar? – pergunto irritada.

— Aquela era a Layla, minha professora de dança.

— Professora de dança?! – não acredito na resposta. — E desde quando você dança, Aquiles? Você mal sai de casa... não consigo imaginar você dançando em uma boate, ou em uma festa.

— Por que não? Dançar faz bem para o corpo e para a alma. Faz três semanas que comecei a ter aulas particulares aqui em casa com a Layla, e estou gostando muito da experiência. Minha terapeuta me convenceu de que a dança é uma forma de inserção social, e que através dela, posso aliviar minhas tensões, e me sentir mais seguro.

— Nossa! Que maravilha! – minha postura muda radicalmente. “Graças a Deus!” O Aquiles é um homem ingênuo, nem sei por que me passou pela cabeça a ideia de que aquela mulher fosse uma prostituta. Tudo bem que ele é homem, mas ele é diferente dos demais que conheci. Só de pensar que poderia estar enganada a esse respeito, meu coração doeu.

PERIGOSAS ACHERON

— Você gosta de dançar? – ele pergunta assim que chegamos à cozinha.

— Adoro! – respondo animada. — Eu adoraria dançar com você hoje à noite, que-quer dizer... qualquer dia desses! – tento corrigir a má-nota.

— É melhor eu ir tomar um banho e tirar o cheiro do perfume que a professora deixou em mim.

— O cheiro do perfume dela te incomoda tanto assim?

— Mais do que você imagina.

— Também não me agradou, mas não foi só o perfume.

— Por quê?

— Eu não gostei da forma que ela me tratou quando cheguei. Pareceu que estava insinuando que vocês dois teriam algo a mais que uma simples relação profissional entre aluno e professora.

— Mas é só isso mesmo.

— Da sua parte eu até acredito, mas da parte dela eu tenho minhas dúvidas. Você é um

PERIGOSAS NACIONAIS

homem lindo, inteligente, bem sucedido, sensível, ingênuo... todas as mulheres do mundo querem tirar a calcinha para você, meu querido! “Inclusive eu”.
— Essa parte eu apenas pensei.

— Mas o que eu faria com tantas calcinhas? — ele pergunta intrigado

— *Aff!* Vai tomar banho, Aquiles! Vou preparar a mesa *pro* jantar.

— Tudo bem. Você trouxe comida do *Nona Mia*?

— Claro! Eu jamais me esqueceria da sua seletividade alimentar, mas confesso que trouxe um bolo de aniversário, se quiser experimentar, fique à vontade!

— Obrigado! — responde já subindo a escada.

Enquanto Aquiles toma banho e se arruma, eu organizo a mesa da cozinha e separo os pratos, talheres e taças. Fiz uma encomenda especial no único restaurante que ele gosta. Durante um mês em que estive aqui, tentei fazê-lo experimentar pratos de outros restaurantes, mas ele foi irredutível. No final do período, eu também estava viciada na comida do *Nona Mia*.

PERIGOSAS ACHERON

Estou um pouco mais animada do que de costume. Sinto que ele está diferente do homem que encontrei aqui nessa casa meses antes. Está mais sociável e até resolveu fazer aulas de dança. Considero tudo isso um grande avanço. Minha alma se ilumina, porque lá no fundo, tenho esperanças de que um dia ele possa me amar como eu o amo.

— Obrigado por você ter se lembrado do meu aniversário, e obrigado por me trazer comida – diz, enquanto puxa a banqueta embaixo da mesa e se senta.

Está lindo, com os cabelos molhados despenteados, camiseta cor de rosa, calça de moletom cinza e Crocs preta. “Como posso achar um homem de Crocs lindo, meu Deus? Eu estou louca. Loucamente apaixonada!”

— Imagina! Eu adoro a sua companhia. Não ia ser diferente no seu aniversário.

Nosso jantar é agradável. Aquiles está bem falante e acaba se distraindo, enquanto fala sobre a origem dos vários tipos de dança. Eu meio que desligo do assunto, e fico observando sua boca e seu sorriso de dentes perfeitos.

Penso que eu daria todos os meus dentes da frente para beijar essa boca outra vez. Devo estar no meu período fértil e meus hormônios estão me sabotando, porque a minha vontade é de tirar a roupa aqui na cozinha e dizer “sou toda sua”. Não dá para acreditar que dois meses atrás ele me convidou para fazer sexo e eu rejeitei.

— Burra! — solto sem querer, em voz alta. Minha sorte é que ele está tão distraído, conversando consigo mesmo, que não percebe meu vacilo. Estou muito a fim de fazer amor com ele hoje, mas já aprendi que ele é péssimo em ler sinais não verbais. Então preciso ser bem direta, só que está me faltando coragem.

— Aquiles! — interrompo sua fala, logo após comer a sobremesa e terminar a segunda taça de vinho. — Que tal você me ensinar os passos de dança que aprendeu hoje com a professora? O que vocês treinaram?

— Só alguns passos de *zouk*.

— Bom... *zouk* eu ainda não sei dançar, mas sei dançar música lenta. O que você acha? Quer ser meu parceiro esta noite? — falo cheia de segundas intenções, na esperança de que ele entenda minha
PERIGOSAS ACHERON

sutileza, ao menos dessa vez.

— É claro que eu quero – responde e vai em direção à sala onde está o piano.

— Quer dançar minha música preferida?

— Sim, eu quero... imagino que seja alguma do Renato Russo.

Um mês morando aqui, também foi suficiente para perceber que ele é *mega* fã do Renato Russo e Legião Urbana. Conhece todas as músicas e os nomes dos LPs lançados nas décadas de 80 e 90. Apesar de curtir muito o som da banda, não me considero tão fã quanto o Aquiles.

Estava certa. Logo começa a tocar a canção *Strani Amore* no celular e ele ensaia uma reverência, convidando-me para a dança. Assim que ele puxa o meu corpo contra o seu, sinto um *frisson* tomar conta de mim. Em determinado trecho da música, chego ao limite da emoção e desato a chorar.

Nada mais *brochante* que chorar em um momento como este.

Grandi amori che finiscono

Grandes amores que acabam

Ma perché restano nel cuore

Mas por que permanecem no coração

Strani amori che vanno e vengono

Estranhos amores que vão e vêm

Nei pensieri che lì nascondono

Nos pensamentos que o escondem

Storie vere che ci appartengono

Verdadeiras histórias que nos pertencem

Ma si lasciano come noi

Mas se deixam como nós

Strani amori fragili

Amores estranhos amores frágeis

PERIGOSAS NACIONAIS

— Por que você está chorando? — ele toca meu rosto. — Fiz alguma coisa que te magoou?

— Não, não foi nada! Eu só me emocionei porque adoro essa música, que fala de amores estranhos e frágeis.

— Eu não falo italiano como você, mas entendo alguma coisa. Quando eu era adolescente, todos na escola me chamavam de “Estranho”, em vez de Aquiles. Eu ouvia essa música naquela época e imaginava, se um dia, mesmo sendo estranho, eu poderia amar e ser amado por alguém.

— Você pode, Aquiles — sussurro bem perto do seu ouvido. — Você ainda vai ser muito feliz...

— Eu já sou feliz... com você... aqui... agora! Eu sei, e você já deixou bem claro para mim, que espera muito mais da sua vida...que quer ter um destino extraordinário, mas para mim, você já é extraordinária! — pela primeira vez, ele crava seus olhos nos meus. — Você operou uma mudança incrível na minha vida e me fez acreditar que eu posso ser um homem normal. Briseida... você pode não ter feito nenhuma grande mudança neste mundo, mas com certeza, fez toda a diferença no

PERIGOSAS ACHERON

meu mundo azul¹³.

Ele consegue roubar minhas palavras. Em silêncio, eu o abraço forte e deixo as lágrimas rolarem, sem culpa. O homem que mal conseguia ser tocado por mim, agora me conduz nesse balanço gostoso da música. E pensar que eu queria ser diplomata, porque julgava que esse seria um destino extraordinário. Estive enganada durante muito tempo.

Extraordinário é amar e ser amada por alguém como o Aquiles.

Antes que a música termine, aproximo minha boca da sua, implorando por um segundo beijo. Ele entende meu pedido silencioso. Tudo em mim anseia por ele. O calor de sua boca e o toque de suas mãos no meu pescoço, fazem meu corpo se incendiar. Sou uma tocha incandescente, alimentada pelo desejo. Sei que em poucos instantes, mandarei meu resto de racionalidade às favas.

É indescritível a sensação de desfrutar desse contato, usando todos os meus sentidos. Encaro seus olhos azuis e me perco na imensidão deles.

PERIGOSAS NACIONAIS

Fecho os meus olhos e aspiro devagar o cheiro másculo do mais puro e primitivo desejo que sua pele exala. Minhas mãos percorrem cada centímetro de seu peito másculo e de suas costas rijas. Quando elas descem abaixo de sua linha de cintura, escuto os seus gemidos de excitação, enquanto me perco no gosto de sua boca quente e doce.

Afasto-me por um instante, apenas para me despir, sob seu olhar atento e assustado. Tiro a blusa e o sutiã, e o convido a me tocar. A adoração dele é tão grande, que pareço ser a mulher mais linda deste mundo. Não consigo pensar em outra coisa, que não seja me entregar a ele.

O contato de suas mãos e boca nos meus seios é prolongado. Aproveito cada toque, como se essa fosse a minha primeira vez. De fato, só agora me dou conta do que significa fazer amor. Não tenho mais aquele sentimento de desespero, em que me cobrava ser a melhor mulher na cama, só para manter o homem que estava comigo.

— Briseida... — ele fala entre um beijo e outro — você disse que não poderia fazer sexo comigo, então porque você está tirando a minha roupa?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Esquece! Esquece tudo que eu falei, vamos fazer só o que nós temos vontade agora, vamos! Não pense! – sussurro junto ao seu ouvido, e já sinto seu corpo responder.

— Briseida... – ele insiste em conversar – você se lembra que meu quadril, talvez, ainda não esteja muito bom, não é?

— E quem disse que você precisa movimentar o quadril, *hein*? Senta aqui! – eu o conduzo até a banquetta que está junto ao piano. — Deixa essa parte de mexer o quadril comigo.

— Briseida... – sinto desespero em sua voz, quando pego o preservativo que estava guardado dentro da minha bolsa, em cima do aparador – eu... eu... não consigo...

— Não consegue o quê, Aquiles?

— Usar o preservativo. Tenho pânico desse negócio me apertando, eu já tentei... e... fo-foi... horrível.

Está tudo bem! – eu o beijo novamente, de forma lenta e provocante, até que ele se esqueça de qualquer experiência ruim que tenha tido no passado.

PERIGOSAS ACHERON

Logo minha boca desce em direção ao peito, provocativa. Decido que a falta do preservativo não irá me impedir de ter uma noite inesquecível com o Aquiles. “Amanhã cedo eu passo na farmácia e compro uma pílula do dia seguinte” – digo em pensamentos, como forma de aplacar minha culpa.

Em poucos instantes, estou totalmente encaixada nele. Fico assim por um tempo, aproveitando o contato profundo, como se minha vida dependesse dele. Logo, começo a dança do amor, lenta e sensual.

Eis o momento em que somos inteiramente compatíveis, nada parece nos atrapalhar. Sei com exatidão o que ele quer, sem que me diga palavra alguma. A expressão de prazer dele me estimula a ousar ainda mais.

A dança ganha um ritmo cada vez mais acelerado, ditado por mim. Minha excitação é tão impetuosa, que chego ao ápice do prazer rapidamente, agarrando-me a ele, para não cair do seu colo.

Todas as energias parecem abandonar meu corpo, que enfraquece, ainda assim, continuo a dança. Preciso sentir o prazer dele dentro de mim.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Não demora, e ele é todo meu.

Ardente.

Febril.

Grande.

Intenso.

Turbulento

Vigoroso.

Nem todas as palavras do dicionário seriam suficientes para descrever o que acabei de experimentar com o Aquiles.

Fico alguns instantes quieta, agarrada a ele, e tentando recuperar a energia para levantar. Quase quebramos a banquetta do piano.

— Essa foi a melhor experiência de todas! — falo, ainda ofegante.

— Eu não posso dizer o mesmo. — Ele é seco.

— Poxa, Aquiles! Agora não é um bom momento para ser assim tão sincero.

— Por que? Será que você pode se afastar um pouco de mim? É que, de repente, minha pele ficou sensível ao seu toque.

PERIGOSAS ACHERON

— Tudo bem – respondo frustrada. Queria ficar mais tempo grudada nele, e esperava que a experiência tivesse sido tão incrível para ele como foi para mim. — Não é legal um homem fazer amor com uma mulher e dizer que outra experiência que ele teve foi melhor.

— Mas eu não disse que tive uma experiência melhor com outra mulher. – Ele continua sentado na banquetta, enquanto eu me afasto para pegar minhas roupas que estão no chão.

— Acabou de dizer.

— Não. Você disse que foi a melhor experiência de todas e eu disse que não poderia dizer o mesmo, porque não tenho parâmetros para comparação, já que essa foi a minha primeira vez.

— Essa foi o quê? – viro-me e o encaro.

— Minha primeira vez.

— Como assim, Aquiles?! Sua primeira vez? Você me disse que namorou uma garota durante cinco anos. Vai me dizer que vocês nunca transaram?

— Não. Nós tentamos, mas as tentativas foram frustradas por conta de uma crise de pânico que tive

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

ao colocar o preservativo.

— Ah! Agora faz todo sentido! Mas...mas... eu não acredito que eu tirei sua virgindade, não é possível!

— Você não me tirou nada, Briseida, pelo contrário, você me deu...

— É claro que eu te dei. — Uso um tom malicioso que ele parece não entender, e volto a me aproximar, para beijar seus lábios.

— Você me deu esperanças de uma vida normal – diz, ainda com a respiração ofegante.

— E você me devolveu a vida!

— Eu?! Te devolvi a vida? Como assim? – ele fica apreensivo. — Você não está sendo literal, está? Se bem que, eu achei que você iria morrer há poucos minutos, mas não posso imaginar que isso realmente tenha acontecido, não seria possível...

— Esquece! – caio na gargalhada. — Posso tomar um banho na banheira com você? Ou seria muita intimidade?

— Sim, pode! Mas só se você me prometer que vai tentar morrer outra vez comigo lá em cima.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

– Agora é ele quem usa um tom malicioso.

— Olha só! Você está sendo sutil... seu safado!

Nós dois caímos na gargalhada e subimos em direção ao quarto, para um segundo tempo, que se transforma em uma noite inteira de amor, e muita diversão.

PERIGOSAS ACHERON



Aquiles

— Trinta e cinco anos! — encaro os olhos azuis da imagem refletida no espelho. Quase um homem de meia idade, sem grandes expectativas, apenas tentando ser “normal”. Uma peça diferente, cheia de arestas, que não se encaixa no quebra-cabeça da normalidade.

Esse sou eu.

A sensação de desconexão com o mundo já me levou a um estado de constante ansiedade e depressão. Pode parecer algo comum para um homem da minha idade, namorar, casar e ter filhos.

Para mim, ter um relacionamento é um sonho, e ao mesmo tempo um pesadelo. Sinto que não sou bom o suficiente em cativar ou criar laços, assim como a raposa ensinou ao Pequeno Príncipe.

Há quinze anos que vivo preso neste mundo de solidão. Em algum momento, cheguei a acreditar que havia me tornado assexual, porque era cômodo, não ter que me envolver com ninguém.

Ainda assim, por insistência do Otávio, cheguei a sair com algumas mulheres. Nenhuma delas quis ir além do primeiro encontro. Deve ser pelo fato de me acharem enfadonho, e pelo fato de

eu não estabelecer contato visual ou físico.

Não foi sempre assim. Já tive uma namorada na adolescência, e quando completei quinze anos, experimentei o primeiro beijo. A garota enfiou a língua inteira dentro da minha boca, fazendo movimentos desajeitados, que me tiraram o ar. Entrei em pânico e fui correndo para casa. Ela ficou com raiva e não conversou mais comigo na escola.

Depois de meses, voltamos a nos falar. Acho que ela aprendeu que meu tempo era diferente do dela e adotou outras estratégias mais sutis e menos traumáticas. Quando minha sensibilidade ao toque foi diminuindo, os beijos e carícias começaram a ser mais ousados, e eu já não os repelia mais.

Do primeiro beijo até a “quase” primeira relação sexual demorou quase cinco anos. Eu já estava com vinte anos e cursava a faculdade de Arquitetura, quando minha parceira insistiu que estava na hora.

— Todas as minhas amigas já transaram, mas eu continuo virgem!

Ela sempre foi muito competitiva, gostava de ser destaque em tudo que fazia. Ser virgem,

enquanto todas as outras garotas já eram experientes, era inadmissível.

A expectativa da primeira relação sexual me deixou ansioso e desesperado. Por dias seguidos eu não dormia, não comia e não me concentrava na faculdade. Devo ter lido dezenas de enciclopédias sobre educação sexual, porque precisava saber como me comportar na primeira vez.

Tanta ansiedade me levou a um desempenho desastroso. Maldita ansiedade! Antes que a garota terminasse de tirar suas peças íntimas, eu já havia ejaculado. Nenhum de nós dois tínhamos maturidade suficiente para lidar com aquele tipo de frustração. Aconteceram outras tentativas, mas a ejaculação precoce sempre foi um problema.

Como não havia recebido o diagnóstico ainda, não tinha a menor noção de que eu era diferente e precisava de tratamento para controle da ansiedade. Queria de qualquer maneira, ser igual ao meu irmão e aos outros rapazes da minha idade, mas o medo de falhar era tão grande, que sabotava todas as minhas tentativas.

Em uma noite no motel, quando consegui avançar além das preliminares, bastou colocar o

PERIGOSAS ACHERON

preservativo, para sentir que iria morrer. Não consegui concentrar em mais nada, que não fosse aquele objeto estrangulando meu pênis. Saí de lá direto para o hospital.

— *Você teve uma crise de pânico e uma possível reação alérgica ao látex do preservativo.* — Foi o diagnóstico que selou o fim do meu relacionamento. Ali, eu soube que, dificilmente, eu teria uma vida sexual saudável e normal.

Não bastasse a culpa, a dor e o desespero de ter fracassado como homem, ainda tive que lidar com o *bullyng*. Minha namorada contou suas tentativas frustradas de perder a virgindade para sua melhor amiga.

A moça jurou que não contaria a ninguém, mas o problema é que ela tinha outra melhor amiga, que tinha outra melhor amiga, que tinha outra melhor amiga, que era namorada de um dos meus colegas de curso.

A notícia do que aconteceu entre nós dois naquele quarto de motel, espalhou-se pela faculdade rapidamente. Por um longo tempo, fui motivo de piada entre os estudantes, não só do meu curso, mas de todo o campus.

— *Quem é o Aquiles?*

— *O Aquiles? É aquele cara alérgico à buceta!*

Decidi abandonar o curso, porque era muito difícil lidar com a crueldade humana. O que era motivo de piada e muitas gargalhadas deles, era motivo para eu não querer viver mais.

Sorte a minha, ter o Otávio como um leal e fiel companheiro. Foi ele quem me fez voltar às aulas e me ajudou a superar a fase mais difícil da vida.

O relacionamento, obviamente, fracassou. Atribuí à minha namorada o fato de ter sido ridicularizado publicamente por meses. Ela parece não ter se importado com minha dor, porque pouco tempo depois, já estava grávida de outro homem.

Essa ainda é uma lembrança bastante dolorosa para mim.



Termino a reflexão em frente ao espelho e vou ao quarto para me vestir. Hoje não é dia para lembranças ruins. Tenho uma linda garota na

PERIGOSAS ACHERON

cozinha, esperando-me para o jantar. Uma pessoa com a qual eu me sinto inteiramente à vontade. Não preciso tentar ser alguém diferente do que sou.

Festas de aniversário nunca me agradaram. Ao contrário da minha mãe, que sempre as adorou e fazia questão de comemorar todos eles. Aos doze anos, foi sua última tentativa de organizar uma surpresa para mim. Descobri algumas horas antes e fugi de casa, deixando que ela comemorasse com os meninos da rua, que ela acreditava serem meus amigos.

Desde então, tenho me acostumado a apenas receber ligações dos meus pais, e mensagens dos meus irmãos e do Otávio nesse dia. É suficiente. Sequer cogitei que minha assistente soubesse do meu aniversário, e muito menos, que apareceria por aqui, trazendo um jantar especial.

Estou feliz.

Embora eu saiba que para Briseida sou apenas o chefe com o qual ela não quer nenhum tipo de envolvimento sexual, a simples companhia dela para jantar, já é o bastante para tornar essa noite inesquecível.

O jantar é informal, descontraído e nós rimos e conversamos bem à vontade. Quando a garota me convida para dançar, fico surpreso, mas aceito. Afinal, ela é o motivo pelo qual comecei a ter aulas de dança.

Pela primeira vez em muito tempo, consigo controlar o turbilhão de ideias que sempre dominou minha mente. Mesmo diante do seu choro, ouvindo a canção *Strani Amore*, consigo me controlar e dizer o quanto ela é importante para mim.

À medida que dançamos, com os corpos bem juntos um do outro, nossos sentidos reverberam. Eu a encaro e noto como sua pupila está dilatada. Sua respiração está entrecortada. Ouço o sangue jorrando dentro de sua veia carótida.

O corpo de Briseida implora pelo meu, em uma linguagem silenciosa, mas totalmente compreensível pelos meus sentidos. É a primeira vez que consigo captar uma linguagem não verbal.

Eu a beijo.

O beijo é molhado e sensual. Tem o poder de levar-me a um estado de excitação que nunca experimentei. Desde aquela noite que dividimos a

cama, tenho fantasiado com ela satisfazendo aos meus desejos. Agora, além do desejo, sinto algo explodir no peito, e não consigo determinar o que seja, mas é incrível.

— Não pense! — Briseida sussurra junto ao meu ouvido, e minha mente parece render-se ao seu comando.

Todos os meus receios agora não fazem o menor sentido. Só consigo adorar as lindas formas da mulher nua, que se aconchega em meu colo, pronta para o ato. O sabor de sua pele tem um tom levemente salgado, na intensidade certa para me fazer querer mais e mais. Sinto o cheiro da vida, que extravasa por entre suas pernas.

O encaixe é perfeito. Como se nossos corpos, desde antes da fundação do mundo, tivessem sido projetados para esse momento. É o encontro de duas almas, que transcende qualquer tipo de definição que eu conheça.

Ela é quente, úmida, apertada, envolvente e sabe como ter o controle do próprio prazer. Minha excitação atinge o auge, assim que vejo seu corpo sucumbir ao êxtase. Nesse instante, eu também me deixo levar, sem qualquer tipo de reserva.



Não sou mais um jovem de vinte anos, mas meu corpo parece não se dar conta desse fato. Pouco tempo depois do banho que compartilho com Briseida, estou pronto para experimentar um pouco mais do que vivemos junto ao piano.

Eu a conduzo até a cama, deixando claro que agora, sou eu quem comanda a relação. Ela se rende, em um ato de total submissão e entrega. Meu corpo age como uma máquina programada para o sexo. Não preciso pensar, porque ele sabe exatamente o que fazer.

É o instinto sobressaindo à racionalidade.

Juntos, experimentamos mais uma vez aquela descarga explosiva de tensões neuromusculares, que alguns poetas e escritores chamam de viagem ao paraíso.



Briseida

Depois que Aquiles e eu aprofundamos nossa relação, ando pisando em ovos aqui na empresa. Não quero que ninguém saiba o que acontece entre nós. Tento manter a discrição e continuo tendo a mesma rotina de almoçar com os colegas na copa, em vez de acompanhar o chefe na sala dele.

É meio que impossível olhar para ele durante o expediente e não me lembrar das cenas quentes que nós protagonizamos em casa. Para quem não tinha experiência nenhuma, ele tem se mostrado muito safado e um tanto insaciável, como se quisesse compensar todo o tempo que ficou sem experimentar o bom da vida.

Já estamos nos aproximando do final do ano e a Factral vai entrar em recesso no período de festas. Aproveito para almoçar junto com os colegas pela última vez neste ano, e fazer aquela cara de paisagem de quem, definitivamente, não está dormindo com o chefe. Ele está fora da empresa, fazendo a visita final a uma obra, acompanhado do engenheiro residente.

Enquanto coloco minha comida no aparelho de micro-ondas para esquentar, distraio-me olhando para a televisão. Dois minutos demora uma

eternidade quando se está com fome e olhando para o contador regressivo do aparelho. Na TV, a repórter que fala direto de Brasília, comenta sobre a aprovação de uma lei importante no Congresso Nacional.

A notícia que vem logo a seguir cai sobre mim como uma bomba: *“Faleceu hoje em São Paulo, no Hospital Isabela Hendrix, o Deputado Federal André Goulart, do PDF de São Paulo, vítima de um linfoma, contra o qual vinha lutando há seis meses. O corpo está sendo velado na Assembleia Legislativa do Estado. O deputado deixa e esposa e dois filhos”*.

— BRISEIDA! BRISEIDA!

— Oi?!

— Já terminou?

— Já terminou o quê?!

— De esquentar sua comida.

— Ah sim! Sim! É claro, me desculpa! É que eu me distraí com a TV...

— Está tudo bem? Você parece ter perdido a cor do rosto. Acho melhor você se sentar aqui. —

PERIGOSAS NACIONAIS

Ariel, a recepcionista, me conduz até a cadeira. — Nossa! Como sua mão está gelada! O que será que aconteceu? Parece uma queda súbita de pressão. Você costuma ter problemas com queda de pressão?

— Não, não. Eu não sei o que aconteceu. — Prefiro mentir. — Acho que eu vou para minha sala e descansar um pouco no sofá, vai ser melhor.

— E você não vai almoçar?

— Não, de repente senti uma reviravolta no estômago. Acho melhor eu não comer nada.

— Se você quiser, posso te levar ao pronto socorro.

— Não, imagina! É coisa simples, já vai passar.

— *Tá* bom, mas me deixa ajudar você subir a escada, porque é perigoso você desmaiar.

— Obrigada, Ariel, pela gentileza.

Assim que minha colega deixa a sala, eu me deito no pequeno sofá, olhando para o teto, e começo a chorar. Deixo rolar lágrimas silenciosas, sem saber ao menos o porquê. Eu deveria odiar o

PERIGOSAS ACHERON

André.



— Olá, Briseida! Já almoçou? – Aquiles entra na sala sem bater, como sempre faz.

— Não, estou sem fome.

— Estranho, porque eu te conheço há vários meses e a frase que mais ouço você repetir é “estou com fome”, acho que “estou sem fome” é a primeira vez que ouço você falar. Aconteceu alguma coisa de diferente?

— Não foi nada. Está tudo bem.

— Você acha que nós podemos ir para minha casa hoje, depois do expediente para fazermos aquilo que nós sempre fazemos e você me proibiu de falar aqui no escritório?

— Hoje não. Não estou com cabeça.

— Mas eu estou olhando para sua cabeça neste momento e ela está presa ao seu pescoço.

— Engraçadinho! – faço uma careta. — Já te expliquei o que isso significa, não precisa se fazer

de bobo.

— Não estou me fazendo de bobo, foi só uma brincadeira. Eu sei que “estou sem cabeça” significa o mesmo que “estou com dor de cabeça” ou “estou cansada”. Traduzindo: hoje não tem sexo!

— Exatamente, você está começando a compreender a complexidade do mundo feminino.

— Não estou mesmo. Dois minutos atrás você me disse que não aconteceu nada e que estava tudo bem, mas logo em seguida você diz que não está com cabeça. Eu suponho que seja uma coisa ruim, portanto, continuo sem saber se está tudo bem ou não.

— É que eu não quero te chatear com meus assuntos.

— Saber se algo te incomoda não é chateação para mim.

— Sabe o que é... – começo indecisa – eu soube agora há pouco, através do noticiário, que um conhecido meu lá de Brasília faleceu. Foi bastante desagradável. Eu acabei perdendo a fome.

— Qual o nome dele?

— De quem? — pergunto para ganhar tempo.

— Do seu conhecido, de quem estamos falando.

— André Goulart. Deputado André Goulart. — Não quero mentir para o Aquiles, então respiro fundo e explico de quem se trata. — Ele é o meu ex-namorado, aquele que te falei. Eu sinto muito, Aquiles, eu não queria ficar assim tão abalada pela morte dele. Espero que você entenda que eu não gosto mais do André, mas é muito sinistro ver uma pessoa tão jovem e saudável morrer, ainda mais de uma doença tão cruel. De repente, começou a passar um filme na minha cabeça e eu me lembrei do dia em que nos conhecemos e de tudo que veio depois. — Suspiro de forma profunda. — É meio que impossível não me sentir triste.

— Está tudo bem, você não precisa justificar nada.

— Você não está chateado comigo? Por eu ter ficado triste pela morte dele?

— Não. *“A morte de qualquer homem me diminui, porque sou parte do gênero humano. E por isso não pergunte por quem os sinos doam;”*

eles dobram por ti”. – Aquiles emposta a voz para fazer a citação. — Ele até podia ser um cretino, como você mesma disse, mas era um ser humano.

— Ernest Hemingway?

— Não. John Donne, poeta inglês que nasceu no dia 22 de janeiro de 1572 e morreu no dia 31 de março de 1631. O poema dele foi que inspirou o Hemingway a escrever seu mais famoso romance. *“Por quem os sinos dobram”*.

— Você e sua memória espetacular! – eu me levanto do sofá e me aproximo dele. — Mas, o que mais admiro em você é a sua sensibilidade. – Dou uma olhada rápida pelo vidro, e quando me certifico de que não há ninguém lá embaixo, eu o beijo furtivamente nos lábios.

Quando ele sai da sala, eu pego o telefone e ligo para Dani. Foi tão estranha aquela conversa que tivemos sobre a morte do André, meses atrás, que me sinto um pouco culpada, como se nós duas tivéssemos agourando a vida dele.



Fala, gata, tudo bem?! – ela atende bastante animada.

Mais ou menos. Ficou sabendo dá notícia?

Notícia boa ou ruim?

Ruim. O André morreu hoje, de câncer. O jornal da tarde noticiou que ele vinha lutando contra um tipo de linfoma há pelo menos seis meses, mas que ele não resistiu.

Cruz credo! Então agora ele é de cujus de verdade! Eu hein! Que boca essa minha!

Sinistro, não é? Ele nunca teve problemas de saúde e estava muito bem no ano passado, sendo um cretino.

Muito, mas todo mundo tem sua hora, Bris, não precisa ficar com pena do crápula só porque ele morreu. O André não prestava e continua não prestando, mesmo depois de morto, tá!

Nossa, Dani! Que insensibilidade!

Insensibilidade não. Só estou sendo razoável. Porque você com esse coração de manteiga, daqui a pouco começa a defender o vagabundo e esquece de tudo que ele já te fez passar.

Ah, tá bom! Passado é passado. Deixa eu desligar porque estou no trabalho, mais tarde nos falamos.

Tá bom! Um beijão pra você e outro pro seu chefe gostoso!

Deixa de assanhamento, Dani! Beijos!



Passo o restante do dia atordoada. Tenho várias questões importantes para resolver hoje, mas ainda assim, arrumo um tempo para fazer pesquisas na Internet sobre a morte do André. Em um dos sites diz que ele teve um linfoma não Hodgkin, que é um tipo de neoplasia altamente agressiva e, no caso dele, incurável.

Por volta das sete da noite, antes de ir embora, Aquiles passa pela minha sala. Ele demonstra estar preocupado comigo. Li muitos relatos sobre Asperger, alertando que os portadores da síndrome são incapazes de sentir empatia. No caso do Aquiles, percebi que se eu explicar a ele através de palavras, o que sinto e como sinto, ele é sim, capaz

de ser solidário à minha dor.

Em minha opinião, é um contrassenso um Aspie ser capaz de realizar esse exercício, já que ele tem mais dificuldade para entender as emoções humanas. Vivo em um mundo de pessoas neurotípicas, em que a maioria delas, mesmo tendo a capacidade de entender as emoções humanas, é incapaz de se colocar no lugar do outro e, principalmente, de se doar com a dor do outro.

— Então... vai fazer o que nesse final de ano? — pergunto, meio sem jeito. Não sei exatamente se o que acontece entre nós pode ser chamado de relacionamento, ou se é apenas mais uma “pegação” clichê, entre chefe e assistente.

— Vou viajar para a casa dos meus pais, no litoral da Bahia.

— Ah! Que legal! Espero que você faça uma boa viagem. Imagino que a Bahia deve ser um lugar muito bacana, ainda mais no litoral. Fui criada aqui em Goiás, então para mim, o mar é sempre um espetáculo.

— Você não conhece o mar?

— Mais ou menos! Eu só fiz um passeio pela

orla de Copacabana no Rio de Janeiro, quando estive em um congresso nos tempos da faculdade. Mas foi tudo tão corrido, nem aproveitei para apreciar as belezas do lugar.

— Você não tem o hábito de viajar?

— Se o trajeto entre Goiânia e Anápolis puder ser contado como viagem, então eu posso dizer que já viajei muito sim. Ah, também viajei muito de Brasília para Anápolis e para Alexânia, onde moram meus avós.

— E férias? Viajar sozinha, com o namorado, com as amigas? Você também nunca experimentou?

— Não. Minha vida foi um tanto difícil, financeiramente falando, e eu também passava a maior do tempo estudando. Quando eu entrei para a faculdade e as coisas melhoraram um pouco, eu já não podia viajar porque meu ex-namorado era muito ciumento, e com ele eu nunca podia viajar, porque era casado e não queria ser visto acompanhado de outra mulher. — Assim que termino a frase, me arrependo de ter aberto a boca. A notícia da morte do André me deixou um tanto fragilizada e eu acabei falando mais do que deveria.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Talvez seja melhor assim. Não quero viver rodeada de segredos e mentiras.

— O seu ex-namorado, o que morreu hoje, era casado?

— Sim. — Abaixo a cabeça envergonhada. — Vai me julgar por isso?

— Não. Não sou esse tipo de pessoa. Já fui julgado sem piedade, por pessoas que sequer me conheciam, só porque aos olhos delas, eu não me encaixava nos seus padrões de perfeição. Não posso te julgar, porque eu nunca vivi a sua vida.

— Obrigada por não me julgar, e obrigada por ser tão legal comigo.

— Briseida, você vai viajar comigo! — ele muda de assunto, repentinamente, e o tom utilizado soa mais como uma determinação, do que como um convite.

— Como?!

— Você vai viajar comigo, para a casa dos meus pais.

— Isso é um convite? Ou você está me dando uma ordem como meu chefe? Desculpa, mas eu não

PERIGOSAS ACHERON

entendi.

— Briseida, esse mundo dos sentimentos e das emoções é complicado demais para mim. Então não espere que eu seja romântico e que eu faça todas essas coisas bizarras que os mocinhos dos filmes românticos fazem... mas... mas eu gosto de você e quero você ao meu lado.

“Eu gosto de você e quero você ao meu lado”. Agora sou eu que não está entendendo bem o significado das palavras. Seria esse um pedido de casamento? “Não viaja, Briseida!”. São muitas emoções conflitantes para um dia só. Eu começo a inspirar devagar e profundamente, e expiro devagar, de forma a espairecer minha mente agitada. Enquanto isso, Aquiles continua parado, olhando para o chão, em vez de olhar para mim.

— Aquiles... eu não sei se eu entendi muito bem... mas, você quer que eu viaje com você para a casa dos seus pais como sua assistente pessoal ou como...como sua... sua...

— Namorada. Você quer ser a minha namorada?

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Parte cinco

PERIGOSAS NACIONAIS

Em família.

PERIGOSAS ACHERON



Ana

Dizem que os filhos são como os dedos da
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

mão, um diferente do outro, mas todos igualmente importantes. Aprendi isso na criação dos meus três bebês. Embora eles sejam adultos e já tenham seus próprios filhos, sempre serão meus bebês. Ulisses, Helena e Aquiles. Em comum, eles tem um pai apaixonado por mitologia, que deu a eles, nomes de deuses gregos.

Ulisses é o mais velho, e acaba de completar 39 anos de idade. É casado com a intragável Alice. Não sou uma sogra chata, juro! Meu genro, inclusive, que é quem deveria me odiar, me adora.

A recíproca é verdadeira, porque Rayan, marido de Helena, é como o meu quarto filho. Da Alice, não posso dizer o mesmo. Nunca engoli a maneira como entrou para nossa família. Tenho uma mágoa profunda, pelo que ela fez ao meu filho.

Aquiles, apesar de já estar com 35 anos de idade e morar sozinho há mais de dez anos, até hoje é uma grande fonte de preocupação para mim. Ele é diferente dos irmãos, que são sociáveis e se defendem em qualquer situação. Mesmo os outros dois insistindo que eu o mimei demais, sei que não se trata de excesso de mimo.

PERIGOSAS ACHERON

Ele é diferente. Sempre foi, desde pequenininho.

A diferença começou na maternidade, porque eu não consegui amamenta-lo, já que ele rejeitou o peito. Em alguns momentos, demonstrava se sentir desconfortável com o contato físico próximo.

Meu caçula sempre preferiu brincar sozinho, em vez de estar na companhia dos irmãos. Tinha verdadeira fixação por alguns brinquedos em forma de espiral. À medida que foi crescendo, sua fixação pelas formas só aumentou.

Aos doze anos de idade, ele tentou fazer com que nossa faxineira lhe mostrasse os peitos, sob o argumento de que eles tinham alguma relação com a sequência de Fibonacci, algo que nós nunca conseguimos entender, mas que ele insiste em repetir com verdadeira devoção.

Não é à toa, que se formou em Arquitetura e Engenharia, e é um brilhante profissional, um dos mais famosos de Goiânia. Foi ele quem projetou a casa que moramos aqui na Bahia.

Desde que nos casamos há quarenta anos, Nelson sempre alimentou o desejo de ter uma casa

na praia. Coisa de goiano, que morou no centro-oeste a vida toda, ansiando por mais contato com o mar. Há cinco anos realizamos o sonho dele.

Após nos aposentarmos como funcionários públicos da Receita Federal, juntamos nossas poupanças e vendemos nossa casa em Goiânia e decidimos abrir uma pousada aqui em Arraial D'Ajuda, um povoado de Porto Seguro. Tem sido uma experiência maravilhosa viver aqui, recebendo pessoas na “Nossa Casa”.

Neste final de ano, a pousada estará fechada para visitantes. Vamos receber somente nossos filhos e parentes mais íntimos para a comemoração de nossas bodas de esmeralda. Fiz questão de organizar algo simples, para que Aquiles estivesse presente. Ele detesta festas.

A diferença dele para os irmãos já começa pela aparência física, ele tem a pele clara, os cabelos castanhos bem claros e lindos olhos azuis. Os mais lindos que já vi até hoje, e não é porque se parecem com os meus.

Todas as garotas sempre foram encantadas por ele, embora o namorador da família tenha sido o Ulisses. Foi um rapaz que me deu muito trabalho

PERIGOSAS ACHERON

na juventude, até que resolveu se amarrar à Alice. Eles estão casados há quinze anos e têm dois filhos adolescentes, Aline e João Marcos.

Helena, a filha do meio, tem 37 anos. Ela é advogada no escritório do marido, em Cuiabá, no Mato Grosso. Eles estão casados há dez anos e me deram mais duas netas gêmeas, Alba e Alana, de seis anos.

Já são vinte e três de dezembro e nossa família está reunida para as festas de fim de ano e também para comemorar nossas bodas de esmeralda, que acontecerá antes do ano novo. Está faltando apenas o meu caçula chegar.

— O Aquiles vem para o Natal?! – Alice parece espantada com a notícia.

— Sim, ele vem e acompanhado! Só não quis me dizer o dia e horário do voo porque não quer nenhuma recepção espalhafatosa no aeroporto. Ele sabe como eu sou! – caio na gargalhada. — Mas eu imagino que eles devem chegar hoje, porque amanhã já é véspera do Natal.

— Eles quem, mãe? – Helena pergunta.

— Bom, eu presumo que seja seu irmão e a

namorada...

— Namorada?! — mais uma vez a Alice parece espantada. — Desde quando o Aquiles tem namorada? — ela olha para o marido com ar de indignação e o questiona. — Você sabia, Ulisses? Que o Aquiles tem namorada?

— Não, não sabia. O Aquiles é muito reservado com relação à vida pessoal dele, nunca comentou comigo sobre ter uma namorada, mesmo porque, faz muito tempo que nós não nos encontramos. Só nos falamos, às vezes, por mensagens de celular.

— O que é um absurdo, não é meu filho?! — chamo sua atenção. Ulisses já tem quase quarenta anos, mas ainda é meu filho e eu sempre cobro dele que tome conta do irmão caçula. — Vocês moram na mesma cidade, você deveria acompanhar mais de perto a vida do seu irmão. Não gosto nem um pouco da ideia de ele ficar afastado de toda família, ainda mais depois que o Otávio foi embora.

— Mãe... — ele responde, com toda calma — se o Aquiles tem mesmo uma namorada, já passou pela sua cabeça que esse é o real motivo para ele estar se afastando da gente? E isso é bom para ele.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Já está na hora do seu filhotinho namorar, casar e construir a própria família, a senhora não acha?

— Esse é o meu grande sonho, filho... ver o seu irmão bem acompanhado e feliz!

— Gente, me explica uma coisa... o Aquiles falou mesmo, com todas as letras, que está vindo para cá com uma namorada? Ou vocês estão presumindo isso? — minha nora atravessa minha conversa com o marido dela.

— Bem... — eu tento me lembrar do diálogo que tive com meu caçula ontem à noite, pelo telefone — ele não disse que era namorada. Ele me perguntou se poderia trazer alguém para a festa e eu disse que sim, que a pessoa seria bem-vinda. Daí quando falei que ia providenciar um quarto extra, ele falou que não era preciso, que só precisava de um quarto com cama de casal. Se fosse amiga ou colega de trabalho, imagino que eles não dividiriam a mesma cama.

— E você não confirmou se era namorada dele, Ana? — Alice continua.

— Não. Eu não vou ficar especulando sobre a vida do Aquiles. Vocês sabem que ele é bem

PERIGOSAS ACHERON

reservado. Já está sendo um milagre trazê-lo aqui. Não quero que aconteça nada que deixe o meu filho desconcertado. Você entendeu, Alice?! – uso um tom mais firme, para que ela entenda que essa parte é exclusiva para ela, e todos aqui na mesa sabem bem o motivo da minha preocupação.

— Mãe... – agora é a vez de Helena falar – já passou pela sua cabecinha que em vez de uma namorada, o Aquiles pode estar vindo acompanhado de um “namorado” – ela faz um gesto de aspas com as mãos.

— Namorado?! – Nelson, que estava comendo calado até agora, resolve entrar no assunto. — De onde você tirou essa ideia absurda, Helena?!

— Gente, o Aquiles já tem trinta e cinco anos e nunca apresentou ninguém para a família como namorada...

— Isso não é verdade, Helena! O Aquiles já teve namorada. – Alice intervém.

— Ah, Alice, dá um tempo! Aquele namorico não conta! Eu vou jogar a real para vocês, aproveitando que a família está toda reunida aqui agora: eu acho que o Aquiles é gay! E é melhor

vocês prepararem o espírito de vocês para conhecerem o namorado dele.

Eu fico calada por um instante, refletindo sobre o que a minha filha acaba de dizer. Será mesmo que o Aquiles é gay e eu nunca fui capaz de perceber isso? Que espécie de mãe sou eu que não conhece os próprios filhos?

Está certo que eu gostaria muito que meu filho caçula tivesse uma esposa e filhos, mas se ele gostar realmente de homens, não muda nada para mim, ele continua sendo o meu filho amado e eu continuo desejando que ele seja muito feliz.

— Que seja! Se for um namorado, será bem-vindo também! E eu exijo que todos vocês aqui tratem os dois muito bem. Isso não faz a menor diferença *pra* mim.

— Viu só, seu Nelson? Mãe aceita tudo! — Helena provoca o pai, e ele, em vez de se irritar com a colocação dela, cai na risada.

— Gente, que tal a gente fazer um bolão então?! Valendo uma caixa de cerveja! — Ulisses sugere, em tom de gozação. — Minha aposta é que o Aquiles tem uma namorada. E a sua pai?

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu aposto na namorada, e se meu filho tiver puxado meu bom gosto é uma garota linda e gostosa.

— Nelson! Pelo amor de Deus! Olha os modos na frente dos seus netos! — eu o repreendo, mas percebo que meus quatro netos parecem se divertir com o assunto.

— E você, Rayan? Acompanha o voto da sua mulher ou vota com a gente? — Ulisses agora questiona o cunhando.

— Cara... eu que não sou doido de contrariar minha mulher, eu acompanho o voto dela, qualquer que seja. — Ele também cai na gargalhada.

— E você, Alice? — Ulisses agora olha para a esposa, que faz uma expressão irritada. Honestamente, irritação é o sobrenome dela. “Que mulherzinha difícil!” — penso.

— Faz um favor para mim, Ulisses... — ela responde — me inclui fora dessa! Eu não tenho interesse nenhum na vida do Aquiles.

— Olha, que engraçado! Porque quem insistiu em saber sobre o assunto da namorada do Aquiles foi justamente você, e agora vem com esse papinho

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

de que “*eu não tenho interesse nenhum na vida do Aquiles*”! – ele faz uma voz feminina, extremamente irritante, para imitar a esposa.

— E você, mãe? Vota com quem?

— Ah... seu malandro, eu sou mãe! Vou me abster de votar!

— Bom... nesse caso, ficamos empatados: dois votos para o namorado, dois votos para a namorada e duas abstenções...

— Ei, pai! Eu também quero votar! – Aline protesta.

— Negativo! Você, seu irmão, e suas primas não votam, porque vocês não tem título eleitoral. – Todos na sala caem na risada, exceto a Alice, obviamente.

Eu estou feliz por estar em família, mas para completar a minha felicidade, só falta a chegada do meu bebê, quer dizer, faltava, porque ele acaba de entrar pela porta, tímido e de cabeça baixa, acompanhado de um moça linda e sorridente.

— Falando no diabo... – Ulisses começa, e eu o repreendo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Shhiiiihhh!!!

PERIGOSAS ACHERON



Briseida

Festas de família costumam terminar em
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

“tretas”. Pelo menos, é assim nos filmes de comédia romântica que gosto de assistir. Na minha família, em particular, essa não é a regra, porque ela se resume a duas pessoas, mamãe e eu.

São poucas as vezes que nos desentendemos. Imagina se ficássemos brigadas, não teria mais ninguém para conversar. Seria um suplício para mim, que sou faladeira por natureza.

Quando se trata da família da minha mãe, a história já é bem diferente. Apesar de haver muito amor e carinho entre os irmãos, eles também são muito brigões e se envolvem em altas discussões, das quais prefiro manter distância. Eles nem precisam se encontrarem, o grupo de *Whatsapp* da família já foi palco de batalhas épicas entre tios e tias.

Cair de paraquedas na família dos outros, em plena véspera de Natal, parece ser uma grande cilada. Só eu mesma para aceitar um convite inusitado desse tipo, feito pelo meu namorado.

Sim! Eu tenho um namorado. Um lindo rapaz, que eu posso apresentar ao mundo sem ter vergonha, porque ele é solteiro e é só meu.

PERIGOSAS ACHERON

Apesar de ser maior de idade e dona do meu próprio nariz, nunca passei um natal longe da minha mãe, por isso, tive que mover o céu e a terra para convencer Dona Heneida a me deixar vir com Aquiles. contei a ela como estava apaixonada por ele e, como eu havia aceitado o pedido de namoro.

Mamãe não comemorou, ao contrário, ficou apreensiva. Eu não a culpo. Diz o ditado, que “*gato escaldado tem medo até de água fria*”. Ela já foi enganada por um espertalhão, que no caso, foi meu pai, e sabe que eu também já caí na lábia de outro espertalhão ainda pior.

Mamãe não me deixou embarcar, sem antes conhecer o Aquiles, e ainda trouxe uma comitiva de Anápolis até o aeroporto hoje de manhã. Felizmente, correu tudo bem, porque tive o cuidado de mandar mensagens pelo celular, implorando que ela e minhas tias não o abraçassem e o beijassem, e também evitassem falatórios desnecessários, que pudessem deixá-lo confuso.

A beleza do meu namorado enche os olhos de qualquer mulher. Quando minhas tias viram aquela imensidão de olhos azuis, derreteram-se em elogios. Durante o voo, também tenho que me

PERIGOSAS NACIONAIS

conformar cada vez que uma passageira ou comissária de bordo parece encantada por ele.

Quem diria, sou uma namorada ciumenta.

O voo até Porto Seguro demora cerca de três horas, com uma conexão no aeroporto de Brasília. É a primeira vez que volto a pôr os pés na capital, depois da minha formatura. Não tenho tantas lembranças boas daqui, mas também decidi não sofrer mais pelo passado.

Aquiles passa o voo entretido com algumas revistas de Arquitetura. Nada de mãos dadas, dedos entrelaçados, e muito menos beijos e abraços constantes que indiquem que somos um jovem casal.

Namorar um Aspie é uma experiência diferente para mim, que sou pegajosa e gosto de contato físico constante. Se dependesse de mim, estaria viajando no colo dele. – Que exagero!

Assim que desembarcamos em Porto Seguro, Aquiles aciona um táxi, que nos leva até a balsa que atravessa um pedaço do mar até o balneário onde os pais dele moram. Fico eufórica com a beleza e o cheiro do mar.

PERIGOSAS ACHERON

Pareço um cãozinho que viaja no banco de trás do carro, com a cabeça para fora da janela. Ainda bem que meu namorado parece não se importar de ter como companhia, uma marinheira de primeira viagem.

Sei que não sou a garota descolada, então é provável que eu ainda cometa muitas gafes ao longo desses dez dias de férias. Aquiles me disse que na época de baixa temporada, vamos fazer um *tour* por todo Nordeste. Ele detesta hotéis e praias lotadas, por isso escolhe os meses menos procurados para viagens, para que tenha tranquilidade nas hospedagens.

Quando o carro para de frente a uma pousada espetacular, nem tenho dúvidas de quem foi o arquiteto que a projetou. Aquiles tem sua marca registrada, baseada na espiral de Fibonacci, que para ele, é a fórmula da beleza.

Seu fascínio pelas formas é quase obsessivo. Já o ouvi falar centenas de vezes sobre esse mesmo assunto, e por isso, tornei-me *expert* no estudo das formas, especialmente da geometria fractal.

Factrais são figuras geométricas bem peculiares, que contêm dentro de si, cópias menores

PERIGOSAS ACHERON

delas mesmas, numa repetição infinita. Suas equações permitem descrever alguns fenômenos naturais que parecem aleatórios, mas que na verdade, obedecem a certas regras, como por exemplo, o fluxo dos rios.

Para Aquiles, essas regras e leis naturais são as marcas que o Grande Arquiteto Do Universo deixou no mundo, como se fosse uma impressão digital.

Sorrio ao entrar na “Pousada Nossa Casa”, e contemplar a família Giordano Fontana reunida à mesa. Chegamos quase no horário do almoço. A primeira a se levantar para nos receber é uma mulher com pouco mais de sessenta anos, de cabelos curtos em tom castanho claro, pele branca e olhos azuis, que presumo ser a mãe do meu namorado. Ela é falante, expansiva e nos abraça ao mesmo tempo, apertando tanto, que quase nos deixa sem ar.

— Está bom de abraço, mãe! — ele protesta

— Não está bom nada! Eu não te vejo há quase um ano. Posso passar dez dias te abraçando, que o tempo não será suficiente para aplacar toda a saudade que sinto de você.

— E você, moça linda! – ela se dirige a mim, segurando-me pelas duas mãos e olhando fixamente para os meus olhos. — Qual o seu nome?

— Oi, prazer! Meu nome é Briseida.

— Briseida?! Que coincidência! Olha só, Nelson! – ela se volta para o senhor que se encontra logo atrás, cumprimentando o Aquiles. — Essa moça linda se chama Briseida! – agora ela se dirige a mim — Você imagina que a nossa filha Helena teria esse nome?

— Teria, se você não tivesse mudado de ideia, por achar que era muito feio – responde o marido.

— Quê isso, Nelson? Olha só para essa menina...linda e perfeita como o nome dela!

— É um prazer conhecer você, Briseida! – ele me estende a mão. — Sou o Nelson, pai do Aquiles. E essa faladeira, que não se apresentou ainda, é Ana, a mãe dele.

— É um prazer conhecer todos vocês – respondo sem graça, fazendo menção a todos que ainda estão sentados à mesa.

— Vem aqui, Briseida! – Ana me puxa pela

PERIGOSAS ACHERON

mão. — Deixa eu te apresentar o restante da família: Esse aqui é o irmão mais velho do Aquiles, o Ulisses! — aperto a mão do homem alto e forte, com voz grave. — Essa aqui é a Alice, a esposa dele.

— Prazer em conhecê-la! — sorrio, apertando a mão frouxa que a jovem mulher me oferece. Apesar de ser muito bonita, de pele morena, cabelos longos e traços bem marcantes, ela tem uma expressão esnobe e impaciente, como se fosse um suplício respirar o mesmo ar que os demais mortais ao seu redor. Meu desconforto na presença dela é imediato, mas mantenho meu sorriso amarelo estampado nos lábios.

Seguimos com o restante das apresentações. Cumprimento toda família: pais, irmãos, cunhados e sobrinhos do Aquiles. Logo depois, Ana me encaminha até o lavabo onde faço minha higiene, antes de me sentar à mesa. Quando olho para o meu rosto no espelho, percebo uma pequena ruga de tensão na testa. Respiro fundo novamente e vou para o abate.

De volta à sala, procuro me sentar ao lado do Aquiles e o mais longe possível da cunhada dele,

que embora tente disfarçar, parece me encarar o tempo todo. Estou até arrependida pela forma simples como me vesti, com calça jeans, camiseta e tênis. Devo estar parecendo uma colegial.

O primeiro a iniciar uma conversa, assim que nos sentamos, é o pai, Sr. Nelson.

— Então, meu filho, essa sua bela convidada, que obviamente é nossa convidada também, a Briseida... ela é sua amiga? Colega de trabalho? Ou é sua namorada? Nós estamos todos curiosos porque é a primeira vez que você aparece por aqui acompanhado.

— A Briseida é minha amiga, é minha colega de trabalho, e também é minha namorada — responde metódico.

Não consigo conter o sorriso diante de sua resposta. Por um instante, imaginei que ele não me apresentaria à família como namorada.

— Namorada?! — parece que todos à mesa se espantam com a resposta.

— Esse é o meu garoto! — o pai faz um gesto de comemoração, como se tivesse acabado de assistir a um gol da seleção brasileira em Copa do

PERIGOSAS NACIONAIS

Mundo. — Devo dizer que você tem bom gosto e saiu puxando ao seu pai!

— E desde quando vocês estão namorando, Aquiles? — agora é a vez do irmão mais velho o interrogar. — Você nunca comentou nada comigo a respeito.

— Depende exatamente do que você quer saber. Posso te falar qual o dia nos conhecemos, quando foi nosso primeiro beijo, ou a primeira vez que fizemos sexo, ou ainda, o dia em que a Briseida aceitou ser minha namorada. Qual das datas você quer saber?

Quase engasgo com o pedaço de carne, quando Aquiles comenta sobre termos feito sexo. Eu sei que todo mundo faz sexo, mas diante de estranhos e principalmente, diante de crianças e adolescentes, fico constrangida.

Meu namorado não tem a mesma percepção que eu, do que deve ou não deve ser compartilhado, quando se trata da intimidade de um casal.

— Acho melhor eu refazer essa pergunta para você em particular. Depois conversamos. — O irmão também solta uma risada.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ah, não! Eu quero saber como foi que vocês se conheceram. Conta *pra* mim, meu filho! Você sabe que eu adoro histórias de amor! — Ana quer detalhes.

Parece que ninguém está interessado em saber se estamos bem, se fizemos boa viagem, se houve turbulência durante o voo, atrasos no aeroporto, e coisas do gênero, comuns em viagem. Toda família tem suas atenções voltadas para mim e para o Aquiles.

— Há alguns meses a Briseida foi trabalhar na minha casa como diarista, e durante a faxina, ela roubou um dos meus livros, a *Ilíada*...

— Aquiles! Eu não roubei. — Eu o interrompo.
— Já te disse isso várias vezes, foi só um empréstimo.

— Um empréstimo não autorizado!

— Mas foi um empréstimo, porque eu devolvi. Não devolvi? Exatamente no dia em que nos conhecemos.

— Sim, foi isso mesmo. Na outra semana eu resolvi armar um flagrante para descobrir porque a tal diarista roubou a *Ilíada*, dentre outras duas mil

PERIGOSAS ACHERON

trezentos e onze possibilidades.

— Meu Deus, você é diarista?! – Alice, a cunhada, não consegue esconder seu espanto e indignação. Até parece que diarista não é gente. “Que mulherzinha metida à besta e preconceituosa”!

— Você tem algum problema com o fato de eu ser diarista?! – fixo meu olhar no dela, com uma raiva disfarçada na forma de sorriso.

— Não! Para mim não faz a menor diferença, eu nem conheço você!

— Mas respondendo à sua pergunta, Alice, eu não sou mais diarista. Quando eu conheci o Aquiles, eu tinha acabado de me formar na faculdade de Relações Internacionais da UnB, e havia me mudado para Goiânia, onde minha mãe fazia tratamento contra o câncer de mama...

— Ah, meu Deus! E a sua mãe, como ela está?! – Ana me interrompe.

— Ela está ótima! O câncer regrediu e ela já voltou para casa em Anápolis. Mamãe está muito bem, obrigada por perguntar. O fato é, que na época eu precisava acompanhar minha mãe nas

sessões de quimioterapia, então fazia trabalhos como *freelancer* de tradutora, intérprete e recepcionista em eventos de negócios. Em uma semana que não havia nenhum trabalho na minha área, e eu precisava de dinheiro, resolvi aceitar uma vaga de diarista, por entender que nenhum trabalho era indigno – olho fixamente para Alice, e dou ênfase na última frase.

— Você fala inglês fluente? – Helena, a irmã do Aquiles, me questiona.

— Sim, eu falo fluentemente Inglês, Francês e Espanhol. Também estudo Italiano e em breve farei a prova de suficiência.

— Olha só! O Aquiles conseguiu arrumar uma namorada tão prodígio quanto ele! Sorte sua, Briseida! Porque a mamãe é tão ciumenta e sempre enche a boca para falar que o Aquiles é o melhor arquiteto do mundo. Ela não aceitaria qualquer pessoa como candidata à namorada do filho preferido.

— Eu tenho que concordar com a sua mãe, então. Em minha opinião, o Aquiles é um gênio criativo, mas ele detesta quando eu uso essa expressão.

— Eu não sou gênio. — Ele entra na conversa.

— Se você não for gênio, não sei quem mais poderia ser! — a mãe observa. — E depois, Briseida, me conta o que aconteceu, depois desse tal fragrante que o Aquiles armou para você.

— Ah, sim! Na outra semana eu voltei para fazer faxina e no momento que eu tentava colocar o livro de volta na estante, o Aquiles me flagrou. Nós conversamos um pouco sobre a história da Ilíada e como ela tem relação com o meu nome e a minha história de vida.

— Meu Deus, é muito curioso mesmo, vocês terem os nomes dos personagens da Ilíada. Qual a probabilidade de um encontro assim acontecer? — Sr. Nelson se pergunta.

— Estatisticamente falando? — Aquiles se dirige ao pai.

— Para com isso gente! — Ana contesta. — Não tem nada de estatístico nisso. Está na cara que esse encontro foi orquestrado pelo destino. Olha só para esses dois, eles foram feitos um para o outro! Mas vá lá, Briseida! Continue sua história.

— Então o Aquiles me convidou para

trabalhar como assistente pessoal dele, em substituição ao Otávio, o sócio dele, que estava indo embora do Brasil.

— Uau! — Alice bate palmas — Isso é que a gestão de carreira! De diarista à sócia de uma empresa de Arquitetura em questão de minutos. Depois você me ensina como faz isso, “queridinha”. Porque eu tive que dar duro muito tempo na vida, para conseguir meu lugar ao sol.

— É claro! Eu posso te dar umas dicas sim, com o maior prazer! — finjo não entender o que ela quis dizer com “gestão de carreira”.

— Espera, Alice! — Ana faz um gesto com a mão, determinando que a nora se cale. — Deixa a Briseida terminar de contar a história de amor dela e do Aquiles.

— Bom, depois disso eu comecei a trabalhar como assistente pessoal do Aquiles, e depois de uns sete meses, ele sofreu um acidente de bicicleta e eu tive que cuidar dele em casa durante um mês. Nossa aproximação aconteceu naturalmente, e em pouco tempo, estávamos gostando um do outro.

— É, mas você esqueceu de contar a parte em

que você achou que eu era gay!

— Aquiles! — eu seguro sua mão de leve. — Os detalhes podem ficar só com a gente.

— Eu acho melhor mesmo! — Ulisses concorda. — Essa história de amor de vocês dois deve ter muitos detalhes que são impróprios para o horário e local.

Eles se rendem a algumas gargalhadas, exceto Alice. Enquanto isso, eu me pergunto o que foi que eu fiz de errado para essa mulher me odiar tanto?



Na primeira oportunidade que temos de ficar a sós, convido o Aquiles para ir à praia. A pousada tem acesso direto a uma faixa considerável de praia, que felizmente, está pouco movimentada hoje. Ele sabe que é primeira vez que entrarei no mar, e por isso estou muito ansiosa e empolgada.

O primeiro contato com o mar não é tão incrível como imaginava. A água é fria e salgada. Muito salgada. Eu me engasgo com ela logo no

primeiro mergulho e quase fico sem meu biquíni, por conta da onda, que me bate forte, fazendo com que meu bumbum esfregue várias vezes na areia grossa. É a típica cena que minha amiga Dani diria sentir “vergonha alheia”.

Mas não deixa de ser um espetáculo visual, contemplar essa imensidão de mar azul. Descobri agora, que a minha cor preferida é o azul. Porque é a cor de todas as coisas boas que conheço. Para mim, o amor é azul, e não vermelho, como muitos acreditam.

A experiência só não é melhor, porque assim que voltamos para a praia, vejo que boa parte da família também está espalhada pelas espreguiçadeiras sob os guarda-sóis. Lá está a intragável Alice, usando um chapéu gigantesco e um par de óculos de grife que cobre todo seu rosto. Sinto que ela nos observa com o canto dos olhos.

É uma sensação ruim.

— Sua cunhada, a Alice, não foi com a minha cara — falo, quase cochichando, assim que nos sentamos sobre as toalhas.

— Como é? O que tem a Alice?

— Eu acho que ela não gostou de mim.

— Por que você pensa assim? Ela disse que não gostou de você?

— Não, Aquiles. Não foi necessário. As alfinetadas que ela me deu durante o almoço, foram suficientes para entender isso.

— Alfinetadas? Do que você está falando, Briseida? Assim você me deixa confuso.

— Perdão, meu amor! É que você não percebeu, mas todas as vezes em que a sua cunhada se dirigiu a mim durante o almoço, as falas dela foram cheias de ironia, de sutilezas e insinuações maldosas, como quando ela disse que eu sei fazer gestão de carreira...

— Eu pensei que ela estivesse elogiando você. Afinal, você ainda foi gentil com ela e disse que poderia ensiná-la.

— Claro que eu não fui gentil. Eu só respondi à altura. Fui cínica. Eu sei que ela quis dizer que eu usei de outros artifícios, como o fato de ser bonita, para entrar na sua casa como diarista e sair de lá como sua assistente pessoal.

— Mas eu não te contratei porque você é
PERIGOSAS ACHERON

bonita. Achei você uma jovem muito madura, responsável e que seria uma excelente substituta para o Otávio. Eu estava certo, você se saiu ainda melhor do que eu esperava. Você só tem vinte e três anos, Briseida e tem uma maturidade incrível. Apesar de não ser arquiteta e ser formada em outra área, tem uma *expertise* que nenhum outro profissional da Factral demonstra.

— Obrigada pelo elogio, chefe! — aproximo-me e beijo seus lábios, enquanto ele demonstra vergonha. — Desculpa, não queria te constranger perto da sua família. Sei que você não é dado às manifestações de carinho em público...

— Não é isso, é porque se você começar a me beijar, meu amiguinho aqui vai ficar animado.

— Seu amiguinho?! — caio na gargalhada.

— Sim, o meu batom gigante, como você chama. Quando você me beija, ele cresce.

— Você é impagável, Aquiles! — continuo rindo — mas se ele crescer, conheço uma fórmula mágica para fazê-lo voltar ao normal. Não se preocupe! — falo cheia de maldade.

— Fórmula mágica?!

— É... seu bobinho! Vamos voltar para a pousada. Lá no quarto eu te ensino essa fórmula mágica, mas primeiro, preciso tirar esse um quilo de areia da minha bunda!



Alice

PERIGOSAS NACIONAIS

Se é verdade que só se ama uma vez na vida, então posso estar condenada a viver o resto dos meus dias sem amor. Não que eu seja infeliz, muito pelo contrário. Tenho uma linda família, bem ao estilo comercial de margarina. Ulisses é um ótimo homem, e um pai exemplar.

É uma pena que meu marido nunca tenha feito o meu coração bater descompassado, ao ponto de me fazer acreditar que poderia morrer de amor e ainda continuar viva. Sentimento assim, avassalador, eu só tive por um homem: Aquiles, o grande amor da minha vida.

Eu o conheci na escola, ainda na quinta série, quando ele era um garoto bonito, mas desajeitado e estranho. “Estranho” era justamente o apelido pelo qual ele era conhecido no colégio. Todos o chamavam assim.

Todos menos eu.

Para mim, ele era apenas um garoto tímido e introvertido, que tinha dificuldades em expressar suas emoções e lidar com as pessoas. Embora eu não fosse a mais popular das garotas, também não chegava a ser antissocial. Era bonita, inteligente e muito obstinada.

PERIGOSAS ACHERON

Ainda sou.

Não é à toa que tenho o apelido de “predadora”. Sabe aquele tipo de mulher que não pode ouvir um: “*Você não consegue*” ou “*Isso é impossível*”? Essa sou eu. Advogada de sucesso em um dos maiores e mais famosos escritórios de Goiânia.

Acredito que minha atração pelo Aquiles começou, justamente, pelo fato de ele ser indiferente à minha beleza. Sou vaidosa, confesso! Sempre gostei de atrair os olhares masculinos e sei muito bem como fazer charme, mas, com Aquiles isso nunca funcionou.

Logo que nos conhecemos melhor, percebi que ele era a melhor pessoa do mundo: inteligente, sincero e muito autêntico. Admito que tinha algumas atitudes excêntricas e se interessava por assuntos banais, aos quais ele dava extrema importância. Era capaz de ficar horas e horas seguidas falando, sem se importar se eu estava interessada.

A maioria das pessoas não compreendia esse comportamento do Aquiles, e, às vezes, ele se passava por bobo, porque não conseguia entender

PERIGOSAS ACHERON

as expressões de duplo sentido, principalmente aquelas maldosas e de cunho sexual, que são bem típicas dos adolescentes.

Mesmo sendo diferente, eu adorava estar em sua companhia, ainda que fosse para ficar ouvindo intermináveis histórias sobre a sequência de Fibonacci. Eu era encantada pelo som da sua voz, pelo seu sorriso tímido, por seus cabelos castanhos claros desgrehados e seus lindos olhos azuis.

Nossa aproximação aconteceu porque eu tinha dificuldade em Matemática, enquanto Aquiles era o “crânio” da sala. Sempre fechava todas as provas, apesar de nunca prestar atenção às aulas. Enquanto eu, só tinha notas vermelhas no boletim e caminhava para uma reprovação.

Mesmo com toda timidez, foi ele quem se ofereceu para me ajudar com a Matemática. Começamos a estudar na escola depois do horário todos os dias, e isso se tornou um hábito que perdurou ao longo dos anos. Eu passei a frequentar a casa do Aquiles, e ele também passou a frequentar a minha.

Tanto os pais dele quanto os meus, consideravam nossa amizade inofensiva, no que se

PERIGOSAS ACHERON

referia ao sexo. Aquiles não demonstrava aquele impulso de natureza sexual, natural da idade, como era o caso do irmão mais velho, que aos vinte anos de idade, era o terror dos pais das meninas do bairro onde morávamos, em Goiânia.

Nunca ninguém se importou de ficarmos horas trancados no quarto do Aquiles. Era quase um abrigo antiaéreo, localizado nos fundos da casa. O local era para ser uma oficina, mas ele insistia em viver ali, para não dividir o quarto com o irmão.

Os pais aceitaram, e foi ótimo para nós, porque tínhamos total liberdade para fazermos o que quiséssemos, sem sermos importunados.

Infelizmente, nada demais acontecia naquele quartinho quente. Estudávamos Matemática, depois Química e Física. Também era comum assistirmos TV ou jogar videogame, que era um dos seus passatempos preferidos.

— *Aquiles... o que você acha da gente fazer alguma coisa mais interessante do que jogar videogame?* — tomei coragem um dia e sugeri. Nós dois tínhamos apenas quinze anos. Todas as meninas da escola já haviam beijado, menos eu, que alimentava uma paixão platônica pelo garoto

PERIGOSAS ACHERON

que só queria saber de videogame.

— *O que você quer fazer?* – perguntou sem tirar os olhos da tela da TV.

— *Ah... sei lá... a gente podia, tipo... beijar na boca e fazer outras coisas que os garotos e garotas da nossa idade fazem...*

— *Não, obrigado! Eu prefiro o videogame* – respondeu, sem sequer olhar para mim.

Fiquei com raiva, por ter sido tratada daquela forma insensível. Tive um impulso de esbravejar e gritar para chamar sua atenção. Queria apenas que ele tirasse os olhos da tela por um instante e me desse a oportunidade de confessar o quanto estava apaixonada por ele. Em vez de brigar, eu me lancei sobre ele na poltrona e roubei um beijo.

Foi muito esquisito. Ele fugiu feito da minha casa feito um louco, deixando-me sozinha.

Depois de algum tempo, contrariando todas as expectativas, nós começamos a namorar. Aquiles não era o cara mais carinhoso da face da terra, não me comprava flores, não escrevia cartinhas românticas, não me dava chocolates e nem presentes no dia dos namorados, mas eu o amava, e

para mim, era o bastante. Fazia planos de me casar com ele, tão logo nós dois nos formássemos na faculdade.

Quando eu estava no segundo ano do curso de Direito, e ele no terceiro ano do curso de Arquitetura e Urbanismo, decidi que já estava na hora de darmos um passo adiante na nossa relação. Usei todos os tipos de jogos de sedução possíveis, mas ele parecia ignorar os sinais que eu dava.

Resolvi ser direta:

— *Aquiles, já passou da hora da gente transar... nós já temos vinte anos. Todo mundo da faculdade já fez sexo, mas eu ainda sou virgem!*

— *A gente não é todo mundo.*

— *Ah! Para com isso! Tá parecendo a minha mãe. A gente já está junto há tanto tempo. A gente se ama, então porque não tentar?*

Ele concordou, mas fui eu quem esquematizou todo o encontro para que nossa primeira vez fosse perfeita. Escolhi o motel mais bacana da cidade, e um quarto com muitos espelhos, banheira de hidromassagem e sauna. Tinha grandes expectativas para a ocasião, e por isso comprei

lingerie nova, caprichei na depilação, no banho, nos hidratantes, perfumes e tudo mais.

Mal entramos no motel, e ele já se distraiu com alguma coisa na arquitetura do ambiente. Começou a falar sobre a figura geométrica de um maldito fractal. Enquanto isso, eu arrancava suas roupas e tentava beijar todas as partes do seu corpo ao mesmo tempo.

Meus desejos com Aquiles nunca se concretizaram. Todas as tentativas foram frustradas. Quando compartilhei esse segredo com uma amiga, logo a notícia se espalhou pela faculdade onde estudávamos. Ele não me perdoou por ter contado seu fracasso na cama. O homem que eu amava, me dispensou, como se eu fosse uma qualquer.

Quando me dei conta de que havia jogado cinco anos da minha vida fora namorando o Aquiles, enlouqueci. Naquele tempo todo, deixei de viver tantas coisas boas, como viajar com os amigos, frequentar boates, namorar e transar com vários rapazes que me assediavam no curso. Coisas que todas as moças da minha idade faziam.

Em pouco tempo, todo aquele amor que eu

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

sentia, havia se convertido em ódio. Eu não suportava a dor de ter sido rejeitada. Essa foi a razão pela qual comecei a sair com Ulisses, irmão mais velho do Aquiles. Ele não era tão bonito quanto o caçula, era bem menos inteligente e, para completar, tinha fama de galinha.

Não foi difícil seduzi-lo, isto é, nem precisou, porque eu sabia que ele era interessado em mim, desde que namorava seu irmão. Embora nunca tenha me cantado ou tentado qualquer investida, ele me olhava de um jeito como se me comesse com os olhos. Sempre soube que se tivesse uma oportunidade, ele aproveitaria.

No fundo, não era bem vingança que eu queria. Estava mais interessada em fazer ciúmes no meu ex, para que ele se desse conta da besteira que havia feito e voltasse para mim.

Meu plano fugiu do controle.

Perdi minha virgindade dentro da casa deles, no quarto do irmão mais velho, enquanto Aquiles jogava videogame no quarto dos fundos.

Foram três relações e eu engravidei, mesmo usando camisinha. Tive o azar de cair naquele

PERIGOSAS ACHERON

percentual baixo de falhas do método contraceptivo. Diante da pressão de ambas as famílias, sobretudo da minha, que era toda certinha, acabei me casando com o Ulisses.

Sete meses depois nasceu nossa filha Aline, que já está com quinze anos de idade.

Depois do meu casamento, os encontros com Aquiles foram se tornando cada vez mais raros. Nunca falamos sobre o que nos aconteceu, e não tive coragem de dizer a ele o quanto eu ainda o amava. Todo aquele ódio era apenas fingido, por isso, não canso de me culpar por ter ferrado com o nosso destino.

Após sua mudança da casa dos pais, nós nos vimos em algumas festas de fim de ano, mas ele sempre evitou meus olhares e o meu contato. Nos últimos anos, sequer nos vimos. Sei que ele ainda me evita, porque nunca nos convidou para ir à sua casa, mesmo morando na mesma cidade.

Ulisses é dentista, e é ele quem cuida dos dentes do irmão caçula. Ele me fala muito pouco sobre as visitas do Aquiles ao consultório, bem como das saídas esporádicas dos dois. Sei que meu marido ainda sente ciúmes e sabe que tenho algum

PERIGOSAS ACHERON

tipo de sentimento guardado pelo irmão.

Eu imaginava que meu *ex* não apareceria para as festas de final de ano, mas para minha surpresa, ele veio, e como se não bastasse, acompanhado de uma mulher. Até hoje, queria acreditar que ele estava sozinho, porque ainda me amava e não conseguia superar nossa separação.

Fantasiei muitas vezes que um dia ele, finalmente, tentaria reviver o nosso amor do passado. Se isso acontecesse, é óbvio que deixaria meu marido para viver com o irmão dele.

Apesar de vivermos bem, criando nossos dois filhos, sempre esperei algo mais da vida. Sinto falta daquela adrenalina da montanha russa emocional que o Aquiles me deixava. Diferente desse calmo passeio de veleiro, que é o meu casamento com o Ulisses.

Odiei essa moça, a Briseida, e temo que não tenha conseguido disfarçar meu descontentamento com a sua presença na nossa reunião de família. Ela tem alguma coisa que me incomoda, talvez seja esse riso fácil, e a forma como parece encantar os homens à sua volta. Desde o meu sogro, até meu marido e meu filho de doze anos, todos parecem

PERIGOSAS ACHERON

enfeitiçados por ela.

O que essa garota tem de bonita, ela também tem de empáfia. Achei deselegante e cínica, a forma como ela respondeu à minha brincadeira durante o almoço. Se acha muita coisa, por ser formada em Relações Internacionais e ser poliglota. Grande *bosta*!

Eu sou uma advogada de sucesso, e em breve, serei Juíza de Direito. Espero que ela não se meta à besta comigo, porque na escola onde ela estuda, eu já sou doutora.

Já vi tantos filmes em que o homem ou a mulher contratam um profissional para se passar por namorada ou namorado perante a família, que quero acreditar que esse seja o caso do Aquiles. Pode ser que ela seja apenas uma funcionária a qual ele resolveu apresentar como namorada à família, para evitar cobranças.

Só estranho o fato de eles estarem se abraçando e beijando aqui na praia, enquanto todos da família estão por perto. Aquiles sempre detestou demonstrações de afeto, ainda mais em público.

Mais um motivo para eu acreditar que esse

namoro seja apenas uma encenação. Enquanto todos estão aqui curtindo o sol, os dois saem, disfarçadamente, em direção à pousada. Eu espero alguns minutos e me levanto da espreguiçadeira onde estava deitada.

— Vai aonde?! – Ulisses pergunta, abaixando os óculos de sol para me fitar.

— Vou ao banheiro fazer o número dois! Por que quer saber? Vai me vigiar agora?! – eu me irrito.

— Que isso, meu bem?! Que estresse! Só ia te pedir para me trazer mais uma cerveja que deixei lá no freezer da cozinha. As que estavam aqui no *cooler* acabaram.

— Você não acha que já bebeu demais não, Ulisses?! – dou uma olhada em sua barriga, que ganhou uma forma arredondada. Eu espero que ele não fique barrigudo como a maioria dos seus colegas. Meu marido ainda é bem charmoso, nos seus quase quarenta anos de idade. É alto, com quase um metro e noventa de altura, tem um porte atlético típico de quem jogou vôlei muitos anos. Os cabelos e a barba são castanhos bem claros. Ele só não tem os lindos olhos azuis do irmão, que são

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

uma raridade.

— Eu estou de férias, me deixa curtir, por favor!

— Ah...tá bom! Eu já volto.

— Traz a cerveja! – ele ainda grita, quando me afasto.

— Tá bom! – resmungo.

Assim que entro na pousada, começo a procurar o casal de pombinhos pelas áreas comuns, mas vejo apenas os empregados na cozinha, preparando o jantar. Subo até o segundo andar, onde ficam os quartos.

Minha sogra fez questão de deixar separado para o filho caçula, o quarto mais afastado, no final do corredor, porque sabe que ele se incomoda com o barulho da casa cheia.

Caminho descalça, sem fazer barulho e me aproximo da porta, tentando olhar pela abertura da fechadura, mas não consigo ver nada. Ainda agachada, coloco a orelha colada à porta, para tentar ouvir o que os dois estão conversando. Sei que estão lá dentro, porque o ar condicionado está ligado.

PERIGOSAS ACHERON

Em questão de minutos, começo a ouvir os gemidos. É difícil acreditar, mas é Aquiles, que parece gemer de prazer, sem nenhum constrangimento ou pudor.

“Impossível!” – penso.

A desgraçada não fala nada, nem geme. Pelo visto, deve estar com a boca bastante ocupada. Fecho os olhos e imagino a cena: ela ajoelhada à frente dele, arrancando todos aqueles gemidos de prazer.

Fico estática, mortificada.

Meu ímpeto é de esmurrar a porta e acabar com a festa dos dois, mas eu sei que não devo. Não quero gerar uma crise em família.

Fecho os olhos, e imagino que sou eu dentro desse quarto, dando ao homem que eu amo, todo o prazer que ele merece. Em poucos instantes, percebo que eles já estão na cama, porque ouço o barulho do movimento frenético sobre o colchão. Ainda ouço a atuação de Briseida, digna de um filme pornô, falando obscenidades, que parecem excitá-lo ainda mais.

Quando os gritos dela se intensificam,

PERIGOSAS NACIONAIS

indicando a chegada do orgasmo, eu não seguro minhas lágrimas. É uma tortura, mas eu, simplesmente, não consigo me levantar dali. Percebo que agora é a vez de Aquiles atingir o clímax, e ele o faz, gritando o nome dela.

— Briseida... Ahhhh... Briseiida! Anhhhhhhh!!!

Não é mais aquele Aquiles desajeitado, cheio de complexos, neuras e traumas. Agora ele é um homem feito, e que sabe muito bem como enlouquecer uma mulher na cama. A única coisa que penso é que gostaria que fosse o meu nome sendo gritado daquela forma louca, entre os dentes:

— Alice... Alice... Alice!!! – a voz do Ulisses me tira do transe.

— Ficou louco?! Que susto você me deu! – falo baixo para que o casal não perceba a minha proximidade da porta.

— Eu não! Mas você deve ter ficado! O que você *tá* fazendo aí, agachada na porta do quarto do Aquiles? Que loucura é essa agora, Alice?! – ele fala baixo, mas eu percebo que está extremamente nervoso, por conta da vermelhidão do seu rosto.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu... eu... *tava* procurando... é... eu... você acredita que eles estão transando, Ulisses?! — resolvo mudar de assunto.

— Nossa! É mesmo?! — ele usa um tom cínico. — Isso é o que as pessoas solteiras fazem, sabia? Elas transam... o tempo todo!

— Mas isso é um absurdo!

— Absurdo, por que? Eles são namorados, são maiores de idade...

Ulisses me puxa pelo braço e sai me arrastando pelo corredor, enquanto eu ainda tento responder:

— A casa está cheia de gente! Tem crianças aqui! Nossos filhos... nossas sobrinhas... enquanto essa moça está aí nesse quarto se comportando feito uma cadela no cio... isso é inadmissível! Isso aqui é uma casa de família, não é um motel!

— Cala a boca, Alice! — Ulisses me dá um arranco, jogando-me no sofá da sala, enquanto aponta o dedo em riste no meu rosto. Ele nunca teve uma atitude agressiva assim antes. Eu arregalo os olhos e fico paralisada. Por um instante, acredito que ele pode me agredir, mas diferente disso, ele se

PERIGOSAS ACHERON

joga no sofá de frente para mim e começa a chorar.

— Meu amor... — eu começo — me desculpa... eu... eu... só vim buscar uma coisa aqui em cima e fui atraída pelo barulho todo que eles estavam fazendo.

— Isso não é verdade, Alice! — ele balança a cabeça. — E não precisa mais me chamar de meu amor. Pode parar com o fingimento. Nós não somos uma família feliz e perfeita como você gosta de mostrar para todos à sua volta. Sei que você gosta de ostentar essa sua pose de mulher bem sucedida, esposa dedicada e mãe exemplar, mas para mim... chega! Não vou mais viver à sombra do Aquiles. Eu pensava que depois de quinze anos de casamento e dois filhos, você já tivesse superado essa paixão de juventude, mas agora, vejo que não. — Ele cobre o rosto com ambas as mãos, para tentar esconder as lágrimas. Em quinze anos de casamento, é a primeira vez que vejo meu marido chorar. — Desde que o Aquiles pisou aqui com essa moça, você mudou seu comportamento completamente. Todo mundo já percebeu. A única coisa que eu te peço agora é: não me faça passar por esse constrangimento perante a minha família!

Principalmente porque esse é um momento muito importante para os meus pais. Segura um pouco os seus impulsos, e assim que nós voltarmos para Goiânia, você pede o divórcio e vai correr atrás do amor da sua vida. Se bem que... eu acho improvável que o Aquiles ainda te queira... ele já te dispensou uma vez quando estava sozinho. O que te faz acreditar que agora, que ele está apaixonado por essa garota, ele vai deixá-la para ficar com você? Não se iluda, Alice... mas eu confesso... vou adorar ver você quebrando a cara!

Ele levanta com raiva e vai até a cozinha, onde pega uma cerveja na geladeira, e volta em direção à praia. Eu fico refletindo sobre o que ele acaba de me dizer e sobre tudo presenciei lá no segundo andar. É muita dor para um coração só. Volto para o meu quarto, deito na cama e choro a tarde inteira.

Depois de algumas horas deitada em posição fetal, tomo uma ducha bem demorada, escolho o meu melhor vestido, capricho na maquiagem e desço para encontrar a família lá embaixo.

Estou sorridente como nunca.

Não vou dar o gostinho à Briseida, de me ver sofrendo. Ela pode até ficar com Aquiles, mas em PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

mim, sempre terá uma rival.

Uma rival muito sagaz!

PERIGOSAS ACHERON



Briseida

Entro na minivan do pai do Aquiles, amaldiçoando mentalmente a pessoa que, ontem durante o jantar, teve a brilhante ideia de fazer um amigo secreto hoje antes da ceia. Sou obrigada a sair na véspera do natal, para comprar presentes para pessoas cujos gostos, desconheço.

Preciso presentear o irmão mais velho do Aquiles, e meu namorado precisa presentear o pai. Para ser sincera, eu roubei na brincadeira, porque na hora de tirar os nomes, quando abri o papelzinho e vi escrito “ALICE”, dobrei rapidamente e joguei dentro do pote outra vez.

— *Ih, gente! Tirei meu próprio nome, vou pegar outro papel.* — Parece que ninguém desconfiou.

Sr. Nelson fez a gentileza de nos trazer até a cidade. Vim acompanhada da insuportável Alice e da irmã do Aquiles, Helena. Ela é dois anos mais velha que ele e nada parecida. É uma bela morena, bem articulada e falante e se parece fisicamente com o pai.

Também viemos acompanhadas da sobrinha adolescente do Aquiles. Uma garota bonita, que apesar de ter seus quinze anos, deve ser uns dez

PERIGOSAS ACHERON

centímetros maior que eu. Ela é bem bonita, mas parece não se dar conta de sua beleza.

Aline é dona de lindos olhos claros e cabelo castanho liso. O corte é quase masculino. A garota só usa calça de moletom, camiseta larga e Crocs. “Meu Deus! Deve ser de família”. Alguém tinha que herdar o gosto característico do Aquiles de se vestir.

Durante todo o trajeto, a adolescente mantém os fones presos ao ouvido e parece estar alheia ao que conversamos. Conversamos não, ao que a Helena conversa, porque ela monopoliza os diálogos. Não faço questão de entrar no assunto. Só respondo quando alguém me faz alguma pergunta.

A venenosa da Alice permanece em silêncio, mexendo insistentemente no celular. Sei que deve ter acontecido algo de errado entre ela e o marido ontem, porque hoje no café da manhã e almoço, eles não estavam se falando.

Assim que desembarcamos no estacionamento do shopping, a onça resolve mostrar as garras.

— Aline! Aline! — ela chama pela filha e a garota parece não ouvir ou ignora a sua fala. Alice

perde a paciência, aproxima-se da menina e tira os fones de ouvido, com bastante rispidez. — Será que dá *pra* ficar sem essa merda de fone de ouvido, pelo menos, durante esse período de festas? Que tal interagir um pouco com o mundo à sua volta?! Parece um bicho do mato!

— Aff! O que foi mãe?! — a garota protesta.

— Você vai às compras com a Briseida, porque vocês tem praticamente a mesma idade! — ela não perde uma única oportunidade de me alfinetar. De certo, agora quer ressaltar a diferença de idade entre mim e o Aquiles. — Eu vou sair com a sua tia Helena. Assim que terminarmos as compras eu ligo para o seu celular.

A garota não responde, mas pelo revirar de olhos, sei que detestou a ideia de estar em minha companhia. Eu continuo mantendo meu sorriso amarelo aparafusado no rosto, como se nada aqui me incomodasse.

Essa viagem não está sendo emocionante, como eu pensei que seria.

— *Compre um presente de natal para você.* — Aquiles me disse mais cedo, entregando-me o

cartão de crédito. Como sua assistente, estou acostumada a fazer compras para ele e usar seus cartões de crédito. Mas no natal, eu esperava que ele mesmo comprasse um presente para mim, assim como eu fiz.

— *Você quer que eu compre o meu próprio presente? É isso?*

— *Sim, quem melhor do que você mesma para saber seus gostos? Assim eu não preciso ficar preocupado ou ansioso para saber se você vai gostar ou não.*

— *Mas não é assim que as coisas funcionam, Aquiles! — eu protestei. — É natal! Dar o seu cartão de crédito com um super limite para eu ir ao shopping fazer compras não é nada romântico.*

— *Não é romântico, mas é prático.*

— *Ok! Você venceu! Mas só de vingança, vou escolher o presente mais caro que encontrar na loja.*

— *Que seja, contando que você fique satisfeita. Esse é o objetivo.*

Seria demais esperar que o Aquiles me acompanhasse nas compras de natal em um

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

shopping super, hiper, mega movimentado. O jeito foi vir com as madames. Logo que elas se afastam, a garota me dirige a palavra.

— Minha mãe é insuportável!

— É mesmo?! – finjo surpresa.

— É! E você não precisa fingir, porque eu sei que você também acha. Ela está te implicando desde que você chegou ontem.

— Nossa! Nem notei! – continuo minha encenação, na esperança de que algum caçador de talentos por aqui, descubra meus dotes como atriz.

— Ha ha ha – ela ri. — Você é sinistra! Gostei das respostas que deu *pra* minha mãe. Ela tá puta com você!

— Puta é? “Sua mãe é uma grande filha da puta!” – penso.

— É... mas não quer dizer que ela é puta, quer dizer que ela tá com raiva.

— De boa, garota! – tento usar uma linguagem mais próxima da dela. — Eu entendi o que você quis dizer. O que eu não entendo, é porque sua mãe não gosta de mim.

PERIGOSAS ACHERON

— Não é que ela não gosta de você. Acho que ela *tá* com raiva porque você é namorada do tio Aquiles. Ela odiaria qualquer uma que *tivesse* no seu lugar.

Estamos caminhando pelo corredor do shopping apinhado de gente, mesmo assim, não perco a oportunidade de puxar a língua da garota.

— Por que você acha isso?

— Porque minha mãe é apaixonada por ele. — Ela responde sem hesitar.

— Como é que é?! — interrompo meu passo na hora, e fico frente a frente com Aline, esperando que ela repita o que acabou de dizer.

— Isso mesmo que você ouviu. Minha mãe é apaixonada pelo meu tio. Todo mundo da família sabe disso. Até eu!

“Briseida, sua toupeira lesada! Como foi que você não se deu conta disso antes? Estava na cara, desde o início!” — Nossa! Por essa eu não esperava — respondo atordoada. A implicância da Alice, não poderia ser gratuita. É óbvio que ela é apaixonada pelo Aquiles.

— Eu soube disso tem um tempo já. Ouvi
PERIGOSAS ACHERON

minha *vó* contar *pra* uma amiga dela ali na pousada mesmo. Minha mãe e o Tio Aquiles foram namorados quando eles tinham a minha idade. Ele nunca te contou esse lance?

— Não! Quer dizer... ele já me contou que teve uma namorada sim, mas acho que ele esqueceu de mencionar que essa pessoa, no caso, era sua mãe.

— E você sabe por que foi que eles terminaram? — tento tirar o máximo de informações, porque não sei se o tio dela irá falar sobre o assunto.

— Ah... teve um lance lá de que eles tentaram transar e meu tio brochou. Parece que minha mãe saiu contando isso *pra* todo mundo. Minha *vó* disse que ele ficou *malzaço*, porque foi *mó* zoeira na faculdade. Ele queria parar de estudar e falou até que ia se matar.

— Que horror! — sinto uma pontada no coração, só de imaginar como deve ter sido difícil para o Aquiles lidar com a situação.

— Mas ela ainda fez pior!

— O quê?!

PERIGOSAS NACIONAIS

— Pouco tempo depois ela começou a *transar* com meu pai e ficou grávida. Daí eles foram obrigados a casar. É por isso que ela não gosta de mim.

— Imagina, garota! – tento dar uma de conselheira, para convencer a menina de que ela não é mal amada. — Toda mãe ama seus filhos. Talvez a sua só não saiba demonstrar isso. Vai ver é o jeito dela.

— Não é não. Com meu irmão ela é bem diferente: amorosa, carinhosa. Se eu não tivesse nascido, ela não teria sido obrigada a casar com meu pai e poderia estar com o tio Aquiles até hoje.

— Ou não... quem disse que seu tio Aquiles iria querer continuar com ela? – tento trazê-la à reflexão, para que se sinta menos culpada.

— É mesmo! – ela coça a cabeça em um gesto pensativo. — Já que você é corajosa... poderia dizer isso *pra* minha mãe.

— Ê! Ficou louca, hein garota?! Eu tenho amor à minha vida! – nós duas caímos na risada.

Passo uma tarde agradável na companhia de Aline. Compramos todos os presentes necessários.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Para mim, comprei duas coletâneas de luxo, de grandes escritoras inglesas e francesas.

Um espetáculo!

Estou muito feliz com meu presente, mas lá no fundo, há algo me incomodando. Quero voltar para a pousada. Como diz a minha mãe, estou cheia de minhocas na cabeça. A pior delas, fica aqui me aporrinhando, dizendo que talvez a paixão da Alice ainda seja correspondida pelo Aquiles.

Afinal de contas, ele nunca disse que me ama.

Não com todas as letras: B R I S E I D A, E
U T E A M O!



— Você se divertiu? — meu namorado lindo pergunta assim que entro no quarto, com as mãos cheias de sacolas. Ele está sentando em uma cadeira de vime na sacada, só de shorts esportivo preto, com os pés cruzados sobre a mesinha de centro.

Aquiles está sem camisa, com peito e pernas totalmente à mostra. Tão convidativo. Ele não
PERIGOSAS ACHERON

percebe a malícia que tenho no olhar e a forma provocante como passo a língua pelos lábios. Está compenetrado, desenhando a paisagem que ele vê pela janela.

— Sim, eu me diverti — respondo, aproximando-me dele, para roubar um beijinho. Não ousa ir adiante com as carícias, para não atrapalhá-lo. Desenhar é a sua maior paixão. — A sua sobrinha, a Aline, ela é uma garota muito legal, nós ficamos juntas a tarde toda.

— De fato, a Aline parece ser a pessoa mais razoável dessa família.

— E por falar em Aline e em família... — pigarreio. — Quando é que você iria me contar que a sua tal ex-namorada é a mulher do seu irmão?

— Eu não iria contar a você, mas pelo visto, alguém já contou.

— Sim... meio que sem querer... um passarinho me contou!

— Passarinho?!

— Sim. Não um passarinho no sentido literal, mas quando a gente quer dizer que ficou sabendo de algo, mas não quer que o outro saiba quem foi o PERIGOSAS ACHERON

autor do comentário, a gente diz que foi um passarinho, para não dizer: “não vou te contar quem me contou”.

— Seria tão mais simples dizer a verdade. Qual o problema? Se a pessoa te falou algo sobre a minha vida, entendo que eu tenho o direito de saber quem foi. Se bem que, imagino que seja a minha irmã. Ela não consegue ficar muito tempo calada, sem falar nenhuma besteira.

— É, mas... mesmo se a pessoa não me contasse, mais cedo ou mais tarde eu teria descoberto, porque está tão na cara da Alice.

— Além dos olhos, o nariz e a boca, o que mais você viu na cara da Alice?

— Que ela ainda é apaixonada por você. — Faço uma careta infantil para ele. — Esse é o motivo para ela me odiar tanto.

— Briseida, a Alice não é apaixonada por mim. — Ele continua desenhando, mas percebo que sua mão ficou um pouco mais pesada sobre o grafite, porque o desenho ganhou um tom mais escuro. Ele também mudou as feições do rosto quando falei da Alice. Elas ficaram mais tensas. —

PERIGOSAS NACIONAIS

Se ela fosse apaixonada por mim, não teria feito o que fez comigo e não teria engravidado do meu irmão.

— É... – dou um suspiro e toco seus cabelos de leve – fiquei sabendo desse fato também. Sinto muito!

— *“Não posso voltar para ontem porque lá eu era outra pessoa”*. – Ele me responde com uma citação de Lewis Carol. — Eu não pretendia retirar essa história do passado, porque pensei que você não precisasse saber.

— Bom, não precisaria saber, se esse seu passado, representado pela Alice, não estivesse agora sob o mesmo teto que eu, esperando só uma oportunidade para me dar o bote.

— Ela quer te dar um bote? Inflável?

— Não, Aquiles! Não é bote salva-vidas – falo um pouco sem paciência. Sou a rainha das expressões de linguagem. Não havia me dado conta disso, até conhecer uma pessoa que entende tudo literalmente. — Estou falando da cobra. Você sabe que cobra dá um bote para atacar a presa, não sabe?

— Sim, obviamente.

PERIGOSAS ACHERON

— Eu estou fazendo uma comparação da sua cunhada com uma cobra, porque em minha opinião, ela é tão traiçoeira e venenosa quanto. Ela é o tipo de pessoa que fica à espreita, aguardando uma oportunidade para prejudicar as pessoas, as quais ela tem como inimigas. Por isso a comparação que fiz.

— Entendo, mas fica tranquila. Alice e eu não temos mais nada e ela não tem nenhum motivo para odiar você. Não quero mais falar desse assunto. Relembrar essa parte do meu passado é muito desagradável.

— Eu te entendo, mas... ainda preciso perguntar só mais uma coisa, que está me incomodando bastante.

— Pois então pergunte.

— Você ainda gosta da Alice? — resolvo ser direta.

— Não.

Não é ponto final.

Juro que esperava um não com reticências e uma longa explicação sobre o que ele já sentiu pela Alice um dia, e que agora não sente mais. Aquiles

PERIGOSAS ACHERON

e sua objetividade acabam comigo. Pensando bem, talvez seja melhor assim.

Não é não, e ponto final.

— Obrigada por responder. — Sorrio aliviada.
— Aquiles, o que você acha de darmos uma relaxada antes da revelação do amigo secreto, *hein*? Podemos tomar um “banho” juntos, o que acha? — dou ênfase na palavra banho de forma bem insinuante.

— Não, obrigado! Já tomei banho.

— Puta que pariu!

PERIGOSAS NACIONAIS



Briseida

PERIGOSAS ACHERON

Na noite de natal, escolho usar um vestido vermelho de frente única, com delicadas flores de tecido enfeitando o busto. A saia está pouco acima dos joelhos e tem um leve franzido. Para completar a produção coloco uma sandália nude, de salto médio. Não é nada muito rebuscado, justamente para não destoar do Aquiles, que pretende usar uma calça de moletom e seu inseparável par de Crocs.

— Estou bonita? — pergunto assim que termino de me arrumar.

— Quem já é bonita, não fica!

— Obrigada pelo elogio. Vamos descer? Já peguei os presentes.

— Sim, vamos.

Poucos minutos depois, já estamos no salão de jogos da pousada, onde acontecerá a revelação do amigo secreto. Quase toda família já está reunida, só aguardando a chegada da Alice.

Ela faz um atraso proposital, para ser o centro das atenções. Logo, a mulher aparece usando um vestido verde musgo compatível com o *red carpet*¹⁴ do Oscar. O decote é bem exagerado, para ressaltar os belos seios. Mesmo detestando a Alice, não

PERIGOSAS NACIONAIS

posso negar que ela é muito bonita e elegante também.

Chega dar ódio!

Quando a dona da casa começa a brincadeira, ela explica que cada participante deverá falar as características do amigo secreto, para que os outros da sala tentem adivinhar. Assim, fica mais divertida a revelação.

— O meu amigo secreto... — Ana começa — é uma pessoa muito, muito linda! Tanto por dentro, quanto por fora.

— Briseida! — Ulisses é o primeiro a fazer a aposta.

— Ah! Não acredito que você acertou, assim, logo de cara!

— Claro *né*, mãe? Não foi difícil acertar... olha só *pra* Bris, ela parece uma atriz de Hollywood.

— Vem aqui, Bris! Deixa eu te dar um abraço!
— Ana me chama.

— Se controla, por favor, Ulisses... senão você vai acabar furando o olho do Aquiles pela segunda

PERIGOSAS ACHERON

vez. — Helena provoca.

— Eu não me lembro de o Ulisses ter furado meu olho alguma vez. Isso aconteceu, mãe?

— É claro que não, meu filho! Você sabe que a sua irmã fala demais.

Ana tem razão. Helena não é uma pessoa ruim, mas tenho que concordar que ela está sempre emitindo opiniões não solicitadas sobre o comportamento de todos à sua volta. Isso a torna bastante inconveniente. Minha percepção sobre esse fato é reforçada quando chega a sua vez de revelar quem é seu amigo secreto.

— O meu amigo secreto... — ela faz um suspense — não gosta de nenhum presente que ele ganha, e com certeza, não irá gostar do que eu tenho aqui em minhas mãos.

— Aquiles! — é Ulisses que grita novamente.

— Acertou!

Assim que ele abre o presente, todos notam a falta de empolgação. Aquiles gostou mesmo, foi da coleção de livros em francês, que eu dei a ele. Comprei para que treine o idioma, já que daqui a alguns dias ele fará uma viagem pelo Marrocos, em

PERIGOSAS ACHERON

companhia do amigo Otávio.

O sapato que a irmã comprou para ele é muito bonito, e pela caixa, sei que é um modelo importado, que deve ter custado os olhos da cara, mas, não faz a menor diferença para ele.

— Gostou do presente, maninho?! — ela pergunta, já sabendo a resposta.

— Não, eu gosto de ganhar livros.

— *Aff!* Eu sei que você gosta de ganhar livros, mas o Ulisses me contou que você já tem uma biblioteca enorme, que toma conta da sua casa inteira. Foi por isso que resolvi comprar esse sapato. Acho que já está na hora de você parar de se vestir como um adolescente de meia idade!

— A minha biblioteca não toma conta da casa inteira, o Ulisses mentiu para você. E eu também não me visto como um adolescente de meia idade, eu me visto de maneira que me sinta confortável. Pensei que isso não fizesse diferença para vocês, já que estamos em família.

— É claro que não faz, meu filho! — é a mãe que tenta, mais uma vez, consertar a situação embaraçosa que Helena criou.

Por volta das onze da noite, a anfitriã anuncia que o jantar está servido e nos convida para a sala de jantar. Admiro a forma caprichosa como ela decorou toda a pousada, enfeitando uma árvore de natal gigante, que está posicionada em um canto da sala. Está tudo perfeito para este maravilhoso momento de confraternização.

Quando todos tomam assento junto à grande mesa, Ana faz um pequeno discurso, agradecendo a Deus pela oportunidade de ter sua família reunida mais uma vez. Fico constrangida quando ela faz um agradecimento especial a mim, por tornar o natal deles ainda mais especial.

— Obrigada! – respondo, abaixando a cabeça.

— Mas que cheiro horrível é esse na mesa? – Aquiles funga, assim que se senta na cadeira, próximo da travessa de bacalhau.

— É o bacalhau, meu filho. – Ana justifica. — Você sabe que seu pai adora, mas você não precisa comer. Fiz seu prato preferido e especial. – Ela destampa uma pequena travessa com nhoque ao molho sugo.

— Comer nhoque em plena noite de natal,

PERIGOSAS NACIONAIS

nossa senhora! – Ulisses reclama. — Os anos passam e nada muda... o Aquiles continua sendo o reizinho dessa casa. Tem uma dezena de pratos na mesa, mas o filho predileto da dona Ana tem que comer esse bendito nhoque.

— Eu não sou reizinho. E também não pedi para minha mãe fazer o nhoque. Se não tivesse nada que eu gostasse, eu simplesmente não comeria. – O irmão rebate.

— Está vendo, Aquiles?! Esse é o seu problema! – agora é a vez de Helena tecer críticas. — Não custa nada, pelo menos uma vez na vida, na noite de Natal, você se comportar como todas as outras pessoas aqui. Come o que tem para comer, sem ser desagradável, sem falar que a comida está com cheiro horrível... o que você acha? O mundo não gira em torno do seu umbigo! Acho que já está na hora de você entender isso!

Fico extremamente constrangida com os comentários indecorosos dos irmãos do meu namorado. Acho que o Sr. Nelson, que está sentado próximo de mim, percebe que minhas mãos tremem, enquanto tento cortar uma fatia do peito do peru assado.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ulisses e Helena! — o patriarca da família eleva o tom da voz. — Que assunto mais desagradável para o momento da refeição! Ceia de natal é para confraternização e não para malhar o Judas. Deixem o irmão de vocês em paz!

— Ah! Foi mal... — Helena continua. — Esqueci que aqui em casa é terminantemente proibido falar mal do caçulinha, mesmo ele sendo todo cheio de frescuras. Olha só *pra* ele! Precisava descer para o jantar de natal usando calça de moletom? Ah! Me poupe, né pai! Você e a mamãe estão sempre mimando o Aquiles. Esquecem que ele já é um homem de trinta e cinco anos!

O clima no jantar vai se tornando cada vez mais pesado. Pelo menos, a Alice resolveu permanecer calada. Eu não ousa nem respirar um pouco mais forte. Afinal de contas, não estou no meu *habitat*. Sei que não tenho o direito de abrir a boca, embora esteja revoltada com a forma com que Aquiles está sendo tratado.

Felizmente, eles parecem acatar a ordem do pai. Em pouco tempo, todos estão se servindo e comendo de forma animada. Aquiles não toca no prato, mesmo após sua mãe servi-lo com o nhoque.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Sei que há algo de errado, porque ele balança o corpo para frente e para trás, repetidas vezes.

É um movimento ritmado e nervoso.

Mastigo devagar e em silêncio, enquanto toda minha atenção está nele, sentado ao meu lado. À medida que as pessoas na mesa falam mais alto, riem e fazem barulho batendo os talheres nos pratos, Aquiles fica ainda mais agitado. A última vez que o vi assim, foi durante a visita da Amanda. Temo que ele esteja perto de ter uma crise de ansiedade.

— EU NÃO SOU FRESCO!!! – ele dá um berro e joga o prato de nhoque para longe da mesa.

Se não fosse pelo som da música de natal que toca ao fundo, o silêncio seria absoluto, porque todos param de conversar e de comer para observá-lo.

— Aquiles, meu filho! Se acalme! – a mãe se levanta da cadeira rapidamente e tenta contê-lo, mas ele se levanta ainda mais rápido e com tanta energia, que derruba a cadeira no chão.

— ME DEIXEM EM PAZ! TODOS VOCÊS, ME DEIXEM EM PAZ!!! – Aquiles grita, batendo

PERIGOSAS ACHERON

ambas as mãos sobre a cabeça. Seu rosto está transtornado. Em questão de segundos, ele some pela porta da varanda, correndo em direção à praia.

— Aquiles... — eu levanto da cadeira e tento ir atrás dele, mas Ana me impede.

— Deixa, Briseida! Quando o Aquiles fica assim, o melhor a se fazer é deixá-lo sozinho. Ele precisa de tempo para se acalmar.

— Eu já sabia que ia ter ceninha. Sempre tem! — Helena revira os olhos.

— Acho melhor você parar, Helena! Não está satisfeita? Você já conseguiu estragar o jantar do seu irmão. — Ana se irrita.

— O quê?! — ela fica indignada. — Quer dizer, então, que a culpa é minha? O Aquiles tem mais uma das crises de estrelismo dele, e a culpa é minha?! Nossa mãe! Eu já estou cansada, sabia?! Você e o papai poderiam se dar conta que o Ulisses e eu também somos seus filhos. Vocês se comportam como se só o Aquiles fosse digno do respeito e da admiração de vocês.

— Helena... ceia de natal não é o momento para você fazer terapia em grupo. — A mãe

continua. — Será que nós podemos conversar isso em outro momento? Será que você não se dá conta de que nós estamos com visitas? O que a Briseida irá pensar de nós? Que somos todos desequilibrados?

— Acho melhor a Briseida ir se acostumando... porque o único desequilibrado aqui é o namorado dela. — Helena dirige sua fala a mim, e eu me sinto no direito de respondê-la.

— O Aquiles não é desequilibrado! — falo com raiva. — Também não é fresco, e também não é desagradável, não é excêntrico, não é estranho, não é reizinho, nem qualquer outro adjetivo pejorativo que vocês queiram dar a ele.

— Ah, meu Deus! Agora a namoradinha que chegou amanhã, quer saber mais que a própria família do Aquiles. — Alice, que até então estava calada, resolve se manifestar, com o intuito de me provocar.

— Alice, eu acho melhor você parar com as suas provocações. — Não sou eu quem responde, mas o dono da casa. Ele adota uma feição carrancuda e olha para a nora, por cima dos óculos. — Se você continuar usando esse tom para falar

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

com a nossa convidada, eu acho que nós teremos problemas.

— Agora eu vi! – ela protesta e volta a comer.

Eu deveria me calar agora, e continuar saboreando os pratos maravilhosos que Ana preparou para o jantar, mas é impossível. Sinto um bolo travando minha garganta e uma vontade de chorar. Respiro fundo, tentando me controlar. Sei que não deveria fazer isso, mas é mais forte do que eu.

Não sou o tipo de pessoa que se cala diante de uma injustiça.

— Sr. Nelson, Dona Ana, eu gostaria de me desculpar pela forma como respondi a Helena, mas, eu não posso deixar que eles façam isso com o Aquiles... não posso! – respiro profundamente outra vez. — Sei que ele não quis compartilhar uma questão pessoal com vocês, mas eu preciso dizer... – tento conter minhas lágrimas, em vão – o Aquiles... ele é diferente... ele é diferente de nós, porque ele é autista... e... e... eu acho que já está na hora de vocês aprenderem a lidar com essa condição dele.

PERIGOSAS ACHERON

— Como é que é?! – o pai me pergunta com uma expressão de espanto absurdo.

— O Aquiles tem Síndrome de Asperger, que é considerada uma forma de autismo. Ele já foi diagnosticado como portador da síndrome há alguns anos, mas ele nunca quis compartilhar isso com vocês...

— Síndrome de quê? – Ana pergunta.

— Síndrome de Asperger. O Aquiles está no Transtorno do Espectro do Autismo, é por isso que ele tem alguns comportamentos, que para vocês, parecem estranhos, do tipo: ser extremamente seletivo com o que come, não gostar de roupas que o apertam ou incomodam, principalmente sapatos e camisas com gola. Ele também tem dificuldade de entender figuras de linguagem e expressões não verbais, e não tem muita noção do que pode ou não pode ser dito... é como se não tivesse um filtro, entre o que ele pensa e o que fala.

— Meu Deus! Mas como ele nunca foi diagnosticado antes? Quando o Aquiles era criança, nós o levamos a alguns especialistas, neuropediatras, psicólogos, mas todos diziam que o problema dele era apenas timidez, misturada com PERIGOSAS ACHERON

altas doses de ansiedade. Nunca passou pela nossa cabeça que ele pudesse ser autista. Não é mesmo, Nelson? – Ana se dirige ao marido.

Enquanto explico melhor a condição do Aquiles para os pais dele, percebo que os irmãos ficam em silêncio, como se também estivessem chocados com a notícia.

— Não imaginava mesmo! O Aquiles sempre foi muito inteligente.

— De fato. – Explico a ele. — A maioria das pessoas acredita que todos os autistas tem o desenvolvimento mental comprometido, mas existem autistas altamente funcionais, como o Aquiles, que tem um QI acima da média. Ele também tem os sentidos mais aguçados do que nós. Barulhos como o de pessoas conversando, talheres batendo nos pratos, risos, cheiros, perfumes... tudo isso o incomoda profundamente. Só estou dizendo isso agora, no meio do jantar, porque sei que estar aqui hoje, nessa mesa, com vocês, foi um sacrifício muito grande para ele. Um sacrifício que nenhum de nós, que somos chamados de neurotípicos, podemos mensurar. O Aquiles não precisa do julgamento de ninguém aqui nessa mesa, ele

precisa de empatia! O mundo lá fora já foi cruel demais com o filho de vocês. Aqui nessa casa é o lugar em que ele deveria encontrar amor, carinho e cuidado. Não julgamentos.

Um clima altamente desconcertante toma conta da mesa de refeição. Rayan, o marido de Helena, resolve abrir a boca, pela primeira vez desde que cheguei.

— Eu já ouvi falar sobre essa síndrome, mas também nunca imaginei que o Aquiles pudesse ter essa doença...

— Bem, mas o autismo não é uma doença — explico — é uma condição neurológica e, portanto, não tem cura. O Aquiles também não escolheu ser do jeito que ele é. Ele nasceu assim, mas eu sei o quanto ele tem se esforçado para se tornar uma pessoa mais sociável. Ele leva a terapia muito a sério, faz aulas de dança, tem melhorado muito o nível de interação com as pessoas, mas... o que ele viveu aqui hoje, foi demais, e esse é o motivo da crise de ansiedade. Foi pura exaustão, e não estrelismo, como a Helena afirmou.

— Ah, meu Deus! Mas como é que eu poderia saber, gente? Estou me sentindo um lixo! — ela

PERIGOSAS ACHERON

tenta se justificar. — Eu amo o Aquiles, de verdade! Eu não tinha a menor noção de que ele era assim, e muito menos, de que eu pudesse estar fazendo mal a ele. Sinto muito! — diz, enquanto enxuga as lágrimas que borram sua maquiagem. — Se vocês me derem licença, vou ao banheiro, preciso me recompor, e depois vou conversar com meu irmão.

— Isso mesmo, filha! Aproveita que é natal. Esse é o momento propício para reconciliações. — Ana concorda.

— Eu também peguei pesado com o Aquiles. — Ulisses reconhece. — Não deveria ter falado o que falei, mas assim como a Helena, também não tinha a menor noção desse problema dele. Afinal, nós vivemos tanto tempo juntos... a gente sempre foi uma família normal...

— Ah, gente! Pelo amor de Deus! — Alice interrompe o marido e se levanta da cadeira com raiva. — Esse é o maior dos absurdos que já ouvi. O Aquiles não é autista, nem nunca foi!

— Baseado em que você diz isso? — pergunto com ironia, e já sem a menor paciência para lidar com essa insuportável. — Na sua experiência como PERIGOSAS ACHERON

neurocientista?

— Não. Eu simplesmente sei que ele não é autista! – ela se levanta da mesa, denotando toda a sua impaciência.

— Então, ele não é autista?! – pergunto com raiva.

— Claro que não! Eu jamais me apaixonaria por um autista! – Alice passa por mim e joga o guardanapo de tecido contra o meu rosto. Antes que eu tenha tempo para reagir, ela some em direção à varanda, do mesmo modo que Aquiles fez minutos antes.

Não tenho coragem de encarar mais ninguém na mesa. Ouvir Alice confessar perante toda família que é apaixonada por Aquiles, é mais humilhante do que o lance do guardanapo na cara. Minha vontade é de sequestrar meu namorado e levá-lo para bem longe daqui. Uma angústia toma conta de mim, só de pensar que nesse momento ele está desesperado e sozinho.

Na melhor das hipóteses ele está sozinho. Porque meu coração apertado me diz que a cobra peçonhenta foi atrás dele. Vontade não me falta, de

PERIGOSAS NACIONAIS

estapear a cara dessa mulher, mas tento me conter, em respeito aos pais do Aquiles, que tem sido anfitriões maravilhosos.

Para mim, acabou a ceia de natal. E o pior de tudo, é que eu nem provei a sobremesa.

Trágico!

PERIGOSAS ACHERON



Aquiles

PERIGOSAS NACIONAIS

Tiro as sandálias para sentir a areia se desmanchando sob os meus pés, enquanto caminho pela praia.

Estou sem rumo.

A única coisa que sei, é que quero ficar sozinho.

A brisa que bate no meu rosto, parece me acariciar. Respiro fundo, sentindo o cheiro gostoso que vem do mar. Tento me conectar com a natureza, para aplacar essa fúria em minha mente.

Estou cansado.

Muito cansado.

Cansado de ser apontado e julgado o tempo todo, especialmente dentro da minha própria casa. Deveríamos ser uma família, afinal! Mas sinto que eu não caibo nela. Sou a peça que desencaixa em vez de encaixar. Sou igual ao patinho feio da história de Hans Christian.

Foi um grande erro ter vindo passar esse final de ano aqui. Poderia ter feito como nos anos anteriores, ter dito não à minha mãe. Foi um erro ainda maior, trazer Briseida comigo. Ela não precisava passar pelo constrangimento de assistir a

PERIGOSAS ACHERON

uma cena patética, como a que acabou de presenciar.

Está além das minhas forças, suportar tanta tensão.

Agora, sinto-me extremamente envergonhado e culpado. É sempre assim, minhas emoções são todas exacerbadas...

— Aquiles! — minha reflexão é interrompida pelo chamado de uma mulher que corre em minha direção. Não é Briseida, é Alice. A última pessoa com quem gostaria de conversar neste momento, é Alice. Ela me cansa, como se de uma forma invisível, conseguisse sugar todas as minhas energias.

— Deixe-me em paz, Alice! Eu quero ficar sozinho...

— Não... me escuta, Aquiles! Por favor... — ela se aproxima de mim e tenta me abraçar, mas a minha reação é repulsiva — tem uma coisa aqui me sufocando há quinze anos e eu preciso te dizer.

“Como algo pode sufocar uma pessoa durante quinze anos e não matá-la?” — reflito.

— Eu te amo, Aquiles! Eu sempre te amei e
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

sempre vou te amar. Vamos aproveitar essa oportunidade em que nos reencontramos para viver a nossa história. Eu estou disposta a abrir mão de tudo para ficar com você e viver esse amor. Vamos fugir daqui? Hoje? Agora? Só você e eu?

— Alice, eu não te amo! Não existe nenhuma história que precisamos viver!

— Isso não é verdade! Eu sei que você também me ama... só está muito magoado porque eu fiquei grávida do seu irmão e me casei com ele...

— Não! Quem está enganada é você! Eu não te amo mesmo. Eu acredito que quando uma pessoa ama outra pessoa, ela queira estar perto dela. Nesses últimos quinze anos, o que eu mais senti foi vontade de ficar longe de você. Não. Eu não amo! E ainda que eu amasse, jamais trairia o meu irmão.

— Mas ele traiu você! Ou você acha que o Ulisses pensou em você antes de transar comigo?

— Não me interessa o que o Ulisses fez. Eu sou diferente.

— Eu sei... eu sei que você é diferente, você é especial, e não um retardado, como a sua namoradinha acabou de dizer para todo mundo lá

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

na sala. Você acredita que aquela garota disse que você é autista? Que absurdo!

— O quê?! A Briseida contou para alguém que eu sou autista? – sinto um mal estar ainda maior, diante da notícia. — Ela não poderia ter feito isso! Ela não tinha esse direito!

— Eu também acho, mas ela é muito enxerida e se acha muita coisa...

— E você cale a boca! Porque você não tem o direito de falar mal da minha namorada!

Deixo minha cunhada sozinha na praia, com seu vestido verde de festa e saio correndo de volta, em direção à pousada. Tenho até medo de me certificar de que o que ela disse, é mesmo verdade, mas, preciso fazê-lo.

Briseida está na varanda da pousada, conversando, a sós, com minha mãe.

— É verdade que você contou para todos que eu sou autista?! – pergunto com raiva.

— Aquiles... nós precisamos conversar com calma, você ainda está bastante agitado... vamos lá para o quarto?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— NÃO! EU NÃO VOU! – grito. — Responda o que eu perguntei: você falou, ou não, para a minha família que eu sou autista?

— Aquiles, você não pode falar assim com a Briseida! – é minha mãe que responde. — Você está sendo grosseiro! Não está vendo que a sua namorada está constrangida? Esse não é um assunto para ser tratado assim.

— Deixa ele, Ana! – ela se dirige à minha mãe, e na sequência, dirige-se a mim. — Eu falei sim, e tive meus motivos... eu sinto muito que as coisas tenham acontecido...

— Você não tinha o direito! É a minha vida! Você não tinha o direito! Você é uma... uma... – a palavra some da minha mente – uma intrometida! Intrometida é o que você é!

— E você é um babaca, sabia? – ela me responde.

— Crianças, eu vou lá para dentro e deixar vocês conversarem em paz, mas seria bom, que vocês maneirassem nos adjetivos. Vocês se gostam muito e não precisam se ofender dessa maneira. – Minha mãe fala, antes de sair.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você me chamou de babaca?!

— Sim, você é um babaca! Foi você mesmo que me disse uma vez que eu não merecia ser maltratada, e olha só o que você acabou de fazer! Gritou comigo e me maltratou. Aquiles, eu nunca mais vou aceitar que homem nenhum fale assim comigo! Você está me entendendo? Vou subir para o quarto, pegar as minhas coisas, e vou embora daqui!

Briseida sai correndo em direção ao quarto e eu vou atrás dela, porque me esqueci de dizer algo muito importante.

— Briseida, espera! Eu preciso te dizer algo!

— O que foi? – ela pergunta do alto da escada.

— Feliz Natal! Já passou da meia noite, e é natal.

—Vai se foder, Aquiles!

“Será mesmo que ela quer foder comigo agora? Ou terá sido mais uma de suas expressões.”? Decido não perder meu tempo pensando no que ela quis dizer e vou atrás da minha namorada no quarto.

PERIGOSAS ACHERON

“Palavras são uma fonte de desentendimento”. Já dizia Antoine de Saint Exupéry. É por isso que quando entro na nossa suíte, não falo nada. Briseida está retirando as roupas do guarda roupa e jogando dentro da mala. Puxo minha namorada com força contra o meu corpo, e na sequência, eu a empurro contra a parede, deixando-a presa.

— O que você está fazendo? — ela ainda pergunta, mas eu não respondo. Aprendi que um beijo é a melhor forma de se calar a boca de uma mulher. Nós nos beijamos durante alguns minutos, antes de ela reagir.

— Para Aquiles! Você não vai conseguir se desculpar assim! — ela sussurra no meu ouvido, enquanto mordo seu pescoço. A confusão se instala na minha cabeça: primeiro ela manda eu foder, agora me manda parar. Imediatamente, afasto-me.

— Tudo bem!

— O que está acontecendo? Por que você parou? — ela pergunta.

— Porque você acabou de me pedir para parar. Não vou *me foder* com você, sem o seu

consentimento...

— Ah, Aquiles... é só um charmezinho para tornar a coisa toda mais interessante... — ela ri — volta aqui! É consentimento que você quer? Vou te dar o meu consentimento.

Briseida me beija, enquanto segura minha mão e a coloca por baixo do vestido. Ela me conduz bem devagar por entre suas coxas e noto como sua pele se arrepia com meu contato.

Quando minha mão chega ao exato ponto em que ela quer ser tocada, meus dedos deslizam com facilidade. Agora entendo, o que ela quis dizer com consentimento. Seu corpo já está preparado para me receber. Na verdade, sinto que ele está desesperado, implorando para me ter dentro de si outra vez.

Fico de olhos bem abertos, para contemplar a delícia que é assisti-la se contorcer e grunhir, apenas com o toque da minha mão. Poucos minutos são suficientes para que ela se renda ao prazer. Seu corpo esmorece em uma onda de gozo, quase eletrizante.

Eu a viro de costas para mim contra a parede,

em um movimento enérgico. Tanta tensão acumulada nas últimas horas, agora está sendo extravasada por meio de um desejo sexual ensandecido. Talvez eu não consiga ser carinhoso, porque meu instinto, mais uma vez, se sobrepõe à minha razão.

Quando o orgasmo chega, ele é devastador.



— Eu machuquei você? — pergunto preocupado, assim que Briseida retorna do banho e se deita ao meu lado na cama.

— Do que você está falando? Do sexo ou da nossa briga?

— Dos dois.

— Bem...do sexo selvagem, eu tenho que confessar que gostei muito. Você não me machucou, pode ficar tranquilo! Quanto à briga, eu não gostei do modo como você gritou comigo. Tudo bem você ter me chamado de intrometida, porque sei que sou mesmo. Tenho consciência de que não deveria ter dito nada à sua família, porque

PERIGOSAS NACIONAIS

esse é um assunto só seu, mas... em alguns momentos, a coisa errada parece ser a única coisa certa a se fazer, como nesse caso. Não suportei o modo como os seus irmãos te trataram. Tudo aquilo gerou em mim uma angústia e uma revolta enormes. Quando vi, já tinha vomitado tudo na mesa.

— Você vomitou na mesa? Que horror!

— Não, Aquiles! Vomitar, nesse caso, quer dizer colocar para fora, verbalizar...

— Ah sim... entendi... mas por que você se incomodou tanto com os comentários dos meus irmãos?

— Porque você mora na parte mais sensível do meu coração. Se eles tivessem me tratando daquela forma, talvez eu tivesse relevado. Assim como eu fiz no caso da sua cunhada. Eu bem que senti vontade de pegar a Alice pelos cabelos e esfregar a cara dela na areia quente, mas... eu relevei. Com você é diferente... não há nada que façam de mal a você, que não me doa aqui no peito, profundamente. Eu amo você... e de uma forma que eu sequer consigo explicar, porque nunca senti nada assim na minha vida antes.

PERIGOSAS ACHERON

A declaração de Briseida me deixa atordoado e ainda mais confuso. Não sou bom em entender e nem definir sentimentos. Queria saber me expressar e dizer coisas bonitas a ela, assim como os protagonistas dos livros de romance que ela adora. O problema é que eu não consigo me fazer entender.

— Eu não vou te pedir desculpas pela forma como eu te tratei. — É a primeira ideia que vem à minha mente.

— Ah não?!

— Não.

— E por quê?

— Porque pedir desculpas seria uma forma de tirar a culpa que sinto por te maltratar. Eu quero carregar essa culpa, para que nunca mais eu repita o que fiz com você hoje. Seria muito fácil me desculpar, e ficar com a consciência tranquila, e depois de pouco tempo, cometer o mesmo erro outra vez. As pessoas vivem se desculando, mas sempre repetem seus erros.

— Você é demais! Antes de te conhecer, eu nunca havia pensando na desculpa, como uma

forma de tirar a culpa do outro. Faz todo o sentido essa sua maneira de raciocinar.

— Eu sei. Agora você pode fazer um favor para mim? É que eu não tenho forças para me levantar dessa cama. Vou levar um bom tempo, para recuperar minhas energias.

— É claro que eu faço, do que você precisa?

— Abra o bolso externo da minha mala e pegue seu presente de natal.

— Meu presente de natal? Mas você disse que eu deveria comprar o meu presente, porque não queria ficar correr o risco de errar na escolha.

— Mas eu tenho outro. E desse, eu tenho certeza que você irá gostar.

Assim que Briseida tira o quadro da mala ela fica emudecida. Percebo que a minha garota chora em silêncio.

— Você não gostou?! – pergunto preocupado.

— Eu amei. Você é o melhor presente que eu já ganhei em toda a minha vida. Ninguém mais conseguiria me enxergar tão linda como você enxerga. Esse desenho é incrível. Nada menos que

PERIGOSAS NACIONAIS

incrível. Mas quando foi que você o fez?

— Lembra-se daquela noite em que dormimos juntos pela primeira vez, e você ameaçou cortar o meu pênis, caso eu encostasse o dedo em você?

— É claro que me lembro! Fiquei esperando que você me atacasse durante a noite, mas você se comportou como um *gentleman*. Ai que ódio!

— Quando acordei no outro dia pela manhã, e vi você com esse bumbum lindo de fora, e os raios de sol brincando de acariciar seu corpo, concluí que precisava eternizar aquela cena. Desde então eu tenho contemplado esse desenho todos os dias. Agora ele é seu. Quero que a minha alma toque a sua para sempre.



É manhã de natal. Já passa das onze horas e eu acordei há pouco, com o barulho da porta. Era Briseida saindo do quarto. Ainda estou embaixo do lençol, exatamente como vim ao mundo, recuperando-me da noite anterior, que foi intensa, em todos os sentidos.

PERIGOSAS ACHERON

Alguém bate à porta.

— Posso entrar? – Ulisses pergunta, já abrindo a porta. Antes que eu responda, ele já emenda outra pergunta. — Eu te acordei?

— Não. Eu já estava acordado. Pode entrar.

— Eu vi a Briseida saindo do quarto agora há pouco e resolvi passar aqui *pra* conversar com você, a sós, sobre o que rolou ontem à noite.

— Tudo bem, mas primeiro eu preciso ir ao banheiro.

— Vai lá, eu te espero.

Assim que jogo o lençol para o lado e me levanto da cama, Ulisses vira-se de costas para mim.

— Quê isso, cara?! Você está pelado?! Ainda por cima de pau duro?

— Qual o problema? Você não tem um também?

— Tenho, mas não tão grande quanto o seu! Na minha opinião, esse é o seu pior defeito, sabia? Ter um pau maior que o meu. Isso é imperdoável!

— É mesmo? Pensei que você odiasse a minha
PERIGOSAS ACHERON

mania de querer ser reizinho, como disse ontem à noite. — Tento usar de ironia, como os neurotípicos, mas não sei se consigo atingir o resultado.

Assim que retorno do banheiro da suíte, pego um short na gaveta do armário e me visto. Vou até a varanda e me sento em um das cadeiras, junto à mesa onde Ulisses me aguarda.

Apesar de ser meu irmão, não tenho tanta intimidade com ele como tenho com o Otávio, mas Ulisses e eu costumamos nos encontrar, de vez em quando, para conversar. No começo, era por imposição da minha mãe, que exigia que ele cuidasse de mim, mas acabou se tornando um passatempo interessante.

— Eu preciso me desculpar com você... foi mal, Aquiles! Eu sinto muito por ter falado todas aquelas besteiras. Estava me sentindo péssimo por causa da Alice e acabei descontando a minha frustração em você. Queria que entendesse que eu estou morrendo de ciúmes. Minha mulher não consegue disfarçar o que ela sente por você e isso tem sido muito humilhante.

— Nesse caso, você deveria descontar a sua frustração nela, e não em mim, que não tenho nada

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

a ver com o casamento de vocês. Eu não sinto nada pela Alice e deixei isso bem claro, ontem à noite, quando ela foi atrás de mim na praia, pedindo para que eu fugisse com ela.

— O quê?! A Alice teve a capacidade de te fazer tal proposta?

— Sim, mas eu não aceitei.

— Eu sou um idiota mesmo! Jamais deveria ter me envolvido com a Alice. Esse foi o maior erro da minha vida.

— Vocês têm dois filhos. Não pode ter sido um erro tão grande assim.

— Olhando por esse lado, sim. Meus filhos são o que eu tenho de mais precioso na vida. Não me arrependo de ter tido eles, mas me arrependo pela forma como tudo aconteceu... eu nunca contei a ninguém como foi que a Alice engravidou da Aline.

— Eu suponho que vocês dois tenham feito sexo, não?

— Não se faça de bobo, Aquiles! É claro que foi fazendo sexo, mas a Alice nunca soube de um pequeno detalhe.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Que detalhe?

— Eu me apaixonei por aquela mulher desde a primeira vez que ela pôs os pés lá em casa. Mas eu sempre te respeitei, enquanto vocês namoraram. Quando você terminou o namoro e a Alice começou a se insinuar para mim, foi mais forte do que eu... perdi a razão.

— Eu já conheço bem essa história e não gosto de lembrá-la.

— Eu sei. E sei o quanto você gostava da Alice também. É por isso que eu lamento muito pelo que eu fiz.

— Eu não terminei com a Alice por sua causa. Nós terminamos porque ela cometeu um erro muito grave comigo. Ela foi desleal, falando coisas da minha intimidade para outras pessoas. Sua mulher não poderia ter feito o que fez. E você não tem porque se lamentar.

— Entendo, mas quando vocês terminaram e ela me procurou, eu sabia que a Alice só queria me usar para fazer ciúmes, porque no fundo, ela tinha esperanças de que você a perdoasse. Foi então que eu tive a brilhante ideia de... — ele respira

PERIGOSAS ACHERON

profundamente e para de falar.

— Você não quer falar a respeito?

— Bom... vai parecer imbecil, mas... eu... eu furei todas as camisinhas que eu tinha em casa, com uma agulha de costura da mamãe. Fiz isso, para tentar engravidar a Alice, porque eu sabia que se ela ficasse grávida, nossas famílias iriam fazer pressão *pra* gente se casar, e aí ela não me deixaria mais.

— Você fez mesmo isso?!

— Sim. Por mais imbecil que a ideia fosse, acabou dando certo. A Alice ficou grávida. Eu dei o golpe da barriga, você acredita nisso? Eu acho que fui o primeiro homem da face da terra a aplicar o golpe da barriga em uma mulher.

Felizmente, já aprendi o que essa expressão “golpe da barriga” significa, então não preciso gastar meu precioso tempo, tentando imaginar meu irmão golpeando minha ex-namorada com a própria barriga.

— Nem a Alice sabe disso?

— Não. Ninguém, além de você, sabe dessa história. É vergonhoso demais. Eu não tenho

PERIGOSAS ACHERON

coragem de contar para a Alice. Ela me odiaria por isso.

— E por que você está contando para mim, então?

— Porque eu sei que você é a única pessoa neste mundo, que não irá me julgar pelo que fiz. Diferente de mim, que passei a vida toda te criticando e fazendo julgamentos. Eu sinto muito, Aquiles! Muito mesmo... eu não tinha a menor noção dessa sua condição... do autismo. Se eu soubesse antes, talvez as coisas tivessem sido diferentes... talvez eu pudesse ter ajudado você a enfrentar essa barra pesada, que é ser diferente, em um mundo de pessoas ridiculamente iguais.

— Está tudo bem. Você acha que nós devemos nos abraçar agora e fazer as pazes?

— O quê? Meu irmão caçula me pedindo abraço?! Nunca vi isso antes...

— Se não quiser, por mim tudo bem...

— É claro que eu quero, vem aqui! — ele se levanta e me aperta forte. — Eu te amo, Aquiles! — sussurra junto ao meu ouvido.

— Idem. — É a única coisa que consigo
PERIGOSAS ACHERON

responder.



Depois de tantos conflitos em família, finalmente o ano termina. O clima na pousada mudou radicalmente depois do natal. Alice resolveu ir embora antes da festa de bodas dos meus pais, porque o Ulisses pediu o divórcio. Helena e eu tivemos várias oportunidades para conversarmos. Falamos de nossa infância, dos nossos medos, receios e sobre o meu autismo. Não guardo mágoas da minha irmã.

O diálogo com meus pais também foi proveitoso. Eles demonstraram tanto interesse em aprender mais sobre o TEA como a Briseida e o Otávio. Depois de ter a oportunidade de conversar com cada membro da família sobre minha condição, estou feliz e em paz. Em paz comigo mesmo, e com todos eles. Agora, sinto que, realmente, tenho o direito de ser quem eu sou.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Parte
seis

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

O começo do fim.

PERIGOSAS ACHERON



Briseida

PERIGOSAS NACIONAIS

Começo o ano novo cheia de esperanças. A viagem em companhia do Aquiles, apesar de tensa nos momentos iniciais, terminou de forma incrível. Não canso de repetir toda história para minha mãe e a Dani.

Elas acham que estou uma boba apaixonada, e que de cada dez palavras que saem da minha boca, nove são o nome do Aquiles. Que seja! Estou muito feliz. Quer dizer, estava.

Faz dez dias que o meu amor embarcou rumo à Paris, para encontrar o Otávio. Os dois estão em uma viagem de duas semanas pelo Marrocos, conhecendo de perto a riqueza da Arquitetura Marroquina. É lógico que eu gostaria de tê-los acompanhado, mas alguém precisava gerenciar a Factral.

Esse alguém sou eu.

Temos trocado algumas mensagens pelo telefone e nos falado por videochamada. Não é suficiente para aplacar a saudade, que fez um rombo no meu peito.

Sinto falta do cheiro do Aquiles, da textura da pele, do sorriso tímido e do som gostoso da voz.

PERIGOSAS ACHERON

Sinto falta dos nossos desentendimentos com as palavras e, principalmente, do entendimento perfeito de nossos corpos. As lembranças da nossa última noite juntos, fazem-me suspirar a cada minuto. Ele sabe muito bem como me enlouquecer, nos vários sentidos que essa palavra encerra.

Ontem ele me prometeu que dentro de cinco dias estará de volta ao Brasil. Tenho contado até os minutos para que isso aconteça.

Não tem sido fácil administrar a Factral sozinha. Tenho que me desdobrar para dar conta de tudo. Estou me sentindo até uma arquiteta, de tanto resolver problemas técnicos relativos aos projetos da empresa.

Tanto esforço, deixou-me estafada. Já faz mais de uma semana que estou doente, um pouco febril, com dores pelo corpo e uma vontade de urinar constante, além de enjoos. Eu nem me lembro qual foi a última vez que estive doente, mas hoje, realmente, não tenho condições de ir à Factral.

Ligo para a empresa, avisando que vou trabalhar aqui de casa mesmo, usando o notebook e o telefone. Aquiles insistiu para que eu ficasse em sua casa, mas não me senti à vontade. Prefiro ficar

PERIGOSAS ACHERON

aqui no meu apartamento. Lá, eu sei que a saudade seria ainda pior.

Antes que eu me levante da cama, mamãe já está me ligando. Eu atendo a chamada com a voz sonolenta:

Oi, mãe!

Oi, filhota! Está tudo bem com você? Estou ligando pra confirmar se você vem no sábado. Está lembrando que é a comemoração das bodas de ouro dos seus avós, não está?

Ai, mãezinha! Estou lembrando sim, só espero estar bem para pegar a estrada. Acho que estou doente. Nem consegui ir trabalhar hoje, sinto um mal estar generalizado, fraqueza, e uma vontade de dormir eternamente.

Que horror, Briseida! Você nunca fica doente. O que será que está acontecendo? Você tem se alimentado direito?

Mais ou menos... em vez de ajudar o Aquiles a melhorar os hábitos alimentares, acho que estou aprendendo a seletividade alimentar dele, e me entupindo de massas. Devo ter engordado uns dois quilos e a minha barriga está imensa!

Que exagero! Nem se você estivesse grávida sua barriga ficaria imensa... Briseida, minha filha! – a voz dela se altera repentinamente, como que lembrando de algo muito sério – você tem se cuidado direitinho para evitar gravidez? Está usando camisinha, tomando anticoncepcional? Como está a sua menstruação?

Mãe, você sabe que a minha menstruação sempre foi irregular, tem mês que vem, depois falha uns meses... está como sempre esteve, mesmo eu tomando pílula.

Mas você está tomando a pílula da forma correta? Todos os dias no mesmo horário?

Claro que não, Dona Heneida! Há dias que eu não me lembro de comer, que dirá de tomar a pílula!

Hum... – ela faz aquela pausa longa que indica reflexão profunda já vi tudo... você está sentindo enjoos também?

Sim, essa semana eu senti enjoo umas duas vezes quando acordei.

Você está grávida. Pode passar na farmácia e comprar um teste de gravidez. Vai por mim, que já

passei por isso. Gravidez na certa!

GRAVIDEZ?! – repito como se tivesse ouvido o maior dos absurdos, e como se uma gravidez fosse algo impossível.

Nunca havia tomado pílula anticoncepcional, pelo fato do André ter feito vasectomia. Gravidez era um risco que não corria com ele. Depois que comecei a namorar o Aquiles, por conta do problema com o preservativo, resolvi passar na farmácia e comprar um anticoncepcional por conta própria.

Há meses que tenho me cobrado uma visita ao ginecologista para uma consulta. Quero pedir alguns exames e também uma indicação de um método contraceptivo adequado. O problema é que sempre aparece algo mais importante que preciso resolver, e vou adiando essa consulta.

Mãe, não viaja! É lógico que não estou grávida. Eu estou doente. Todo mundo diz que gravidez não é doença, não é mesmo? Pois bem, eu não me sinto grávida, eu me sinto doente.

Tudo bem, então já que você não quer fazer o teste de farmácia, vai direto ao médico, que ele vai

te examinar e passar uns exames. Pode ser que você esteja com anemia também, por não estar comendo direito.

Tá bom, mãezinha! Amanhã, se eu não estiver me sentindo melhor, eu vou ao médico sim.

De jeito nenhum! Você vai hoje mesmo ao pronto socorro, nem que eu tenha que sair daqui de Anápolis para te levar ao médico.

Não precisa, mãe! Vou tomar um banho e me arrumar. Prometo que vou ao médico. Fica tranquila.

Me manda mensagem assim que sair da consulta, tá bom!

Tá bom, pode deixar! Um beijão para você!

Beijão, filha!

Eu sei que acabei de prometer à minha mãe que iria ao médico, mas sinto um desânimo sem fim. Não pretendo tirar esse pijama de jeito nenhum. Estou usando uma calça de malha cinza bem larga e confortável e uma camisa branca de manga longa, com o Mickey Mouse estampado na parte da frente. Deito no sofá, jogando as pernas para cima e tomo a decisão de ligar para a farmácia,

PERIGOSAS ACHERON

pedindo um teste de gravidez.

Já passa das onze da manhã quando o entregador bate à porta. Mesmo não querendo considerar a possibilidade de estar grávida, sinto um gelo no estômago e a respiração alterada. Assim que faço o pagamento e o entregar sai, rasgo a sacola plástica de maneira nervosa e a caixa do teste. Nunca fiz um teste de gravidez antes, mas acredito que não seja complicado.

Na caixa de instruções está escrito que o teste deve ser realizado com a primeira urina do dia. Devo urinar no pequeno recipiente até na altura em que está a marca, e depois mergulhar o palitinho. Caso apareça apenas um tracinho rosa, é porque o teste está funcionando e eu não estou grávida. Caso apareçam dois tracinhos rosa, significa que estou muito ferrada.

Não que eu não queria ter um filho do Aquiles, mas agora, definitivamente, não é o momento adequado. Nós estamos em início de namoro, e eu tenho me dedicado aos estudos para fazer o concurso para a carreira diplomática. A chegada de um filho adiaria ainda mais os meus planos.

“Não pensa assim, Briseida! Você pode realmente estar grávida e esse bebê vai sentir que não é bem-vindo!”

“Ficou louca, Briseida, é óbvio que você não está grávida!”

Vai ser impossível ficar nessa dúvida cruel até amanhã de manhã, esperando a primeira urina do dia. Fui ao banheiro pouco antes de receber a ligação da minha mãe. Decido fazer o teste agora mesmo. Quanto antes tirar essa preocupação da minha cabeça, melhor será.

Vou até o banheiro e faço conforme as instruções da caixa. Fico contando mentalmente os três eternos minutos até que o resultado apareça.

Minha contagem ainda nem saiu de oitenta e a campainha começa a tocar: uma, duas, três vezes. A pessoa do outro lado da porta parece estar em total desespero, pior que o meu.

Espero mais alguns instantes e confiro o teste. Um tracinho rosa bem nítido e logo abaixo está branco. “Ou será que tem uma sombra de outro tracinho aqui embaixo? Merda de teste!”

Eu poderia ter abandonado a preguiça e ido a

uma farmácia grande e comprado um teste moderno, como os da propaganda de TV. Queria ver a palavra NEGATIVO escrita com todas as letras, que é para eu não ter dúvidas. Jogo a porcaria do teste no lixo e o resto de urina no vaso sanitário. Lavo as mãos rapidamente e corro em direção à porta, para salvar a vida do desesperado.

Deve ser algum vizinho, do tipo folgado, pedindo algum favor. Porque o porteiro nem me avisou sobre visitas. Abro a porta com a expressão de impaciente. A figura parada em frente à porta, deixa-me estarrecida. Já estava pálida. Agora devo estar com aparência de morta.

— Surpresa! — ela solta uma gargalhada, aperta-me forte em um abraço de tamanduá e me crava um beijo de Judas no rosto.

— Eu não acredito! O que você *tá* fazendo aqui? Como foi que você conseguiu me achar e como foi que você entrou no condomínio?

— Oi, Bris! Também estou morrendo de saudades de você, não vai me chamar *pra* entrar? Ah não precisa! Somos íntimas, não somos? — o olhar é sórdido, e a postura é incisiva, quando empurra a porta, indo na direção do sofá. Fecho a

PERIGOSAS ACHERON

porta, na tentativa de impedir que alguém que passe pelo hall do prédio, possa ouvir nossa conversa.

Sento-me ao seu lado no sofá. *Très desole*¹⁵, como diriam os franceses.

Esperava que meu passado estivesse enterrado junto com André Goulart, mas há fantasmas que sempre retornam para nos assombrar.

É a mesma Andy que conheci nos tempos de faculdade, só que agora está mais elegante, com um ar sofisticado e roupas de grife mais sóbrias.

— Eu não acredito que você teve a cara de pau de vir atrás de mim. Você deveria correr de mim igual ao diabo corre da cruz. — Meu tom de voz não é nada amigável.

— Por qual motivo, meu amor?

— Porque você roubou minha história e publicou como se fosse sua, pilantra! — elevo meu tom de voz, mas sem gritar. — Posso acabar com a sua farsa a qualquer momento. Ou você não se lembra de que esse seu *best-seller*, na realidade, foi escrito por mim?

— E me diz como você provaria que a história

é sua, e não minha? Você tem ela registrada em algum lugar? Tem direitos autorais? Tem o original aí guardado *pra* provar que é seu? Claro que não tem, *né*? Então não me ameace, porque eu vim em missão de paz. Quero te fazer uma proposta bem vantajosa.

— Eu não quero nada de você, Andy! Quer dizer, queria que você assumisse que eu sou a verdadeira autora da história que você publicou, mas isso tenho certeza que você não fará nunca, então... não temos nada o que conversar. Você faz parte de um passado que está morto e enterrado, e do qual eu não quero nem lembrar.

— Ah tá! Tá de bofe novo, não é? Arquiteto famoso, classe média alta. Estou sabendo que você trabalha *pro* seu namorado e ganha um mega salário... espertinha você, *hein* Bris! Caiu *pra* cima!

— Não vai me dizer que você teve o desplante de colocar detetive atrás de mim, igual aquele louco do André?

— *Pra* você ver como são as coisas... — ela faz uma pausa, para mudar de posição no sofá — eu soube que o André colocou detetives atrás de você mesmo, e ainda contratou um cara para atropelar o

PERIGOSAS ACHERON

seu chefe, porque estava desconfiado de que você estivesse se envolvendo com ele. No fim das contas... o André tinha razão, não é mesmo?

— Meu Deus, eu não acredito que o André fez isso! — fico abismada, diante da fala da Andy. — E pensar que eu ainda fiquei com pena daquele desgraçado quando soube que ele morreu. O filho da puta poderia ter matado o Aquiles.

— A ideia era essa mesma: matar e fazer parecer que foi um acidente. Pelo visto, o cara que o André contratou era um merda de motorista. Não fica assim, Bris! — ela se aproxima de mim no sofá e toca meu rosto.

Andy sempre foi tão sedutora e carinhosa, mas no íntimo, não passa de uma víbora sórdida, sempre esperando uma oportunidade para dar o bote. Da última vez em que ela esteve no apartamento em Brasília, André estava viajando com a família para Disney, enquanto eu curtia a maior dor de cotovelo do mundo.

Essa moça bateu à minha porta toda solícita, oferecendo companhia e diversão garantida. Quando acordei no outro dia, nem me dei conta de que ela havia levado o caderno que estava na mesa

PERIGOSAS ACHERON

de cabeceira.

Só alguns dias depois de tanto procurar e de tanto insistir em perguntar, foi que ela confessou ter pegado o caderno. Disse que estava tão encantada com a história, que só me devolveria depois que terminasse de ler. Esse dia nunca chegou.

— Acho melhor você ir embora agora, Andy! — aponto para a porta da sala. — Você e eu não temos nada o que conversar.

— Amor, prometo que vou embora, mas antes preciso te falar duas coisas muito importantes. Primeira coisa: eu quero comprar outra das suas histórias.

— Comprar?! Você nunca comprou história nenhuma, você roubou!

— Roubei não. Só mostrei ao mundo o que precisava ser mostrado e você fazia questão de esconder. Se não fosse por mim, aquele caderno estaria mofando dentro de um armário, como devem estar os outros. Minha editora quer publicar outros trabalhos e eu preciso apresentar meus originais. Então, a proposta que tenho para você, é que seja minha *ghost writer*, que significa...

PERIGOSAS NACIONAIS

— Deixa de ser burra, Andy! Eu sei muito bem o que é uma escritora fantasma, e não estou nem um pouco interessada em escrever para você levar a fama. Isso está fora de cogitação!

— Por favor, Bris! — ela faz uma expressão fingida, que só quem não conhece acreditaria. — Se não for pelo dinheiro, então faça isso por mim, pela nossa amizade e por tudo que nós já representemos uma para a outra. — Faz um gesto com as mãos unidas, como se implorasse. — Você é uma mulher tão inteligente, já está bem empregada, namorando um cara que tem grana. Você nunca sequer sonhou em ser escritora, seu sonho é ser diplomata. O que custa você fazer isso por mim, que sou uma fracassada qualquer? Eu não tenho nada na vida, além dessa história publicada.

— Não tem nada? E o dinheiro que você ganhou se prostituindo? E aquele lance de que iria abrir seu próprio negócio quando se formasse e iria abandonar a carreira de acompanhante de luxo?

— Foi tudo por água abaixo, Bris! Depois que o André me expulsou daquele seu apartamento, eu me apaixonei por um cretino viciado, que me roubou tudo no primeiro mês.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— O quê?! Você foi viver no meu lugar com o André, depois que fui embora?

— Fui, mas porque ele insistiu. O André pirou o cabeça depois que você o abandonou. Começou a beber enlouquecidamente, usar drogas e dormir com todas as prostitutas que ele conseguia. E aí foi a ruína dele.

— Eu sei — falo, ainda com pesar. — Fiquei sabendo que ele teve um linfoma e morreu em decorrência disso.

— Mais ou menos *né*, Bris?! Isso foi o que a assessoria dele informou para a imprensa, para não manchar a reputação do famoso deputado, defensor da família e dos bons costumes. O André morreu de AIDS.

— O quê?! — fico perplexa

— Sim, AIDS. Ele estava contaminado e só descobriu em decorrência desse linfoma. Na verdade, essa doença apareceu porque ele estava infectado com o vírus do HIV, e como se não bastasse, aquele desgraçado, que eu espero que esteja queimando no inferno, ainda transmitiu o vírus *pra* mim. Você mesma sabe que ele nunca

PERIGOSAS ACHERON

usava camisinha. Aquela peste achava que vasectomia também evitava doença. Se eu fosse você, Bris, também faria logo o teste. Quanto antes tiver o diagnóstico, melhor para iniciar o tratamento. O médico infectologista me garantiu, que se eu me cuidar bem, posso ter uma vida quase normal, e relativamente longa.

— Do que você está falando, Andy? Não foi você mesma que disse que foi depois que fui embora que ele começou a sair com prostitutas?

— Minha criança inocente! — ela aperta meu queixo, e eu dou um tapa em sua mão. — Você acha mesmo que o André só ficava com você e com a idiota da mulher dele? O pior é que a coitada também deve estar infectada, vê se pode! Aquele filho da puta deve ter infectado uma dúzia de mulheres e homens também, porque já soube de umas histórias dele com travestis.

— Não pode ser! Não pode ser! — levanto rápido do sofá, mas me deixo cair de volta, sem acreditar no que ela está me dizendo.

— Não pode, por que? Bris, eu sou testemunha ocular de que você e o André transavam sem camisinha. Como não pode ser?

— Mas como você descobriu que está infectada? E como você fala assim com tanta naturalidade? Era para você estar desesperada. Essa é uma brincadeira de mau gosto, não é?

— Ai Bris! — ela respira fundo. — Já passei da fase do luto, sabe? Nos primeiros meses foi barra, mas agora já estou conformada. Estou fazendo acompanhamento médico. O André não teve tanta sorte, logo que ele apresentou os primeiros sinais ele foi ao médico e teve que fazer uma bateria de exames. Foi num desses exames que ele descobriu que era portador do HIV. Ele não contou para ninguém, mas eu descobri, porque quando ele voltou *pra* casa, o cretino tentou me matar enforcada. Ele ficou louco, acreditando que fui eu quem transmitiu o vírus *pra* ele. E eu sabia que *tava* limpa, porque fazia o teste a cada seis meses.

— E então?

— Aí ele me obrigou a fazer um novo teste e o resultado foi reagente. O André me expulsou daquele apartamento a chutes e pontapés, e ainda me ameaçou de morte, caso eu abrisse a boca para alguém. Pouco tempo depois ele começou a ficar internado e a situação foi só piorando. Ele ficou uns

PERIGOSAS NACIONAIS

seis meses em tratamento, até passar dessa para uma pior.

— Então foi por isso que o André me deixou em paz... eu pensei que ele estivesse com medo que eu prejudicasse a candidatura dele, mas na verdade... ele estava era tentando sobreviver, por isso deixou de infernizar a minha vida.

— Com toda certeza. Ele não ia desistir de você tão fácil assim.

— Quando ele adoeceu vocês estavam juntos? — pergunto ansiosa. — Como começou essa doença dele?

— Sim, nós estávamos. Ele começou com falta de apetite, um cansaço extremo, várias manchas avermelhadas pelo corpo e febre. Ele deixava de ir às sessões da câmara para ficar dormindo. Se você estiver na dúvida, vai por mim, Bris! É melhor você fazer o teste o quanto antes e começar o tratamento, como eu fiz, para não correr o risco de pegar uma doença oportunista como a do André.

— Você ficou louca?! Eu não vou fazer porra de teste nenhum! Eu não vou pegar doença

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

oportunista nenhuma! EU NÃO TENHO AIDS!
VOCÊ *TÁ* LOUCA!

— Ai meu Deus, não vou nem brigar com você, porque eu também já passei por essa fase da negação. Agora já estou na fase da aceitação. Confesso que tem sido mais fácil levar a vida agora...

— Andy, some daqui! — começo a empurrá-la com toda a raiva e ódio que nunca senti de ninguém. Some daqui! Some da minha vida! Esquece que eu existo!

— Mas e a minha proposta? Eu nem te falei os valores, são muito bons, você precisa me ouvir!

— Some daqui, sua desgraçada! **SOME DAQUI!**

Assim que Andy sai pela porta, eu me deixo cair no chão, exausta. Tenho a impressão de que todas as energias do meu corpo foram sugadas e nunca mais eu vou conseguir me levantar do chão frio. Fico deitada com o rosto na cerâmica por um tempo infindável, que nem consigo mensurar.

— Meu Deus como pode ser? — começo a rezar em voz alta. — Uma hora atrás eu estava

PERIGOSAS ACHERON

morrendo de medo de estar grávida e agora, eu tenho que considerar a possibilidade de estar... NÃO! NÃO! EU NÃO POSSO ESTAR COM AIDS! NÃO, NÃO, NÃO! NÃO PODE SER! Seria castigo demais para uma só pessoa.

As palavras da Andy ficam se repetindo na minha cabeça, como um disco arranhado. Os sintomas iniciais que o André teve quando descobriu a doença são iguais aos que estou sentindo agora: febre baixa, desânimo. Eu ainda estou um pouco pior, porque ainda tenho problemas urinários.

— Não pode ser! Não pode ser! — repito para mim mesma, na tentativa de negar o óbvio.

A imagem do Aquiles vem à minha mente por um instante e me dá um segundo de refrigério. Logo, eu me lembro de que nós nunca usamos preservativo. Se eu estiver contaminada, provavelmente, eu também... não... não... não. Eu não posso ter contaminado o Aquiles! Não posso! Ele é puro, ele é ingênuo... ele era virgem antes de ficar comigo. Não posso ter feito isso com ele.

“EU NUNCA VOU ME PERDOAR POR TER FEITO ISSO COM O AQUILES!”. Levanto PERIGOSAS ACHERON

do chão com dificuldade e passo pela porta, quase me arrastando. Saio de casa usando pijama, sem documentos, sem celular, sem rumo. Dentro do peito, tenho apenas a esperança de trombar com a morte em qualquer esquina e me livrar desse abismo sem fim que a Andy me lançou.



Estou perambulando pelas ruas há várias horas seguidas. Não comi nem bebi nada o dia todo, mesmo porque, a fome, a sede e o mal-estar que sentia pela manhã, tornaram-se nada diante da dor aguda que sinto agora. É como se tivesse uma ferida aberta no coração, que sangra, sangra, sangra, mas não mata.

O sonho de uma vida feliz ao lado do amor da minha vida, agora é só um pesadelo. Só que é um pesadelo do qual eu não consigo acordar. Preciso de alívio, preciso de paz, mas, definitivamente, não sei como encontrá-la.

Há poucos instantes, passei por um viaduto bastante movimentado. Queria ter tido a coragem de me jogar de lá. Quando eu era criança, aprendi

PERIGOSAS ACHERON

que o suicídio é um pecado imperdoável. Quem se mata tem um lugar garantido no inferno.

Inferno!

Descobri agora, que o inferno não é o lugar para onde os maus vão depois de morrer. O inferno está dentro de cada um de nós. Neste momento, estou completamente mergulhada nele. Não vejo saída. Ainda consigo me lembrar de uma canção da Legião Urbana:

*Quando tudo está perdido
Sempre existe um caminho
Quando tudo está perdido
Sempre existe uma luz
Mas não me diga isso
Hoje a tristeza não é passageira
Hoje fiquei com febre a tarde inteira
E quando chegar a noite
Cada estrela parecerá uma lágrima.*

Hoje a minha tristeza não é passageira, e eu,
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

definitivamente, não consigo ter fé. Agora sei bem o que Renato Russo sentiu ao compor essa canção. Ele tinha AIDS. Renato Russo morreu de AIDS, assim como o Fred Mercury. Por ironia do destino, os dois são os ídolos musicais do Aquiles. Eu dei a ele um destino tão desgraçado quanto o dos seus ídolos.

É tarde da noite. Não tenho a menor ideia de que lugar é esse, mas eu sei que estou longe de casa. Um local abandonado, sujo, escuro e fétido, exatamente como eu me sinto. Não tenho medo. Sei que ninguém poderá me machucar mais do que a vida já me machucou.

Continuo andando de cabeça baixa, tão perdida dentro da minha própria dor, que quase não noto a aproximação de dois homens estranhos.

— E aí, gostosa! Tá caçando uma pedra *pra queimá*? — não respondo, continuo andando, mas o homem parece não desistir. — Sabe que se *rolá* um *boquete* eu posso te *ajudá, né*?

— *Tô* nessa aí, *hein!* Tá ligado *né*, meu *parça*? Que essa mina é *mó* cavala! — o outro homem comenta.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Aí! *Tá* a fim de se divertir comigo e com meu *parça* aqui? — um dos homens entra na minha frente, impedindo que continue minha caminhada.

— Não sou prostituta — falo quase em um sussurro.

— *Tu é puta* mesmo, malandra! Hora dessa na quebrada, *tu tá* é procurando *rôla*. Acabou de achar duas. Vem com *nóis* que hoje é promoção, *tu vai levá* duas pelo preço de uma!

Antes que eu tenha qualquer reação, o homem me agarra pelo pescoço e coloca a faca contra a minha carótida. Ele fede. — *Num dá esparro* não, que *nóis num qué pratéia*, tá ligada? — ele me arrasta em direção a uma pilastra, enquanto vejo o outro retirar o membro para fora da bermuda.

Estou em choque. Não consigo gritar, ou mover um músculo sequer. Até minha respiração parece ter cessado. Levanto a cabeça para olhar nos olhos da morte. Ela é exatamente do jeito que eu procurava: bárbara, cruel, violenta. Eu mereço morrer dessa forma sórdida. Talvez assim, possa expiar a minha culpa.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON



Heitor

PERIGOSAS NACIONAIS

— Acorda, bonitão!

Abro os olhos com dificuldade. A claridade da lâmpada me cega temporariamente, como se fosse um holofote apontado para o meu rosto. Reconheço a voz de Joana, a enfermeira chefe do turno da noite dos dias pares.

— Ai ai ai! – tento me levantar do banco duro de cimento e sinto meu corpo todo dolorido.
— Acho que peguei no sono.

— Você acha?! – ela faz uma expressão de ironia. — Você não pegou no sono, meu querido, foi o sono que te pegou de jeito!

— É mesmo?! Eu não tenho a menor ideia de que horas são. Acho que esqueci meu celular dentro da bolsa lá na sala de convivência.

— Já se passaram quase quatro horas do horário de término do seu plantão – diz, olhando para o relógio de pulso. — Vi suas coisas lá na sala e achei estranho, porque ninguém sabia de você. Foi por isso que resolvi procurá-lo por todos os cantos desse hospital. Juro que não esperava *te* encontrar no depósito dos materiais de limpeza. Quer me contar o que aconteceu? Foi um plantão

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

difícil?

— Sim! — respiro fundo, enquanto passo as mãos sobre o meu rosto e cabelos encharcados pelo suor. — O pior de toda a minha vida!

— Suspeitei desde o princípio. Quando cheguei aqui hoje, todos comentavam sobre você... estavam admirados com a sua postura.

— Admirados? Que balela! Admirados porque eu deixei um paciente morrer?

— Não! — ela usa um tom de voz firme, quase repreensivo. — Admirados porque você lutou bravamente para salvar a vida de alguém. Acho que aqui nesse hospital, você é o único médico que se importa de verdade com os pacientes. O restante parece um bando de mercenários sem coração!

— E de que adiantou?! O paciente morreu assim mesmo, e eu não consegui trazê-lo de volta! — falo com raiva e sinto a mesma pontada no coração de horas antes, quando me tiraram de cima da pessoa. Agarrei-me ao seu corpo inerte na maca e chorei, depois de quase meia hora usando o desfibrilador e fazendo massagens cardíacas, nas manobras de ressuscitação.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Uai! — ela usa a expressão tipicamente mineira. — Você agora é Jesus Cristo, é? Porque a única pessoa que eu sei que já trouxe alguém de volta à vida foi ele.

— Não, Joana! Mas eu estudei Medicina para salvar vidas, e não para perder vidas. Você não tem noção de como eu me sinto frustrado! Sabe o que eu vim fazer aqui nesse depósito da limpeza?

— Chorar escondido, aposto!

— Exatamente.

Chorei feito um adolescente de quinze anos que acabara de perder o pai, vítima de um acidente de trânsito. De certa forma, projetei naquele homem, a imagem de papai. Fiz de tudo para salvá-lo, mas não consegui. Sou mesmo um fracasso.

— Ah, meu lindo! — ela se senta ao meu lado no pequeno banco de cimento e segura a minha mão. — E quem nunca? As paredes desse hospital já testemunharam mais choros dolorosos que o próprio muro das lamentações em Jerusalém.

Olho para Joana com carinho. Ela parece realmente gostar de mim. Já tiramos alguns plantões juntos, logo que comecei a trabalhar aqui

PERIGOSAS ACHERON

neste hospital da periferia de Goiânia. Aprendi muito com essa enfermeira fofinha, de quase cinquenta anos e cem quilos. Às vezes, acho que ela é muito mais carinhosa comigo, do que a minha própria mãe.

— Acho melhor eu ir *pra* casa, Jô. Preciso tomar um banho e dormir vinte e quatro horas seguidas.

— Isso, garoto! Vai *pra* casa, toma um banho quente e bem demorado, faz um amor gostoso com a namorada e dorme feito um anjinho...

— Que namorada? Eu não tenho mais namorada... a Nanda picou o pé na minha bunda.

— Vaca!!! Ah... me desculpa! Mas que tipo de mulher pica o pé numa bundinha gostosa feito a sua? Se eu tivesse uma oportunidade dessas...dormia de conchinha com você todas as noites, mas depois de me divertir muito, é claro!

— Safada! – brinco com minha amiga, e me permito dar uma risada discreta. Só mesmo a Jô, para me fazer rir em um momento como este.



Ainda no estacionamento, giro a chave na ignição e olho o painel luminoso. O relógio digital me mostra que já passa das onze da noite. Fico com as mãos presas ao volante, sem conseguir reagir. Acho que nunca vou conseguir superar o que vivi hoje nesse hospital. Só tenho um ano de formado e uma carreira inteira pela frente. Quantos pacientes será que ainda vou perder?

Essa dúvida me consome.

Há dias que são, particularmente, difíceis. São nesses dias, que a vontade de ir atrás de algo que alivie a minha dor e o meu sofrimento, se torna ainda mais premente. Conheço um lugar propício no trajeto entro o hospital e o meu apartamento. Assim que manobro o carro, é para lá que me dirijo.

Uma noite de quinta-feira chuvosa espanta quase todos os transeuntes da rua. Ainda mais porque já é quase meia noite. Neste ponto aqui, o movimento nunca para. É mais uma das chamadas “*cracolândias*” que existem em Goiânia. Faça chuva ou faça sol, calor ou frio intenso, os frequentadores do lugar rodam sem destino a noite

toda, por entre os imóveis abandonados e um pontilhão desativado.

Corro perigo estacionado aqui próximo. Meu carro com certeza vai chamar a atenção de algum marginal que, porventura, ande por aqui. Ainda assim, insisto em observar o movimento dos viciados, que perambulam noite à dentro, como zumbis. Eles não têm rosto, não têm nome, não têm dignidade, não têm vida. São espectros carcomidos pela droga.

A primeira vez que estive em um lugar como este, estava com dezoito anos. Tinha acabado de entrar para a faculdade de Medicina. Minha vida se resumia a ir para as aulas e frequentar festas regadas a muito bebida, em companhia dos colegas de curso. Em pouco tempo fui apresentado à maconha, depois ao ecstasy e, finalmente, à cocaína. Era só curtição. Nunca achei que fosse um viciado.

Cada vez que eu tinha um problema sem solução, ou simplesmente, um dia difícil, era para os braços da droga que corria. Ela sempre me ofereceu conforto e uma sensação de bem estar incrível. Eu só conhecia a parte boa que ela

PERIGOSAS NACIONAIS

oferecia. Uma noite, durante uma abordagem, um policial me apresentou ao fim da linha: o crack.

Quando me colocaram no cofre da viatura, logo imaginei que iria para a delegacia. Sabia que eu tinha o direito de ficar calado, de informar alguém da minha prisão e ser assistido por um advogado. Pensei em ligar para o meu padrasto, para que ele acionasse um dos seus amigos advogados. Tudo isso, sem que minha mãe soubesse, porque não estava a fim de ouvir o sermão da montanha, por ter sido pego com uma porção de maconha.

Diferente do que imaginava, não fui para a delegacia. O policial me levou para um lugar feito esse aqui, e me fez sentar junto com os viciados em um galpão abandonado. O lugar era horrível. Estava cheio de fezes por todos os lados e o cheiro da urina era insuportável. Ainda assim, havia um grupo grande por lá. Uns cozinhavam num fogareiro improvisado, outros faziam sexo no meio do grupo, enquanto outros fumavam *crack* em latinhas vazias de refrigerante. De tão loucos, nem se davam conta de que a polícia estava ali dentro.

Vi o cúmulo da degradação humana.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— *Olha bem para eles, porque é assim que você vai terminar os seus dias!* — o policial me disse.

Foi a última vez que usei drogas.

Vontade não me falta, mas eu resisto. Hoje, por exemplo, quando ela veio com força total, quis vir aqui, só para lembrar por qual motivo eu abandonei as drogas. Respiro fundo e agradeço por aquele policial ter me aberto os olhos.

Giro a chave na ignição, preparando-me para sair, quando vejo uma moça passando ao lado do carro.

Ela anda devagar, de cabeça baixa e os ombros caídos. Não aparenta ser uma viciada, mesmo porque deve pesar uns sessenta quilos, e está muito fora do padrão das outras mulheres daqui, que parecem ser feitas de pele e osso. Imagino que deve ser uma pessoa com problemas mentais, porque está descalça, despenteada e usando pijama.

Permaneço dentro do carro, acompanhando a jovem com o olhar. Mesmo estando escuro aqui, vejo que se trata de uma mulher bonita, de vinte e poucos anos. Tem cabelo castanho longo e

PERIGOSAS ACHERON

volumoso e com aparência de bem cuidado.

Logo ela se afasta um pouco do carro, em direção a uma pilastra do pontilhão abandonado. Em questão de segundos, vejo dois homens se aproximarem dela. Eles conversam algo que não consigo ouvir, mas noto que estão tocando a moça de maneira libidinosa, mas ela não reage.

Meu ímpeto é de correr até a jovem e tirá-la dali, porque sinto que está em perigo. “Deixa pra lá! Se ela não reagiu, é porque está gostando”. É o primeiro pensamento idiota que vem à minha mente. Quando um dos homens abaixa o zíper da bermuda, tirando o pênis para fora e o outro segura a jovem, arrastando-a para trás da pilastra, eu não penso em mais nada.

Minha reação é instintiva.

— LARGA A MOÇA AGORA! SENÃO EU CHAMO A POLÍCIA!!! – berro com os dois homens, e outros viciados que estão no entorno, se viram para nos observar. Especialmente porque gritei uma palavra proibida por aqui: “Polícia”.

— *Qualé* Playboy?! Pega descendo que isso *num* é treta sua. *Cê num* tá vendo que a mina tá a

PERIGOSAS NACIONAIS

fim? – o cara que segura a moça pelo pescoço é quem me dirige a palavra. Enquanto o outro homem, mais velho e bem mais forte, guarda o pinto e tira uma faca de dentro do calção de *tactel*. “*Antes o pinto que a faca*”. – Penso.

A moça está assombrada. Ela treme muito, enquanto balbucia frases desconexas e inteligíveis, sem voltar o olhar para mim.

Quando os outros viciados se aproximam de nós, é que me dou conta de que estou encrencado. Além de não conseguir ajudar, ainda vou ser esfaqueado. Esse é o resultado por querer bancar o herói. Segunda vez no dia, em que fracasso na tentativa de salvar a vida de alguém.

— Aí!!! Deixa a mina ir embora, *mermão*! Que aqui *num* tem *estrupador* não, *tá* ligado? – um dos rapazes que está com o grupo, arranca uma faca ainda maior da cintura e ameaça os dois homens que estão com a garota.

— Aí, *véi*! *Qualé*? Vai ficar de esculacho com *nóis* por causa de uma mina e playboy *cuzão* que *cê* nem conhece! Pega descendo, *véi*! Se *num* quiser que eu te rasgo no *mei*, seu arrombado!

PERIGOSAS ACHERON

— *Demorô, véi! Cai pra dentro!*

Pelo visto, a questão se tornou pessoal. Os homens estão determinados a se enfrentarem, feito dois felinos, disputando o domínio do território. Puxo a moça pelo braço e ela vem sem reagir. Mesmo por cima da roupa, consigo sentir que sua pele está muito quente. Ela está ardendo em febre.

Logo a confusão se torna generalizada, e eu aproveito a chance para correr em direção ao carro. Coloco a garota no banco do passageiro e saio acelerado, em direção ao hospital.

— Fica tranquila, moça! Que agora está tudo bem. Não vou te fazer mal. Nós vamos até o hospital onde eu trabalho, porque você parece estar com muita febre e precisa ser medicada.

— Hospital? Não! Eu não quero ir para o hospital! Não! Eu não quero ser medicada! Eu não quero fazer exames! — fico surpreso por ouvi-la falar. Até então acreditava que ela tinha problemas mentais. Agora ela me parece bastante lúcida, embora esteja desesperada diante da possibilidade de ir ao hospital. Talvez seja uma daquelas pessoas que têm fobia de nosocômio.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Qual o seu nome, moça? E onde você mora?

— Não sei.

— Não sabe? Ah meu Deus! Será que você perdeu a memória?!

— Não. Eu apenas não quero me lembrar. Então seria muito bom se você parasse de me fazer perguntas e me deixasse sair do seu carro agora. — A voz da garota é firme e ela articula tão bem as palavras, que eu me espanto.

— De jeito nenhum! Eu não vou deixar você sozinha na rua de madrugada. Você quase foi morta por aqueles caras ali atrás. Eu salvei sua vida!

— E quem disse que eu queria ser salva? — ela usa um tom agressivo, e olha fixamente para o para-brisa. Continua sem me fitar. — Eu estava ali para morrer mesmo...

— O quê?! — eu a interrompo. — Que loucura! Eu já vi gente tentar se matar, tomando veneno para rato, medicamentos de tarja preta e de outras tantas formas, mas a pessoa ir para a *cracolândia* para ser estuprada e morta à facada é a primeira vez. Que loucura, moça! Você precisa de um atendimento

PERIGOSAS ACHERON

psiquiátrico urgente.

— Já disse que não vou para o hospital, e se você não parar o carro, eu abro a porta e pulo dele em movimento.

Confiro se as portas estão travadas. A moça parece tão segura de si mesma e tão disposta a morrer, que não duvido de que ela pule do carro em movimento.

— Tá bom, eu não vou te levar para o hospital, mas eu vou te levar para o meu apartamento, para você tomar um banho, comer alguma coisa e eu vou ministrar uma medicação para febre. Eu sou médico.

— Parabéns para você, doutor! Mas eu não vou para sua casa e não vou ser medicada. Eu nem te conheço.

— E qual o problema? Você está com medo de que eu te faça mal? Você mesma acabou de dizer que estava na *cracolândia* para ser morta... então vamos para minha casa, que eu te aplico uma injeção letal e você resolve o seu problema.

A garota não responde. Ela é voluntariosa, mas agora parece ter ficado sem resposta, diante do

meu argumento. É por isso que eu pego o caminho em direção ao meu apartamento na zona sul. Moro sozinho e estou sem namorada. É provável que não tenha problemas em subir para o meu apartamento com uma moça de pijama e descalça.

Desde que ela entrou no carro, senti o cheiro forte de urina de suas roupas. Ela deve ter se urinado várias vezes ao longo do dia e, pelo visto, se deu conta de que está mal cheirosa, porque abaixa a cabeça envergonhada e cruza as pernas com força, como se quisesse impedir que o odor desagradável chegue até mim. Não ligo para essas coisas, já lidei com situações bem piores nos plantões do hospital e não tenho “nojinho”.

Dez minutos depois, a garota sem nome se rende ao cansaço. Ela dorme com a cabeça recostada no vidro da porta. Eu a analiso com calma. Suas feições são muito familiares. Será que eu a conheço de algum lugar? Ela é linda, não posso negar. Tem olhos grandes, um nariz arrebitado e bem desenhado, lábios carnudos e bochechas bem definidas, com as maçãs do rosto salientes.

Quando desligo o carro na garagem e noto que

ela continua em sono profundo, eu opto por pegá-la no colo e caminho em direção ao elevador. Espero que ela não tenha sido sequestrada e escapado de algum cativoiro. As câmeras de segurança do prédio estão me filmando, enquanto carrego uma mulher desmaiada. Tudo o que eu não preciso na vida, neste momento, é ser acusado de sequestro.

— Por Deus! Como você é pesadinha! — falo quase morrendo, enquanto a deito no sofá da sala.

Vou até meu pequeno quarto de bagunça e pego meus instrumentos. Preciso examiná-la com urgência. O certo seria leva-la para o hospital e fazer um hemograma, para verificar a existência de algum quadro infeccioso, mas diante da sua recusa, vou administrar um antitérmico e caso a febre não ceda, ministrar o antibiótico.

Passados alguns minutos, noto que a febre não cede. Decido levá-la para o banheiro e dar um banho de água morna. Não teria problemas em vê-la nua, mas pelo fato de ela estar dormindo, eu a levo ao banheiro e dou um banho de roupa mesmo.

A garota não acorda completamente. Tento fazer com que fique em pé, mas ela está muito fraca e parece delirar. Chama por um nome reiteradas

PERIGOSAS ACHERON

vezes e implora perdão, enquanto a água do chuveiro, quase fria, cai sobre nós.

Depois que saímos do chuveiro, vou até o quarto e pego um agasalho que minha ex-namorada esqueceu em casa e entrego à jovem, para que ela se vista. Está sentada sobre a tampa do vaso sanitário e parece um cãozinho acuado e molhado.

Em pouco tempo ela cai em sono profundo outra vez.

Preparo uma medicação intravenosa através do soro, porque a moça está desidratada, e pelo exame clínico e pela minha intuição, trata-se de um quadro de infecção urinária, porque não encontro outro motivo para a febre. Ainda bem que tenho em casa um aparato capaz de salvar a vida de uma dezena de pessoas, em casos de emergência.

Fico sentado na cama de casal, ao lado da garota, enquanto ela dorme. Assim que o soro acaba, eu a monitoro por mais alguns minutos. Pretendia dormir no sofá da sala, mas estou exausto.

Quando o sono vem, não é nada sutil. Ele bate em mim feito uma carreta desgovernada que invade

PERIGOSAS NACIONAIS

a contramão de direção. Dentro de pouco tempo, estou nos braços de Morfeu.

PERIGOSAS ACHERON



Briseida

Acordo de um sono profundo, sem saber ao
PERIGOSAS ACHERON

menos quem sou e onde estou. Não sei ao certo o motivo, mas acordo cansada e com dificuldade para abrir os olhos, por conta da claridade, que entra pela janela. O sol já está alto. Devo ter dormido muito mais do que o habitual.

Bastam alguns segundos para que eu me dê conta de que estou aninhada em um corpo masculino, porque tem um braço forte e peludo me abraçando.

— Aquiles! – meu rosto se ilumina com um sorriso, e eu me viro na cama para contemplar o rosto do homem que eu amo.

— MEU DEUS DO CÉU!!! – solto um grito, ao ficar de rosto colado com o de um homem que eu não conheço. “O que estou fazendo nesse quarto? Na cama desse homem? Será que eu perdi a memória?!”

— Bom dia! – a voz sonolenta interrompe minha reflexão matinal. — Está se sentindo melhor?

Feito uma gata acuada, dou um pulo da cama, jogando o braço pesado para longe de mim. Não conheço esse quarto. As lembranças de ontem à

noite vem como *flashes* em minha mente. Já não sei mais diferenciar o que foi realidade e o que foi pesadelo. Lembro-me de ter sido tirada de um lugar horroroso, quando pensava ter encontrado a morte.

— Quem é você?! E o que eu estou... quer dizer... estava... fazendo na sua cama? Eu não acredito que você... você...

— Calma, moça! Fica calma! — ele também se levanta da cama com as duas mãos levantadas, como se pedisse para não ser agredido. — Não aconteceu nada demais aqui. Você estava sendo medicada através do soro e eu te acompanhava, mas acabei caindo no sono. Eu sou médico. Você se lembra de que eu te socorri ontem à noite?

Todas as lembranças vêm de uma vez só. A visita da Andy, a pior notícia do mundo, meu desespero, minha caminhada sem destino pelas ruas de Goiânia, os homens que tentaram me atacar e o homem que apareceu e fez com que eu entrasse no seu carro.

—Você é um grande mentiroso! — falo, desviando os meus olhos dos dele. Há algo de familiar em suas feições, que me incomoda bastante.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu? Mas por que você diz isso?

— Não era você que iria me aplicar uma injeção letal? – pergunto com desânimo, enquanto olho para a roupa que estou usando. Uma calça cor de rosa e uma camiseta feminina branca, que não reconheço.

— Mas eu apliquei. Só que parece não ter funcionado em você. – Ele aponta para o meu braço, que ainda está com um acesso, para aplicação de medicação por via intravenosa. — Você é uma guerreira.

— Eu não sou merda nenhuma! – respondo com raiva.

— Algum motivo grave para esse comportamento autodestrutivo?

— Olha só, moço, que eu não sei o nome. Não estou a fim de fazer terapia. *Tá* bom? Você poderia fazer o favor de tirar esse esquema aqui do meu braço, porque eu preciso ir para casa?

— Hummm... então você tem uma casa?

— Sim, é claro que eu tenho uma casa...

— E essa casa fica aqui na cidade?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Sim. Moro na Zona Norte da cidade.

— E você mora com quem?

— Moro sozinha.

— Nossa senhora! – ele faz uma expressão de espanto. — Esse é o cúmulo da rebeldia, a pessoa mora sozinha e foge de casa!

Se eu não estivesse com a minha alma despedaçada, é bem possível que teria rido da piada. A última coisa que tenho vontade de fazer agora é sorrir. Sinto que nada pode devolver a alegria ao meu coração, atormentado pela culpa. Então, prefiro ignorar a brincadeira.

— O que você aplicou em mim?

— Antibiótico e antitérmico. Pela avaliação clínica que fiz, você está com infecção urinária. Precisa procurar um laboratório e fazer uma urocultura e um hemograma.

— Infecção Urinária! Antes fosse... – falo consternada.

— Porque você diz isso? Por acaso teve algum diagnóstico diferente desse?

— Não. Não tive diagnóstico nenhum porque

PERIGOSAS ACHERON

não fui ao médico e também não pretendo ir.

— Você vai ao médico sim. — Ele tenta, em vão, demonstrar uma postura firme, e eu me detenho a observ-lo outra vez. É um jovem de vinte e poucos anos, branco, alto, forte. O cabelo é bem liso e tem um tom claro, semelhante ao dos olhos. Tem uma voz tímida, eu diria até, um pouco insegura. Ele é bonito. Bem bonito. Nada que se compara ao...

— Aquiles... — falo em voz alta.

— Aquiles? Esse era o nome que você falava ontem à noite, enquanto delirava por conta da febre. Aquiles é o seu namorado?

— Sim. — Suspiro de forma amargurada. — Ele é o meu namorado.

— Você quer ligar para ele? Porque quando te encontrei ontem, estava sem documentos e também não tinha celular.

— Não. Ele está fora do Brasil. Eu acho que vou ligar *pra* minha mãe.

“Meu Deus, a minha mãe! Ela deve ter me ligado milhares de vezes. Desesperada do jeito que é, já deve ter dado parte na polícia.”

PERIGOSAS NACIONAIS

— Briseida, sua imbecil! O que você fez?! – falo comigo mesma, em um acesso de agressividade autodirigida.

— Briseida? Seu nome é Briseida?! – ele parece espantado. — Que coincidência uma Briseida ser namorada de um Aquiles. Parece até que foi um encontro planejado pelos deuses. – Ele abre um grande e lindo sorriso. — Meu pai adorava Mitologia Grega, ele sempre me contava essa história da guerra de Tróia. E o mais interessante... – ele hesita um pouco antes de continuar – acho que você nem vai acreditar...

— Acreditar no quê?

— Eu me chamo Heitor.

— Heitor? Sério?! – agora é a minha vez de parecer espantada.

— Ainda bem que seu namorado não está no Brasil. Já pensou se ele resolve aparecer aqui para te buscar e fica com ciúmes de mim? Você sabe que na Ilíada, Aquiles matou Heitor e saiu arrastando seu corpo em uma biga até o acampamento grego?

— Você também conhece a Ilíada... – começo

PERIGOSAS ACHERON

a me interessar por esse rapaz.

— Sim, meu pai adorava a Ilíada, ele era professor de História e Filosofia.

— Seu pai “era” professor de História? Por que era, e não é mais?

— Porque ele morreu, quando eu tinha apenas quinze anos – responde, com tristeza na voz, depois de um longo suspiro.

Um Heitor, que conhece a Ilíada e é filho de um professor de História, que morreu quando ele tinha apenas quinze anos só pode ser...

— Não pode ser! Meu Deus, não pode ser! – falo em voz alta, balançando a cabeça em negativa.

— O “quê” que não pode ser?! – ele não entende a minha loucura.

— Seu pai! Qual era o nome do seu pai? – olho fixamente para seus lábios, esperando que ele diga o nome...

— Stefano. Stefano Andrade. Ele foi um professor de História muito famoso aqui em Goiânia. Será que você também foi aluna dele? Já conheci muitas pessoas que foram alunas do meu

pai. Ele dava aulas em várias cidades aqui da região.

— Eu sei — respondo quase petrificada. — Ele foi professor da minha mãe, em Anápolis.

— Da sua mãe?! Olha só que interessante! Bem que dizem que esse mundo é pequeno mesmo. Mas você chegou a conhecer meu pai, ou só ouviu falar dele? — noto a empolgação que ele tem ao falar do pai. Deve ser tão apaixonado pelo Stefano, com eu sou.

— Eu o conheci. O Stefano era meu pai.

Em outras circunstâncias, jamais teria confessado ao Heitor, que eu sou sua irmã bastarda, mas sinto que há algo de sobrenatural nesse nosso encontro. Ele salvou a minha vida ontem. Qual a probabilidade de que isso acontecesse aleatoriamente? Deve haver algum sentido maior nisso tudo. Será que esse é um sinal que meu pai está dando, de que não devo desistir da vida?

— Seu pai?! — vejo o rosto de Heitor empalidecer, mas na sequência, ele abre um largo sorriso. — Inacreditável! Você é a garota de Anápolis... a garota que meu irmão, o Hermes,

conheceu?

— Sim, sou eu.

— Meu Deus! Que viagem! Não dá nem *pra* acreditar! – ele fica bastante agitado, mas é uma agitação feliz.

— Caraca, *véio!!!* Desculpa, *véio* não é você! É só uma maneira de falar.

— De boa!

— Eu sempre quis conhecer você, Briseida!

— E por que nunca me procurou? – acho que a convivência com Aquiles está fazendo com que eu perca parte do meu filtro. Daqui a pouco começarei a ser chamada de “*sinceroná*”.

— Por causa da minha mãe. – Ele baixa o tom de voz, denotando tristeza. – Ela fez muita chantagem emocional. Disse que se nós nos aproximássemos de você, seria como esfregar o adultério do meu pai na cara dela, dia após dia.

— Quem diria... – uso de ironia – já vi sua mãe nas colunas sociais, é uma bela *socialite*.

— Sim, ainda por cima, daquelas bem fúteis. Depois que o meu pai morreu, ela foi trabalhar

PERIGOSAS NACIONAIS

como secretária de um cirurgião plástico bem famoso e, tempos depois, casou-se com ele. Você chegou a conhecer minha mãe?

— Não, a minha mãe a conheceu, quando as duas estavam grávidas, de mim e você, respectivamente. Há alguns anos ela me mostrou uma foto da sua mãe em um jornal aqui da capital.

— É... ela adora aparecer em colunas sociais. Sabe, eu sinto muito, Briseida, mas eu também acho que você poderia ter nos procurado, já que você sabia que tinha outros irmãos.

— Digamos que eu estive muito ocupada nos últimos anos. A vida não foi nem um pouco fácil para mim.

— Eu imagino... — ele fala com certa delicadeza — deve ter acontecido algo de muito grave para que você estivesse naquele lugar ontem à noite, procurando a morte. Você quer conversar comigo a respeito? Sei que não temos muita intimidade, mas... — ele me encara — nós somos irmãos, isso deve valer para alguma coisa, não?

— Me diz você primeiro... o que você estava fazendo naquele lugar horrível?

PERIGOSAS ACHERON

— Complicado... — ele sorri — senta aqui na cama comigo!

— Claro! Sabendo que é meu irmão, acho que você não vai me molestar...

— Estou reconhecendo esse senso de humor. — Heitor dá uma risada gostosa. — Você é parecida com o papai.

— De fato... ele era muito engraçado. A minha mãe também diz que sou muito parecida com ele.

— De todos nós, você é mais parecida com ele. — Ele acaricia meu rosto com as costas da mão, e eu fecho os olhos. — Respondendo à sua pergunta, sobre o motivo de eu estar naquele lugar... bom... é que tive um plantão bastante difícil. Trabalho em um hospital público daquela região. Ontem deu entrada um paciente, vítima de acidente de trânsito, que fez com que eu me lembrasse da morte do papai. Tentei de todas as formas salvar a vida dele, como se fosse a do nosso pai, mas não consegui. Fiquei muito frustrado, então me tranquei em um depósito e fui chorar. Peguei no sono, até uma enfermeira me encontrar e me mandar de volta para casa. No caminho, bateu uma vontade louca de usar alguma coisa que

PERIGOSAS ACHERON

aliviasse a minha dor.

— Meu Deus! Você é um viciado?! — pergunto espantada.

— Não! Quer dizer... eu sou sim, um viciado em recuperação. Já estou limpo há cinco anos, mas, de vez em quando, sinto vontade de recorrer às drogas. Quando isso acontece, procuro um lugar tenebroso como aquele, só para me lembrar de como é o fim da linha para um viciado.

— Você é corajoso, por encarar o vício assim de frente. Vai até um lugar que vende drogas, para resistir à própria vontade de consumí-las? Eu acho que não conseguiria ser assim tão forte.

— Ah! Besteira... eu não me acho corajoso e nem forte.

— Baixa autoestima parece ser um problema de família, você não acha? — nós dois sorrimos.

— Deve ser. Ontem, Briseida, a presença do papai era tão forte para mim e de certa forma, foi como se ela tivesse me impelido até aquele lugar. Olha só para mim, como estou todo arrepiado. — Eu olho para os braços e pernas do meu irmão e vejo como os pelos em tom castanho claro estão

PERIGOSAS NACIONAIS

erçados, exatamente como os meus estão. — Não pode ter sido apenas uma coincidência. Eu cheguei naquele lugar, no exato momento em que os homens fariam mal a você. Não sei se você acredita no mundo espiritual, mas... esse é um grande sinal, de que não devemos ignorar a existência de coisas que estão fora da nossa compreensão. Nosso encontro é uma delas, Briseida. O que quer que tenha acontecido a você, não pode ser o fim da linha. Não pode!

— Você parece ter tirado as palavras da minha boca. Também não acredito que tenha sido apenas uma coincidência.

— Então, me deixa te ajudar de alguma maneira! Nem que seja apenas te ouvindo.

Não consigo conter as lágrimas. Estou emocionada por tudo que me aconteceu ontem à noite. Eu sou importante. Alguém nesse universo deve se importar comigo. Caso contrário, meu corpo violentado estaria sendo encontrado agora, embaixo de um pontilhão abandonado.

— Eu...eu... estou com AIDS – falo relutante.

— Com AIDS?! – ele arqueia as sobrancelhas,

PERIGOSAS ACHERON

denotando total espanto.

— Sim...

— Eu sinto muito, mas, você sabe que não está condenada à morte, não sabe? Hoje existem tratamentos muito modernos, e que são, inclusive, custeados pelo SUS, você pode ter uma vida longa se começar o tratamento logo. Quando foi que você recebeu o diagnóstico? Foi ontem mesmo? Por isso você estava tão transtornada?

— O diagnóstico não, porque eu ainda não fiz o exame.

— Mas como você pode saber que tem AIDS se ainda não fez o teste? Só o teste reagente com uma contraprova pode determinar se você tem mesmo o vírus.

Explico em detalhes ao meu irmão, acerca da visita da Andy. Também faço uma explanação de como foi a minha vida com o André, e depois, o meu envolvimento com o Aquiles. Todo o meu desespero girou em torno da possibilidade de ter contaminado meu namorado. Ele escuta minha história em silêncio, antes de se pronunciar.

— Em algum momento, te ocorreu que essa

moça poderia estar mentindo, apenas para conseguir o que ela queria de você? – Heitor me traz à reflexão.

— Não... não mesmo. Diante da notícia, eu fiquei transtornada e não consegui raciocinar. Eu sou muito... muito não! Eu sou extremamente impulsiva!

— Percebi mesmo, mas, você precisa fazer o teste o quanto antes. Pode ser que ela tenha inventado essa história, mas pode ser que não tenha e, realmente, o seu ex-namorado tenha morrido de AIDS. Não é incomum que pessoas portadoras do vírus sejam acometidas por doenças como os linfomas e tenham mortes rápidas. Você também precisa considerar que esse tal André pode ter adquirido o vírus depois que vocês terminaram, já que você disse que ele morreu um ano depois do término da relação. Na pior das hipóteses, você pode considerar que talvez tenha o vírus, mas isso também não significa que você o tenha transmitido para o seu namorado. As chances de contaminação em uma relação sexual heterossexual, são maiores para as mulheres do que para os homens, por conta da facilidade de transmissão do vírus pela extensão

da vagina. É por isso que no mundo todo, as mulheres são a maioria das vítimas da AIDS. Existem inúmeras possibilidades, Briseida, mas você e seu namorado precisam fazer o teste para acabar com a dúvida.

— Sim, você tem razão. Mas primeiro, eu preciso falar com a minha mãe, ela deve estar desesperada. Pode me emprestar o seu celular?

— É claro que sim, vou buscá-lo lá na sala.

Assim que Heitor retorna, eu disco o número do telefone da minha mãe e espero o tom de chamada. Estou bem ansiosa.

Alô? – sinto aflição e tristeza na voz da minha mãe.

Mãe?!

Briseida!!! Briseida!!! – ela berra sem parar – *Briseida, minha filha, graças a Deus! Graças a Deus! Você está bem? Você quase me matou de susto, minha filha! Nós estávamos desesperados com o seu sumiço. Inclusive, estamos na delegacia agora, registrando o boletim de ocorrência do seu desaparecimento. O Aquiles até contratou um detetive particular para te encontrar...*

O Aquiles?! – interrompo a fala de mamãe. — Mas o Aquiles está no Marrocos, e só volta daqui a quatro dias.

Não, filha. Ele voltou ontem de tarde, para te fazer uma surpresa. Coitado! Ele também está aqui na delegacia, tão desesperado quanto eu. Onde você está, minha querida? Me diz, que nós vamos te buscar agora!

Mãe... – respondo relutante, sem saber o que pensar ou dizer. Eu fiz merda, fugindo de casa, mas não contava que teria que explicar esse fato para o Aquiles ainda hoje – faz assim... me encontra lá em casa daqui uns quarenta minutos, pode ser? Eu estou indo para casa. Não se preocupe, estou bem! Diga para o Aquiles que daqui a pouco, eu irei explicar tudo o que aconteceu.

Tá bom, filha! Também quero explicações. Até daqui a pouco!

Até! Beijos!

— Você pode me levar em casa? – pergunto a Heitor, assim que desligo o telefone.

— É pra já, senhorita! Só vou trocar de roupa.

No trajeto entre o apartamento do meu irmão e
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

o meu, vamos falando sobre nossas vidas. Descobrimos que temos muitas coisas em comum. A presença de Heitor ao meu lado, agora me transmite paz. Não sei o que deu na minha cabeça, para sair de casa ontem, feito uma louca. Devem ser os hormônios.

Ah! Esses malditos hormônios!



— Promete para mim que você vai ficar bem?
— Heitor me abraça forte, quando estamos em pé, de frente à portaria do meu prédio. — E que hoje ainda, você vai procurar o médico que eu *te* indiquei? Se quiser, posso te acompanhar na consulta.

— Prometo. Eu prometo! Não precisa me acompanhar.

— Tudo bem, mas você tem meu telefone agora, não hesite em me ligar, para tirar qualquer dúvida, conversar... eu também não vou descuidar de você, não quero minha irmã caçula fazendo mais nenhuma besteira por aí...

PERIGOSAS ACHERON

— Irmã caçula? Só porque eu sou dez dias mais nova que você?!

— Sim... é caçula sim. E tem três irmãos mais velhos superprotetores. Vou marcar com eles de almoçarmos juntos, assim que passar esse momento delicado da sua vida.

— Eu adoraria estar com vocês...

Heitor me toma em um abraço apertado novamente. Na sequência, ele beija minha testa, depois o olho direito, o olho esquerdo, para então esfregar a ponta do seu nariz no meu, da mesma maneira que o papai fazia quando eu era pequena. Faço uma deliciosa viagem no tempo.

Como é gostoso esse contato.

— Briseida?! – a voz do Aquiles interrompe o nosso momento família. Saio dos braços de Heitor, e me viro para ele. Meu namorado tem o semblante transtornado.

— Aquiles, meu amor... – sinto tanta vontade de chorar ao vê-lo, que não consigo terminar a frase.

— Olha só, Aquiles... isso aqui não é nada do que você está pensando! – é Heitor quem tenta

PERIGOSAS ACHERON

justificar o fato de termos sido flagrados agarrados um ao outro.

— E como você pode saber o que eu estou pensando?

A voz dele é dura, firme, inflexível.



Aquiles

Marrocos – Norte da África, quatro dias

antes...

Desde que Otávio e eu criamos a Factral, nós nos desafiamos a realizar uma viagem por ano, para conhecermos a arquitetura dos diversos países do mundo. Já fomos ao Japão, Austrália, África do Sul, França, Inglaterra, Espanha, Indonésia, China, Itália, Grécia, Egito e Israel. Nos anos pares sou eu quem escolhe o destino, nos anos ímpares a escolha é do meu sócio.

Dessa vez Otávio sugeriu o Marrocos, por estar mais próximo da França, onde ele está vivendo com o noivo. Apesar de ser uma viagem de amigos, ainda cogitei a possibilidade de trazer Briseida comigo, mas ela não quis. Disse que não poderia se afastar da Factral durante a minha ausência.

Briseida é muito dedicada ao trabalho. Com toda certeza, é a melhor funcionária. Esse elogio nada tem a ver com o fato de ela ir para a cama comigo. Minha namorada é um exemplo de competência no trabalho.

Faz dez dias que estamos viajando e já percorremos algumas cidades muito interessantes,
PERIGOSAS ACHERON

como: Casablanca, Rabat, Marrakesh, Fez e Tanger. Temos mais três cidades para visitar nos próximos cinco dias, conforme a programação estabelecida.

O Marrocos tem uma Arquitetura única, embora tenha recebido diversas influências, como berbere, árabe e européia. A arquitetura ao estilo mourisco-hispânico é destaque no país. Gostei, particularmente, dos telhados de *estruque* entre os arcos e cúpulas das mesquitas.

As medinas, em minha opinião, são a grande riqueza cultural do país. São cidades antigas, protegidas por longas muralhas. Na antiguidade, seu propósito era proteger a cidade dos ataques inimigos. Hoje elas se tornaram grandes mercados de produtos artesanais.

É muito bom passear pelas ruas estreitas e conhecer as mesquitas históricas. Tenho a impressão de ter voltado no tempo. Apesar de ser uma viagem bastante agradável, não posso negar que sinto um pouco de tristeza, talvez pelo fato de estar longe da minha casa, e da minha namorada.

Não consigo esconder meus sentimentos do Otávio. Mesmo porque, nunca consegui esconder

PERIGOSAS ACHERON

nada de ninguém.

— *Hey*, amigo! Estou notando que você anda meio tristonho, pouco empolgado com a viagem. Algum problema? – ele pergunta assim que chega ao quarto que estamos dividindo. Meu amigo havia saído para comprar um tipo diferente de água mineral, que ele não encontrou aqui no hotel.

— Acho que eu não estou mais com cabeça para passeios turísticos.

— Não está com cabeça?! Mas eu estou vendo a sua cabeça bem em cima do seu pescoço! – ele dá uma risada.

— Eu estou usando uma expressão de sentido figurado, caso você não tenha entendido.

— E eu estou *te* zoando, caso você não tenha entendido! Onde já se viu? Um Aspie, usando expressões de sentido figurado?

— Aprendi com a Briseida. Ela sempre diz isso quando não quer fazer sexo comigo.

— É... – ele faz uma pausa para rir – faço ideia das coisas que você já não aprendeu com a Bris! E por falar nela, por que você chama a sua namorada de Briseida?!

— Porque Briseida é o nome dela.

— Dã! — ele bate a mão na testa. — Eu sei, mas o que eu estou querendo dizer é que, até eu que não sou íntimo da sua namorada, chamo-a pelo apelido de Bris. Espera-se do namorado, que ele tenha algum apelidinho carinhoso para se referir à sua amada, do tipo: docinho, amorzinho, essas coisas. Eu, por exemplo, chama o meu noivo de Janjão.

— Eu sou encantado pelo nome Briseida, ele tem uma sonoridade tão forte e tão marcante, igual à personalidade da dona. Seria uma lástima chamá-la por outro nome que não esse.

— Você parece estar com os quatro pneus, o estepe e o macaco arriados por causa dessa garota...fala sério!

— Não. Por que você diz isso? Ela nunca furou os pneus do meu carro. Briseida tem o próprio carro agora.

— Aff! Já perdi a prática para conversar com você. Só quis dizer que você está completamente apaixonado por ela.

— Você sabe bem que não conheço todas as

suas figuras de linguagem e sabe também que tenho dificuldade em definir meus sentimentos. Não sei ao certo o que sinto por Briseida, se é paixão, ou se é amor. O que eu sei, é que estou sentindo muito a falta dela e o único lugar em que eu gostaria de estar neste momento, é ao lado da minha namorada. Quer dizer, por baixo dela seria melhor ainda.

— *Mon Dieu*¹⁶! – ele fala em francês. – Olha só o meu melhor amigo sendo safado! Quem diria... você me surpreende a cada dia mais! Nem parece o homem que deixei no Brasil há menos de um ano. – Ele se aproxima de mim e toca meus ombros, estranhando o fato de eu não repelir o seu contato físico. — Quer saber? Vamos fazer um teste para descobrir se o que você sente é amor ou paixão...

— Um teste?! Científico?

— Claro que não! Não há nada de científico nisso, é apenas um teste baseado na minha experiência. Você sabe que eu já me apaixonei muitas vezes, antes de conhecer o amor da minha vida.

— Sei bem, mas... vamos ao teste, então!

— Vamos lá! Primeira pergunta: qual é a

primeira pessoa em que você pensa quando acorda pela manhã?

— Na Briseida. Eu penso que gostaria de acordar com ela todas as manhãs.

— Ih! Está apaixonado! Mas vamos à próxima pergunta: me diz uma coisa que a Briseida faz e você odeia?

— Eu odeio quando ela toma decisões por mim, sem me consultar primeiro.

— E você seria capaz de conviver com esse defeito todos os dias, pelo resto da sua vida?

— Sim. Ela tem muitas outras qualidades que se sobrepõem a esse defeito.

— Hum... interessante. Acho que estamos evoluindo para outro tipo de sentimento, mas... vamos à terceira e última pergunta: se você voltasse para o Brasil agora e a Bris te dissesse que não quer mais ficar com você, porque ela se enganou em relação aos próprios sentimentos, e que conheceu outro homem, que ela ama de verdade e que está feliz ao lado dele. Qual seria sua reação?

— Eu provavelmente sofreria muito — respondo de forma segura — ficaria triste, arrasado,
PERIGOSAS ACHERON

deprimido, mas, eu entenderia e me afastaria dela.

— Por que você se afastaria dela, se você me disse agora há pouco que gostaria de acordar ao lado da Bris todas as manhãs?

— Porque nesse caso hipotético, você disse que a Briseida estaria feliz ao lado de outro homem. Para mim, não existe nada mais importante que a felicidade dela, ainda que isso implique no meu sofrimento.

— RESPOSTA CORRETA! RESPOSTA CORRETA! — Otávio brinca, imitando a voz de um robô. — Entendeu a sutil diferença entre paixão e amor?

— Não entendi.

— Abrir mão da própria felicidade em prol da felicidade do outro é a maior prova de amor que alguém poderia dar. É o mais lindo ato de altruísmo. Não é qualquer pessoa que tem a oportunidade de encontrar um amor assim.

— Otávio, você está chorando?!

— É claro que eu estou chorando, ora bolas! Você me deixou emocionado. Só se eu tivesse um coração de pedra para não chorar agora, mas você
PERIGOSAS ACHERON

sabe que meu coração é de manteiga... e de manteiga derretida... — ele diz, fungando e limpando as lágrimas com o dorso da mão.

— Você quer um abraço? — pergunto preocupado.

— Aquiles me oferecendo abraço?! É óbvio que eu quero, seu gostoso! Vem aqui e me aperta forte!

Nós nos abraçamos durante um bom tempo. Tenho aprendido a apreciar o contato físico com pessoas da minha estima, embora ainda seja desconfortável. Sinto que tenho uma ligação inexplicável com Otávio, e gosto de estar perto dele.

— Quer um conselho? — ele sussurra no meu ouvido.

— Sim, eu quero.

— Vamos encerrar essa viagem agora. Volta para o Brasil o mais rápido possível, e pede a mão da Briseida em casamento.

— A mão da Briseida?! — eu me desvencilho de seu abraço, para refletir sobre o que ele acabou de me dizer. — Você não acha que eu deveria pedir PERIGOSAS ACHERON

aquela outra coisa?

— Não, Aquiles! – ele cai na gargalhada —
Na prática, você vai usar mesmo é aquela outra coisa, mas pede a mão, que é para não ficar feio.

— E se a Briseida não quiser se casar comigo?

— É claro que ela vai querer. Você só precisa fazer o pedido da maneira certa... tem que ser romântico, vai por mim. Nós podemos passar na loja da Tiffany em Paris e você compra um anel bonitão daqueles que vem na caixinha azul, igual nos filmes de comédia romântica que as mulheres adoram. Tenho certeza absoluta que a Bris vai aceitar seu pedido.



Um dia depois que Otávio me sugeriu pedir a mão de Briseida em casamento, já estamos de volta à Paris. Meu amigo se dispõe a me acompanhar até o n.º 62 da *Avenue des Champs-Élysées*, considerada a avenida mais bela do mundo.

Entro na loja da Tiffany & Co., decidido a comprar um anel de noivado que seja tão

extraordinário quanto minha namorada. Quando digo à atendente que procuro algo notável, ela responde em francês:

— *Monsieur s'il vous plaît, venez avec moi.*¹⁷

Vamos até um espaço reservado na luxuosa loja, onde ela nos mostra uma peça em ouro 18 k com um único diamante amarelo Tiffany, com lapidação *cushion*. *Tiffany True* é o anel de noivado que procuro: moderno com linhas puras e detalhes sofisticados, e um diamante que reflete o calor e o esplendor do sol.

É exatamente o que Briseida significa para mim. Ela é o sol que ilumina minha vida.

Estou com o coração tomado de felicidade e uma ansiedade louca, que faz com que minhas glândulas suprarrenais disparem descargas de adrenalina na corrente sanguínea.

Gostaria de ter o poder de me teletransportar para o Brasil neste exato momento, só para me ajoelhar diante de Briseida e fazer o pedido de casamento, assim como Otávio e eu acabamos de ensaiar no apartamento dele, antes que me trouxesse ao aeroporto *Charles de Gaulle*.

Infelizmente, tenho que encarar longas horas de voo de Paris até o aeroporto de São Paulo e depois tomar um voo doméstico até Goiânia. Não contei à Briseida que decidi encerrar a viagem antes do previsto. Apesar de eu mesmo detestar surpresas, decido surpreendê-la com um inesperado pedido.



Chego à minha cidade na quinta-feira, por volta de quatro horas da tarde e tomo um táxi para ir direto à Factral.

A ideia inicial era preparar um jantar romântico em casa e fazer com que Joaquim atraísse Briseida até lá. Não tenho condições de organizar um jantar. A ansiedade não deixa. Sinto taquicardia, falta de ar e sudorese.

Tenho a impressão de que posso morrer de amor a qualquer momento.

— BRISEIDA!!! BRISEIDA!!! – jogo minhas malas na recepção da empresa e subo as escadas em uma velocidade nunca antes empreendida. Briseida

não está na sala dela e nem na minha sala. Ariel, a recepcionista, sobe correndo atrás de mim.

— Aquiles, você já chegou?!

— É claro que sim. É por isso que você está falando comigo agora. Onde está a Briseida?! Preciso falar com ela urgente.

— A Briseida não veio hoje... – a moça hesita – ela disse que estava se sentindo mal e que iria trabalhar de casa mesmo. Apesar de ela ter dito que eu poderia entrar em contato por e-mail ou pelo telefone, até agora ela não atendeu a nenhuma das minhas ligações, e eu estou muito preocupada.

— Você já ligou para o telefone fixo da casa dela?

— Sim, já liguei várias vezes, mas ela também não atende.

Sinto uma dor forte no peito. A sensação é de que algo horrível está prestes a acontecer com Briseida. Fico tonto repentinamente e não consigo mais respirar. Todo o ar do ambiente parece ser pouco para preencher meus pulmões.

— Aquiles! Aquiles! Meu Deus! Alguém me ajuda aqui! O Aquiles está passando mal! – ainda
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

escuto Ariel gritar, antes que eu apague.

Quando recobro os sentidos, estou deitado no pequeno sofá de visitas da minha sala. Tem, pelo menos, cinco pessoas em volta de mim, observando-me, como se eu fosse um extraterrestre.

— Por que vocês estão aí parados me olhando? — pergunto, enquanto tento me sentar no sofá.

— Você desmaiou, Aquiles! — é Ariel quem responde. — E nós chamamos um médico para *te* atender...

— Médico? Eu não preciso de médico. Eu preciso é ir atrás da Briseida, neste exato momento e saber o que aconteceu.

— Você não pode sair assim! Imagina se tem outro desmaio na rua... é perigoso.

— Eu vou atrás da Briseida agora! — levanto-me, determinado.

— Tudo bem, mas me deixa ir com você. — Antônio, o engenheiro da empresa, se dispõe a dirigir para mim.

Cerca de meia hora depois, chegamos ao

PERIGOSAS ACHERON

condomínio em que minha namorada vive. O porteiro disse não tê-la visto saindo hoje e ela também não atende ao interfone. É por isso que ele nos deixa ir até o bloco onde fica o apartamento.

Quando chegamos ao terceiro andar, giro a maçaneta da porta do apartamento 301 e percebo que está destrancada.

O imóvel é bem pequeno e rapidamente percorro os quatro cômodos. Briseida não está em casa, mas o celular e o notebook estão sobre a cama. A bolsa com todos os documentos pessoais está guardada dentro do roupeiro.

Enquanto vasculho o lugar à procura de alguma pista, Antônio vai até o apartamento do lado, falar com os vizinhos.

Ouçõ ao longe, quando a vizinha diz que ouviu gritos de mulher, pouco antes do almoço. Segundo ela, quando saiu de casa para ver o que acontecia, já se deparou com o apartamento vazio e a porta escancarada. Decidiu fechá-la para que ninguém furtasse nada.

Meu desespero só aumenta, ao me dar conta de que Briseida está desaparecida, e pior, pode ter

sido sequestrada. Pego o celular e ligo para o meu irmão, pedindo que ele venha até aqui. Preciso de ajuda para acionar a polícia e a família dela em Anápolis. Não tenho condições de lidar com tudo isso sozinho.

Já é noite, quando nos reunimos todos no apartamento: meu irmão e eu, Heneida e o irmão dela, Alceu. Ulisses foi até a polícia se informar sobre o procedimento para o registro do desaparecimento. Ele disse que, dificilmente, a delegacia teria equipes para investigar todos os desaparecimentos que aconteceram nos últimos dias. Por esse motivo, sigo o conselho do meu irmão, e contrato um investigador particular.

Saber que tem alguém procurando por Briseida, não me deixa mais tranquilo. Passo a noite em claro, no pequeno apartamento. Se ela sumiu daqui, é provável que retorne para o mesmo lugar. Heneida está no quarto tentando descansar, mas sei que ela também não consegue dormir. É desesperador imaginar que a filha pode estar em perigo.

O dia mal começou, e o investigador já descobriu que Briseida recebeu a visita de um

PERIGOSAS NACIONAIS

entregador de farmácia ontem pela manhã, e que esse rapaz se identificou na portaria. Logo depois, ela recebeu a visita de uma mulher ruiva, que entrou pelo portão de veículos, sem se identificar ao porteiro.

O carro que a mulher usava tinha placas de Brasília e estava em nome de Andressa Albuquerque. Minha namorada nunca mencionou conhecer alguém com esse nome, mas é fato, que essa moça foi vista na porta apartamento, pouco antes de Briseida sair de lá desesperada, de pijama e descalça, como vimos nas filmagens que o investigador conseguiu.

Briseida não foi sequestrada. Ela fugiu de casa! Mas por qual motivo?



Já se aproxima do horário do almoço, quando completam vinte e quatro horas do seu desaparecimento. Ulisses retorna ao apartamento e nos leva até a delegacia, para os procedimentos de registro do boletim de ocorrência.

PERIGOSAS ACHERON

Assim que entramos no departamento, Heneida recebe uma ligação. Ela começa a gritar o nome da filha, e eu sinto um alívio imediato, por saber que é Briseida quem está ligando. Ela está bem. Isso é o que realmente importa, embora eu esteja curioso para saber por que ela ficou longe de casa tanto tempo.

Logo que Ulisses estaciona próximo da portaria do prédio, eu a vejo agarrada a um rapaz alto e forte, que a beija na testa nos olhos e esfrega o nariz contra o dela, em uma demonstração nítida de afeto. Sinto uma dor lancinante no peito.

Será que essa é a cena que o Otávio me descreveu? Será que Briseida estava enganada a meu respeito e se apaixonou por outro homem enquanto estive fora? Será que ela quer ser feliz longe de mim?

São tantas perguntas.

Meu coração dispara novamente, e eu sinto os mesmos sintomas do dia anterior e aquela sensação de que vou desmaiar a qualquer momento.

— Aquiles, meu amor... — ela diz, se desvencilhando dos braços do rapaz, enquanto

PERIGOSAS NACIONAIS

caminha na minha direção. Não consigo pensar em mais nada a não ser abraça-la forte e dizer o quanto eu a amo. Mas o rapaz que a acompanha, resolve atrapalhar o meu momento especial.

— Olha só, Aquiles... isso aqui não é nada do que você está pensando.

“Como é que esse cara sabe meu nome, e pior, quer tentar adivinhar o que eu estou pensando?” É por isso que resolvo interpelá-lo:

— E como você pode saber o que eu estou pensando?

O jovem permanece boquiaberto, sem saber o que me responder.

PERIGOSAS ACHERON



Briseida

Tensão.

Meu primeiro impulso quando vejo Aquiles se aproximando de mim, é de me jogar em seus braços. Quanta saudade! Sinto que morri um pouquinho a cada minuto que fiquei longe do amor da minha vida.

A grande questão, é que ele acaba de me flagrar em uma situação, um tanto quanto comprometedora, junto de outro homem. Não tenho a menor ideia do que se passa na cabeça do Aquiles neste momento. Heitor, por outro lado, espera o pior. É por isso que ele solta a famosa frase que todo mentiroso safado diz, quando é pego em flagrante.

“Não é nada disso que você está pensando”.

Esqueci de mencionar para o meu irmão, que o cérebro do meu namorado funciona de forma diferente do nosso. Ficamos os três congelados, sem saber como reagir. É minha mãe que desfaz a cena, quase atropelando os dois, que estão próximos de mim.

— Minha filha! O que foi que aconteceu?! Você quer matar sua mãe do coração?! – ela briga, e já me toma em um abraço forte, que quase me quebra três costelas.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Está tudo bem, mãe! Olha *pra* mim! Pode ficar tranquila porque eu estou ótima. Depois conversaremos sobre o que aconteceu. Agora, eu preciso apresentar vocês ao...

— Seu irmão! — mamãe completa a frase, deixando-me com uma expressão de espanto.

— Mas... como a senhora sabe?!

— Basta olhar para vocês dois juntos. Cara de um, focinho do outro. E depois, eu vi como ele beijou você na testa e nos olhos. Só conheci um homem no mundo que fazia isso... seu pai... quer dizer... o pai de vocês. Estou certa?

— Sim... está sim... eu sou Heitor, o irmão da Briseida. — Ele responde à minha mãe, estendendo-lhe a mão.

— É um prazer conhecê-la, dona...?

— Heneida! Meu nome é Heneida.

— Heneida! Lindo nome... igual à dona.

— O... o... prazer é todo meu! — mamãe responde embasbacada. — Desculpa a minha tolice, mas é que... até a sua voz se parece com a do seu pai. Tive uma espécie de *dejàvu* agora.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não se preocupe. Todos da minha família dizem a mesma coisa.

Enquanto mamãe conversa com Heitor, eu me afasto deles e fico frente a frente com Aquiles. Ele abaixa a cabeça, olhando para o chão, mas eu o seguro pelo queixo, de modo que olhe para mim.

— Senti tanto a sua falta! – falo com a voz fraca e os olhos rasos d’água.

— E eu a sua... me abraça, por favor! – ele implora. — Eu quero ficar dentro do seu abraço!

Era o que eu precisava ouvir, antes de me lançar no pescoço dele e apertá-lo com toda a força do mundo. Sei exatamente a intensidade do abraço que ele gosta, para não se sentir desconfortável.

— Eu tive medo, Briseida... tanto medo, que eu pensei que morreria. E eu não estou falando em sentido figurado.

— Eu também! Tive muito medo. Esse foi o motivo pelo qual saí de casa sem rumo, ontem pela manhã, mas não se preocupe! Nós vamos subir até o meu apartamento agora, e teremos uma longa conversa. Antes disso, gostaria que você conhecesse alguém especial.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Heitor... – eu chamo a atenção do meu irmão, que agora conversa com mamãe e Ulisses, que a acompanha – esse aqui é o meu namorado, o Aquiles.

— É um prazer conhece-lo, Aquiles! – Heitor estende a mão e abre um largo sorriso ao cumprimenta-lo.

— Eu não posso dizer o mesmo. – Aquiles responde sério.

— Como?! – meu irmão parece se assustar.

— Eu preferiria ter conhecido você em outra ocasião. Você estragou o meu reencontro com a Briseida.

— Ah... eu sinto muito, me desculpa! Não era essa a minha intenção. – O pobrezinho tenta se desculpar.

— Heitor, não precisa ficar assim tão sem graça. O Aquiles é o tipo de pessoa que não tem o filtro do bom senso. É totalmente sincero. – Quem desfaz o constrangimento é Ulisses.

— Menos mal, que ele tenha sido apenas sincero demais – responde – o meu medo era que o Aquiles me matasse e saísse arrastando meu corpo

PERIGOSAS ACHERON

pela rua.

— Mas eu não sou um assassino! — meu namorado fica estarecido, com a fala de Heitor.

— Meu amor! — sussurro em seu ouvido. — Foi apenas uma piada! Por causa da Ilíada, você se lembra? Que Aquiles matou Heitor e arrastou o corpo dele até o acampamento?

— Claro! É claro que eu me lembro. O seu irmão também gosta da Ilíada? — ele se dirige a mim, mas é o próprio Heitor quem responde.

— Adoro. Meu pai sempre me contou essa história da guerra de Tróia e a minha grande frustração na vida, é não me chamar Aquiles. Quando vi o filme com o Brad Pitt então, foi que ela aumentou ainda mais. Aquiles é um personagem incrível, um semideus! Enquanto Heitor é só um príncipe.

— Um príncipe sim, mas um guerreiro e muito valente. — Aquiles completa.

Que Alívio!

Acho que os dois se entenderam. Desfeito o quase mal entendido, meu irmão se despede de nós na portaria, enquanto subimos para o apartamento.

PERIGOSAS NACIONAIS

Aquiles e eu andamos de mãos dadas pelo condomínio, enquanto mamãe vem atrás de nós, conversando de forma animada com Ulisses.

— É impressão minha, ou está rolando um clima entre esses dois? — cochicho no ouvido do meu parceiro.

— Um clima?!

— Shihhh! Fala baixo! Um clima... eu acho que a minha mãe está interessada no seu irmão e ele também parece estar interessado nela.

— Você fala de interesse sexual?

— É... mais ou menos... não era para tanto. — Antes que eu termine de completar meu raciocínio, Aquiles se vira para trás, com toda sutileza que lhe é peculiar, e interpela o irmão:

— Ulisses, você tem algum interesse de natureza sexual que envolve a mãe da Briseida?

Chocada!

Mamãe fica perplexa. Olho para trás e percebo como seu rosto assume um tom vermelho e seu olhar busca algo no chão. Talvez um buraco onde ela possa enfiar a própria cabeça.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Sem noção! Você é muito sem noção, Aquiles! Olha só como você deixou a Heneida desconcertada! – o irmão mais velho protesta.

— Qual é o problema? Briseida quer saber se vocês estão interessados um no outro. E você não respondeu a minha pergunta.

— Puta que pariu! – solto o palavrão, meio que sem querer.

— Bom, já que é a Briseida que quer saber... eu posso responder: realmente estou encantado pela Heneida. Ela é linda, inteligente, delicada e agradável... faz muito tempo que não sei o que é ser tratado com tanto carinho e delicadeza por uma mulher – ele suspira e baixa o tom de voz, olhando para mamãe.

“Ganhou!” – é a primeira palavra que vem à minha mente. Até hoje mamãe nunca teve um namorado além de papai, mas diante dessa declaração do Ulisses, estou certa de que o celibato dela está com os dias contados. Sei que é uma coisa horrível a se pensar da própria mãe, mas, convenhamos, mães também transam.

— Briseida! – mamãe me repreende, e por um

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

instante eu me desespero, acreditando que ela ouviu meus pensamentos. — Olha só o linguajar chulo e vulgar!

— Desculpa, mãe! Mas é que o Aquiles me deixou em uma tremenda saia justa... não era minha intenção constrangê-la.

— Você está usando calças, Briseida! — ele olha curioso para as minha pernas.

“Ah! Meu pai! É hoje que acabo com todo meu estoque de: puta que pariu!”



Depois de tomarmos um café que mamãe prepara, Ulisses se desculpa porque precisa voltar ao consultório, onde tem pacientes o aguardando. Fico imensamente feliz por nenhum deles ter tocado no assunto do meu desaparecimento. Mamãe se oferece para acompanhá-lo até à portaria, e eu lanço aquele meu olhar acusador, do tipo “*safadinha*”! Ela balança a cabeça, em negativa, mas eu sei que aí tem.

Ah se tem!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Quando Aquiles e eu ficamos sozinhos, toda a descontração dos momentos anteriores pula a janela. Eu me lembro de que preciso dar explicações a ele. Falar do assunto que quase me fez ir à loucura, é extremamente difícil.

— Aquiles...

— Briseida...

Nós dois falamos ao mesmo tempo, e caímos na risada.

— Fala você primeiro! – cedo minha vez, não porque seja educada, mas porque quero procrastinar essa conversa ainda mais.

Aquiles se levanta do sofá e se ajoelha à minha frente. A maneira como ele ajeita o corpo, para achar uma posição mais confortável, é engraçada. Sinto vontade de rir. Ele está com os cabelos bagunçados, barba por fazer e olheiras típicas de quem não pregou o olho durante a noite toda. Está usando calça jeans de lavagem moderna, camisa azul e jaqueta de couro em tom caramelo.

“Deus, como esse homem é lindo!” – penso, lembrando-me da primeira vez que o vi, há quase um ano.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Quando ele tira uma caixinha azul turquesa de dentro do bolso da jaqueta, meu mundo desaba.

— A-A-Aqui-Aquiles... me diz que isso não é o que eu estou pensando! — a voz custa a sair.

— Mas eu não sei o que você está pensando! — ele responde confuso, mas continua. Quando tira a tampa da caixinha que tem um delicado laço por cima, eu contemplo o anel dourado, com diamante amarelo.

A joia mais linda que eu já vi em toda a minha vida!

É da Tiffany!

Ele faz exatamente como nos romances mais lindos que eu já li:

— Case-se comigo, Briseida!

Morri.

E mortos não falam.

Mentira. É porque eu não consigo descrever as emoções intensas que borbulham no meu peito. Não existem palavras em nenhum dos quatro idiomas que conheço, que possam definir a intensidade deste momento.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

É felicidade, porque a vida toda eu sonhei com algo assim, embora acreditasse que não era boa o bastante, para ser agraciada com um amor verdadeiro.

É desespero, porque sei que meus dias podem estar contados e eu não poderei viver esse amor.

Silêncio.

Espera.

— Eu não posso, Aquiles! — respondo, finalmente, entre lágrimas.

— Não pode? Por que? — ele fica agitado. — O Otávio me disse que você diria sim. Ele fez um teste comigo e descobriu que eu te amo... que é amor de verdade... e você também já disse que me ama... eu não entendo! Não entendo! Por que você não pode? O Otávio disse que se eu te desse esse anel, você aceitaria o meu pedido com toda certeza!

— Aquiles... fique calmo, por favor... me deixa explicar... Eu aceitaria o seu pedido de casamento, ainda que fosse com um anel de plástico, daqueles que vem preso nas balas vendidas em mercearias. Você tem razão... eu te amo... amo muito... amo mais que a minha própria

PERIGOSAS ACHERON

vida. A grande questão é que... é que... eu não pretendia *te* contar isso agora. Eu iria fazer o teste primeiro, e só depois do resultado eu conversaria com você, mas... você acabou me pegando de surpresa. Eu preciso te dizer... Aquiles... eu, possivelmente, tenho AIDS.

Silêncio total.

Absoluto.

— AIDS?! — ele pergunta depois de alguns instantes. — Mas como você pode saber que tem AIDS se você mesma acabou de dizer que ainda não fez o teste?

— Porque ontem, eu recebi a visita da Andy, aquela ex-amiga, que eu já te falei a respeito, a que roubou a minha história e publicou. Você se lembra?

— Sim, eu me lembro, mas você não me disse o nome dela.

— Então... a Andy me disse que o André não morreu de câncer, como eu acreditava. Na verdade, ele morreu em decorrência de uma complicação da AIDS. Ela me disse, inclusive, que foi contaminada por ele, e insinuou que eu também tenha sido, já

que ela sabe que nós não usávamos preservativo.

— E você acreditou nela? — Aquiles continua ajoelhado no chão.

— Sim. O pior de tudo é que eu acreditei. Fiquei em pânico, desesperada, porque eu estava doente. A primeira coisa que me passou pela cabeça é que o meu mal estar era decorrência dos sintomas da doença. Eu surtei, Aquiles! E surtei por supor que tivesse contaminado você e te condenado à morte. Eu enlouqueci, só de pensar que pudesse destruir a sua vida. Saí pelas ruas dessa cidade, procurando a morte em cada esquina, até encontrar. Felizmente, o Heitor apareceu no exato momento em que dois homens tentavam me atacar. Ele me levou para o apartamento dele, e cuidou de mim. Hoje pela manhã, quando acordei, foi que descobri que Heitor é meu irmão. Nosso encontro de ontem foi algo inexplicável.

— Isso que você está me contando é quase surreal, mas... eu acredito! Acredito porque sei que nada nesse universo acontece de maneira aleatória. Tudo segue um fluxo. Tudo tem um sentido. Foi assim que nós nos encontramos, Briseida... em meio a outros sete bilhões de pessoas no planeta.

Não sei explicar com cientificidade, mas sinto que nossos destinos foram traçados antes mesmo que nós dois existíssemos.

— Me perdoa, Aquiles... por favor... me perdoa por ter te colocado nessa situação! — choro compulsivamente.

— Não há o que se perdoar, Briseida! Você não fez nada de ruim a mim. Pelo contrário, você me fez descobrir o amor. Quando decidi fazer sexo com você sem o preservativo, foi uma escolha. Eu assumi todos os riscos inerentes a ela. Ainda que você tenha me contaminado, eu jamais te acusaria de algo, que aconteceu em decorrência de uma decisão minha, e não sua. Case-se comigo, Briseida! — ele me oferece o anel pela segunda vez.

— Por favor, Aquiles... vamos esperar... vamos fazer o exame agora mesmo e aguardar o resultado, antes de tomarmos essa decisão tão importante.

— Escute uma coisa, Briseida! Não me interessa se você tem AIDS ou não. Se eu tenho AIDS ou não. Eu tenho duas únicas certezas na vida: a primeira delas é que eu vou morrer. Isso pode acontecer daqui cinco minutos ou daqui

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

cinquenta anos. Não posso determinar ou impedir o que já está determinado. A segunda certeza, é que eu te amo. Se eu viver mais cinco minutos ou mais cinquenta anos, não faz a menor diferença, contando que eu viva esse tempo com você.

— Eu não mereço o seu amor...

— Merece sim, você é uma boa menina...boa menina! — ele passa as mãos com delicadeza pelos meus cabelos. — É por esse motivo que eu continuo aqui ajoelhado, com câimbras nas pernas. Se você não aceitar o meu pedido de casamento agora, eu tentarei entender suas razões, e me afastarei de você para sempre.

— Aquiles... você não po...

— Case-se comigo, Briseida!

PERIGOSAS ACHERON



Briseida

SETE MESES DEPOIS...

PERIGOSAS ACHERON

— Mãezinha... — falo com a voz já fraca — segura forte a minha mão e não solta!

— Claro, filha! É por isso que estou aqui. Vai dar tudo certo... fica tranquila!

Mamãe segura firme a minha mão, e inclina seu corpo sobre o meu, deitado na maca do hospital. Quando ela cola sua testa na minha em uma demonstração de carinho, sinto vontade de chorar. Tento me concentrar em suas palavras e acreditar que tudo dará certo, mas a dor é tão incapacitante, ao ponto de comprometer minha fé.

Estou com muita dificuldade para respirar.

Fecho os olhos por alguns instantes e começo a ter visões de diferentes momentos da minha vida. Um deles, inclusive, é muito estranho, porque parece ser o dia do meu nascimento. Como eu poderia me lembrar de algo assim? Deve ser alguma memória latente que ficou retida em meu inconsciente, e que agora tenta aflorar.

Um quarto de hospital, cujas paredes de cor azul-claro, não possuem nenhum adorno, e já estão

encardidas pela ação do tempo. Mamãe ainda é muito jovem, quase uma adolescente. Está sozinha na maca do hospital e tem o medo estampado em seu olhar.

São longas horas em trabalho de parto, até que a enfermeira se deita sobre ela e faz pressão sobre a barriga, para auxiliar na minha expulsão. O médico usa um pinça metálica gigante, para me arrancar de dentro daquele lugar quentinho e tão acolhedor.

— Ela já estava em sofrimento fetal! – ouço o médico dizer para a enfermeira.

— Está tudo bem com ela, doutor? – mamãe está fraca, mas levanta levemente o corpo da maca para me observar. Seu rosto todo está banhado pelas lágrimas. Lágrimas de dor, de emoção, de alívio e um tanto de preocupação.

— Vamos avaliá-la agora.

— Deixa eu ver a minha filha primeiro, doutor! – mamãe implora.

Quando o médico me aproxima de mamãe, sinto toda a emoção, o calor do corpo e o som daquela voz... aquela voz conhecida que sempre

dizia para mim quando estava em seu ventre:

— *Você vai ter um destino extraordinário, filha!*

— Mãe! – eu a chamo novamente.

— Diga, meu anjo...

— Você acredita que a gente é capaz de ter alguma lembrança do dia do próprio nascimento?

— Não sei... mas tudo é possível. Por que a pergunta?

— Acho que acabei de ter uma visão do dia em que nasci. O médico usou um *fórceps* para me arrancar de dentro de você, e disse que eu já estava em sofrimento fetal. Você estava sozinha em um quarto de paredes azuis, estava com medo...

— Minha nossa senhora! – ela faz o sinal da cruz no próprio corpo. — Eu nunca contei isso para ninguém, como você pode saber?

— Não dizem que quando a gente está perto da morte, nossa vida inteira passa pela mente, como em uma tela de cinema?

— Cruz credo! Vira essa boca *pra* lá, menina!

Você não está morrendo!

— Eu queria tanto que ele estivesse aqui, mãezinha... — falo com muito pesar, ignorando sua última fala — queria que fosse o Aquiles aqui do lado, segurando minha outra mão.

Não consigo conter as lágrimas. A menção ao nome do homem que eu amo, e a lembrança de suas feições, fazem a emoção transbordar no meu peito.

— Eu sei filha... mas, infelizmente, as coisas nem sempre acontecem do jeito que queremos. Essa é a vida!

Nossa conversa é interrompida pela entrada repentina do médico no quarto. Já passa das três da manhã. Dr. Guilherme tem o semblante sonolento e assustado. Não deve ser legal ser acordado no meio da madrugada, com a notícia de que uma paciente deu entrada no pronto socorro do hospital e precisa ser assistida com urgência. Ainda assim, ele se dirige a mim com muita naturalidade:

— Como está a minha paciente preferida?!

Mesmo sentindo tanta dor, ainda consigo sorrir, diante da sua gentileza. Eu o conheci há sete meses, quando fiz minha primeira consulta, por

indicação do meu irmão Heitor. Foi no mesmo dia em que Aquiles me pediu em casamento. É impossível não me lembrar daquele dia.

Vai ficar gravado para sempre em minha memória.



Aquiles

SETE MESES ANTES...

Gostaria de ter feito o pedido de casamento durante um jantar romântico em minha casa, lugar onde Briseida e eu nos conhecemos, mas a ansiedade não me permitiu esperar. Tentei pedi-la em casamento na Factral, mas minha namorada estava desaparecida. Quando saí da delegacia hoje, tinha a ideia fixa de que a pediria em casamento assim que eu a visse, mas não contava com a

possibilidade de encontrá-la abraçada a outro homem.

Depois que nos despedimos do irmão recém conhecido de Briseida e que Heneida saiu do apartamento para acompanhar Ulisses, decidi que era o momento apropriado para fazer o pedido. Imaginava que minha garota iria chorar por conta da emoção, mas ao final, diria um sonoro sim.

A notícia de que ela possa estar contaminada com o vírus do HIV e pode vir a desenvolver a AIDS é desoladora, mas não muda o fato de que eu a amo e quero continuar ao seu lado, sob quaisquer circunstâncias, sejam elas boas ou ruins. É por esse motivo, que insisto no pedido de casamento. Não vou aguardar o resultado do teste para ouvir a resposta que tanto almejo.

— Case-se comigo, Briseida! — faço o pedido pela terceira vez.

— SIM!!! SIM!!! É CLARO QUE SIM!!! — Briseida grita e se ajoelha no chão à minha frente. Ficamos abraçados e chorando por um longo tempo.

Hoje é, literalmente, o dia mais feliz da minha

vida.

Assim que damos a notícia do noivado para Heneida, minha noiva também explica em detalhes como foi a visita da antiga colega de Brasília e tudo que se sucedeu após a sua saída do condomínio ontem. A mãe fica apreensiva com a notícia, e quer levar a filha para o hospital agora mesmo.

Briseida decide que quer ir ao médico indicado pelo irmão, acompanhada por mim, apenas. Heneida concorda, não sem antes relutar bastante.

Odeio hospital e odeio consultórios, mas é um sacrifício que farei, porque não quero sair do lado da minha noiva. Preciso apoiá-la nesse momento difícil e em todos os outros que teremos pela frente.

O jovem médico que nos atende é um ginecologista/obstetra, amigo de Heitor. Eu preferiria ter procurado um infectologista, mas ela insiste que esse tem boas referências. O profissional é bastante falante, sorridente e faz algumas brincadeiras com Briseida que eu não entendo bem, mas prefiro me manter calado, para evitar constrangimentos.

A consulta demora mais de uma hora, porque ela aproveita para tirar todas as dúvidas sobre o vírus, a doença, a possibilidade de contaminação e os tratamentos disponíveis. Saímos do consultório direto para o laboratório que fica anexo ao hospital.

O médico faz questão de especificar que os resultados dos exames sejam liberados diretamente em seu e-mail, para evitar que tiremos conclusões precipitadas, como a de Briseida, que saiu de casa desesperada, antes mesmo de fazer o teste. Julgo plausível a decisão, embora ela aumente minha ansiedade.

Apesar da extensa lista de exames, os resultados demoraram um dia apenas para serem liberados. Briseida e eu retornamos hoje ao hospital para a consulta, a que ela chamou de: “a hora da verdade”. Estou tenso, minhas mãos estão geladas e trêmulas, assim como as da minha noiva, que tento segurar firmemente.

O médico tenta nos tranquilizar logo no início da consulta, enquanto pega os resultados que estão na bandeja da impressora. Briseida pede que ele fale o meu diagnóstico primeiro.

— Não reagente para o HIV e também para
PERIGOSAS ACHERON

demais doenças como sífilis, hepatite e...

— Graças a Deus! Graças a Deus! — ela o interrompe. Briseida havia deixado claro para mim, que sua maior preocupação é com a minha saúde e não com a sua própria.

— Agora, quanto aos seus resultados, Briseida... — o médico hesita — eles apresentaram uma alteração...

— Não é hora de fazer suspense, por favor! — agora sou eu quem interrompo o médico.

— Tudo bem... eu entendo a ansiedade de vocês, mas essa não é uma notícia que possa ser dada, assim, de supetão, mas... vamos lá... Briseida você não tem o vírus do HIV ou de qualquer outra doença dessa natureza, mas você está grávida!

— Grávida?! — nós dois questionamos o médico ao mesmo tempo.

— Sim. Gravidíssima! Vamos fazer um ultrassom agora mesmo para determinar o tempo de gestação, já que não temos a data da última menstruação.

— Grávida! Você está grávida, Briseida! Você ouviu o que o médico disse? Ele acabou de falar

PERIGOSAS ACHERON

que tem um bebê aí dentro da sua barriga! Você vai ter um filho, Briseida!

— Eu não! Nós teremos um filho. — Ela me corrige.

— Nós teremos um filho?! — repito a frase, agora em tom de pergunta, só para ter tempo de refletir sobre o que acabei de ouvir.

O médico tinha razão, essa não é uma notícia que possa ser dada de supetão. Ainda bem que estou sentado. Com certeza, é maravilhoso saber que Briseida não tem AIDS, mas a notícia de que vamos ter um filho é apavorante.

Como posso ter um bebê, se a minha casa só tem um quarto? Eu sou um ser humano que adora rotina e odeia barulho. Bebês são seres altamente imprevisíveis e barulhentos. Eu sonhei com uma família. Quis ter uma esposa e filhos. Só não esperava que isso fosse acontecer de forma tão repentina.

— Está tudo bem com você, papai? — o médico pergunta.

Silêncio.

— Aquiles, ele está perguntando se está tudo
PERIGOSAS ACHERON

bem com você! – Briseida se dirige a mim.

— Mas eu não sou o pai dele!

— É claro que não é! Chamar você de papai é só uma forma carinhosa de dizer que você será pai em breve... quer dizer... eu acho! – Briseida se volta para o médico. — Doutor, o senhor tem certeza que eu estou grávida?! Eu fiz um teste de farmácia há dois dias e o resultado foi negativo.

— Você fez com a primeira urina do dia?

— Não.

— Você esperou o tempo indicado?

— Não.

— Vamos passar para a outra sala, para fazermos o ultrassom, se é que você ainda tem dúvidas. Seus exames de urina indicaram uma infecção urinária. É normal isso acontecer no início da gravidez, porque as mulheres costumam sofrer uma baixa na imunidade, mas tirando isso, você está com uma saúde de ferro.

Fico em silêncio, ouvindo o diálogo dos dois, mas aqui dentro da minha cabeça há uma profusão de ideias. “Eu vou ser pai”. “Eu não tenho

PERIGOSAS NACIONAIS

condições de ser pai”. “E se esse filho não gostar de mim”? Uma batida forte e rítmica me tira do estado de transe.

— Esse é o som do coração do seu filho. – O médico fala comigo.

É desesperador.



Briseida

OITO SEMANAS.

Esse é o meu tempo de gestação, segundo o laudo do ultrassom que o médico realizou no consultório semana passada. Para quem estava com medo de uma possível gravidez, estou radiante demais. Descobri na prática, que existem coisas muito piores que uma gravidez não planejada.

PERIGOSAS ACHERON

Com o Aquiles, a coisa foi um pouco diferente. Ele tem muito mais dificuldade do que eu, para lidar com situações inesperadas. Quando falei da possibilidade de ter AIDS, senti que ele agiu muito naturalmente, até me espantou, mas, diante da notícia da gravidez, notei que ele ficou sem chão.

Demorou um tempo até que meu noivo “digerisse” a novidade, por isso, não contei a ninguém sobre a gravidez, além da minha mãe, é claro. Dona Heneida nem conta, porque ela já sabia que eu estava grávida, antes mesmo que eu soubesse. Coisas de mãe.

Uma gravidez e um casamento para organizar. Essa é a minha missão daqui para frente. Foi por isso que convidei Dani para passar uns dias aqui em Goiânia comigo, aproveitando o fato dela estar de férias do trabalho.

Não falei nada sobre o meu noivado, nem sobre a gravidez e também não mencionei o que aconteceu dias atrás, quando eu banquei a “Maria louca” e saí sem rumo pelas ruas de Goiânia, até ser encontrada pelo meu irmão.

Pelo menos agora, posso culpar os hormônios

PERIGOSAS ACHERON

da gravidez, por aquela minha privação momentânea de juízo. Além dos sermões que já ouvi, sei que Dani ainda vai me dizer muitas verdades. Eu, por outro lado, pretendo surpreendê-la com uma carta na manga.

Assim que eu a recebo no aeroporto, vamos direto para o shopping, onde pretendemos almoçar. Dani está falando como sempre foi, contando as novidades de sua vida agitada no interior de Minas Gerais. No fundo, sinto que falta algo na vida dessa minha amiga, ou alguém, para ser mais exata.

— *Sinhoradabadia!* — ela para de falar repentinamente e fixa os olhos em um ponto da praça de alimentação, assim que nós nos sentamos à mesa.

— O que foi, sua doida?! — pergunto assustada.

— Você acredita em almas gêmeas?!

— Claro que sim, Aquiles e eu, por exemplo, somos almas gêmeas. De um jeito desajeitado, mas somos! — caio na gargalhada.

— Bris, eu acabo de encontrar a minha... olha só aquele *boy* lindo vindo em nossa direção, meu

Deus... e ele parece estar rindo para...

— Briseida, que bom te encontrar novamente!
— Heitor me toma em um abraço apertado. —
Adorei o seu convite para almoçar, queria muito ter notícias suas, depois daquela mensagem que você me mandou.

— Opa, opa, opa! *Peraí*, gente! Vocês se conhecem? — minha amiga fica perplexa.

— Sim, Dani... este aqui é o meu irmão Heitor... Heitor, esta é a minha melhor amiga, Dani, que veio de Minas para me fazer companhia durante alguns dias.

Quando Heitor a cumprimenta com um beijo no rosto, pela primeira vez na vida eu a vejo ficar sem fala. Se ela não tivesse a pele tão morena, estaria vermelha de vergonha.

— Como é que você não me contou esse lance de irmão antes, sua bandida?! Ainda mais um irmão delícia como esse. Isso não é coisa de se fazer com a melhor amiga! — ela cochicha tão alto no meu ouvido, que Heitor escuta e cai na risada.

Logo, estamos os três conversando de forma animada, e eu explico à Dani as circunstâncias

PERIGOSAS NACIONAIS

quase milagrosas em que Heitor e eu nos conhecemos, depois do fatídico encontro com a Andy. Também falo sobre o meu reencontro com o Aquiles depois da viagem dele ao Marrocos e mostro o meu anel de noivado, que a deixa boquiaberta.

Quando conto os detalhes sobre o pedido de casamento, Dani grita e chora na praça de alimentação, atraindo todas as atenções para nossa mesa. Meu irmão não parece se incomodar nem um pouco com o estardalhaço. Ele cai na gargalhada, por conta da intensidade das emoções dessa amiga louca.

— E não é só isso não... — eu continuo.

— O quê? Têm mais emoções? Não me diga isso, Bris... meu coração não vai aguentar... vou ter um ataque cardíaco aqui no shopping.

— Pois que tenha! Heitor é médico, ele vai fazer massagem cardíaca em você e respiração boca a boca.

— Meu pai eterno! *Tô* passando mal!!! — ela começa a se abanar com o cardápio que está sobre a mesa.

PERIGOSAS ACHERON

— Eu estou grávida! De oito semanas. Aquiles e eu vamos ter um bebê e também vamos nos casar. Quero que você me ajude nos preparativos para o casamento, porque o Aquiles está totalmente focado no projeto de reforma da casa. Ele vai mudar a academia para a área externa e vai construir um quarto maravilhoso para o nosso bebê, ao lado do paraíso dele, quer dizer... da biblioteca.

— Parabéns, maninha! Heitor se levanta da cadeira para me dar outro abraço apertado, e é seguido por Dani.

— E tem mais...

— Mais fortes emoções?! – agora é o meu irmão quem pergunta.

— Quero que vocês dois sejam meus padrinhos de casamento.

— Oi?! – Dani fica sem fala.

— Eu adoraria! – Heitor sorri e dá uma piscadinha sensual para minha amiga, e eu suspeito que em breve tenhamos outro casamento.



DOIS MESES DEPOIS...

Está nervosa?! – Mamãe pergunta, enquanto termino de me arrumar na suíte da minha mais nova casa.

— Não. Por que? Eu deveria?

— Ah... sei lá! Não dizem que o casamento é o momento mais importante da vida de uma mulher? Eu não sirvo de parâmetro, porque nunca me casei. Quarenta e um anos e solteira. – Ela suspira.

— Por enquanto, não é, Dona Heneida? Por enquanto! Porque essa sua amizade com o Ulisses nos últimos meses não me engana nem um pouco.

— Imagina! O Ulisses ainda é um homem casado. Esse erro eu já cometi uma vez e não cometo nunca mais.

— Não, o Ulisses é um homem separado, o Aquiles me disse que o divórcio com aquela intragável da Alice sai no mês que vem.

— Jura?! – ela pergunta com total animação.

— Juro! – sorrio para ela. — Sabe que você e

PERIGOSAS NACIONAIS

o Ulisses se merecem, mãezinha? Vocês já foram muito machucados na vida. Talvez agora seja o momento da própria vida curar essas feridas.

— É... quem sabe... — ela reflete. — Não vou mentir para você, eu gosto do Ulisses.

— Eu sei! Desde a primeira vez que vi vocês dois juntos. Até parece que os anjinhos tocavam harpa em volta de vocês dois.

— Que exagero, minha filha! Vamos! Deixa eu terminar de arrumar esse cabelo que já está quase na hora. O Aquiles deve estar muito aflito esperando você descer.

— Meu Deus!!! — Dani entra no quarto, bastante agitada. — Você é a noiva mais linda que eu já vi na vida, Bris! Essa barriguinha de grávida lhe caiu muito bem. Você ficou tão ensolarada, exuberante! — ela acaricia a minha barriga de dezesseis semanas de gestação.

— Também acho, mas eu sou suspeita para falar, porque sou a mãe. Briseida está perfeita!

— Então ande logo senhora perfeita, porque eu vim te avisar que o juiz de paz já chegou e os músicos estão em condições para iniciar a marcha

PERIGOSAS ACHERON

nupcial. O Aquiles está um gato, você nem imagina! Está super ansioso. É capaz dele infartar se você não descer nos próximos minutos.

— Vira essa boca para lá, Dani! Deus me livre! Era o que me faltava... o Aquiles infartar e morrer no dia do nosso casamento.

— Minha nossa! Foi só uma força de expressão, Bris! — ela ri. — Você está se tornando tão literal quanto o Aquiles.

Nas semanas em que Dani passou aqui comigo, ela teve a oportunidade de conviver bem com o Aquiles e se meteu em muitas trapalhadas com suas expressões, caras e bocas, quando tentava se comunicar com ele. Gosto quando ela diz que estou parecida com meu futuro marido. Ele é uma pessoa que me enche de orgulho.

Antes de ir para o meu grande momento, ainda dou mais um conferida no espelho. Mamãe e Dani têm razão, meu rosto está tão ensolarado, que dispensa até o uso de maquiagem. Só usei um pó translúcido e um leve brilho nos lábios. Meus cabelos estão trançados para o lado, com um pequeno adorno de flores naturais. A felicidade enfeita o rosto de uma mulher mais do que qualquer

PERIGOSAS ACHERON

maquiagem elaborada.

Nem acredito que estou vivendo este momento. Chego à conclusão, que valeu à pena passar por todo sofrimento. Agora, posso dar valor à felicidade, e a tudo de bom que a vida me reservou.

Em poucos instantes, estou caminhando de braços dados com Hermes, meu irmão mais velho, pelo tapete vermelho estendido no jardim da nossa casa. Esse foi o lugar que escolhi para a cerimônia. Não quis uma festa grande, com centenas de convidados que eu mal conheço em uma das tradicionais igrejas aqui da capital.

Optei por um casamento no jardim, ao entardecer, com um vestido leve em tom pastel e sandália rasteirinha. Aquiles também está radiante, usando camisa de linho clara, ao estilo bata e uma calça de linho, bem leve e solta. Quis que ele se sentisse à vontade no próprio casamento, e não desconfortável em um smoking com gravata enforcando. Nos pés ele usa uma sandália de couro, em vez de suas inseparáveis Crocs.

Está tudo perfeito. Dani foi incrível na organização deste casamento, não posso negar.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Aqui estão apenas as pessoas mais especiais em nossas vidas: meus padrinhos Heitor e Dani; os padrinhos do Aquiles, Otávio e Jansen; nossos amadinhos Joaquim e Jandira; nossas famílias, incluindo meus irmãos, que já fazem parte da minha convivência, e os amigos da Factral.

Apesar de não ser uma cerimônia religiosa, o juiz de paz parece tão inspirado pela áurea de romance no ar, que resolve recitar Shakespeare ao final da cerimônia, emocionando a todos nós.

“Duvida da luz dos astros, De que o sol tenha calor, Duvida até da verdade, Mas confia em meu amor.”

Sou, oficialmente, a senhora Giordano Fontana. Agora, junto do meu *Tiffany True*, utilizo uma aliança de casamento, incrustada por brilhantes. No coração, o maior amor do mundo e no ventre, o fruto desse imenso, inigualável e inexprimível amor.

PERIGOSAS ACHERON



Aquiles

QUATRO MESES DEPOIS...

— Aquiles, fica calmo, pelo amor de Deus! —
Ulisses anda atrás de mim, tentando me controlar.

— Eu não consigo! Como você pode me pedir
para ficar calmo, se são duas horas da manhã, meu
filho está nascendo em Goiânia e eu estou a 1.615
km de distância de lá?!

— Eu sei, mas você estando ou não estando lá,
ele vai nascer de qualquer jeito... a Briseida não
precisa de você para dar à luz. Mantenha a calma,
por favor!

— É claro que ela não precisa, mas eu quero
estar lá, para receber meu filho neste mundo. Quero
que o primeiro rosto que ele veja, seja o meu.

Minha mulher teve a oportunidade de carrega-lo na barriga, eu não! É importante para mim. Preciso ir para Goiânia agora!

— Se você parar de andar de um lado para o outro, eu posso pensar em uma solução. Talvez um táxi aéreo, mas já te adianto... vai custar os olhos da cara!

— Não importo de ficar sem os olhos da cara, conquanto que seja depois que eu veja o meu filho.

Enquanto Ulisses procura informações na internet sobre táxi aéreo em Porto Seguro, eu faço exercícios de respiração para tentar controlar meu desespero. Não contava que nosso bebê nasceria antes do tempo. Briseida completaria quarenta semanas de gestação só no mês que vem, mas o bebê se adiantou em três semanas.

Quando ela ligou há poucos minutos, avisando que a bolsa havia estourado, confesso que fiquei irritado.

Briseida, por que você está me ligando de madrugada, para falar de bolsa que estourou? Amanhã você compra outra!

Aquiles! Você não está entendendo... a minha

bolsa amniótica estourou... nosso filho vai nascer... vai nascer antes do tempo... vai nascer agora... – ela gritava e chorava ao telefone.

Quanto culpa, por ter deixado minha esposa sozinha, no penúltimo mês de gestação. Se eu perder o nascimento do bebê, não vou me perdoar por isso, por mais que eu saiba que ocorreu por um motivo de força maior.

Meu pai precisou ser submetido a um cateterismo e acreditava que poderia morrer. Pediu para que todos os filhos viessem para casa, para ficarmos juntos, caso algo desse errado durante o procedimento. Felizmente, correu tudo bem. Amanhã mesmo ele receberá alta.

Eu voltaria para casa hoje pela manhã, para aproveitar os últimos dias da gravidez, mas, o Leonardo ou a Liesel, resolveu nos surpreender. Optamos por não saber o sexo antes do nascimento. Um exercício para controlar a velha amiga, a ansiedade.

Sorrio ao me lembrar do dia em que Briseida e eu discutíamos acerca dos prováveis nomes do bebê. Ela disse que eu poderia escolher o nome. Para mim, não foi difícil.

PERIGOSAS NACIONAIS

— *Se for menino, será Leonardo Fibonacci e se for menina, será Liesel!*

— *Leonardo Fibonacci?! Ah meu Deus! Nem vou perguntar o motivo.* – Ela riu.

— *E Liesel? De onde você tirou esse nome?*

— *Liesel Meminger: A menina que roubava livros.*

— *Eu não acredito!* – ela deu muitas risadas.
— *Você vai jogar na minha cara para o resto da vida, que eu roubei o seu livro? É isso mesmo, Aquiles?!*

— *Não é só por isso. Liesel é uma personagem muito corajosa, destemida e que luta pelo que acredita, assim como você. Se for menina, espero que ela seja parecida com a mãe.*

— *Aquiles, consegui!* – Ulisses interrompe a minha lembrança.

— *O táxi aéreo?*

— *Sim. Tenho um cliente que é empresário de um desses artistas famosos. Conseguimos um jatinho, mas precisamos atravessar para a cidade agora mesmo, porque o piloto já foi acionado e vai*

PERIGOSAS ACHERON

nos aguardar no hangar da empresa, no aeroporto.

— Mas... e a balsa para fazermos a travessia?

— Ah! Isso eu não consegui resolver... vamos ter que atravessar a nado.

— Então é melhor eu providenciar uma roupa mais adequada!

— *Hey!* Foi só uma piada! – ele ri de mim. — Já resolvi a questão da balsa. Está tudo dominado!

— Ok! Vamos embora, porque meu filho vai nascer!

Assim que desembarcamos no aeroporto de Goiânia, ligo para minha sogra mais uma vez, só para me certificar de que Briseida está bem.

Já está quase na hora, Aquiles. O médico disse que ela já está com quase sete centímetros de dilatação.

Dilatação?! Dilatação do quê?!

Ora, meu filho! Dilatação do quê? Por onde você acha que essa criança vai sair? Esqueceu que a Briseida fez questão de ter o filho de parto normal?

Entendi, Dona Heneida, mas quando a
PERIGOSAS ACHERON

senhora falou em dilatação, eu imaginei um termo da física, usado em engenharia, mas deixa pra lá, porque eu já entendi que a senhora está falando é da vagina da Briseida.

Trinta minutos depois, Ulisses e eu já estamos entrando no hospital. Passo por uma sala de preparação, onde me vestem com uma roupa verde estranha, avental, touca e máscara.

— Aquiles! Aquiles! Graças a Deus! Graças a Deus você chegou a tempo! – Briseida está bastante suada, descabelada com as pernas escancaradas sobre a maca. Eu me posiciono exatamente entre suas pernas, para observar a saída do bebê.

— SAI DAÍ, AQUILES!!! VOCÊ FICOU LOUCO?! – ela grita a plenos pulmões. — Eu preciso de você aqui, segurando a minha mão, para me ajudar a fazer força. Aí é o lugar do médico!

Depois de quinze minutos de gemidos, gritos, berros e xingamentos, da parte da Briseida e muito desespero e pavor da minha parte, ela finalmente dá à luz aquela bebê suja, inchada e de aparência indefinida.

O médico retira a recém-nascida de cabeça

para baixo e dá leves tapas em seu bumbum, fazendo com que ela chore. Minha vontade é de esmurra-lo por isso, mas o choro da bebê me encanta. Pensei que o choro de uma criança pudesse me incomodar muito, mas esse é o som mais lindo que já ouvi na vida.

Quando tomo minha filha nos braços e a levo até Briseida, noto que ela está tão emocionada quanto eu. Nós dois não conseguimos controlar o choro, enquanto a bebê nos observa calada e curiosa, demonstrando conhecer muito bem os sons de nossas vozes.

— Bem-vinda, pequena Liesel! — eu a cumprimento. — Espero que você roube livros, igual à sua mãe.

Bônus

Briseida

Goiânia, dois anos depois...

Nesta semana, nossa pequena Liesel
PERIGOSAS ACHERON

completou seu segundo aninho. Organizei uma pequena comemoração aqui em casa, para receber nossos familiares, especialmente os primos da minha pequena. Ela adora brincar com os filhos dos meus irmãos, e isso aumenta ainda mais o meu contato com Hermes e Apolo e diminui os ciúmes deles, já que, Heitor e eu não nos desgradamos.

Tenho passado mais tempo em casa, porque com o retorno do Otávio, Aquiles me incentivou a deixar o trabalho na Factral para que eu me dedique a estudar para o Concurso de Admissão à Carreira Diplomática (CACD), que é o processo seletivo para ingresso no Itamaraty.

Trabalhar no Itamaraty significa que terei que voltar a viver em Brasília, o que me colocará, mais uma vez, em contato com meu passado. Por mais que eu saiba que é passado, há uma coisa que me incomoda bastante. Eu gostaria de saber o verdadeiro motivo da morte do André. Até hoje não sei se aquela história foi mesmo inventada pela Andy, para conseguir o que queria de mim.

Esse é o motivo pelo qual decido fazer uma rápida viagem à capital e procurar pela Emily, a antiga assessora do André. Após cumprir minha

promessa de devolver cada centavo que eu havia gastado do salário dela, com juros e correção monetário, faço o meu pedido insólito.

— O quê?! — ela tem um ar de espanto absoluto. — Você quer que eu arranje um encontro entre você e a viúva do André Goulart? Mas isso é impensável! Ela soube do seu relacionamento com o marido dela. Com que cara eu vou chegar lá no interior de São Paulo e dizer: “oi, essa é a minha amiga Briseida, a ex-amante do seu marido que quer te conhecer”? É óbvio que ele vai desconfiar.

— Eu não tenho nada para esconder da viúva do André, eu só preciso conversar com ela, para tirar essa dúvida sobre a morte dele, já que você não soube me responder. Basta um telefonema. Você ainda tem o contato dela, não tem?

— Sim, eu tenho, mas...não se...

— É simples, só diz a ela: “A Briseida precisa falar com você”.

— Ela não vai aceitar. — Emily balança a cabeça em negativa. — Jamais!

— Como você pode saber, se nem tentou?

— Tudo bem, eu vou telefonar. Sou muito
PERIGOSAS ACHERON

grata a você por ter feito o que fez, na verdade, eu nem acreditava mesmo que você viria atrás de mim, depois de tanto tempo, para cumprir sua promessa. E é só por isso que vou me meter nessa história, *tá bom?*

— *Tá bom, obrigada!*



Contrariando as expectativas da Emily, a viúva do deputado André Goulart aceitou se encontrar comigo dois dias depois, em Campinas, no interior de São Paulo. É evidente que não recebi um convite para ir até a sua casa. O local escolhido por ela foi um restaurante *casual dining*, em um shopping de classe média da cidade.

Embora tenha me apoiado nesta decisão, Aquiles não me acompanhou na viagem. Ele tinha muitos projetos importantes para terminar, e eu mesma fiz questão que ele ficasse. Viajei com Liesel, em companhia de mamãe, que tentou me dissuadir desse encontro a todo custo, mas não conseguiu. Deixei as duas no hotel e vim sozinha para o encontro.

Sou a primeira a chegar ao restaurante, e pós refletir por alguns minutos, chego à conclusão que esse encontro é uma grande insanidade. Não sei porque resolvi desenterrar o passado. Pego minha bolsa sobre o banco, e quando me levanto para ir embora, a voz feminina me surpreende.

— Briseida?!

Sou tomada pelo pavor. As mãos ficam trêmulas e suadas, as pernas começam a falhar e a voz quase não sai.

— Sss- si-sim!

— Eu sou Ilana Goulart, a viúva do deputado André Goulart — diz com a voz gélida, segurando firme as alças da bolsa que traz no ombro com ambas as mãos. Em nenhum momento faz menção de estender uma delas para me cumprimentar. — Mas você já deve saber disso, eu suponho...

— Sim... eu sei... — ela nem precisava se apresentar, eu já tinha visto diversas fotos daquela mulher no celular e no computador do André. Eu a reconheceria em qualquer lugar, embora estivesse mais magra e com aparência um pouco mais velha.

Enquanto me deixo cair no banco estofado, a

PERIGOSAS NACIONAIS

mulher se senta à minha frente, do outro lado da mesa. Ela continua segurando a bolsa com ambas as mãos, para disfarçar o tremor delas. Imagino que seja tão difícil para ela, como é para mim.

— Eu confesso que só aceitei esse encontro absurdo, porque queria olhar nos olhos da mulher que desgraçou a minha vida e da minha família... — a voz está carregada de ódio e rancor.

— O-olha só Ilana, eu entendo a sua raiva por ter sido traída. E também tenho consciência que errei ao manter um relacionamento com o André, mesmo depois de descobrir que ele ainda estava casado, mas... — respiro devagar — daí dizer que eu fui a mulher que desgraçou a sua família... é pesado demais, porque eu fui apenas uma, entre tantas amantes que o André teve.

— Nenhuma que ele tivesse tanta obsessão quanto ele tinha por você! — ela mantém o tom agressivo.

— Ilana, eu não saí de tão longe para vir aqui brigar com você...

— Veio por que, então?!

— Vim, porque eu preciso saber a verdadeira

PERIGOSAS ACHERON

história da morte do André.

Vejo as feições da mulher se endurecerem. Ela trava o maxilar com força e parece dominada pelo furor. Quando leva as mãos, nervosamente, à bolsa, meu primeiro pensamento é que ela irá sacar uma arma e me matar aqui mesmo. Em fração de segundos, percorro o ambiente com o olhar, à procura de um ponto de fuga, mas, para minha surpresa, ela tira uma caixa de lenços de papel e começa a secar as lágrimas, que insistem em escapar pelo canto dos olhos.

Espero até que ela se recomponha.

— Você e eu sabemos muito bem do que o André morreu. E se você veio atrás de respostas, é porque também sabe que está infectada, assim com eu...

— Infectada?! — indago sem acreditar. Então era verdade, o André morreu de AIDS, assim como a Andy havia me dito.

— Sim, não se faça de boba! Se você veio aqui para tirar essa dúvida depois de tanto tempo, é porque, provavelmente, você quer descobrir a origem do seu vírus. Ou ainda pior — ela fixa seu

olhar duro em mim – você veio ter certeza que o André morreu por sua causa.

— Não! – falo mais alto do que deveria. — Eu não transmiti vírus nenhum para o seu marido! Mesmo porque eu não tenho o HIV. Soube através de uma das amantes dele, que o linfoma havia se desenvolvido em decorrência da AIDS. Não sabia se era verdade, porque no período de um ano, ele teve contato com o vírus e já morreu, não imaginava que essas coisas pudessem acontecer assim, de forma tão rápida.

— Mas aconteceu! E como se não bastasse eu perder o marido e o pai dos meus dois filhos em decorrência dessa maldita doença, ainda descobri que sou soropositiva. – Ela diz quase num sussurro.

— Eu sinto muito – falo com tristeza e uma pontinha de remorso.

— Não, não sente! Se você não está infectada pelo HIV, você não tem noção do peso que isso significa!

— Talvez eu não saiba, mas quando eu soube que o André havia morrido de AIDS, cheguei a acreditar que também estivesse com a doença... só

PERIGOSAS NACIONAIS

Deus sabe o inferno que eu vivi. Não desejo uma experiência daquelas para ninguém.

— Se você já descobriu que não tem o vírus, que diferença faz para você, saber se o André morreu, ou não, de AIDS? Mesmo porque já fazem mais de três anos da morte dele.

— Porque existem algumas pontas soltas na minha história, e eu gostaria de juntá-las.

— Pontas soltas? Eu não entendo o que você quer dizer.

— É uma longa história... e... talvez você nem acredite, mas... logo que comecei a faculdade em Brasília, estava passando por muitas dificuldades financeiras, e depois de ter sido humilhada em uma entrevista de emprego, eu me vi chorando sentada na sarjeta. Naquele dia fui abordada por um homem que me disse que eu precisaria ter fé e sabedoria para fazer as escolhas certas, porque nem sempre o caminho mais fácil era o caminho certo. Três dias depois daquele fato, eu conheci o André, e naquele momento, não me dei conta de que tudo que ele me oferecia: dinheiro, apartamento, carro e uma vida confortável, era justamente esse caminho largo e fácil que me levaria à perdição.

PERIGOSAS ACHERON

— E mesmo sendo avisada, você ainda se deixou enganar? — ela parece se interessar pela minha história.

— Sim, infelizmente — balanço a cabeça — eu ainda era muita jovem, tinha apenas dezoito anos, apesar de ser uma garota muito inteligente, eu também era muito ingênua. Não acreditava na maldade das pessoas.

— Vai me dizer agora que o André seduziu você?

— Sim, ele me seduziu sim, mas também não vou negar que a situação era muito cômoda para mim também. Quer dizer, no começo... porque depois, a relação foi se tornando insustentável... quase quatro anos depois, o André tentou me obrigar a ir para a cama com um empresário rico, em troca de apoio financeiro. Naquela noite, esse mesmo empresário me deu outro conselho, disse que eu deveria me livrar do André, o quanto antes, porque ele destruiria a minha vida. No outro dia, eu deixei o seu marido.

— É... — ela suspira de forma angustiada — você deve ser especial mesmo. Eu nunca tive ninguém para me direcionar na vida. O André foi o

PERIGOSAS ACHERON

meu primeiro homem. Nossas famílias era amigas há muitos anos. Perdi minha virgindade com ele aos quinze anos e me casei aos vinte. Fui fiel a ele durante uma década. A companheira perfeita, discreta, que fazia vistas grossas aos casos extraconjugais. Com o tempo, eu também caí no conformismo, e em vez de me divorciar dele, passei a dar o troco e a dormir com qualquer homem que aparecesse no meu caminho. O André estava ocupado demais, tentando controlar os seus passos, que se esqueceu completamente de mim. Aquele desgraçado! – ela diz com ódio. — Em metade do tempo eu o odeio por ter me contaminado, mas na outra metade do tempo, eu me culpo por... por... – ela volta a chorar. Tenho vontade de ampará-la, mas fico com medo da reação, então permaneço imóvel – eu me culpo por ter sido uma esposa infiel, não consigo me perdoar por isso. No fundo, sei que eu mereço essa doença como castigo.

— Não pense assim! – eu a encaro. — Todos nós erramos, uns mais que os outros, mas nem por isso acho que mereçamos ser castigados. Você, assim como eu, só fez mal a si mesma. Acredito que agora é o momento de perdoarmos a nós mesmas, pela culpa que carregamos. Talvez haja

PERIGOSAS ACHERON

um propósito nisso tudo...

— Que propósito pode haver para uma pessoa condenada à morte como eu?! — ela indaga com revolta.

— Eu ainda não sei... — respondo aturdida — mas deve haver algum propósito nisso tudo.

Epílogo

Aquiles

Brasília, três anos depois...

— Boa noite! – ela utiliza um microfone de lapela para se comunicar com o público.

— Boa noite! – Liesel e eu respondemos ao mesmo tempo, como se a fala tivesse sido dirigida só a nós dois. Na sequência, sorrimos um para o

outro, quando ouvimos toda a multidão responder ao “boa noite” da palestrante.

O auditório está repleto de pessoas, em sua maioria, mulheres. Ainda tenho dificuldades para ficar em ambientes assim, tão cheios de estranhos, mas hoje é uma noite especial. É por isso que aperto firme a mão da minha pequena acompanhante e respiro com calma, pronto para ouvir o que ela tem a dizer.

— Ei! Psiu! Ela é a minha mãe! – Liesel sussurra para a mulher que está sentada na poltrona ao seu lado, e a senhora morena, de meia idade, responde com um sorriso. Enquanto Briseida começa a falar.

Durante a minha vida toda, ouvi das pessoas à minha volta, que eu nasci para ter um destino extraordinário. A grande questão, é que ninguém nunca me contou que destino seria esse. Eu tive que descobrir sozinha.

Aos quinze anos de idade, do alto da minha sabedoria, acreditei que se me tornasse diplomata, eu alcançaria esse destino. Eu abri mão de viver como uma adolescente típica da minha idade e passei a fazer desse objetivo, a minha razão de
PERIGOSAS ACHERON

viver.

Aos dezoito anos, descobri que a jornada até o sucesso, para algumas pessoas como eu, poderia ser muito árdua. Vivi situações difíceis, dolorosas, e quando olhava as circunstâncias ao meu redor, elas pareciam me dizer: “Desiste, você não vai conseguir”! “Você é uma fracassada, Briseida! Admita isso e pare logo de sofrer.”

Bem... eu não desisti, mas tenho que admitir que o caminho não foi linear como pensei que seria. Houve momentos em que fiz as escolhas erradas e as consequências foram amargas.

Foram nesses momentos, que tive que aprender a lidar com a frustração, de que o tempo não é algo que se possa voltar. Ninguém pode mudar o passado, mas aprendi, que a qualquer tempo, eu posso mudar o meu futuro.

É exatamente sobre isso que quero conversar com vocês nesta noite.

Meu nome é Briseida Reis Giordano Fontana, sou esposa, mãe, diplomata, escritora e palestrante (...)

— Papai! — Liesel puxa minha camisa, e eu

me inclino em sua direção, para que ela cochiche ao meu ouvido. — Você já comeu uma consequência?

— Uma consequência? Se eu já comi? — ela sempre faz perguntas às quais tenho dificuldades em responder.

— Sim, a mamãe disse que a consequência foi amarga... eu nunca comi, mas deve ser bem ruim igual jiló, não é papai?

— Liesel... Liesel... — balanço a cabeça — sabe o que eu mais adoro em você, além do fato de você ser parecidíssima com a sua mãe?

— Não sei. O que é?

— É que você entende as palavras exatamente como eu as entendo. Confesso que quando sua mãe falou que as consequências foram amargas, eu a imaginei comendo algo ruim e fazendo careta. — Nós dois começamos a rir, e alguém atrás de nós, pede silêncio.

— Shihhhh!!!

Volto minha atenção para Briseida, enquanto ela fala para a multidão. Quando eu poderia imaginar que aquela diarista assustada e abelhuda

PERIGOSAS ACHERON

se tornaria minha esposa e me daria uma filha incrível como a Liesel?

Briseida foi a melhor surpresa que a vida me reservou. O que reforça a minha tese, de que nada acontece aleatoriamente neste universo. Existe um Grande Autor que escreve a nossa história, e que coloca as pessoas no lugar certo e no momento certo.

Por amor à Briseida, foi que abdiquei do conforto da minha rotina, da minha empresa e da minha casa em Goiânia e me mudei aqui para a Capital Federal, onde ela tomou posse em um cargo no Itamaraty. Não foi nada fácil mudar, mas aprendi que eu não preciso ter medo das mudanças. A rotina e a zona de conforto, nem sempre produz crescimento.

No fim das contas, a mudança foi uma grande oportunidade de ampliar a minha firma. Nós nos mudamos para o Lago Sul, tendo como vizinhos Lizzy e Heitor, que eram donos de uma empresa de construção. Ele é engenheiro civil e ela, psicóloga organizacional. Fizemos a fusão de nossas empresas e fundamos mais uma Fractal aqui em Brasília, enquanto Otávio ficou na coordenação da

sede em Goiânia.

Partiu da Lizzy, a ideia de realizar um processo de seleção voltado para autistas, que hoje trabalham na nossa empresa. Nossos funcionários têm condições de trabalho diferenciadas, que lhes dão a oportunidade de desenvolver suas atividades parcialmente em casa, no sistema de *home office*. Nossas reuniões, em sua maioria, são feitas em salas virtuais pela Internet, e as tarefas e instruções são distribuídas de forma escrita.

Temos excelentes funcionários, dedicados e respeitadores de regras. Desde engenheiros e arquitetos, até profissionais de limpeza. Admiro o alto nível de desempenho e dedicação à Factral e me identifico com a maioria deles. Não me sinto mais um “estranho no ninho”, como os neurotípicos costumam dizer.

Heitor, além de sócio, também se tornou um grande amigo. Assim como eu, ele também é pai e compartilha comigo as alegrias e as dores inerentes à paternidade. Logo que Liesel nasceu, eu acreditava que não seria um bom pai. Tive meus momentos de insegurança e até desespero. Meu nível de cobrança comigo mesmo era muito alto e a

culpa quase me adoecia.

Hoje, consigo lidar com a paternidade de forma mais tranquila. Liesel repete para mim, todos os dias, que eu sou o melhor pai do mundo. Vindo dessa garotinha “super sincera”, eu acredito!

Briseida

Eu mal termino minha palestra, e o auditório repleto de mulheres se levanta para aplaudir. Não é só o barulho das palmas, existe uma energia positiva, que irradia nesse ambiente, e me deixa impressionada. Basta uma olhada rápida para o público, para que eu perceba que muitas delas, assim como eu, estão emocionadas.

A mulher loura de meia idade que está sentada na primeira fileira e se levanta para me abraçar, é Ilana. Esta é a primeira vez que temos um contato físico, e confesso que é uma grande surpresa tê-la assim tão próxima. Nós nos abraçamos e choramos juntas, ao som dos aplausos da multidão.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Obrigada, Briseida! Nem sei como te agradecer... – ela diz entre lágrimas.

— Não precisa agradecer. Carinho não se agradece. – Beijo-a na testa, sobre as pálpebras e depois esfrego o meu nariz no dela, exatamente como aprendi.

Ilana é justamente a ponta solta que faltava, para que minha história fizesse sentido. Foi através dela que eu descobri o quão extraordinária eu ainda poderia ser. Nem parece aquela pessoa sombria que conheci três anos atrás.

Nosso encontro daquela tarde nunca caiu no esquecimento. A expressão de dor do seu rosto me atormentou por vários meses seguidos, até que resolvi compartilhar essa angústia com meu irmão Heitor.

Ele já tinha feito a residência em Medicina de Família e Comunidade e estava decidido a apoiar ONGs que ajudassem mulheres contaminadas pelo HIV. Foi dele, a brilhante ideia de criar uma fundação de amparo a mulheres em situação de vulnerabilidade.

— *Fundação Stefano Andrade!*

PERIGOSAS ACHERON

— *O quê? – você vai dar o nome do seu pai, que não era o melhor exemplo de pessoa, para uma fundação que tem uma premissa tão bonita? –* mamãe questionou a escolha do nome.

— *É isso mesmo, mãe! Heitor e eu escolhemos o nome. Você conhece alguém que seja perfeito para me indicar e que possa dar nome à fundação?*

— *Claro que não! Não existe ninguém perfeito, mas...*

— *Não tem mas...todos nós erramos. A diferença é que cometemos erros diferentes dos das outras pessoas. Isso não nos dá o direito de nos tornarmos juízes das condutas alheias. Eu sei que meu pai cometeu muitos, muitos e muitos erros, mas ele não pode ser lembrado apenas pelos erros que cometeu. O papai merece ser lembrado pelas coisas boas que ele fez também. Ele foi um excelente professor, um entusiasta... ele amou, mãe... ele me ensinou a amar, ele ensinou os meus irmãos a amarem, isso precisa ser lembrado de alguma forma. Ninguém é totalmente bom ou totalmente ruim, detesto essa visão maniqueísta do ser humano!*

— *Você tem razão, filha! Seus argumentos são*
PERIGOSAS ACHERON

bem convincentes.

Um ano depois de termos criado a Fundação Stefano Andrade, eu finalmente realizei o meu grande sonho de me tornar diplomata. A visibilidade do meu cargo, tem me ajudado muito a angariar apoio para o nosso trabalho filantrópico. E a minha habilidade de escritora serviu para dar voz a muitas mulheres vítimas do HIV, Ilana foi uma delas, foi dela a primeira história que eu escrevi.

Todos os meus livros são um sucesso, mas isso não enche o meu coração de vaidade. Não recebo por eles e nem pelas palestras que ministro pelo Brasil e pelo mundo, sobretudo em países do continente africano. Todos os valores arrecadados são revertidos para a fundação, que está sendo muito bem administrada pelo meu irmão e pela minha cunhada Dani. Eles se casaram há um ano.

Realizei o meu grande objetivo de vida, tenho o melhor marido do mundo e a filha mais incrível que alguém poderia ter, mas sei que minha felicidade não está atrelada a essas questões, nem aos títulos que recebi, nem à posição social e muito menos aos bens que consegui juntar.

Extraordinário mesmo é poder tocar o coração

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

das pessoas, como tenho feito ao redor do mundo, alertando mulheres em situação vulnerável, como eu estive um dia. Descobri que não foi à toa que o universo me mandou vários sinais e conduziu os meus passos até aqui. Eu tinha uma missão a cumprir.

Fim

PERIGOSAS ACHERON

Por que eu escrevo?

By Vivi Dalbo

Espero não escrever uma tese, ou um diário. Hehehehe. Mas, comecei a pensar profundamente em porquê eu escrevo.

Nunca tive um diagnóstico de nada. Crianças dos anos 80 não tinham esse tipo de preocupação

dos pais. Se nós não nos encaixássemos nos padrões, a gente apanhava até aprender a disfarçar. E hoje, os médicos me enquadrariam num dos espectros de autismo. Me perguntaram se eu faria uma consulta pra fechar um diagnóstico e, sinceramente, depois dos 40 anos... o que eu ganharia com isso? Aposentadoria por invalidez? Sei lá. Não gosto de rótulos.

Eu fiquei em pânico quando tive minha bebê nos braços. Todo autista... não interessa se leve, grave ou Asperger (meu caso) são pessoas com rituais. E um bebê é imprevisível. Fora que, eu me sentia totalmente incapaz de ter essa responsabilidade. Uma pessoa que se desliga olhando padrões geométricos na própria unha. Eu tinha medo de deixar ela cair, ou que me roubassem ela e eu só percebesse horas mais tarde. Então, quando percebi que não poderia dar de mamar por não ter leite foi o alívio mais aliviante de toda a minha existência, porque ter alguém tão dependente de mim para sobreviver estava me matando.

O que isso tem a ver com escrever? Muita coisa.

Eu sou uma pessoa capaz de aprender uma

PERIGOSAS ACHERON

língua nova em um mês. Aprendi o Hiragana e Katakana em 3 dias. Então, por que não consigo fazer conexões? Meu pai me dava bronca e eu ria. E apanhava. Nunca consegui distinguir a intenção de uma piada e da coisa séria. E hoje eu sei porque e dou risada. Puta merda! Será que seria diferente se eu tivesse um diagnóstico quando pequena? Viver numa bolha seria melhor do que levar tanto na cara e se adaptar e passar despercebido pelas pessoas?

“A síndrome de Asperger causa problemas de linguagem, comunicação e interação social. Uma pessoa com Asperger pode não ser capaz de fazer amigos com facilidade e também pode encontrar conversas bidirecionais difíceis. Muitas vezes pode parecer que está conversando com as pessoas, em vez de com eles e se fixar em tópicos favoritos, mesmo que a outra parte mostre sinais distintos de desinteresse ou sofrimento. Ele continua falando sobre o tema e é inconsciente da reação da outra parte. Também pode entender mal o sentido de uma palavra e levar muitas coisas literalmente, com falta de sutileza”.

O mais triste do parágrafo aí de cima é você

sair do quarto no meio de um discurso super empolgada e perceber que a pessoa com quem você estava “conversando” não está lá. Isso acontece comigo em 90% do tempo. Só de constatar isso já começo a chorar. Porra! Que caralho! O que há de errado com as pessoas?! Tudo bem. Mesmo a pessoa tentando mudar de assunto ou dizer em voz alta que não tem interesse no que eu estou falando, eu continuo mesmo assim, mas... ir embora. Eu ficava muito puta com isso. Até que parei de me importar.

Então... se eu escrevesse? E alguém lesse? Seria uma conversa interessante. Mesmo que a pessoa não poste nada nos comentários. Eu vejo as visualizações e sinto que alguém entende o que eu sinto. Como eu vejo o mundo.

“Trabalhar com o seu parceiro para descobrir quais tipos de toque pode ser tolerado é um passo crucial para permitir a afeição física. Informar seu parceiro quando precisar ou deseja ser tocado pode superar a dificuldade que seu parceiro tem ao reconhecer a importância do carinho”.

Isso é engraçado e trágico. Tive um namorado que toda vez que ele fazia carinho ou me beijava eu

perguntava: você quer transar? Tipo... para mim tudo tinha que ter uma finalidade. Um meio para um fim. Huahuahua. Mata qualquer relacionamento.

Me treinei muito para parecer normal. E escrever faz todo um universo, que está dentro de mim, sair. Sem precisar ser adequado, ou socialmente aceito, ou porque eu tenho que ter um relacionamento heteronormativo monogâmico se gosto ao mesmo tempo de outras pessoas, indiferente de gênero ou sexualidade? Posso colocar minhas angústias e até meu mundo “ideal” no que escrevo.

Olha a merda:

“No entanto, no mundo dos aficionados pela informática, Aspie – o termo familiar com que se autodefinem os portadores – tornou-se quase um sinônimo de *geek* (ou, como se diz no Brasil, CDF). Tanto que, atualmente, são vendidas camisetas e xícaras de café ou *mousepads* com escritos como “Adultos com Asperger: não queremos a cura (não aquela que alguém tenha escolhido por nós)”. Enquanto isso, nos sites sobre Aspies, multiplicam-se as “instruções de uso” para falar com os outros,

os chamados “normais”: aprenda o que é metáfora; pergunte como vai a um estranho mesmo que a saúde dele não lhe interesse.”

Mano... como você aprende o que é ironia e sarcasmo?! Foi difícil para mim. Tudo com duplo sentido é difícil. Somos crianças grandes. 99% do tempo eu entendo tudo literalmente. Mas, naquele 0.1% que eu entendo a piada eu rio por dias. Huahuahua.

A pior época da minha vida foi quando meu marido teve um aneurisma do tamanho de uma laranja na aorta abdominal. Ele fez uma cirurgia monstruosa. Tirou toda a aorta e colocou uma prótese. Eu pensei: vou ficar sozinha. A única pessoa que me entende vai morrer. Eu não conseguia dar banho na minha neném. Eu não acordava com o choro dela. Nem entendia necessidades de acalento. Ele me ensinou. Hoje sou muito tátil. Huahuahua.

Calma... saí do foco.

Por que escrevo? Pra me sentir normal. Eu sei. É uma merda. Eu nunca vou ser normal e nem quero. Só quero me entender um pouco e colocar as coisas no papel e ler depois me faz refletir um

PERIGOSAS ACHERON

monte. É isso. Quero chocar os outros um pouco também. Como choquei o grupo de mães quando falei que a primeira coisa que eu fiz quando cheguei da maternidade foi entregar a bebê pra minha irmã e dormir doze horas seguidas. Bem-vindos à mente meio sem lógica, pelo menos a lógica neurotípica, de uma mente Asperger. Huahuahuahua.

Uma coisa me intrigou agora. Meu marido é quase cego. Uma vista tem 30% e a outra zero. Eu coloco tudo nos mesmos lugares (coisa de autista) e ele não acha nada. isso é muito bizarro pra mim.

Pronto. Acabei. Vou fechar o Word ou vocês vão sair da sala e me deixar falando sozinha. Por isso. Fui.



Obs.: Os parágrafos enxertados são de artigos:

- Adultos com síndrome de Asperger casamento e sexualidade com neurotípicos (achei esse título tão engraçado. Me senti no animal

planet)

- Arredios e geniais (esse título eu gostei. Me senti um Sherlock.. por sinal.. Sherlock Holmes tem tudo de um Asperger. Huahuahuahua)

Conheça os trabalhos da autora no Wattpad:

https://www.wattpad.com/user/vivi_dalbo

Agradecimentos

Ao Autor da minha história, pelo dom da vida e pelo dom de tocar o coração de outras pessoas através de palavras.

Ao meu pai, por ter me ensinado a paixão pela leitura e por acreditar que eu ainda serei uma autora best-seller. A fé move montanhas.

Aos meus três mosqueteiros, que souberam suportar a minha ausência e entenderam, cada um ao seu modo, que existe uma missão que eu preciso cumprir. Vocês, melhor do que ninguém, sabem que para mim, missão dada é missão cumprida!

Aos amigos autistas que compartilham diariamente suas lindas histórias nos livros, revistas, sites, blogs e canais do *YouTube* e fizeram com que eu me encantasse por esse mundo azul.

Em especial, à querida autora Virgínia Dalbo Ribeiro, pelo depoimento enviado, que me encantou sobremaneira, e por isso, fiz questão de compartilhar.

Às leitoras e leitores maravilhosos do Wattpad que estiveram comigo capítulo a capítulo, comentando, curtindo e me dando grandes ideias para este trabalho.

Às minhas fiéis leitoras que incentivam esse meu vício da escrita, em especial à minha irmã Jaqueline, e às companheiras Christiane Bonfim e Ana Paula Ferreira. Todos são importantes, só não vou conseguir nominar aqui, mas sintam-se abraçados por mim.

Aos parceiros maravilhosos do Facebook e Instagram, que tanto fazem pela literatura nacional,

Às meninas do Vingadoras Literárias, por todo incentivo e descontração nos momentos de tensão.

À você leitor, por ter chegado aqui! Prova que deu crédito ao meu trabalho.

Um beijo grande no coração de vocês!

Gratidão eterna!

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

**Conheça os outros trabalhos da autora
publicados na Amazon e disponíveis
gratuitamente no *Kindle Unlimited*.**



Ela é militar. É atiradora de elite. É triatleta. É lutadora de MMA. O que poucos sabem, é que a “Cadete de Aço” já foi simplesmente a Nina. Uma frágil e meiga garota

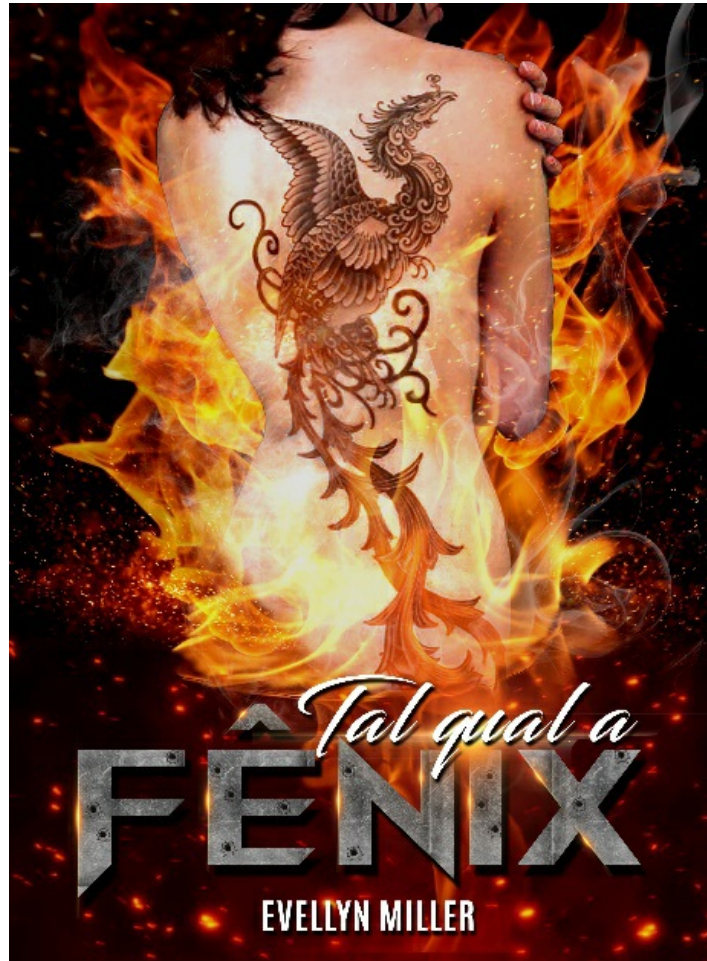
PERIGOSAS ACHERON

do interior, cujo sonho de infância de ser aeromoça, foi destruído aos 17 anos, em um evento traumático, que a fez mergulhar na depressão. O curso de oficiais em uma instituição militar foi sua tábua de salvação. Ela só não imaginava que além de lutar contra os próprios medos diariamente, também teria que enfrentar uma batalha para conquistar seu espaço dentro de uma corporação arraigada pela cultura machista. Seu relacionamento com o sexo oposto é conflituoso. Ela sente desprezo pela maioria dos homens com os quais convive, em especial, pelo Tenente Huisman, um oficial do BOPE esnobe e austero com quem ela trava um conflito pessoal que vai terminar no tatame, quando ele se torna o seu treinador de luta. O contato corporal com aquele lindo homem vai despertar em seu corpo e em sua alma, sensações nunca antes experimentadas. A linha que divide o amor e o ódio é muito tênue, e apesar de acreditar que está longe do padrão de mulher que precisa ser salva por um príncipe encantado, o destino está prestes a mostrar para a Cadete de Aço, que ela pode estar enganada. De alguma forma, a vida dela está entrelaçada à daquele homem, para que ambos cumpram um propósito maior.

PERIGOSAS NACIONAIS

[COMPRE AQUI](#)

PERIGOSAS ACHERON



Alexsandra Noves é uma mulher bem resolvida e avessa a romances, que na crise dos quase quarenta anos, decide abdicar de seu relacionamento morno com Mark, seu melhor amigo dos tempos da faculdade. Após viver uma relação avassaladora com um tsunami loiro de olhos verdes e corpo sarado, ela se vê no centro de um escândalo, que pode custar sua carreira de 15 anos como delegada da Polícia Federal. Tal qual a Fênix, ave mitológica, que após um ciclo de vida se lança no fogo e renasce das

PERIGOSAS NACIONAIS

próprias cinzas, essa obstinada mulher vai retomar sua história em uma cidade incrustada na Floresta Amazônica, onde comandará uma importante investigação sobre prostituição infantil e tráfico de pessoas. Ao incomodar um político influente, Alex, como gosta de ser chamada, corre perigo para cumprir sua missão. Dividida entre o presente e passado, ela faz um relato detalhado de sua vida em forma de diário, que mostra suas dores mais profundas. O que ela não sabe, é que o destino ainda lhe reserva muitas reviravoltas, e um inesperado encontro deixará marcas indeléveis em sua alma, mostrando que o amor pode doer, mas também pode curar.

[COMPRE AQUI](#)

PERIGOSAS ACHERON



Lizzy é uma jovem psicóloga recém-formada, que distante de sua família, está em busca de si mesma e de ascensão profissional. E embora seja apaixonada por romances da ficção, sente que não é boa o suficiente para ser amada por alguém. Um complexo da rejeição em relação à mãe, a colocou em relacionamentos abusivos e infelizes. O que ela não imaginava, era que uma prece silenciosa em seu quarto escuro, poderia ser ouvida e, uma nova história seria escrita para ela e o seu novo vizinho, o belo engenheiro Heitor, um homem com dilemas existenciais tão complexos quantos os seus. Juntos,

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

eles vão descobrir o caminho para curar suas feridas emocionais e aprender importantes lições que envolvem amor, espera, altruísmo, fé e perdão. Uma deliciosa viagem pelo mundo das emoções humanas e encontros e desencontros ambientados no interior de Minas Gerais, na bela Londres, e na capital do Brasil.

[COMPRA AQUI](#)

PERIGOSAS ACHERON



Evellyn Miller é brasileira, natural da Terra do Pão de Queijo. Sempre foi apaixonada pela literatura, desde a infância. Já devorou milhares de livros, desde séries infantojuvenis, até os clássicos da literatura, mas os romances sempre foram os seus preferidos. Funcionária pública, com formação superior na área Defesa Social, também é acadêmica do curso de Administração Pública. Na crise dos “quase” quarenta, quando tentava se desdobrar na quádrupla jornada de: mulher, esposa, mãe, profissional e acadêmica, descobriu na escrita uma poderosa fonte de catarse.

Siga a autora nas redes sociais:

E-mail: evellynmillerautora@gmail.com

Fanpage:

<https://www.facebook.com/autoraevellynmiller/>

Instagram:

https://www.instagram.com/autora_evellynmiller/

Wattpad:

<https://www.wattpad.com/user/EvellynMiller>

Notas

[[←1](#)]

Marca de sandália de borracha americana, famosa pelo conforto e leveza. Se assemelha a um crocodilo, por isso o nome Crocs.

[←2]

Coeficiente de Inteligência

[←3]

Um fractal é um objeto geométrico que pode ser dividido em partes, cada uma das quais semelhante ao objeto original. Diz-se que os fractais têm infinitos detalhes, são geralmente autossimilares e de escala

[←4]

Composição Chico César. Artista: Maria Bethânia. Álbum:
Âmbar, 1996.

PERIGOSAS NACIONAIS

[←5]

Pessoa (normalmente profissional) que mostra e explica a visitantes ou a turistas os aspectos importantes ou curiosos de determinado lugar

PERIGOSAS ACHERON

[←6]

Na [mitologia grega](#), Caronte é o barqueiro de [Hades](#), que carrega as [almas](#) dos recém-[mortos](#) sobre as águas do rio [Estige](#) e [Aqueronte](#), que dividiam o mundo dos vivos do mundo dos mortos.

[←7]

"De cujus" é uma expressão forense que se usa no lugar do nome do falecido

PERIGOSAS NACIONAIS

[←8]

Mulher fatal

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

[←9]

Grow - Frances

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

[[←10](#)]

Mademoiselle Caroline, Julie Dachez

PERIGOSAS ACHERON

[←11]

<https://guillaumepaumier.com/pt-br/2015/08/31/minha-vida-como-autista-e-wikipedista/>

[[←12](#)]

Je Vais T'aimer – Michel Sardou.

[←13]

A cor azul representa o autismo.

PERIGOSAS NACIONAIS

[←14]

tapete vermelho

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

[←15]

Desolada (muito)

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

[←16]

Meu Deus!

PERIGOSAS ACHERON

[←17]

Senhor, venha comigo, por favor!

Table of Contents

[Prefácio](#)

[Nota da Autora](#)

[Prólogo](#)

[PARTE 1](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[PARTE 2](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[PARTE 3](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

PERIGOSAS NACIONAIS

PARTE 4

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

Capítulo 23

Capítulo 24

Capítulo 25

PARTE 5

Capítulo 26

Capítulo 27

Capítulo 28

Capítulo 29

Capítulo 30

Capítulo 31

PARTE 6

Capítulo 32

Capítulo 33

Capítulo 34

Capítulo 35

Capítulo 36

Capítulo 37

Bônus

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

[Epílogo](#)

[Por que eu escrevo?](#)

[Agradecimentos](#)

PERIGOSAS ACHERON